



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: NORTE-NORDESTE MUNDO ATLÂNTICO

**A palavra e a imagem: usos da emblemática na Assistência
portuguesa da Companhia de Jesus**

Luísa Ximenes Santos

Recife

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: NORTE-NORDESTE MUNDO ATLÂNTICO

**A palavra e a imagem: usos da emblemática na Assistência
portuguesa da Companhia de Jesus**

Luísa Ximenes Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marília de Azambuja Ribeiro
Coorientador: Prof. Dr. Federico Palomo del Barrio

Recife

2015

Catálogo na fonte
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB-4 1689

S237p Santos, Luísa Ximenes.
A palavra e a imagem : usos da emblemática na assistência portuguesa da Companhia de Jesus / Luísa Ximenes Santos. – Recife: O autor, 2015.
237 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Marília de Azambuja Ribeiro.
Coorientador: Prof. Dr. Federico Palomo del Barrio.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós Graduação em História, 2015.
Inclui referências.

1. Portugal - História. 2. Memória coletiva. 3. Companhia de Jesus. 4. Jesuítas. 5. Emblemas I. Ribeiro, Marília de Azambuja (Orientadora). II. Palomo del Barrio, Federico (Coorientador). III. Título.

981 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2015-122)



LUÍSA XIMENES SANTOS

**A palavra e a imagem: usos da emblemática na Assistência portuguesa da
Companhia de Jesus**

Dissertação apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em História**.

Aprovada em: **27/08/2015**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marília de Azambuja Ribeiro
Orientadora (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

Prof. Dr. George Felix Cabral de Souza
Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

Prof^a. Dr^a. Suely Creusa Cordeiro de Almeida
Membro Titular Externo (Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE)

Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
Membro Titular Externo (Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS)

ESTE DOCUMENTO NÃO SUBSTITUI A ATA DE DEFESA, NÃO TENDO VALIDADE PARA FINS DE COMPROVAÇÃO DE TITULAÇÃO.

À minha mãe.

Agradecimentos

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de mestrado, indispensável para a realização deste trabalho.

À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), pelo Auxílio à Mobilidade Discente para Madri, com o qual pude enriquecer minha pesquisa.

A todos que compõem o Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, pela oportunidade de aprender.

À minha orientadora, Marília de Azambuja, fundamental no meu processo de formação, pela competência, ética profissional, paciência e generosidade com que me ensinou e guiou nos últimos anos, sem as quais este trabalho não teria sido possível. Muito obrigada pelo exemplo, dedicação, disponibilidade, confiança e amizade.

Ao professor Federico Palomo del Barrio (Universidad Complutense de Madrid), pela supervisão enquanto estive pesquisando em Madri e pela coorientação deste trabalho.

Aos professores George Cabral (Universidade Federal de Pernambuco), Kalina Vanderlei (Universidade de Pernambuco), Laura Beck Varela (Universidad Autónoma de Madrid), Luiz Fernando Rodrigues (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e Suely Almeida (Universidade Federal Rural de Pernambuco), pelas importantes contribuições e participações nas bancas de qualificação e/ou defesa desta dissertação, pela atenção e disponibilidade.

À professora Carla Mary Oliveira (Universidade Federal da Paraíba), pela leitura atenta e pelas críticas e sugestões feitas a este trabalho.

Aos professores Marcus Carvalho e Virgínia Almoêdo da Universidade Federal de Pernambuco, pela solicitude para comigo quando deles precisei.

A Sandra e Patrícia, secretárias do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, pela competência e pela gentileza com que sempre me trataram.

A Arthur Curvelo, que gentilmente me hospedou quando estive em Lisboa para pesquisar na Biblioteca Nacional.

À minha família, com quem tenho a grande alegria de compartilhar a minha vida.

À minha mãe, pelo apoio, pela companhia diária, pelas conversas e conselhos, pela compreensão e sobretudo pelo amor e amizade que nos une. Obrigada por ser tão maravilhosa e por preencher a minha vida de felicidade.

Ao meu pai, pelo incentivo e apoio.

Às minhas queridas irmãs Lia e Lara, com quem posso sempre contar, por toda uma vida compartilhada.

A Alberto, pelas conversas, presença e apoio.

Ao meu primo João Pedro, pelo carinho e amizade.

Ao meu amigo João, sempre presente, sempre amado. Sem ele os momentos de espairecer seriam certamente menos luminosos.

A Laércio Dantas, pela amizade e presença nesses últimos anos e pela leitura das primeiras páginas deste trabalho.

A Marccone Zimmerle, colega e amigo com quem tive o prazer de compartilhar as angústias e alegrias desses últimos dois anos e meio, bem como as primeiras ideias e linhas desta dissertação, igualmente discutidas com o querido Kleber Clementino. Obrigada aos dois pelas críticas e companheirismo e por tornarem esse percurso mais agradável.

Às minhas amigas da graduação em História, à Karenina e à Juliana. Obrigada a todas pelo carinho e torcida.

Ficam, aqui, os meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram, de diferentes maneiras, para este trabalho. Muito obrigada.

Resumo

Nesta dissertação pretendemos analisar o uso da emblemática feito pelos jesuítas da Assistência portuguesa da Companhia de Jesus. Para tanto, por tratar-se de um tipo de linguagem, ou seja, de uma forma de discurso, tomamos como ponto de partida a reflexão acerca do ensino da retórica clássica nas instituições educacionais administradas pela Companhia, cujo programa de ensino era herdeiro dos modelos humanísticos. Fundada num momento em que a Igreja Católica rediscutia o papel da imagem na difusão da fé, a Ordem jesuítica demonstrou grande preocupação não só com o discurso proferido e escrito, mas também com aquele expresso através de imagens. Refletimos sobre o papel da Companhia na difusão, circulação e produção da emblemática a partir de uma abordagem em que os emblemas são considerados mais do que simplesmente uma forma de comunicar a mensagem cristã. Além de um instrumento didático, essa linguagem simbólica que coaduna texto e imagem foi uma das formas possíveis de discurso moralizante e político. Analisamos, assim, alguns testemunhos do uso da emblemática feito pelos jesuítas em impressos, cerimônias e edificações em Portugal e nos domínios ultramarinos lusitanos.

Palavras-chave: Emblemática. Companhia de Jesus. Assistência portuguesa.

Abstract

The purpose of this study is to analyze the use of emblems by the jesuits of the Portuguese Assistancy in the Society of Jesus. Therefore, since it is a type of language, in other words, a form of speech, our starting point was the reflection of the teaching process of classical rhetoric in the educational institutions organized by the Society, whose teaching program was influenced by humanistic models. Founded in a period when the Catholic Church was once again debating the role of images in the task of spreading the faith, the jesuits showed great concern not only with the speech that was being presented through spoken and written languages, but also with the one given through the use of images. This study focus on the role of the Society in the spreading and production of emblems through an approach where they are considered more than a simple way to communicate the Christian message. Much more than a didactic instrument, this symbolic language, which merges both text and image, was moralistic and political. Considering that, we analyze some examples of emblems used by the jesuits in publications, ceremonies and edifications in Portugal and in overseas portuguese areas of dominance.

Keywords: Emblematics. Society of Jesus. Portuguese Assistancy.

Lista de Imagens

Imagem 1: NADAL, Jerónimo. Evangelicae historiae imagines... Amberes: Martinus Nutius, 1593, Gravura 7.....	76
Imagem 2: LOYOLA, Inácio de. Esercitiū Spirituali. Roma: Varese, 1663, s/p.....	80
Imagem 3: LOYOLA, Inácio de. Esercitiū Spirituali. Roma: appresso l'Erede di Manelfo Manelfi, 1649, s/p.....	81
Imagem 4: RICCI, Bartolomeo. Vita Domini Nostri Jesus Christi... Roma: B. Zaneti, 1607, Gravura 85.....	81
Imagem 5: IZQUIERDO, Sebastián. Practica dos Exercicios Espirituaes de S. Ignacio... Lisboa: Na Officina de Joaõ Galraõ, 1687, p. 62.....	82
Imagem 6: Idem, p. 12.....	83
Imagem 7: Idem, p. 74.....	84
Imagem 8: Idem, p. 110.....	85
Imagem 9: ALCIATO, Andrea. Livret des emblemes. Paris: Wechel, 1536, s/p.....	89
Imagem 10: COLONNA, Francesco. Hypnerotomachia Poliphili. Veneza: Aldo Manuzio, 1499, p. 244.....	92
Imagem 11: BORJA, Juan de. Empresas morales... Bruselas: por Francisco Foppens, Impressor y Mercader de Libros, 1680, Primera Parte, p. 34-5.....	93
Imagem 12: HERRERA, Cristóbal Pérez de. Discursos del amparo de los legítimos pobres... Madrid: por Luis Sánchez, 1598, p. 15.....	94
Imagem 13: VÆNIUS, Otto. Amorvm emblemata... Antverpiæ: Venalia apud Auctorem, Prostant apud Hieronymum Verdussen, 1608, p. 01.....	95
Imagem 14: FAJARDO, Diego Saavedra. Idea de vn Principe Político Christiano. Representada en cien Empresas... Monaco: en la emprenta de Nicolao Enrico, 1 de Marzo de 1640, p. 24.....	96
Imagem 15: RIPA, Cesare. Iconologia... Roma: Appresso Lepido Facii, 1603, p. 01.....	98
Imagem 16: HUGO, Herman. Pia Desideria... Lugduni: Sumpt. Petri Guillimin, in vico Bellæ-Corderiæ, 1679, Liber Primus, Gemitus III, p. 08.....	102
Imagem 17: Imago Primi Saecvli Societatis Iesv... Antuerpiae: Ex. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1640, p. 320.....	103
Imagem 18: Idem, p. 459.....	104

- Imagem 19: MENDO, Andrés. **Principe perfecto y ministros aivstados...** Leon de Francia: a costa de Horacio Boissat y George Remevs, 1662, p. 40.....105
- Imagem 20: PRAZERES, João dos. **O Principe dos Patriarchas S. Bento: Segundo Tomo De sua Vida...** Lisboa: Na Officina de Joam Galram: A custa da Congregação de S. Bento, 1690, Empresa XXXIII, “Ao Rey o estatuto de Sol, & aos conselheiros o estatuto de Lua”. Imagem reproduzida em ABREU, Ilda Soares de. **Simbolismo e ideário político: a educação ideal para o príncipe ideal seiscentista em *O Principe dos Patriarcas S. Bento*, pelo M. R. Padre Pregador Geral da Corte e Cronista Mor da Congregação, Frei João dos Prazeres.** Lisboa: Estar, 2000, p. 133, Figura 66.....116
- Imagem 21: GARAU, Francisco. **El sabio instruido de la naturaleza...** Valencia: Jaime de Bordazar, à custa de Asensio Duarte (pseudônimo do autor), 1690, p. 31-2.....121
- Imagem 22: **Festas que se fizeram pelo cazamento del Rey D. Affonso VI.** Coleção D. Manuel II, Inv. BDM II, XCVIII, fl. 21: Emblemas para o arco dos mercadores. PEREIRA, João Castel-Branco (coord.). **Arte efémera em Portugal.** Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 2000, p. 61.....123
- Imagem 23: PAYVA, Sebastião da Fonseca e. **Relaçam da magnifica, e sumptuosa pompa fvnral Com que o Real Convento de Palmella da Ordem Militar de Santiago, celebrou as Exequias da Serenissima Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Isabel de Neobvrg...** Lisboa: Na Oficina dos Herdeiros de Domingos Carneiro, 1699, p. 10-1.....124
- Imagem 24: SALGADO, Mathias António; ALVARENGA, Manuel José Correa e. **Monumento do Agradecimento..., Relaçam fiel das reaes exequias, que à defunta Magestade do fidelissimo e augustissimo Rey o senhor D. João V...** Lisboa: Officina de Francisco Silva, 1751, página que antecede a *Relaçam fiel* de Correa e Alvarenga.....125
- Imagens 25 e 26: MORGANTI, Bento. **Descrição funebre, das exequias, que a Bazilica Patriarchal de S. Maria dedicou á memoria do Fidelissimo Senhor Rey Dom João V...** Lisboa: Na Officina de Francisco da Silva, 1750. Imagens extraídas de PEREIRA, João Castel-Branco (coord.). **Arte efémera em Portugal.** Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 2000, Cat. 90, p. 242.....127
- Imagem 27: ALCIATO, Andrea. **Emblematum Liber.** Augsburg: Heinrich Steyner, 1531, Emblema XLV.....131
- Imagem 28: Frontispício de MENDONÇA, Francisco de. **Viridarium sacrae, et profanae ervditionis...** Lvgdvni: Sumptib. Lavrentii Anisson, & Soc., 1649.....134
- Imagem 29: Frontispício de TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do qve fizeram, nas conquistas d’este Reyno...** Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645.....138
- Imagem 30: Frontispício do **Imago Primi Saecvli Societatis Iesv...** Antuerpiae: Ex. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1640.....139

Imagem 31: Detalhe do frontispício de TELES, Baltasar. Chronica da Companhia de Iesv, da provincia de Portugal. Segvnda parte... Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1647.....	141
Imagem 32: Idem.....	141
Imagem 33: Imago primi saeculi Societatis Iesv... Antuerpiae: Ex. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1640, p. 318.....	142
Imagem 34: Detalhe do frontispício de TELES, Baltasar. Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do qve fizeram, nas conquistas d'este Reyno... Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645.....	143
Imagem 35: Idem.....	144
Imagem 36: Imago primi saeculi Societatis Iesv... Antuerpiae: Ex. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1640, p. 326.....	144
Imagem 37: BOVIO, Carlo. Ignatius insignium, epigrammatum et elogiorum... Romae: Typis Ignatij de Lazeris, 1655, p. 269.....	145
Imagem 38: BOSCH, Jacob. Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... Augustae Vindelicorum & Dilingae: Apud Joannem Casparum Bencard, 1702, Class. I, Tab. XIX, n. CDLII, s/p.....	146
Imagem 39: Detalhe do frontispício de TELES, Baltasar. Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do qve fizeram, nas conquistas d'este Reyno... Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645.....	147
Imagem 40: Detalhe do frontispício de TELES, Baltasar. Chronica da Companhia de Iesv, da provincia de Portugal. Segvnda parte... Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1647.....	147
Imagem 41: Frontispício de VASCONCELOS, Simão de. Chronica da Companhia de Jesv do estado do Brasil: e do qve obrarão sevs filhos nesta parte do Novo mvndo. Tomo primeiro... Lisboa: H. Valente de Oliuiera, impressor del Rey, N. S., 1663.....	148
Imagem 42: BOSCH, Jacob. Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... Augustae Vindelicorum & Dilingae: Apud Joannem Casparum Bencard, 1702, Class. I, Tab. XXXIX, n. DCCCLXXVIII, s/p.....	164
Imagem 43: Oração funebre nas exequias delRey fidelissimo, o senhor D. João V... In: Relação das exequias, que na morte delRey fidelissimo o senhor D. João V... Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1751, p. 27.....	168
Imagem 44: Idem (detalhe).....	168
Imagem 45: BOSCH, Jacob. Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... Augustae Vindelicorum & Dilingae: Apud Joannem Casparum Bencard, 1702, Class. II, Tab. L, n. CMXIV, s/p.....	169

Imagem 46: Imago Primi Saecvli Societatis Iesv... Antuerpiae: Ex. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1640, p. 724.....	171
Imagem 47: Teto da nave da igreja do colégio jesuítico de Salvador, hoje Catedral Basílica de São Salvador. Fotografia de Belinda Neves extraída de NEVES, Belinda Maria de Almeida. O bestiário na Igreja do Colégio da Companhia de Jesus em Salvador. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes, 2015, p. 29, Figura 08.....	176
Imagem 48: Teto da sacristia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Embu. Fotografia extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. O porquê do escorpião e o estudo da tradição emblemática na arte colonial latino-americana. Figura – Studi sull’immagine nella tradizione classica , vol. 2, 2014, Figura 14.....	177
Imagem 49: Detalhe do teto da sacristia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Embu. Fotografia de Renata Martins (fevereiro de 2012) extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. <i>Un emblema volante...!</i> A adaptação da tradição emblemática nas missões jesuíticas da América Latina (séculos XVI-XVIII). In: CHAMBOULEYRON, Rafael; ARENZ, Karl-Heinz (orgs.). Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Encontros com a história colonial. Belém: Editora Açai, 2014, vol. 1, p. 251.....	177
Imagem 50: Teto da sacristia da Igreja de São Roque. Fotografia de Renata Martins (abril de 2007) extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. Tintas da Terra, Tintas do Reino: arquitetura e arte nas Missões Jesuíticas do Grão-Pará (1653-1759). Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Luciano Migliaccio. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009, vol. 1, p. 439, Figura 113.....	178
Imagem 51: Teto da sacristia da Igreja da Madre de Deus em Vigia. Fotografia de Ricardo Hernán Medrano (julho de 2008) extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. Tintas da Terra, Tintas do Reino... Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Luciano Migliaccio. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009, vol. 1, p. 450, Figura 132.....	179
Imagem 52: Idem (detalhe), vol. 1, p. 452, Figura 136.....	180
Imagem 53: Idem (detalhe), vol. 1, p. 451, Figura 133.....	180
Imagem 54: Idem (detalhe), vol. 1, p. 452, Figura 135.....	181
Imagem 55: Idem (detalhe), vol. 1, p. 451, Figura 134.....	181
Imagem 56: Teto da sacristia da Igreja do Colégio de Santo Alexandre em Belém do Pará. Fotografia de Ricardo Hernán Medrano (julho de 2008) extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. Tintas da Terra, Tintas do Reino... Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Luciano Migliaccio. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009, vol. 1, p. 445, Figura 119.....	182
Imagem 57: Idem (detalhe), vol. 1, p. 447, Figura 126.....	183

Imagem 58: BOVIO, Carlo. Ignatius insignium, epigrammatum et elogiorum... Romae: Typis Ignatij de Lazeris, 1655, p. 151.....	185
Imagem 59: Detalhe do teto da sacristia da Igreja do Colégio de Santo Alexandre em Belém do Pará. Fotografia de Ricardo Hernán Medrano (julho de 2008) extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. Tintas da Terra, Tintas do Reino... Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Luciano Migliaccio. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009, vol. 1, p. 446, Figura 124.....	186
Imagem 60: Idem (detalhe), vol. 1, p. 446, Figura 122.....	187
Imagem 61: BOSCH, Jacob. Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... Augustae Vindelicorum & Dilingae: Apud Joannem Casparum Bencard, 1702, Class. II, Tab. XXII, n. CDLX, s/p.....	188
Imagem 62: Detalhe do teto da sacristia da Igreja do Colégio de Santo Alexandre em Belém do Pará. Fotografia de Ricardo Hernán Medrano (julho de 2008) extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. Tintas da Terra, Tintas do Reino... Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Luciano Migliaccio. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009, vol. 1, p. 446, Figura 120.....	189
Imagem 63: Frontispício de PICINELLI, Filippo. Mondo simbolico... Milano: Per lo Stampatore Archiepiscopale, 1653.....	190
Imagem 64: Idem (detalhe).....	191
Imagem 65: BOSCH, Jacob. Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... Augustae Vindelicorum & Dilingae: Apud Joannem Casparum Bencard, 1702, Class. III, Tab. XLII, n. DCCCXIV, s/p.....	191
Imagem 66: FAJARDO, Diego Saavedra. Idea de vn Principe Politico Christiano rapresentada en cien empresas... Milan: [s.n.], 1642, p. 471.....	192
Imagem 67: BOSCH, Jacob. Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... Augustae Vindelicorum & Dilingae: Apud Joannem Casparum Bencard, 1702, Class. II, Tab. XLV, n. DCCCLI, s/p.....	193
Imagem 68: FERRO, Giovanni. Teatro d'impresa... Veneza: Giacomo Sarzina, 1623, Parte Seconda, p. 68.....	194

SUMÁRIO

Introdução.....	16
Capítulo I – A retórica clássica, a herança humanística e a contribuição portuguesa no programa de ensino dos colégios jesuíticos.....	26
1. 1. A retórica clássica e os <i>studia humanitatis</i> nos colégios da Companhia de Jesus.....	28
1. 2. Formação “em letras e virtude”, promoção da <i>pietas</i> e finalidades da arte da persuasão e do bom discurso.....	37
1. 3. Os colégios jesuíticos da Assistência portuguesa da Companhia de Jesus.....	42
1. 4. A contribuição portuguesa no programa de ensino de letras humanas dos colégios jesuíticos.....	46
Capítulo II – A Companhia de Jesus, a arte da memória e o uso de imagens.....	57
2. 1. A Igreja Católica e o uso de imagens.....	59
2. 2. As imagens da memória e os <i>Exercícios Espirituais</i> de Inácio de Loyola.....	63
2. 3. O Pe. Jerónimo Nadal e a materialização das imagens na literatura espiritual jesuítica.....	72
2. 4. O uso da imagem na prática meditativa: o caso da <i>Practica dos Exercícios Espirituaes de S. Ignacio</i> do Pe. Sebastián Izquierdo.....	78
Capítulo III – A emblemática jesuítica e as especificidades do caso português.....	87
3. 1. A emblemática: o surgimento nos círculos humanísticos e a adaptação e o uso no âmbito cristão.....	88
3. 2. Composição e <i>affixiones</i> de emblemas previstas na <i>Ratio studiorum</i> e escritos teóricos de jesuítas sobre a emblemática e gêneros afins.....	106
3. 3. A produção emblemática em terras lusitanas: algumas considerações.....	114

Capítulo IV – Testemunhos da emblemática na Assistência portuguesa da Companhia de Jesus.....	129
4. 1. Emblemas em obras impressas: os frontispícios de duas crônicas da Companhia de Jesus.....	130
4. 2. A emblemática como elemento nas celebrações.....	150
4. 3. O uso de emblemas em edificações jesuíticas.....	175
Conclusão.....	196
Referências.....	203

Introdução

A Companhia de Jesus é frequentemente caracterizada pelo seu didatismo e é lugar comum na historiografia o largo uso da imagem feito pelos jesuítas. O grande interesse investigativo pelo ministério catequético e missionário dessa Ordem religiosa resultou no estudo de imagens utilizadas com propósitos didáticos, como as imagens presentes nos catecismos e as de caráter simples e claro que tinham por objetivo ensinar aos “idiotas”.

No presente trabalho pretendemos demonstrar um outro viés: o uso bastante difundido entre os jesuítas de uma linguagem simbólica de certa complexidade para transmitir mensagens de teor vário que comunicava de maneira não tão clara, necessitando, para serem compreendidas, de leituras feitas em diversos níveis.

O uso da emblemática, surgida no âmbito do movimento humanista do Quinhentos e formada por uma estreita relação entre texto e imagem, foi muito prolífero na Europa, sobretudo nos séculos XVI a XVIII, e a Companhia de Jesus foi a Ordem religiosa que mais atuou para sua difusão, produzindo emblemas e utilizando-os abundantemente.

O interesse pela emblemática já é antigo. Ainda no século XIX surgiram estudos sobre o tema, como os de Henry Green¹ e o do historiador da gravura Georges Duplessis², ambos sobre o *Emblematum Liber* (1531) de Andrea Alciati³, obra que inaugura a literatura emblemática.

No entanto, Mario Praz, no prefácio à primeira edição de sua importante obra *Studi sul concettismo* de 1934⁴ afirmou que até então não havia estudos abrangentes sobre o assunto que considerassem o emblema no contexto do “gosto” da época em que surgiram: o tema aparecia em ensaios de natureza apenas bibliográfica e era tratado quase sempre com desatenção e como objeto raro, curioso, esquisito⁵. No prefácio à terceira edição, de 1963, no

¹ GREEN, Henry. **Andrea Alciati and his Book of Emblems: a biographical and bibliographical study**. Londres: Trübner, 1872. Esse estudioso foi ainda responsável por duas edições fac-símiles da obra de Andrea Alciati – **Andreae Alciati Emblematum Fontes Quator** (Manchester; Londres, 1870) e **Andreae Alciati Emblematum Flumen Abundans** (Manchester; Londres, 1871).

² DUPLESSIS, Georges. **Les livres à gravures du XVIe siècle. Emblèmes d’Alciat**. Paris: Librairie de l’Art, 1884.

³ ALCIATO, Andrea. **Emblematum Liber**. Augsburg: Heinrich Steyner, 1531.

⁴ PRAZ, Mario. **Studi sul concettismo**. Milano: Società Editrice “La Cvltvra”, 1934. A tradução espanhola da qual faremos uso (PRAZ, Mario. **Imágenes del Barroco (Estudios de emblemática)**. Madrid: Ediciones Siruela, 2005) foi feita a partir não dessa primeira edição da obra, mas sim de sua versão revista e ampliada (PRAZ, Mario. **Studies in Seventeenth-Century Imagery**. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1964).

⁵ PRAZ, Mario. **Imágenes del Barroco... op. cit.**, p. 11.

entanto, o autor já aponta um maior interesse de estudiosos de diferentes nacionalidades por emblemas⁶.

Esses estudos, feitos da década de 1940 até o início da década de 1960, por serem pioneiros, caracterizaram-se principalmente por uma macro abordagem. Rosemary Freeman, por exemplo, publicou, em 1948, uma obra sobre os livros com emblemas ingleses⁷. Robert Clements, por sua vez, ocupou-se da investigação da emblemática renascentista no campo literário⁸.

Karl-Ludwig Selig nas décadas de 1950 e 1960 contribuiu com o estudo sobre as obras fundamentais da emblemática na Espanha e a difusão das mesmas nesse país⁹. Aquilino Sánchez Pérez, na década seguinte, igualmente deteu-se no estudo da literatura emblemática espanhola, publicando, em 1977, um estudo geral sobre o tema¹⁰.

John Landwehr também deu sua contribuição para o conhecimento geral sobre esse tipo de linguagem simbólica ao publicar duas bibliografias sobre livros com emblemas impressos entre os séculos XVI e XIX – uma referente às publicações na Holanda e a outra sobre as obras de emblemática impressas na França, Itália, Espanha e Portugal¹¹.

Semelhante empreitada foi desenvolvida por Richard Dimler. A fundamental diferença foi que o levantamento bibliográfico conduzido por esse estudioso abrangia apenas os livros com emblemas escritos por membros da Companhia de Jesus. Na década de 1970 ele publicou diversos artigos sobre a produção emblemática jesuítica em diversos países¹².

⁶ Idem, p. 12.

⁷ FREEMAN, Rosemary. **English Emblem Books**. London: Chatto & Windus, 1948.

⁸ Vd. CLEMENTS, Robert J. The cult of the poet in Renaissance Emblem Literature. **PMLA**, LIX, 3, 1944, p. 672-85; _____. Princes and Literature: A Theme of Renaissance Emblem Books. **Modern Language Quarterly**, 16 (2), Jun. 1955, p. 114-23; _____. **Picta Poesis, Literacy and Humanistic Theory in Renaissance Emblem Books**. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1960.

⁹ SELIG, Karl-Ludwig. La Teoria dell'Emblema in Spagna: i testi fondamentali. **Convivium**, n.s. III, n° 4, 1955, p. 409-21; _____. The Spanish Translation of Alciato's Emblemata. **Modern Languages Notes**, vol. 70, n° 5, May 1955, p. 354-9; _____. The Commentary of Juan de Mal Lara to Alciati's Emblemata. **Hispanic Review**, 24, 1956, p. 26-41; _____. Antonio Palomino y la tradición de la literatura emblemática en España. **AIH**, (Actas I), 1962, p. 443-6.

¹⁰ PÉREZ, Aquilino Sánchez. **La literatura emblemática española (siglos XVI y XVII)**. Madrid: Sociedad general española de librería, S. A., 1977.

¹¹ LANDWEHR, John. **Dutch Emblem Books, 1531-1888: a Bibliography**. Utrecht: Haentjens Dekker & Gumbert, 1962; _____. **French, Italian, Spanish, and Portuguese Books of Devices and Emblems 1534-1827: A Bibliography**. Utrecht: Haentjens Dekker & Gumbert, 1976.

¹² Vd. DIMLER, G. Richard. A Bibliographical Survey of Jesuit Emblem Authors in German-Speaking Territories. Topography and Themes. **Archivum Historicum Societatis Iesu (AHSI)**, 89, a. XLV, p. 129-38, 1976; _____. Jesuit Emblem Books in the Belgian Provinces of the Society of Jesus (1587-1710): Topography and Themes. **AHSI**, XLV, p. 377-87, 1977; _____. A Bibliographical Survey of Jesuit Emblem Authors in French Provinces of the Society of Jesus (1618-1726): Topography and Themes. **AHSI**, XLVIII, p. 240-50, 1978.

Esses trabalhos “fragmentários” eram na verdade parte de um projeto maior de mapeamento e identificação de toda a produção jesuítica de livros com emblemas¹³. Projeto esse que teve como produto final uma vasta e fundamental compilação em cinco volumes impressa entre os anos de 1997 e 2007¹⁴ organizada em conjunto com outro importante estudioso da emblemática jesuítica, Peter Daly¹⁵.

Desde a década de 1980, quando foi criada a *Society for Emblem Studies*, surgiram vários centros de estudo sobre o tema e inúmeros foram os trabalhos produzidos sobre o assunto, sendo particularmente rica a contribuição da Espanha, onde destacam-se a *Sociedad Española de Emblemática* formada na década de 1990¹⁶ e o grupo de investigação sobre Literatura Emblemática Hispánica que faz parte do *Seminario Interdisciplinar para Estudio de la Literatura Áurea Española* (SIELAE) da Universidade da Coruña¹⁷.

Dentre a vasta produção historiográfica da Espanha destaca-se desde o clássico de Santiago Sebastián sobre a emblemática e a história da arte¹⁸ à enciclopédia dos emblemas espanhóis feita por Antonio Bernat Vistarini e John Cull¹⁹, passando por estudos sobre a emblemática na arte e na literatura do *Siglo de Oro*²⁰.

O interesse historiográfico pelo tema, do que o caso espanhol é um exemplo, associado à maior atenção dada à produção jesuítica em específico²¹, fez com que surgissem trabalhos voltados para o largo uso da imagem simbólica pelos membros da Companhia de

¹³ Vd. DIMLER, G. Richard. Literary Considerations in the Classification of the Jesuit Emblem. **Jahrbuch fur Internationale Germanistik, Jahrgang XIV Heft 1**, p. 101-10, 1983; _____. A Short Title Listing of Jesuit Emblem Books. **Emblematica. Interdisciplinary Journal for Emblem Studies**, AMS Press, vol. 2, 1, p. 139-87, Spring 1987; _____. The Jesuit Emblem: A Bibliographical Project. In: **Yearbook of the Society of Jesus 1996**. Rome, 1996, p. 104-5.

¹⁴ DIMLER, G. Richard; DALY, Peter Maurice (eds.). **The Jesuit Series (Corpus Librorum Emblematum)**. Toronto, Buffalo: University of Toronto Press, 1997-2007, 5 vols.

¹⁵ Vd. DALY, Peter Maurice (ed.). **The European Emblem**. Waterloo, Ontario: Wilfred Laurier University Press, 1980; _____. (ed.). **The English Emblem and The Continental Tradition**. New York: AMS Press, 1988; _____. (ed.). **Companion to emblem studies**. New York: AMS Press, Inc., 2008.

¹⁶ É responsável pela publicação anual da *Imago. Revista de Emblemática y Estudios Visuales* desde 2009 e também pelo *site* <http://www.emblematica.es/>. Acesso em 20/04/2015.

¹⁷ Vd. o *site* <http://www.bidiso.es/Emblematica/>. Acesso em 20/04/2015.

¹⁸ SEBASTIÁN, Santiago. **Emblemática e Historia del Arte**. Madrid: Cátedra, 1995.

¹⁹ VISTARINI, Antonio Bernat; CULL, John T. **Enciclopedia de emblemas españoles ilustrados**. Madrid: Ediciones Akal, 1999.

²⁰ Vd. ZAFRA, Rafael; LÓPEZ, José Javier Azanza (eds.). **Emblemata aurea. La emblemática en el arte y la literatura del Siglo de Oro**. Madrid: Ediciones Akal, 2000; POZA, Sagrario López (ed.). **Estudios sobre Literatura Emblemática Española**. Trabajos del grupo de investigación *Literatura emblemática hispánica* (Universidade da Coruña). A Coruña: Sociedad de Cultura Valle Inclán, 2000; VISTARINI, Antonio Bernat; CULL, John T. **Los días del Alción. Emblemas, Literatura y Arte del Siglo de Oro**. Barcelona: José J. de Olañeta, Editor, Edicions UIB, College of the Holy Cross, 2002.

²¹ Uma revisão historiográfica das investigações sobre a emblemática jesuítica foi feita por Dimler numa de suas importantes obras: DIMLER, G. Richard. Jesuit emblem books: a selective overview of research past and present. In: _____. **Studies in the jesuit emblem**. New York: AMS Press, Inc., 2007, p. 04-54.

Jesus, merecendo destaque os trabalhos de Ralph Dekoninck²², voltados sobretudo para o uso da imagem na literatura espiritual, e de Lydia Salviucci Insolera, que estudou o significado da imagem alegórica na Ordem jesuítica a partir do *Imago primi saeculi*, livro comemorativo do primeiro centenário da Companhia no qual se utilizou a emblemática²³.

O uso de imagens enquanto instrumento didático nas práticas educacionais dessa Ordem religiosa também foi alvo de estudos, como os de Karel Porteman²⁴, José Quiñones Melgoza²⁵ e Cristina Osswald²⁶. Da presença da emblemática em cerimônias jesuíticas ocuparam-se, por sua vez, para citar alguns dos muitos, María Garganté Llanes²⁷, Fernando Rodríguez de la Flor²⁸ – investigador espanhol com diversos estudos sobre a linguagem simbólica e a cultura visual do período moderno – e o próprio Richard Dimler²⁹.

Apesar dos testemunhos da difusão de emblemas em Portugal e em seus domínios ultramarinos e do crescente interesse pelo tema por parte de estudiosos de outros países, tendo alguns deles inclusive se debruçado sobre o caso lusitano³⁰, a historiografia portuguesa tem, de um modo geral, pouco se dedicado a essa temática, sendo significante nesse sentido o fato

²² Vd. DEKONINCK, Ralph. *Ad Imaginem. Statuts, fonctions et usages de l'image dans la littérature spirituelle jésuite du XVIIe siècle*. Genève: Droz, 2005.

²³ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi (1640) e il significato dell'immagine allegorica nella Compagnia di Gesù. Genesi e fortuna del libro*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2004.

²⁴ PORTEMAN, Karel. The use of the visual in classical jesuit teaching and education. *Paedagogica Historica*, 36, p. 179-96, 2000.

²⁵ MELGOZA, José Quiñones. Cultura simbólica en el programa educativo de los jesuitas en la Nueva España. In: MARTÍNEZ, Herón Pérez; NOGAL, Bárbara Skinfill (eds.). *Esplendor y ocaso en la cultura simbólica*. Zamora, Michoacán: El Colegio de Michoacán, Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, 2002, p. 207-14.

²⁶ OSSWALD, Cristina. Discutindo emblemas e educação na Companhia de Jesus. In: ARELLANO, Ignacio; PEREIRA, Ana Martínez (eds.). *Emblemática y religión en la Península Ibérica (Siglo de Oro)*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana, Vervuert, 2010, p. 303-27.

²⁷ LLANES, María Garganté. Fiesta y emblema en un entorno jesuítico: Las fiestas de canonización de san Estanislao de Kotska y san Luis Gonzaga en el colegio de Monti-sion de Palma de Mallorca. In: MOLINA, Rafael Zafra; LÓPEZ, José Javier Azanza (coords.). *Emblemática trascendente: hermenéutica de la imagen, iconología del texto*. Pamplona: Sociedad Española de Emblemática, Universidad de Navarra (Anexos de *Imago, Revista de Emblemática y Cultura Visual*, 1), 2011, p. 355-62.

²⁸ DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. El jeroglífico y su función dentro de la arquitectura efímera barroca (a propósito de treinta y tres jeroglíficos de Alonso de Ledesma, para las fiestas de beatificación de San Ignacio en el Colegio de la Compañía de Jesús de Salamanca, 1610). *Boletín del Museo e Instituto Camón Aznar*, 8, p. 84-102, 1982.

²⁹ DIMLER, G. Richard. Octiduum S. Francisco Borgiae (1671): The Munich Jesuits celebrate the canonization of Francis Borgia. In: DALY, Peter Maurice; DIMLER, G. Richard; HAUB, Rita (eds.). *Emblematik und Kunst der Jesuiten in Bayern: Einfluss und Auswirkung*. Imago Figurata Studies, vol. 3. Turnhout: Brepols, p. 107-31, 2000; DIMLER, G. Richard. Emblematic structures in celebrations of Francis Borgia's canonization. In: _____. *Studies in the jesuit emblem... op. cit.*, p. 272-94.

³⁰ LANDWHER, John. *French, Italian, Spanish, and Portuguese Books of Devices and Emblems... op. cit.*; LÓPEZ, Santiago Sebastián. La edición española del 'Theatro Moral de la Vida Humana' y su influencia en las artes plásticas de Brasil y Portugal. In: DIAS, Pedro (coord.). *As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos*. Coimbra: Minerva, 1987, p. 381-405.

de uma coletânea de artigos sobre a emblemática portuguesa ter sido publicada pela *Glasgow Emblem Studies*³¹.

Os trabalhos tendem a restringir-se sobretudo aos campos literário e da História da Arte, merecendo destaque, por tratar-se de exceção, o estudo de Ilda Soares de Abreu³². Maria Helena Ureña Prieto preocupou-se, por exemplo, com a recepção da emblemática na obra de Luís de Camões³³ e José Adriano Freitas de Carvalho investigou questões técnicas ligadas à edição e impressão de uma obra com emblemas impressa em Portugal³⁴. Luís de Moura Sobral, por outro lado, apesar de ter escrito um artigo sobre as obras de emblemática na Coleção de Diogo Barbosa Machado³⁵, dedicou-se sobretudo a pesquisar a influência da emblemática nas artes portuguesa e brasileira³⁶.

Na historiografia brasileira a ausência de investigações sobre a emblemática é ainda mais sentida, destacando-se os estudos de Rubem Amaral Júnior e de Renata Martins. O primeiro, num importante artigo publicado em 2009 e novamente em 2011, forneceu um panorama geral sobre a produção emblemática portuguesa apontando para a incipiência dos estudos sobre o tema em Portugal e para a praticamente inexistência de investigações no Brasil³⁷. Ele foi responsável ainda pela publicação de duas obras portuguesas precedida por uma introdução sobre a emblemática lusitana³⁸ e por alguns estudos mais específicos sobre o

³¹ GOMES, Luís (ed.). **Mosaics of Meaning: Studies in Portuguese Emblematics**. Glasgow: *Glasgow Emblem Studies*, vol. 13, 2009.

³² Sua dissertação de mestrado em História Cultural e Política apresentada em 1997 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa foi publicada: ABREU, Ilda Soares de. **Simbolismo e ideário político: a educação ideal para o príncipe ideal seiscentista em *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*, pelo M. R. Padre Pregador Geral da Corte e Cronista Mor da Congregação, Frei João dos Prazeres**. Lisboa: Estar, 2000.

³³ PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Ureña. Uma imagem emblemática de Camões. **Revista Camoniana**, 2ª ser., 3, p. 61-9, 1989; _____. A recepção da emblemática de Alciato na obra de Luís de Camões. In: CHAPARRO, César; GARCÍA, José Julio; ROSO, José; UREÑA, Jesús (eds.). **Paisajes emblemáticos: la construcción de la imagen simbólica en Europa y América. Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Emblemática**, 2 vols. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 2008, vol. 1, p. 281-90.

³⁴ CARVALHO, José Adriano de Freitas. As lágrimas e as setas. Os Pia Desideria de Herman Hugo, S.J., em Portugal. **Via Spiritus**, 2, p. 169-201, 1995.

³⁵ SOBRAL, Luis de Moura. The Emblem Book Collection of Diogo Barbosa Machado (1682-1772). In: GOMES, Luís (ed.). **Mosaics of Meaning: Studies in Portuguese Emblematics... op. cit.**, p. 153-87.

³⁶ SOBRAL, Luis de Moura. Occasio and fortuna in portuguese art of the Renaissance and the Baroque: a preliminary investigation. In: GOMES, Luís (ed.). **Mosaics of Meaning: Studies in Portuguese Emblematics...** Glasgow: *Glasgow Emblem Studies*, vol. 13, 2009, p. 101-23; SOBRAL, Luis de Moura. **A tradição emblemática nas artes portuguesa e brasileira. Séculos XVI-XVIII**. Conferência inaugural do seminário internacional *Perspectivas para o estudo da arte luso-brasileira do século XVIII*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 14 de setembro de 2009.

³⁷ AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblematics: an overview. **Revista Lumen et Virtus**, vol. 2, n. 4, mai 2011, p. 134-48 (p. 147). Publicado originalmente em GOMES, Luís (ed.). **Mosaics of Meaning: Studies in Portuguese Emblematics... op. cit.**, p. 01-19.

³⁸ AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2005 [2000].

tema³⁹. Renata Martins, por sua vez, tem investigado, nos últimos anos, a circulação de obras impressas de emblemática em livrarias e a presença de emblemas na decoração de edifícios, inclusive jesuíticos⁴⁰.

Diante de tal carência historiográfica, nos propomos, nesta dissertação, a refletir sobre a difusão e produção de emblemas na Assistência portuguesa da Companhia de Jesus⁴¹ por meio de uma abordagem que considera a emblemática não de um ponto de vista literário ou como simples aparato decorativo, mas sim como um instrumento didático, como uma das formas possíveis de transmissão de mensagens cristãs e como um tipo de discurso moralizante e político.

³⁹ AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Empresas heróicas e amorosas lusitanas. Letras e cimeiras das justas reais de Évora (1490) segundo Garcia de Resende**. Tegucigalpa, 2001; _____. Emblemática mariana no Convento de São Francisco de Salvador, Bahia, e seus modelos europeus. **Revista Lumen et Virtus**, vol. 1, n. 3, dez. 2010, p. 107-30; _____. Emblemática mariana na Igreja do antigo recolhimento de N. S. da Conceição de Olinda (Pernambuco) e seus modelos europeus. In: MOLINA, Rafael Zafra; LÓPEZ, José Javier Azanza (coords.). **Emblemática trascendente... op. cit.**, p. 151-62.

⁴⁰ Vd. MARTINS, Renata Maria de Almeida. Entre livros e pincéis: a tradição emblemática na América portuguesa (séc. XVI-XVIII). In: CONDURU, Roberto; SIQUEIRA, Vera Beatriz (orgs.). **Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Rio de Janeiro, 19 a 23 de outubro de 2010, p. 647-57; MARTINS, Renata Maria de Almeida. La Compagnia sia come un cielo: o sol, a lua e as estrelas dos livros de emblemas para a decoração das igrejas das missões jesuíticas na América Portuguesa (séc. XVI-XVIII). **Jahrbuch fur Geschichte Lateinamerikas (1998). Anuario de Historia de América Latina**, vol. 50, p. 81-102, 2013; _____. O porquê do escorpião e o estudo da tradição emblemática na arte colonial latino-americana. **Figura – Studi sull’immagine nella tradizione classica**, vol. 2, 2014. Disponível em: <http://figura.art.br/revista/dossier/2/9-o-porque-do-escorpio-e-o-estudo-da-tradicao-emblematica-na-arte-colonial-latino-americana/>. Acesso em 10/07/2015; _____. *Un emblema volante...!* A adaptação da tradição emblemática nas missões jesuíticas da América Latina (séculos XVI-XVIII). In: CHAMBOULEYRON, Rafael; ARENZ, Karl-Heinz (orgs.). **Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Encontros com a história colonial**. Belém: Editora Açaí, 2014, vol. 1, p. 236-51. Vd. ainda: MARTINS, Renata Maria de Almeida; MIGLIACCIO, Luciano. Emblemas e grotescas: a tradição clássica e a decoração das missões jesuíticas na América Portuguesa e na América Hispânica (séc. XVI-XVIII). In: **XIV Jornadas Internacionales de las Misiones Jesuíticas: Memoria, Patrimonio, Cultura Viva**, 2012, San Ignacio Velasco, Bolívia. Santa Cruz: Gobierno Autonomo Departamental, 2012; MIGLIACCIO, Luciano. Grotescas, emblemas, empresas: funções do ornamento no sistema figurativo híbrido da América colonial. In: CHAMBOULEYRON, Rafael; ARENZ, Karl-Heinz (orgs.). **Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial... op. cit.**, p. 252-62.

⁴¹ Assistência é uma divisão administrativa da Companhia de Jesus formada por um grupo de províncias ligadas geográfica e linguisticamente. É administrada por um Assistente eleito pelo Superior Geral e escolhido através de uma Congregação Geral: o representante em Roma de sua Assistência e consultor do Padre Geral nos negócios a ela relativos. Eram seis as Assistências da Companhia: Itália, Portugal, Espanha, Alemanha, França e Polônia. Por província jesuítica entende-se a unidade territorial administrativa da qual se encarregava um Superior provincial nomeado pelo Superior Geral da Companhia de Jesus. Além da questão geográfico-linguística, uma província jesuítica deveria, para ser formada, ter recursos suficientes para garantir sua existência no que tange ao sustento e ao recrutamento. A província portuguesa da Companhia de Jesus, ereta oficialmente por Inácio de Loyola em decreto de 25 de outubro de 1546 e que teve por primeiro Provincial o Pe. Simão Rodrigues, criada a partir do modelo administrativo das ordens mendicantes, foi a primeira dessas unidades administrativas autônomas a ser instituída. A Assistência de Portugal compreendia o reino e as ilhas adjacentes, as possessões lusas na África, todo o Brasil, a China, a Indo-China, a Índia, o Tibet, as Molucas e o Japão. Vd. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 10 vols. Porto, Rio de Janeiro: Tipografia Pôrto Médico, Imprensa Nacional, 1938-1950, (t. I, p. 12); GIARD, Luce. *Le devoir d’intelligence ou l’insertion des jésuites dans le monde du savoir*. In: _____. (dir.). **Les jésuites a la Renaissance. Système éducatif et production du savoir**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995, p. XI-LXXIX (p. XIII); RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal**, 7 vols. Pôrto: Apostolado da Imprensa, 1931-1950, (t. I, vol. I, p. VIII (nota 1)).

Ao nos propormos a responder essa pergunta sobre o uso da emblemática pelos jesuítas em Portugal e em seus domínios ultramarinos nos deparamos, portanto, com a dificuldade da escassez de historiografia sobre o tema; dificuldade sanada na medida do possível através de historiografias de outros países, notadamente a espanhola.

O supracitado artigo sobre a emblemática portuguesa escrito por Rubem Amaral Júnior⁴², apesar de não se deter especificamente no caso jesuítico, nos deu um direcionamento no que tange à busca por fontes que atestassem o uso da emblemática na Assistência portuguesa da Companhia de Jesus.

Dessa forma, aos poucos, à medida que fomos conhecendo a historiografia, a busca pelas fontes tornou-se menos árdua e seus resultados menos incertos, pois, apesar de não nos terem sido dadas informações precisas sobre elas, os estudos geraram “intuições” que facilitaram a pesquisa e, assim, nos permitiram reunir um *corpus* significativa – apesar de não exaustivo – de fontes que testemunham o uso da emblemática pelos jesuítas da Assistência portuguesa.

Compreendemos que deveríamos buscar, para além de obras de literatura emblemática de autoria jesuítica, emblemas supérstites em edifícios jesuíticos e relações descritivas de celebrações promovidas pela Companhia de Jesus, em honra de algum de seus membros ou realizada numa de suas igrejas.

Não poderíamos falar em emblemática, ou seja, em discurso, em linguagem, enfim, em forma de expressão, sem levar em conta a retórica, disciplina que figurava entre as sete artes liberais e no âmbito da qual se discutia acerca das três vias expressivas – oral, escrita e visual. É o que nos propomos a fazer no primeiro capítulo deste trabalho tomando como ponto de partida o ensino dos *studia humanitatis* nos colégios da Companhia de Jesus.

A educação foi um ministério que desde muito cedo teve particular importância para essa Ordem religiosa, o que se depreende da vasta rede de instituições de ensino por ela administradas, destinadas não apenas a seus membros. Essa importância deveu-se tanto à necessidade de propiciar uma formação em letras, quanto à de promover a piedade, os bons costumes e a virtude.

Era preciso aprender a expressar-se da melhor forma possível para “ajudar as almas”, adequando o discurso a fim de obter resultados os mais satisfatórios ao comunicar, ensinar, moralizar, converter, defender um ponto de vista, enfim, persuadir o público. Os antigos eram as *auctoritates* da arte retórica e através do estudo dos clássicos, para além do conteúdo ético,

⁴² AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblems... *op. cit.*

os jesuítas procuraram cultivar um estilo agradável e persuasivo, utilizando a retórica com fins pastorais, mas não somente.

Desde o reinado de D. João III os colégios jesuíticos espalharam-se em Portugal e em suas possessões ultramarinas e jesuítas professores nesses colégios contribuíram significativamente no que tange ao ensino das letras humanas não apenas nessas instituições educacionais lusitanas, mas em todas aquelas administradas pela Companhia de Jesus, já que elas eram regidas por um programa único de estudos, a *Ratio atque institutio studiorum Societatis Iesu*.

Herdeiros do programa de ensino proposto pelos humanistas, nos colégios jesuíticos se estudava a retórica clássica, formada, de acordo com Cícero, por cinco partes, dentre elas a *memoria*. Ademais, nos colégios jesuíticos ensinava-se a filosofia baseada no pensamento de Aristóteles, responsável pela teoria do conhecimento através da imagem. A concepção de que a imagem era fundamental no processo cognitivo foi sem dúvida de grande relevo no que tange à argumentação de defesa da utilidade do elemento visual para o cristianismo.

A Ordem inaciana surgiu no século XVI, período marcado pelos movimentos reformistas protestante e católico, no contexto dos quais se travaram calorosas discussões acerca do uso da imagem pela Igreja Católica, combatido pelos iconoclastas. Discussões essas que trouxeram à tona antigas questões sobre as relações entre a pintura e a poesia, sobre a suposta predominância do sentido da visão e sobre as funções da imagem. No segundo capítulo desta dissertação, a partir desse contexto, iniciaremos a refletir sobre a importância do elemento visual para a Companhia de Jesus.

Para além da potencialidade da imagem de fixar conteúdos, que havia feito inclusive com que surgisse uma *ars memorativa*, o elemento visual era usado para atrair a atenção e gerar comoção e, ainda, para instruir. Essas funções da imagem, apontadas por Gregório Magno e retomadas em ocasião do Concílio de Trento em defesa diante do iconoclasmo, influíram para que ela fosse adotada largamente pela Igreja no período moderno.

Na tentativa de demonstrar a importância da imagem para a Companhia de Jesus, notável desde as primeiras décadas de sua existência, destacaremos sobretudo a influência da teoria do conhecimento pela via imagética e o método da composição de lugar com a memória adotado por Inácio de Loyola em seus *Exercícios Espirituais* vindos à luz pela primeira vez em 1548.

O relevo dado ao elemento visual no âmbito da Companhia, no entanto, não se restringiu às imagens compostas apenas com a imaginação. A partir da obra *Evangelicae Historiae Imagines* do Pe. Jerónimo Nadal, ou seja, a partir do final do século XVI, imagens

antes mentais passaram por um processo de materialização na literatura espiritual jesuítica, tornando-se imagens concretas, com o intuito de auxiliarem na compreensão dos mistérios evangélicos e na meditação. Herdeira da obra nataliana, como veremos, é a *Practica de los ejercicios espirituales del N. Padre S. Ignacio* do jesuíta Sebastián Izquierdo, obra cuja tradução para o português foi impressa em Lisboa em 1687.

O mais importante é que a crença na eficácia e poder comunicativo da imagem fez com que ela fosse largamente utilizada pelos jesuítas não só como auxiliares nas práticas ascéticas, mas com os mais diferentes intuitos. Após analisarmos a adoção do programa de ensino propagado pelos humanistas nos colégios jesuíticos e refletirmos sobre o que isso significou para que o recurso imagético fosse adotado não só como auxiliar “invisível” ou “visível” das práticas espirituais da Ordem jesuítica, passaremos, no terceiro capítulo, a analisar a emblemática, tipo específico de linguagem, forma de discurso que coaduna os tipos de expressão escrita e visual.

Apontaremos o contexto do surgimento da emblemática nos círculos humanísticos e refletiremos sobre o modo como ela passou a ser adotada no âmbito da Igreja Católica, nisso merecendo destaque a Companhia de Jesus, em cujos colégios era inclusive prevista a composição de emblemas como exercício literário.

A grande contribuição da Companhia na difusão da emblemática é refletida tanto na tratadística produzida sobre o tema e assuntos correlatos, quanto na vastíssima produção de livros desse gênero.

Antes de determo-nos no caso da emblemática jesuítica, destacaremos as especificidades do caso luso de modo geral através de exemplos do emprego de emblemas na literatura – atentando para as particularidades da tipografia em Portugal – e nas artes aplicadas, como azulejaria e pinturas em arquitetura efêmera.

Por fim, no quarto capítulo, analisaremos testemunhos do uso da emblemática em obras impressas, em cerimônias e em edificações jesuíticas na tentativa de esboçar um perfil do uso de emblemas pelos jesuítas da Assistência portuguesa da Companhia de Jesus nos séculos XVI a XVIII no qual possamos vislumbrar as finalidades com que a emblemática foi utilizada.

Dentre as obras impressas destacaremos e analisaremos a presença de emblemas nos frontispícios de duas crônicas da Ordem: o da *Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal* do Pe. Baltasar Teles, cujos dois volumes foram impressos em Lisboa respectivamente em 1645 e 1647; e o da *Chronica da Companhia de Jesv do Estado do Brasil* do Pe. Simão de Vasconcelos, impressa na mesma cidade em 1663.

Quanto ao uso de emblemas em cerimônias realizadas pelos jesuítas da Assistência portuguesa, em homenagem a um membro da Companhia de Jesus ou celebrada em igreja da Ordem em Portugal ou em seus domínios ultramarinos, nos deteremos nas relações descritivas de celebrações realizadas em ocasião de recebimento de relíquias, beatificação, canonização e exéquias impressas nos séculos XVI, XVII e XVIII. Nessas relações que narram os acontecimentos dos dias festivos e que dão notícia da armação das ruas, das figuras que desfilaram em procissão e da ornamentação das igrejas, buscamos referências a emblemas, descrições e comentários a eles relacionados.

Por fim, analisaremos dois testemunhos da presença da emblemática em edificações: os emblemas pintados nos forros de duas sacristias de igrejas jesuíticas na província brasileira, ambos no Grão-Pará – a Igreja da Casa-Colégio da Madre de Deus em Vigia e a Igreja de São Francisco Xavier do Colégio de Santo Alexandre em Belém.

Capítulo I – A retórica clássica, a herança humanística e a contribuição portuguesa no programa de ensino dos colégios jesuíticos

Imagem, fala e escrita são formas de comunicação complementares e não excludentes presentes em praticamente todas as sociedades. Todavia, durante o Oitocentos acreditou-se na associação entre modernidade e preeminência da escrita – em detrimento dos atos de ver e ouvir – e, mais do que isso, asseverou-se ser o homem moderno um *homo typographicus* por excelência.

Tal percepção, por sua vez, estava ligada à ideia de que o uso da escrita era expressão da racionalidade do homem moderno, então concebido em oposição ao homem medieval, que, ao contrário, teria elegido e privilegiado as formas de expressão icônico-visual e/ou oral. Daí derivaram o binômio racionalidade-escrita, associado à modernidade, e o irracionalidade-visualidade/oralidade, associado à Idade Média.

De cunho historicista, esse entendimento da história da Europa como passível de ser dividida em duas “civilizações” – uma leiga, doura e *escritófila*; outra católica, iletrada e imersa em imagens e sermões – tem sido, porém, questionado nas últimas décadas⁴³, tendo em vista a constatação das altas taxas de analfabetismo, da grande veiculação de imagens impressas e do desenvolvimento da parenética que caracterizaram a época moderna.

De fato, os mais recentes estudos sobre a cultura escrita têm demonstrado que nesse período as formas de comunicação verbal, oral e visual coexistiram, conviveram e, por vezes, se complementaram⁴⁴, sendo utilizadas com bastante fluidez ao longo de toda a Idade Moderna. A emblemática merece destaque nesse contexto por ser um tipo de linguagem simbólica em que os elementos textual e visual estão intrinsecamente ligados, completando-se e fundindo-se a fim de comunicar.

Imagens, sermões, textos de temáticas as mais variadas: tudo servia ao intento de fazer-se entender. Elegia-se, segundo Fernando Bouza, a forma de expressão mais adequada

⁴³ Entre os estudos revisionistas destacam-se os de Fernando Jesús Bouza Álvarez: *ÁLVAREZ, Fernando Jesús Bouza. Del escribano a la biblioteca: La civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (Siglos XV-XVII)*. Madrid: Editorial Síntesis, 1997, (p. 23-9); _____. *Comunicación, conocimiento y memoria en la España de los siglos XVI y XVII*. Salamanca: Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas (SEMYR) – Sociedad Española de Historia del Libro, Sociedad de Estudios Medievales y Renacentistas, 1999, (p. 15-39); _____. *Palabra e imagen en la Corte: cultura oral y visual de la nobleza en el Siglo de Oro*. Madrid: Abada Editores, 2003.

⁴⁴ Nos referimos aqui, a título de exemplo, além do caso da emblemática, ao dos catecismos ilustrados, ao dos livros destinados aos pregadores com indicações do momento em que determinadas imagens deveriam ser mostradas e à prática propriamente dita de mostrar imagens durante o sermão, imagens que o acompanhavam e o complementavam.

ao intento que almejava-se alcançar⁴⁵. Tal “diglossia cultural”⁴⁶ que caracterizava o período moderno, no entanto, não implicava uma eleição indiscriminada da forma de transmitir saberes e ideias. Muito se discutia, então, acerca das vias expressivas. Discussões essas que se davam no campo de uma longeva disciplina dedicada ao estudo da linguagem e que, como ocorreu com tantos outros elementos advindos da tradição clássica, recebeu novo vigor na época moderna: a retórica.

É de fundamental importância, portanto, tratarmos da retórica difundida pela Companhia de Jesus⁴⁷, herdeira do movimento humanista no que tange ao resgate da cultura

⁴⁵ Segundo Bouza, apenas a minoria letrada “anfíbia” podia realmente optar por qualquer uma dessas maneiras de comunicação. No entanto, mesmo aqueles que não dominavam as técnicas lecto-escritoras podiam participar do mundo da escrita através da mediação dos “*hombres de pluma*”. ÁLVAREZ, Fernando Jesús Bouza. **Del escribano a la biblioteca... op. cit.**, (p. 10, 25-9).

⁴⁶ Termo adotado por Bouza: Idem, p. 28.

⁴⁷ O sistema educacional jesuítico vem sendo estudado há muito. Para citar alguns: SCHIMBERG, André. **L'éducation morale dans les collèges de la Compagnie de Jésus en France sous l'Ancien Régime (XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècles)**. Paris: H. Champion, 1913; HERMAN, Jean Baptiste. **La pédagogie des jésuites au seizième siècle. Ses sources, ses caractéristiques**. Louvain: Bureaux du recueil (UCL), 1914; Paris: A. Picar, 1914; CHARMOT, François. **La pédagogie des jésuites. Ses principes. Son actualité**. Paris: Aux Editions Spes, 1943. Filiados a uma vertente historiográfica que, sobretudo na década de 1970, renovou a reflexão sobre a história da retórica, encontram-se os trabalhos de François de Dainville, Gabriel Codina Mir e Aldo Scaglione: DAINVILLE, François de. **La géographie des humanistes**. Genève: Éditions Slatkine, 2011 [Tese em Geografia sob orientação do Prof. Jules Sion, 1939]; _____. **La naissance de l'humanisme moderne**. Paris: Éditions de Minuit, 1940; _____. **L'éducation des jésuites (XVI^e-XVIII^e siècles)**. Textes réunis et présentés par Marie-Madeleine Compère. Service d'histoire de l'éducation (I.N.R.P.). Ouvrage réalisé par l'institut national de recherche pédagogique. Paris: Les éditions de Minuit, 1978; MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites: Le “Modus parisiensis”**. Roma: Institutum Historicum Societatis Jesu, 1978; SCAGLIONE, Aldo. **The liberal arts and the jesuit college system**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986. Influenciado por estudos de filólogos e escritores que desde a década de 1930 advogavam em favor do retorno à esquecida arte retórica, como os de Erwin Panofsky, Jean Paulhan e Yvon Belaval, esse movimento deu-se na contracorrente das concepções estruturalistas, a partir da defesa do retorno ao estudo da retórica pré-cartesiana em detrimento de uma “pseudoretórica” manipuladora e desconstrucionista voltada para o discurso em si mesmo. Vd. PANOFSKY, Erwin. **Idea: a evolução do conceito de belo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013 [1924]; PAULHAN, Jean. **Les fleurs de Tarbes**. Paris: Gallimard, 1942; BELAVAL, Yvon. **Digressions sur la rhétorique**. Paris: Ramsay, 1988 [1950]. Autores como Eugenio Garin, Cesare Vasoli e Marc Fumaroli passaram assim a propor uma abordagem da retórica enquanto uma disciplina fundamentada nos preceitos contidos nos escritos de Aristóteles, Cícero e Quintiliano e não simplesmente como uma herança antiga que deve ser recordada. Vd. GARIN, Eugenio. Discussões sobre a retórica. In: _____. **Idade Média e Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1989 [1954], p. 111-29; VASOLI, Cesare. **La dialletica e la retorica dell'Umanesimo. “Invenzione” e “Método” nella cultura del XV e XVI secolo**. Milano: Feltrinelli, 1968; FUMAROLI, Marc. **L'âge de l'éloquence et res literaria de la Renaissance au seuil de l'âge classique**. Genève: Droz, 1980. Devolve-se à retórica o caráter de imprescindibilidade para a releitura e compreensão da história da cultura europeia da época moderna, período em que essa arte era considerada por excelência a pedagogia da palavra. FUMAROLI, Marc. Retórica. In: **Enciclopedia Italiana**. V Appendice (1994), s/p. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/retorica_res-0ba529b7-87eb-11dc-8e9d-0016357eee51_\(Enciclopedia_Italiana\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/retorica_res-0ba529b7-87eb-11dc-8e9d-0016357eee51_(Enciclopedia_Italiana)/). Acesso em 03/06/2015. Assim como Fumaroli, Belmiro Pereira faz um balanço sobre a história da retórica, apontando para um “renascimento da retórica” a partir da década de 1970 na Europa e afirma que nos últimos trinta anos tem se propagado uma “pandemia retórica”. Vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. Renascimentos da arte retórica e globalização. In: SOARES, Nair Castro; MIRANDA, Margarida; URBANO, Carlota Miranda (coords.). **Homo eloquens homo politicvs. A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011, p. 17-41, (p. 29-30); PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Retórica e eloquência em Portugal na época do Renascimento**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012, (p. 23-31). Dentre os trabalhos que nas últimas décadas têm sido produzidos no contexto desse novo viés historiográfico, também nos afiliamos – para além daqueles que

clássica – perceptível sobretudo nos *studia humanitatis* – para que possamos melhor compreender a emblemática jesuítica como forma simbólica de linguagem que, como tal, tem a finalidade de transmitir uma mensagem, seja ela de cunho moralizante, cristão ou político, ensinando e persuadindo o público ao qual se destinava.

1. 1. A retórica clássica e os *studia humanitatis* nos colégios da Companhia de Jesus

Não entendemos aqui a retórica apenas como uma técnica literária, mas sim como a disciplina que compunha o sistema de ensino baseado nas sete artes liberais que a Idade Média herdou da Antiguidade⁴⁸. Disciplina cuja retomada encontrava-se no centro do projeto educacional humanista⁴⁹.

A tradução latina da *Retórica* de Aristóteles no final do século XIII⁵⁰ e a descoberta do *De inventione* e do *De oratore* de Cícero e do texto integral da *Institutio oratoria* de Quintiliano⁵¹ no início do século XV foram fundamentais para a retomada dos estudos sobre

exploram o caráter humanístico da pedagogia jesuítica – ao estudo de Rensselaer Lee (LEE, Rensselaer. **Ut pictura poesis: the humanistic theory of painting**. New York: W. W. Norton & Co. Inc., 1967), responsável por estender às artes plásticas o debate incitado por Cesare Vasoli e por Basile Munteano, tendo sido este último o primeiro a pôr em evidência a importância dessa arte da persuasão para o estudo da literatura dos séculos XVII e XVIII (MUNTEANO, Basile. **Constantes dialectiques en littérature et en histoire**. Paris: Klincksieck, 1967). O ponto de partida usado por Lee para conduzir o debate sobre a retórica ao campo das artes visuais foi a máxima horaciana do *ut pictura poesis*, aproximação entre imagem e texto feita no âmbito dessa disciplina. Vd. FUMAROLI, Marc. *Retórica... op. cit.*, s/p.

⁴⁸ O esquema das sete artes liberais que dividia os conteúdos de ensino entre as disciplinas do *trivium* (gramática, retórica e dialética) e do *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia) foi elaborado durante a Antiguidade Tardia e difundiu-se no Ocidente medieval através dos escritos de autores como Marciano Capella, Cassiodoro e Isidoro de Sevilha. A partir desse esquema foram elaboradas, no século XII, novas classificações para os novos saberes. As artes liberais manteriam seu valor modelar ainda em época moderna, como revelam as discussões acerca do estatuto das artes plásticas e a organização dos conteúdos de ensino das escolas superiores.

⁴⁹ Para uma compreensão das novidades introduzidas pelas críticas humanísticas à tradição escolástica dos séculos XIV e XV, vd. VASOLI, Cesare. *La tradizione scolastica e le novità filosofiche umanistiche del tardo Trecento e del Quattrocento*. In: _____. **Le filosofie del Rinascimento**. Milano: Bruno Mondadori, 2002, p. 113-32.

⁵⁰ Nesse século, diante de novas exigências intelectuais, como a necessidade do ensino de latim e de retórica nas universidades, houve um crescimento na busca por textos latinos, o que levou tanto a uma produção de compêndios de retórica de caráter eminentemente didático quanto a um movimento de tradução das obras gregas acerca dessa disciplina. Foi nesse contexto que o dominicano francês Guillaume de Moerbeke (1215-1286) se dedicou à tradução de obras de Aristóteles, entre elas a *Retórica*. Esse tratado foi o primeiro a proporcionar uma grande sistematização teórica dos preceitos da retórica, com vista a reabilitá-la diante da filosofia. A *Retórica* de Aristóteles seria, a partir de sua tradução latina, o principal texto de referência acerca dessa disciplina que, de acordo com o Estagirita, visava persuadir o público, finalidade que poderia ser alcançada, segundo ele, por meio de três tipos de discurso – judiciário, epidítico ou deliberativo. Nessa obra, o comportamento moral (*éthos*) daquele que profere o discurso e as emoções que o mesmo deve provocar no público que o ouve (*páthos*) aparecem interligados. Vd. CORNO, Dario. *Retórica*. In: **Enciclopedia dell'Italiano** (2011), s/p. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/retorica_\(Enciclopedia-dell'Italiano\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/retorica_(Enciclopedia-dell'Italiano)/). Acesso em 04/03/2014.

⁵¹ A difusão da cultura grega no mundo ocidental, sobretudo em Roma, a partir do século II a.C. implicou na adoção da retórica, principalmente como prática educativa. De fato, inúmeros cursos de retórica foram abertos nas cidades mais importantes, nos quais eram examinadas as obras dos maiores escritores a fim de analisar suas técnicas de composição. No século I a.C. propaga-se uma tratadística acerca dessa disciplina, no âmbito da qual

retórica no renascimento, período no qual esses textos foram bastante difundidos e largamente adotados.

De acordo com o esquema retórico clássico, ao tratar de um tema, o orador deveria escolher os argumentos, dispô-los ordenadamente, eleger as palavras convenientes para expressá-los da melhor forma, memorizá-los e, por fim, proferi-los com gestos e voz apropriados⁵². Essas cinco ações correspondem respectivamente às cinco partes da retórica clássica – *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria* e *pronuntiatio* –, divisão perpetuada por Cícero em seu tratado *De inventione*⁵³.

No início da época moderna o que vemos, portanto, é uma retomada da retórica – entendida aqui no sentido *lato* herdado da retórica clássica – como máquina discursiva capaz de gerar por meio da combinação (*ars combinatoria*) todo tipo de discurso⁵⁴. Esse retorno ao estudo da retórica, cuja necessidade foi propagada pelos humanistas, foi adotado pela Companhia de Jesus com o ensino dos *studia humanitatis* nos colégios jesuítas, nos quais se estudava primeiro a retórica e depois a dialética.

Desde a criação das primeiras instituições de ensino dessa Ordem religiosa no século XVI os preceitos educacionais humanísticos estiveram presentes, ainda que combinados com elementos da tradição escolástica⁵⁵. Combinação essa que reflete a formação recebida pelos primeiros jesuítas⁵⁶.

Foi em seu percurso formativo que Inácio de Loyola entrou em contato com o humanismo renascentista, sobretudo através do *modus parisiensis*⁵⁷, que seria adotado nos futuros colégios da Companhia de Jesus. A primeira relação travada com essa maneira parisiense pelo fundador da Ordem jesuítica – bem como a de alguns de seus primeiros

se encontram as obras de Cícero e de Quintiliano. O *De inventione*, ou Primeira Retórica, escrito aproximadamente em 85 a.C., foi o primeiro texto de Cícero acerca dessa disciplina por ele considerada uma “ciência política” (**De inventione**, I, 6). A *Rhetorica ad Herennium* (86-82 a.C.), considerada a Segunda Retórica de Cícero até a segunda metade do século XV, por sua vez, era um manual de ensino da comunicação sobretudo oral que tratava particularmente das técnicas adequadas para dotar o estilo de clareza e elegância. No final do século I da era cristã Quintiliano escreveu a *Institutio oratoria*, obra dedicada ao ensino da retórica e destinada a formar “perfeitos oradores”, que, apesar de dizer respeito sobretudo ao gênero judiciário, fez as vezes de elemento de ligação entre a tradição retórica grega e as exigências da sociedade latina, fixando o modelo daquilo que hoje conhecemos como retórica clássica. Vd. CORNO, Dario. *Retorica... op. cit.*, s/p.

⁵² Idem.

⁵³ Nessa obra Cícero expôs a divisão da retórica em cinco partes, detendo-se na primeira delas, a *inventio*. Apenas cerca de trinta anos depois, no *De oratore*, ele trataria de todas as componentes da arte retórica.

⁵⁴ CORNO, Dario. *Retorica... op. cit.*, s/p.

⁵⁵ Vd. O’MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004, (p. 18, 24, 34-5).

⁵⁶ Os nove companheiros de Inácio de Loyola, associados em Paris entre 1528 e 1536 foram os espanhóis Francisco Xavier, Diego Laínez, Nicolás Bobadilla e Alfonso Salmerón, o português Simão Rodrigues e os franceses Pierre Favre, Claude Le Jay, Paschase Bröet e Jean Codure. Idem, p. 27.

⁵⁷ Entende-se por *modus parisiensis* as formas de ação, os princípios e as normas pedagógicas que regravam as instituições de ensino da cidade de Paris.

companheiros – ocorreu fora da França, em seus estudos na Universidade de Alcalá de Henares⁵⁸, cujo programa era influenciado pelo da Universidade de Paris.

A predominância da preocupação com a lógica seria sentida nessa tradicional instituição parisiense de ensino superior até o advento do humanismo⁵⁹. A retórica passou pelo mesmo processo que a gramática: a ela não foi dispensada, primeiramente, uma grande atenção, ocupando por muito tempo lugar subsidiário no ensino, mas em meio aos influxos do movimento humanista recebeu novo vigor, passando a receber destaque no programa dos colégios⁶⁰.

Assim, as disciplinas literárias ligadas à retórica que no período medieval, em que predominavam a lógica e a teologia, ocuparam posição secundária nos programas de estudo franceses, relegadas apenas às aulas de caráter extraordinário ou figurando como acessórias da filosofia, configuraram, no século XVI, um novo ramo de conhecimento: os *studia humanitatis*⁶¹. A gramática, a retórica e o estudo das línguas antigas faziam parte do ciclo de letras humanas⁶².

⁵⁸ Aqui faço referência a Diego Laínez, Alfonso Salmerón e Nicolás Bobadilla. Também estudou nessa Universidade Martín Olave, Diego de Ledesma e o proeminente Jerónimo Nadal, do qual ainda trataremos. Vd. O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas...** *op. cit.*, p. 31, 50, 55-6; MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites...** *op. cit.*, p. 15. Inácio de Loyola, após estudar gramática latina durante dois anos na escola do mestre Jerónimo Ardévol, matriculou-se, em 1526, no curso de artes ou filosofia da Universidade de Alcalá. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. I, vol. I, p. 23. Gabriel Codina Mir aponta para a importância de não exagerar a influência exercida pelo método parisiense nos colégios da Companhia de Jesus. Apesar de seu inegável papel, a maneira de Paris não foi adotada sem concessões e nisso teve parte a formação dos primeiros jesuítas na Universidade de Alcalá. Nessa instituição entrelaçava-se, além da influência parisiense, a tradição espanhola. À diferença da Universidade de Alcalá, nas universidades da Espanha, principalmente na Universidade de Salamanca, o mais comum era a adoção do modelo bolonhês, em detrimento do parisiense. Vd. MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites...** *op. cit.*, p. 18 (nota 17), 49. John O'Malley também aponta para uma transcendência, por parte da Companhia de Jesus, daquilo que se compreende por *modus parisiensis*: O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas...** *op. cit.*, p. 335-51 (p. 340-1).

⁵⁹ MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites...** *op. cit.*, p. 75-6. O debate em torno da relação entre a retórica e a dialética é bastante longo. A retórica clássica que surgiu para fazer frente aos áridos silogismos da lógica foi posteriormente questionada acerca de suas competências, tendo sido considerada por muitos – com destaque para o pensamento de Pierre de la Ramée (1515-1572) – puramente uma teoria do estilo, um ornato, à qual competia apenas a *memoria*, a *pronuntiatio* e, sobretudo, a *elocutio*. A *inventio* e a *dispositio*, por sua vez, em época moderna foram, de acordo com essa perspectiva, consideradas competências da dialética, disciplina vista como a via adequada para a discussão de temas filosóficos. Vd. CORNO, Dario. *Retorica...* *op. cit.*, s/p. Para o aprofundamento dessa questão vejam-se os estudos de VASOLI, Cesare. I tentativi umanistici cinquecenteschi di un nuovo “ordine” del sapere. In: _____. **Le filosofie del Rinascimento...** *op. cit.*, p. 398-415; GARIN, Eugenio. *Discussões sobre a retórica...* *op. cit.*; MARGOLIN, Jean-Claude. L'apogée de la rhétorique humaniste (1500-1536). In: FUMAROLI, Marc (dir.). **Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne (1450-1950)**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999, p. 191-257.

⁶⁰ MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites...** *op. cit.*, p. 77.

⁶¹ Idem, p. 82-3.

⁶² Idem, p. 73. Inácio de Loyola incluía nas “letras humanas” a gramática, a retórica, a poesia e a história. Ele expressou-se sobre esse tema ao escrever as *Constituições* da Companhia de Jesus, documento regulador aprovado em 1551 pelos seus primeiros companheiros e por experientes professores da Companhia e divulgado pelo jesuíta Jerónimo Nadal a partir do ano seguinte – em Portugal no ano de 1553 –, publicado em Roma em 1558 e enviado a todas as províncias da Ordem jesuítica em 1559. Foram feitos aperfeiçoamentos até a edição

Assim, quando Inácio de Loyola estudou no Colégio Santa Bárbara da Universidade de Paris, cidade na qual permaneceu entre os anos de 1528 e 1535⁶³ e onde conheceu alguns daqueles que seriam seus primeiros companheiros⁶⁴, ele recebeu uma educação cujo programa havia sido influenciado pelo movimento humanista e que transplantaria, em parte, para os colégios da Ordem jesuítica.

Apesar desse afluxo de concepções humanistas, é importante ter em mente que a escolástica também estava na base do *modus parisiensis*⁶⁵, sobretudo em relação ao método. O advento do humanismo no século XVI agregou novas concepções, mas não suplantou totalmente as já existentes. Assim, no método de ensino adotado em Paris e, conseqüentemente, nos colégios jesuíticos, vislumbrava-se, como já mencionado, uma mescla entre a tradição escolástica medieval e as novas concepções humanísticas. São comuns a essas instituições de ensino – colégios parisienses e colégios jesuíticos –, por exemplo, exercícios e

das *Regras* tida por definitiva, impressa em Roma em 1582. Vd. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, p. 72; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 127-32, 540 (nota 3), 570, 573; t. I, vol. II, p. 55-6, 58, 60.

⁶³ O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas... op. cit.**, p. 52. Inácio de Loyola, após sua estada em Alcalá de Henares e antes de partir para Paris, dirigiu-se, em meados de 1527, à Universidade de Salamanca. Insatisfeito devido às perseguições que sofreu nessa cidade, ele partiu para Paris, onde chegou em 02 de fevereiro de 1528 e onde permaneceria por sete anos e dois meses. Tendo optado por principiar mais uma vez pelo curso de humanidades, ele estudou primeiro um ano e meio no Colégio de Montaigu, do qual era aluno externo, e depois no Colégio Santa Bárbara – fundado em 1460 e do qual desde 1520 o português Diogo de Gouveia era o Principal –, ingressando em 01 de outubro de 1529 como pensionista estudante de filosofia. Nesse Colégio, no primeiro quartel do Quinhentos os estudantes portugueses e espanhóis começaram a ser maioria. Esses dois colégios parisienses eram, segundo Gabriel Codina Mir, os colégios de letras humanas mais renomados de então. Inácio de Loyola licenciou-se pela Universidade de Paris em 13 de março de 1533 e em 14 de março de 1534 ou 1535 recebeu o título de mestre em artes pela mesma Universidade. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 25, 27-8, 36, 46; LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, p. 04; MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. 61. O Colégio de Montaigu, fundado em 1314, tinha, desde o tempo do reinado de D. Manuel, relações com Portugal. O Colégio Santa Bárbara também mantinha relações com o reino lusitano, veja-se por exemplo as bolsas de estudo concedidas por D. João III para que seus súditos ali fossem estudar – cinquenta no ano de 1526 – e o fato de os portugueses da família Gouveia terem sido os Principais desse Colégio – Diogo de Gouveia, o velho (1520-1530), e seus sobrinhos André de Gouveia (1530-1534) e Diogo de Gouveia (1534-1540). André de Gouveia foi reitor da Universidade de Paris de 23 de junho a outubro de 1533 e Diogo de Gouveia o foi no ano de 1538. Diogo de Gouveia, o velho, chegou mesmo a pensar em estabelecer no Colégio Santa Bárbara bolsas para estudantes da Companhia de Jesus. Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 27-8 (nota 2), 47, 49 (nota 2), 52, 209.

⁶⁴ Aqui faço referência a Francisco Xavier e a Pierre Favre, com quem Inácio chegou inclusive a dividir o quarto no Colégio Santa Bárbara. Todos aqueles que seriam os primeiros jesuítas, na verdade, haviam feito estudos em Paris em algum momento de sua formação acadêmica e foi nessa cidade que eles se associaram, entre os anos de 1528 e de 1536, todos possuindo o grau de mestre de Artes da Universidade, adquiridos sobretudo no ano de 1536. Simão Rodrigues, o único português dentre os primeiros jesuítas, foi enviado a Paris para estudar com patrocínio de D. João III. Dois jesuítas bastante proeminentes na primeira geração da Companhia de Jesus – os espanhóis Juan de Polanco e Jerónimo Nadal – também fizeram estudos na Universidade de Paris. Vd. O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas... op. cit.**, p. 27-8, 31, 58; MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. 258; LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, p. 04-5; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 25-37, 43.

⁶⁵ MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. 109, 149.

práticas escolares de marcado caráter escolástico, como *praelectio*, *expositio* (*lectio*), *quaestiones*, *disputatio*, *reddere lectiones*, *redditio*, *recitatio*, *compositio*⁶⁶.

De fato, esses elementos estão presentes de maneira bastante explícita na *Ratio atque institutio studiorum Societatis Iesu*, conjunto oficial de normas elaborado com a finalidade de unificar e sistematizar o programa e o método de ensino nas instituições da Companhia de Jesus. Para que os alunos assimilassem o conteúdo de maneira satisfatória o professor deveria partir da leitura de um livro previamente determinado e comentado (*lectio*) e explicá-lo (*praelectio*). Os alunos deveriam repetir oralmente o que foi ensinado a fim de demonstrarem que se apropriaram do conteúdo lecionado (*repetitio*), sendo, depois, submetidos a uma disputa (*disputatio*) a partir de questões (*quaestiones*), no caso das classes de teologia e filosofia, ou a uma concertação (*concertatio*), adaptação das disputas para as classes inferiores de gramática e humanidades⁶⁷. Finalmente, deveriam os estudantes elaborar composições (*compositio*).

Os colégios jesuíticos, ministério de grande importância para a Companhia de Jesus⁶⁸, todavia, antecedem a publicação da *Ratio studiorum*. Logo após a fundação oficial dessa Ordem religiosa, através da bula papal *Regimini militantes ecclesiae* assinada em 1540 pelo papa Paulo III, houve a preocupação com a formação daqueles que nela ingressassem. Nos primeiros anos, os colégios jesuítas destinavam-se apenas aos jovens da Companhia de Jesus, estavam atrelados a universidades e serviam de fato como residência, já que neles não eram ministrados cursos, devendo o estudante buscá-los em universidades ou colégios. No entanto, essa realidade mudaria ainda em sua primeira década de existência⁶⁹.

⁶⁶ Vd. Idem, p. 109-31.

⁶⁷ Vd. a nota de Margarida Miranda ao parágrafo 31 das Regras Comuns aos Professores das Classes Inferiores (XV.31): **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus [1599]. Regime escolar e currículo de estudos**. Lisboa: Esfera do Caos, 2009, (p. 190, nota 6). A indicação entre parênteses é alusiva ao número do referente tópico e parágrafo conforme essa edição portuguesa da *Ratio studiorum* de 1599 feita por Margarida Miranda.

⁶⁸ Francisco Rodrigues aponta a educação da juventude nas letras e ciências como um dos três campos de ação espiritual da Companhia de Jesus, ao lado do ministério sagrado que buscava a perfeição do homem e da evangelização dos infiéis. No *Instituto* da Companhia ficava determinado um compromisso dos membros da Ordem com o ensino da doutrina cristã: o jesuíta deveria ensiná-la a meninos durante quarenta dias por ano. No primeiro e no terceiro dos cinco capítulos desse documento fundacional ressaltava-se o papel do jesuíta em ensinar as verdades cristãs a meninos e rudes. A ereção de colégios pela Ordem jesuítica foi autorizada pelo papa Paulo III na bula de confirmação da Companhia de Jesus. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. XLII, 98, 111, 420-1.

⁶⁹ Nesse primeiro momento foram fundados colégios em Paris, ainda em 1540; em Coimbra, Pádua e Louvain em 1542; e em Alcalá, Valência e Colônia em 1544. MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. 256.

Em 1556, em ocasião da morte de Inácio de Loyola, já havia mais de 35 colégios sob a direção da Companhia de Jesus⁷⁰ e a fundação de outros 6 já havia sido aprovada⁷¹. Em 1579, contavam-se 180 dessas instituições na Europa e 18 nos domínios de além-mar⁷². Em 1600, eram mais de 200 os colégios em que os jesuítas estavam à frente⁷³; em 1608, eram 266⁷⁴ e em 1616 a Companhia conduzia 372 dessas instituições voltadas para a educação nas Assistências da Ordem jesuítica⁷⁵. Em 1679 passavam de 450 os colégios jesuíticos europeus⁷⁶ e em 1710 o número desses colégios já havia chegado à marca de 517 na Europa e 95 estavam espalhados pela América, Ásia e África⁷⁷.

O jesuíta Jerónimo Nadal (1507-1580)⁷⁸ esteve à frente do processo de organização que culminou na fundação do Colégio de San Nicolò em Messina no ano de 1548, sendo,

⁷⁰ RIBEIRO, Marília de Azambuja. Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico em Portugal e seu império (séculos XVI-XVIII). *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*, n. 27-2, p. 192-205, 2009, (p. 194). Margarida Miranda afirma terem sido apenas 35. MIRANDA, Margarida. *Ratio Studiorum: Uma nova hierarquia de saberes*. In: **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 17-36, (p. 23). Francisco Rodrigues, por sua vez, aponta 49 dessas instituições de ensino da Companhia de Jesus fundadas ainda em vida de Inácio de Loyola: 15 na Itália, 4 na Sicília, 2 na França, 4 na Alemanha, 16 na Espanha, 3 em Portugal, 3 na Índia e 2 que iam se formando no Brasil. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 125.

⁷¹ Vd. MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa. Uma ‘comunidade pedagógica europeia’. *Hvmanitas*, vol. LIII, p. 83-111, 2001, (p. 97).

⁷² Idem, p. 99 (nota 24).

⁷³ Grande foi a contribuição de Ladislav Lukács para a estimativa dessas cifras. Seus estudos da década de 1960 foram utilizados, por exemplo, por Dominique Julia e por Luce Giard que, no entanto, chegaram a números díspares em relação aos colégios jesuíticos existentes em 1600, provavelmente por terem adotado critérios diferentes. Julia refere-se a 200 colégios europeus voltados para externos e Giard, também a partir de Lukács, aponta o número de 236 colégios da Companhia de Jesus existentes nesse mesmo ano. JULIA, Dominique. *L’élaboration de la Ratio studiorum*, 1548-1594. In: **Ratio studiorum. Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus**. Édition bilingue latin-français. Présentée par Adrien Demoustier et Dominique Julia. Traduite par Léone Albrieux et Dolorès Pralon-Julia. Annotée et commentée par Marie-Madeleine Compère. Paris: Belin, 1997, p. 29-69 (p. 44); GIARD, Luce. *Le devoir d’intelligence... op. cit.*, p. XIII. Vd. LUKÁCS, Ladislav. *De origine collegiorum externorum deque controversis circa eorum paupertatum obortis 1539-1608*. *AHSI*, t. 31, p. 03-89, 1961.

⁷⁴ MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa... *op. cit.*, p. 99.

⁷⁵ HAMY, Alfred. **Documents pour servir à l’histoire des domiciles de la Compagnie de Jésus dans le monde entier de 1540 à 1773**. Paris: Alphonse Picard, 1892, p. 96. Referido em JULIA, Dominique. *L’élaboration de la Ratio studiorum... op. cit.*, p. 44.

⁷⁶ Eram, provavelmente, 455 ou 465 colégios. Margarida Miranda, referenciando o arquivista da Companhia de Jesus nesse período, o Pe. Fillippo Buonanni, aponta que esses colégios estavam geograficamente divididos da seguinte maneira: 122 na Itália, 84 na França, 81 na Espanha, 51 nos territórios da Alemanha, 37 na Bélgica, 24 na Boêmia, 21 na Áustria, 17 na Polônia, 15 na Lituânia e 13 em Portugal, totalizando 465 e não 455, como ela mesma afirma. MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa... *op. cit.*, p. 99.

⁷⁷ Idem. Os números que encontramos referentes às instituições jesuíticas baseiam-se sobretudo nos estudos de Ladislav Lukács e de Edmond Lamalle. Margarida Miranda chama a atenção para o fato de nos artigos de Lukács o número dizer respeito apenas aos colégios jesuíticos. No de Lamalle, por sua vez, é contabilizado todo tipo de casas da Companhia de Jesus. Os textos em questão são: LUKÁCS, Ladislav. *De origine collegiorum externorum... op. cit.*; _____. *De graduum diversitate inter sacerdotes in Societate Iesu*, *AHSI*, t. 37, p. 237-316, 1968; LAMALLE, Edmond. *Les Catalogues des provinces et des domiciles de la Compagnie de Jésus*. Notes de bibliographie et de statistique. *AHSI*, 13, p. 77-101, 1944. Vd. MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa... *op. cit.*, p. 99 (nota 25).

⁷⁸ Jerónimo Nadal nasceu em Palma de Maiorca em 1507. De família próspera, fez seus estudos na Universidade de Alcalá (1526-1527) – onde conheceu Inácio de Loyola, Alfonso Salmerón, Nicolás Bobadilla e Diego Lafnez

portanto, o principal responsável⁷⁹ pela implantação pela primeira vez do *modus parisiensis* num colégio jesuítico⁸⁰ e pela elaboração dos primeiros programas dessa instituição siciliana, que serviria como protótipo para os colégios da Companhia de Jesus⁸¹.

Nesse colégio, voltado também para estudantes não jesuítas⁸², ensinava-se filosofia aristotélica – ética e dialética –, casos de consciência, teologia escolástica e as línguas latina,

– e na Universidade de Paris (1532-1536), onde os reencontrou. Nadal, no entanto, não se afiliou a Inácio de Loyola e abraçou a “causa jesuítica” assim que o conheceu. Antes disso ordenou-se sacerdote e doutorou-se em teologia na Universidade de Avignon. Apenas em 29 de novembro de 1545 Nadal ingressou na Ordem inaciana em Roma. Além de estar à frente da empreitada do Colégio de Messina, da qual trataremos em seguida, Nadal ocupou posição de destaque na Companhia, tendo sido encarregado por Juan de Polanco, secretário da Ordem jesuítica, da promulgação das *Constituições* da Companhia de Jesus a partir de 1552 (vd. *supra* nota 62). Foi Provincial da Sicília (1551), Comissário do Geral da Companhia (1553-1554), Vigário Geral de Inácio de Loyola em toda a Companhia (1554), teólogo do legado pontifical de Morone na Dieta de Augsburg (1555), Comissário Geral da Itália, Áustria e outras regiões (1555), Superintendente do Colégio Romano (1557), Assistente da França e da Alemanha (1558), Comissário Geral de Espanha, França, Alemanha e Itália (1560), teólogo no Concílio de Trento (1562), Visitador de Espanha, Portugal, França e Províncias do Norte (1561-1563), Assistente da Alemanha superior e da Áustria (1564), Assistente da Espanha (1568) e Vigário Geral de toda a Ordem (1571). Após a morte de Inácio de Loyola, Nadal prestou importante auxílio na organização da primeira Congregação da Companhia de Jesus, ocorrida devido à necessidade de eleição de um novo Geral para a Ordem. Jerónimo Nadal morreu em Roma no dia 03 de abril de 1580. Vd. O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas... op. cit.**, p. 31; MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. XI-XII, 15-7, 51, 337-43; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 130-1; t. I, vol. II, p. 206-7 (nota 5), 250; **Diccionario de espiritualidad inaciana**. Bilbao, Santander: Ediciones Mensajero, Editorial Sal Terrae, 2007, 2 vols., (vol. II, p. 1315-9, verbete “Jerónimo Nadal”). Vd. ainda JURADO, Manuel Ruiz. *Cronología de la vida del P. Jerónimo Nadal S.J. (1507-1580)*. **AHSI**, 48, p. 248-76, 1979.

⁷⁹ Além de Jerónimo Nadal, que permaneceria em Messina de 1548 a 1553, outros nove companheiros partiram para essa cidade com a missão de fundar o colégio: Pietro Canisio, André des Freux, Cornelius Wischaven, Martin Mare, Hannibal du Coudret, Isidoro Bellini, Benedetto Palmio, Rafael Riera e Giovanni Battista Passarino. Vd. MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. 262-3, 273.

⁸⁰ O documento escrito por Inácio de Loyola aos estudantes de Pádua em 1546 contendo indicações sobre o método a ser adotado pode ser considerado, na verdade, o primeiro testemunho de constituições a serem seguidas num colégio da Companhia de Jesus. Nesse conjunto de diretrizes já se entrevia a adoção do *modus parisiensis*, embora de maneira ainda rudimentar. A opção definitiva e oficial pela maneira de Paris foi feita, de fato, no Colégio de Messina, sob as orientações de Jerónimo Nadal. MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. XI, 260-1.

⁸¹ Vd. Idem, p. 52, 262-4, 336.

⁸² O primeiro colégio jesuítico aberto a alunos externos, ou seja, não pertencentes à Ordem, foi o de Gandia (1546). Tendo solicitado ao papa Paulo III em 1544 a destinação de verba para a fundação de um colégio, o Duque de Gandia, Francisco de Borja, pretendia que os jesuítas abrissem um colégio nesse município onde não havia nenhuma universidade e que não ensinassem exclusivamente aos novos membros da Companhia de Jesus, acatando a matrícula também de estudantes externos, ao que Inácio de Loyola respondeu favoravelmente. Três anos antes da fundação desse colégio valenciano alguns jesuítas ensinaram no Seminário de Goa. No entanto, apenas com a fundação do Colégio de Messina a mudança do público estudantil – antes restrito apenas aos jesuítas – atingiu, de fato, um alcance e resultado satisfatórios, constituindo a primeira instituição educacional jesuítica voltada para o ensino da juventude de modo geral. Vd. Idem, p. 257; RIBEIRO, Marília de Azambuja. **Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico... op. cit.**, p. 193-4. O ensino ofertado pela Companhia de Jesus aos estudantes externos é referido em muitos estudos como a solução encontrada para suprir a carência educacional diante da crescente demanda social. Vd., por exemplo, DEMOUSTIER, Adrien. *Les jésuites et l'enseignement à la fin du XVI^e siècle*. In: **Ratio studiorum. Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus... op. cit.**, p. 12-28; MIRANDA, Margarida. *Humanismo jesuítico e identidade da Europa... op. cit.*, (p. 98-9).

grega e hebraica⁸³. O ensino da gramática latina, feito através de muitos exercícios práticos, dividia-se em três classes progressivas. Na primeira, aprendia-se os fundamentos para escrever e falar em latim; na segunda, a falar e escrever “com ornamento”, servindo-se para tanto da leitura de “livros elegantes” e de “autores eloquentes”; e na terceira, de retórica, a partir de *auctoritates* como Quintiliano e Cícero se estudava a arte oratória⁸⁴.

Na prática, o que prevaleceu, tanto no Colégio de Messina quanto nos demais colégios jesuíticos, foi um esquema de cinco classes de letras humanas⁸⁵ e não de três: três de gramática, nas quais se aprendiam os fundamentos⁸⁶, uma de humanidades, intermediária, em que se preparava o estudante para a última classe⁸⁷, a de retórica⁸⁸, que coroava os saberes

⁸³ Ademais, aulas de Sagrada Escritura foram ministradas por Nadal. MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. 265.

⁸⁴ Idem, p. 265-6.

⁸⁵ Os colégios jesuíticos com cinco classes de letras em que se ensinava latim, grego e hebraico e nos quais o último grau era o estudo da retórica são conhecidos como “trilíngues”. Geralmente ofereciam também aulas de casos de consciência. O Colégio de Messina foi o protótipo para esses colégios menores que não se tornaram universidades. Vd. Idem, p. 292-3. O número das classes inferiores é especificado nas Regras para o Provincial (I.21.2) e nas Regras para o Prefeito de Estudos Inferiores (XII.8.1, 12) da *Ratio studiorum*. Nestas últimas aponta-se ainda para a possibilidade de existência de colégios com apenas quatro, três ou duas classes, bem como para sua reorganização (XII.8.5-8.8). Vd. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 68, 150, 152, 154; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 571-2. A variação no número de classes dependia de circunstâncias tais como a quantidade de alunos matriculados ou a diferença de níveis entre os estudantes. MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. 296.

⁸⁶ Na classe inferior aprendiam-se os rudimentos da gramática e iniciava-se o estudo da sintaxe. Na classe intermédia, os estudantes deveriam conhecer completamente a gramática, “mas não de modo exaustivo”. O programa da classe superior, esse sim, compreendia o “conhecimento completo da gramática”, fazendo-se uma revisão total da sintaxe. Vd. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 218 (XVIII.1), 224 (XIX.1), 230 (XX.1).

⁸⁷ O fim último da classe de humanidades era “preparar o terreno para a eloquência”, o que era feito através das seguintes vias: “o conhecimento da língua, uma certa erudição e uma breve informação sobre os preceitos da retórica”. Vd. Idem, p. 210 (XVII.1).

⁸⁸ A duração do curso de retórica não era fixa, podendo variar de acordo com o parecer do Superior. Aos alunos jesuítas, salvo algumas exceções, no entanto, estabelecia-se o estudo de retórica por um ano ou um biênio antes do ingresso no curso de filosofia. O estudo da retórica podia ainda ser prolongado por mais um triênio se o estudante se mostrasse especialmente apto, a fim de adquirir bases mais sólidas. Quanto aos alunos externos, deveria-se tentar persuadi-los, e a sua família, da importância do estudo da retórica durante um ano antes do estudo da filosofia. Para esses alunos, no entanto, essa medida não era obrigatória. Vd. Idem, 64 (I.18), 82, 84 (II.12).

literários⁸⁹. Os colégios que limitavam-se ao ensino dessas disciplinas “inferiores”⁹⁰ foram predominantes nos primeiros anos de funcionamento dos colégios jesuíticos⁹¹.

Para fazer com que a missão a ele confiada de implantar o Colégio de Messina tivesse êxito, Jerónimo Nadal precisava de imediato estabelecer regras e constituições que o regessem. Nesse mesmo momento em Roma preparava-se uma Constituição geral comum a todos os colégios da Companhia de Jesus. Diante da urgência de Nadal foi-lhe concedido por Inácio de Loyola o aval para que escrevesse as Constituições do Colégio de Messina, publicadas ainda no ano de 1548⁹², que serviriam de base para as Regras do Colégio Romano escritas em 1551 pelo secretário Juan de Polanco⁹³ e, a partir daí, para a regulamentação de todos os colégios da Companhia de Jesus⁹⁴. Essas Constituições abrangiam dois pontos principais: a piedade e os bons costumes dos estudantes, por um lado; o programa e o método de estudos, por outro⁹⁵. A educação intelectual e a educação moral estavam intrinsecamente ligadas⁹⁶.

⁸⁹ A ideia de que a retórica coroa os estudos é bastante antiga, remontando à *paideia* helenística desde o tempo de Isócrates, que seria herdada pelo mundo romano. MIRANDA, Margarida. *Ratio Studiorum*: Uma nova hierarquia de saberes... *op. cit.*, p. 18.

⁹⁰ As *Constituições* da Companhia de Jesus previam dois tipos de instituição educacional: o colégio e a universidade. Ao primeiro estavam destinadas as disciplinas “inferiores” – línguas, letras humanas, doutrina cristã e, em alguns casos, o estudo de casos de consciência. À universidade, além dessas, caberia o ensino das matérias “superiores” – teologia, dialética, filosofia e matemática. Primeiro o estudante deveria adquirir sólido fundamento nas letras humanas, depois viria a filosofia e as ciências naturais, para só então vir a teologia e as ciências que a acompanham. Vd. O’MALLEY, John W. *Os primeiros jesuítas... op. cit.*, p. 336; RODRIGUES, Francisco. *História da Companhia de Jesus... op. cit.*, t. I, vol. I, p. 571.

⁹¹ Para ingressar num dos colégios da Companhia de Jesus o candidato já deveria ter uma sólida instrução. Vd. **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum... op. cit.***, p. 154 (XII.11). A necessidade de alfabetização prévia, antes de ser admitido num colégio jesuítico, foi determinada por Inácio de Loyola em 1551. As *Constituições* da Companhia ratificavam essa conduta ao estabelecerem que seus membros ordinariamente não alfabetizariam os meninos. O’MALLEY, John W. *Os primeiros jesuítas... op. cit.*, p. 330. Apesar disso, houve escola de ler e escrever em diversos colégios jesuíticos da Assistência portuguesa, como o das Artes de Coimbra, o de Évora, o de Braga, o de Bragança, o do Porto, o de Setúbal, o de Beja, o da Alfama em Lisboa, o de Angola e o de São Salvador (Congo). Ainda “exceção” a essa regra, exemplo portanto “extraordinário”, foi o que ocorreu na América portuguesa no século XVI, talvez porque nessas terras, nesse primeiro momento, o principal fim para o qual os jesuítas estavam voltados era o da conversão do gentio. Houve escolas de ler e escrever, por exemplo, nos colégios da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Pará.

⁹² MIR, Gabriel Codina. *Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.*, p. 268.

⁹³ Em 1551, Hannibal du Coudret, professor de humanidades do Colégio de Messina, foi o responsável por escrever, devido à ausência de Jerónimo Nadal, uma carta ao recém fundado Colégio Romano explicando o método e o programa de estudos adotados na instituição siciliana. Vd. MIR, Gabriel Codina. *Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.*, p. 270.

⁹⁴ Vd. *Idem*, p. XI, 270-3. Foi também devido a um caráter emergencial que o Pe. Simão Rodrigues compôs, nos meses de maio e junho de 1545, regras para o Colégio de Jesus de Coimbra, antes, portanto, da publicação das *Constituições* da Companhia de Jesus, existindo antes disso, desde 1542, um plano de instrução para esse colégio. O trabalho de Simão Rodrigues foi bem aceito e muitas de suas regras, de acordo com Francisco Rodrigues, foram incorporadas nessas Regras gerais da Ordem, que receberam edição portuguesa em 1582. Vd. RODRIGUES, Francisco. *História da Companhia de Jesus... op. cit.*, t. I, vol. I, p. 538-44, 574.

⁹⁵ Vale ressaltar que nas Declarações do Proêmio das *Constituições* da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola referiu-se às letras como uma forma de ajudar o próximo.

⁹⁶ De acordo com Francisco Rodrigues um liame estreito unia essas duas educações – intelectual e moral – e essa última não era separada do sistema: era a alma vivificadora de todo ele. RODRIGUES, Francisco. **A formação**

1. 2. Formação “em letras e virtude”, promoção da *pietas* e finalidades da arte da persuasão e do bom discurso

Juntamente à grande influência do humanismo no método e no programa, nos colégios jesuíticos se percebe um elemento comumente presente na educação quinhentista: o cultivo da *pietas*. Era com o intuito de promovê-la que os colégios da Companhia estavam orientados⁹⁷, fazendo eco à ligação entre *virtus et bonae litterae*, ou seja, à crença de que a boa literatura conduzia à virtude⁹⁸. Nas Regras comuns aos Professores das Classes Inferiores, da *Ratio studiorum* de 1599, logo no primeiro parágrafo é definida a finalidade da educação dos jovens, que deveria ser feita “de forma que eles possam ir aprendendo, juntamente com as letras, também os costumes próprios do bom cristão”⁹⁹.

Os colégios possuíam um grande potencial pastoral e serviam ainda como instrumento de conversão e confirmação da fé, configurando um meio eficaz de evangelização e modo de “ajudar as almas”¹⁰⁰.

intelectual do jesuíta. Porto: Livraria Magalhães e Moniz, 1917, p. 129 *apud* _____. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. II, vol. II, p. 24-5.

⁹⁷ Já na *Fórmula*, documento anterior às *Constituições* da Companhia de Jesus que sistematizou ideais e regras da Ordem, Jerónimo Nadal apontou a promoção da *pietas* como a razão de ser dos colégios jesuíticos. Podemos citar como práticas de promoção da piedade nesses colégios as pregações, festas, administração dos sacramentos, apaziguamento de desavenças, visitas aos hospitalizados e prisioneiros e socorro aos pobres. Essas obras de misericórdia, assim como os ministérios para prostitutas e órfãos, eram características da ação jesuítica. Vd. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. VI, p. 19, 403, 471; O’MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas... op. cit.**, p.179, 259-312.

⁹⁸ Vd. MIRANDA, Margarida. *Ratio Studiorum*: Uma nova hierarquia de saberes... *op. cit.*, p. 22, 27-8; MARGOLIN, Jean-Claude. L’apogée de la rhétorique humaniste... *op. cit.*, p. 248. Nas *Constituições* é expressa a intenção de Inácio de Loyola de que os membros da Companhia de Jesus fossem insígnies em doutrina e em virtude e, de acordo com Júlio III na bula papal *Exposcit debitum* de 1550, era necessário que eles fossem homens conspícuos pelas letras e santidade de vida. Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 569. Na *Ratio* a proximidade entre estudo e virtude pode ser percebida, por exemplo, nas Regras para o Prefeito de Estudos Inferiores, onde fica estabelecido que os colégios devem promover a progressão dos estudantes tanto em retidão de vida quanto nas artes liberais (XII.1). A primeira das Regras para os Alunos Externos à Companhia (XXIV.1) voltava-se justamente à questão da “piedade unida ao saber”, devendo esses estudantes estar conscientes, ao ingressarem num colégio da Ordem jesuítica, de que ali cuidariam “tanto da sua formação nas artes liberais como na piedade e nas restantes virtudes”. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 148, 246. Esse fim formativo duplo, em letras e virtude, originou até mesmo uma fórmula que iria se popularizar na Companhia de Jesus como forma de elogio àquele que tivesse essas duas faculdades bem desenvolvidas. Naturalmente, houve desequilíbrio nessa dicotomia, ora pra um, ora pra outro lado.

⁹⁹ Idem, p. 178 (XV.1).

¹⁰⁰ Vd. O’MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas... op. cit.**, p. 322, 324; DEMOUSTIER, Adrien. Les jésuites et l’enseignement... *op. cit.*, p. 17. Promover a salvação das almas sempre foi um objetivo declarado da Companhia de Jesus. Também a educação em letras e ciências perseguida pelos jesuítas tinha por finalidade explícita e de grandeza maior ajudar o próximo a encontrar o caminho da salvação. Em carta que Inácio de Loyola mandou escrever aos membros da Companhia de Jesus da província de Portugal enviada pouco antes da publicação das *Constituições* da Ordem, por exemplo, lemos: “*Quanto á letras, á vna mano quiere que todos se funden bien en la gramática y letras de humanidad, en especial si ayuda la edad y inclinación. Después ningún género de doctrina aprobada desecha, ni poesía, ni rhetórica, ni lógica, ni philosophía natural, ni moral, ni metaphísica, ni matemáticas, en special (como dixe) en los que tienen edad y aptitud, porque de todas las*

Assim como todos os outros estudos, o das letras humanas voltava-se para o mesmo fim: a teologia¹⁰¹. Os estudantes deviam ser moralizados, piedosos, exercer uma vida religiosa¹⁰², ter “bons costumes”. Os jesuítas deviam se preparar para “pescar almas” e para tanto era de capital importância adequar o discurso – peça chave dos ministérios jesuíticos – a fim de obter os melhores resultados¹⁰³.

Inácio de Loyola, ao desejar que os membros da Companhia de Jesus fossem doutos em latim, grego e hebraico – conhecimentos indispensáveis para o estudo da Sagrada Escritura –, bem como em gramática e humanidades, acreditava serem os estudos literários necessários para dotar o jesuíta de uma facilidade e capacidade de expressar-se e fazer-se compreender com clareza. Essa formação tinha pois caráter científico e apostólico, já que permitia o estudo dos textos sagrados nos idiomas originais e permitia ao pregador uma melhor desenvoltura na transmissão da mensagem cristã e, portanto, na captação de fiéis¹⁰⁴.

A importância da eloquência para comover o público anunciada pelos humanistas era bastante atraente aos intentos da Companhia de Jesus. *Docere, commovere e delectare* eram, como havia postulado Cícero, as três finalidades de um discurso: um bom sermão, na concepção dos jesuítas, deveria ensinar, agradar e principalmente mover. O ministério jesuítico da educação preparava, assim, os membros da Ordem para um outro importante ministério: o da pregação. A arte da oratória ligava-se de maneira inextricável à arte da persuasão e a melhor forma de aprendê-las era o estudo dos clássicos gregos e latinos.

armas posibles para la edificación huelga de ver proueyda la Compañía, con estar, los que las tienen, dispuestos para vsar ó no vsar dellas como se juzgare conuenir”. **Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta. Series Prima. Sancti Ignatii de Loyola Societatis Jesu fundatoris. Epistolae et Instructiones**, Tomus Tertius. Matriti: Typis Gabrielis Lopez del Horno, 1905, (p. 502).

¹⁰¹ MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.**, p. 284-7. Nas Regras para o Professor de Filosofia estabelecidas na *Ratio studiorum*, a predisposição intelectual para a teologia tanto das artes liberais quanto das ciências naturais é explícita, assim como a contribuição dessas artes e ciências para o perfeito conhecimento e para a aplicação prática da teologia. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 132 (IX.1).

¹⁰² Exemplo disso é a introdução da Congregação de Nossa Senhora da Anunciação prevista pela *Ratio studiorum*, que visava justamente a formação espiritual dos estudantes, o cultivo da piedade e das letras. Ademais, eram previstas e incentivadas pela *Ratio studiorum* práticas religiosas tais como missas, pregações, confissão, rezar antes das aulas, ensino de doutrina cristã, exortação espiritual ou explicação da doutrina, colóquios espirituais, ladainhas e devoções à Nossa Senhora e leitura espiritual. Previa-se ainda, para os sábados, a explicação e repetição do catecismo ou uma “pia exortação”. Vd. Idem, p. 88 (II.23), 102 (IV.1-3), 168 (XII.45-6), 178, 180 (XV.6-9), 220 (XVIII.2), 226 (XIX.2), 232 (XX.2), 236 (XXI.1), 254 (XXVI.1).

¹⁰³ O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas... op. cit.**, p. 557.

¹⁰⁴ Essa defesa dos estudos literários foi feita numa carta escrita em 1547 pelo secretário Juan de Polanco *ex commissione* de Inácio de Loyola endereçada ao Pe. Diego Laínez e numa outra, de 01 de junho de 1551, escrita por Polanco e que tinha por destinatário o reitor do Colégio de Coimbra. Vd. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu. Nova editio ex integro refecta (1540-1556)**, vol. I. Romae: Apud Monumenta Historica Soc. Iesu, 1965, p. 366-73; **Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta. Series Prima. Sancti Ignatii de Loyola Societatis Jesu fundatoris. Epistolae et Instructiones**, Tomus Primus. Matriti: Typis Gabrielis Lopez del Horno, 1903, (p. 519-26).

Naturalmente, as ferramentas fornecidas pela retórica para persuadir determinado público eram utilizadas tanto para fazê-lo apoiar uma ideia política quanto para fazê-lo crer numa mensagem cristã. Afinal, sermões são discursos e todo discurso pretende transmitir e comunicar algo a alguém, convencendo seja da Verdade, seja do verossímil ou da verdade de um certo grupo num determinado momento. Através das palavras corretas, da entonação, da adaptação aos ouvintes, os jesuítas ensinavam, se posicionavam politicamente e moralizavam.

As composições feitas pelos estudantes dos colégios jesuíticos consistiam, na medida do possível, na imitação de Cícero¹⁰⁵. Além disso, os estudantes deveriam treinar “a voz, o gesto e toda a sua actuação com a maior dignidade”¹⁰⁶. Ao tecer comentários sobre um orador, ao explicar um discurso ou poema, o professor de retórica deveria, além de ponderar a propriedade, elegância, ritmo e riqueza do vocabulário, examinar a técnica retórica nas partes da *inventio*, *dispositio* e *elocutio*¹⁰⁷ e observar “a que lugares [o orador] vai colher os seus argumentos para persuadir, para aperfeiçoar o seu discurso e para comover”¹⁰⁸.

O estudo dos clássicos foi justificado tanto pelo conteúdo ético desses escritos quanto pela necessidade de cultivar um estilo agradável e persuasivo¹⁰⁹ através do qual se deveria transmitir conhecimentos e ideias. O ensino da retórica clássica nas instituições jesuíticas estava ligado, portanto, além da filiação com o movimento humanista, a uma função pastoral, a uma retórica cristã que auxiliava nos ministérios da palavra, seja na catequese, seja nos sermões, seja nas preleções, conversações e correspondências epistolares. Ornamento e utilidade estavam pois estreitamente ligados, como era explicitado na *Ratio*. Através da retórica podia-se melhor comunicar e persuadir, finalidades importantes, sobretudo no período de reformas protestante e católica¹¹⁰.

Assim, por paradoxal que possa parecer, nos colégios da Companhia foram adotados textos de *auctoritates* pagãs greco-romanas, bem como o eram nos colégios parisienses e em tantas outras instituições de ensino de então, como modelo de excelência para a produção de discursos persuasivos e com a finalidade de inculcar nos estudantes o conteúdo moral neles

¹⁰⁵ Vd. **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 188 (XV.30), 222 (XVIII.6, 10), 226 (XIX.7), 228 (XIX.10).

¹⁰⁶ Idem, p. 190 (XV.32).

¹⁰⁷ Como vimos, essas eram apenas as três primeiras das cinco partes da retórica clássica elencadas por Cícero em seu tratado *De inventione*. A preocupação com as outras duas, *memoria* e *pronuntiatio*, também são latentes na *Ratio studiorum*, como por exemplo, nas previstas repetições “de cor” de lições ou obras inteiras, na preocupação com a voz e com o ritmo e nas declamações públicas e privadas.

¹⁰⁸ **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 204 (XVI.8).

¹⁰⁹ O’MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas...** op. cit., p. 399.

¹¹⁰ Vd. BATTISTINI, Andrea. I manuali di retorica dei gesuiti. In: BRIZZI, Gian Paolo (a cura di). **La «Ratio studiorum». Modelli culturali e pratiche educative dei Gesuiti in Italia tra Cinque e Seicento**. Roma: Bulzoni Editore, 1981, p. 77-120, (p. 79).

presente, não sem que fossem feitos expurgos e seleção dos trechos considerados mais adequados e livres daquilo que fosse tido por avesso aos princípios da fé cristã¹¹¹. Jerônimo Nadal exigiu que a *pietas* fosse encontrada em todos os escritos estudados nas instituições educacionais jesuíticas, inclusive nos dos autores clássicos pagãos¹¹², que deveriam ser adaptados para deles serem extraídos os conteúdos espirituais dos temas tratados¹¹³.

Seguindo as asseverações de Cícero e Quintiliano, acreditava-se que a formação de um orador equivalia à formação de um homem total, completo, preparado para a vida cívica¹¹⁴. Assim, os jesuítas, como mencionamos, compartilhavam com os humanistas a ideia de que a boa literatura tornava o homem mais virtuoso e a sua vida, mais digna e útil à esfera pública¹¹⁵. Os *studia humanitatis* contribuiriam, assim, para o desenvolvimento do homem,

¹¹¹ As seleções, adaptações, expurgos e supressões dos clássicos são previstos pela *Ratio studiorum*, por exemplo, num parágrafo das Regras para o Provincial acerca dos “livros desonestos a evitar” (I.34), nas Regras para o Professor de Retórica (XVI.13) quando se refere à exclusividade da utilização de autores antigos e clássicos – “desde que sejam expurgados” – para feitura de preleções de grego e ainda nas Regras para o Professor de Humanidades (XVII.1) e nas Regras para o Professor da Classe Superior de Gramática (XVIII.1). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 76, 206, 210, 218. A necessidade de expurgar os clássicos expressa na *Ratio*, de acordo com Margarida Miranda, advinha da prescrição de Inácio de Loyola presente numa carta por ele escrita em 1549 (**Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta. Series Prima. Sancti Ignatii de Loyola Societatis Jesu fundatoris. Epistolae et Instructiones**, Tomus Secundus. Matriti: Typis Gabrielis Lopez del Horno, 1904, (p. 445-7)). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 74 (nota 12). Nas *Constituições* da Companhia de Jesus, seu fundador ordenava: “nos livros pagãos de letras humanas nada se explique que não seja conforme a honestidade” e mesmo as obras de autor cristão não deviam ser lidas se ele fosse “mau”, para que não se afeiçoassem a ele (**Constituições**, P. IV, C. V, E) *apud* RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** op. cit., t. I, vol. II, p. 453. O *Index librorum prohibitorum* publicado em Roma no início de 1559 foi impresso em Coimbra nesse mesmo ano. Aos 30 de janeiro foi concedida uma licença pontifícia aos religiosos da Companhia de Jesus, permitindo-lhes reterem algumas das obras inscritas nesse *Index*, fazerem os expurgos necessários e fornecê-las a seus discípulos. Em 1561 Jerônimo Nadal, então Visitador da Província portuguesa, ordenou que fossem feitos expurgos nas Seletas de autores. O Pe. Cipriano Suárez ficou encarregado do expurgo de matérias profanas contidas nos livros gentílicos. Nos anos seguintes foram impressos, depois de feitos os devidos expurgos, livros com seleções de trechos de prosa ou poesia latinas para serem utilizados nos colégios: extirpados de tudo aquilo que fosse tido por desonesto, lascivo e indecente para que não se corrompessem os bons costumes. Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** op. cit., t. I, vol. II, 452-4 (p. 454); t. II, vol. II, p. 57-60. Para um aprofundamento da questão do ensino de textos de autores antigos nos colégios jesuíticos, vd. DAINVILLE, François de. L’explication des poètes grecs et latins au seizième siècle. In: _____. **L’éducation des jésuites...** op. cit., p. 167-84 (181-3); FABRE, Pierre-Antoine. Dépouilles d’Egypte. L’expurgation des auteurs latins dans les collèges jésuites. In: GIARD, Luce (dir.). **Les jésuites a la Renaissance...** op. cit., p. 55-76.

¹¹² A ideia de que a inspiração moral e religiosa estava presente mesmo nos autores pagãos era uma premissa básica da tradição humanística renascentista. O’MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas...** op. cit., p. 376.

¹¹³ Vd. MOUCHEL, Christian. Les rhétoriques post-tridentines (1570-1600): la fabrique d’une société chrétienne. In: FUMAROLI, Marc (dir.). **Histoire de la rhétorique...** op. cit., p. 431-97, (p. 450-1, 464); MARGOLIN, Jean-Claude. L’apogée de la rhétorique humaniste... op. cit., p. 232-3.

¹¹⁴ Vd. MIRANDA, Margarida. *Ratio Studiorum*: Uma nova hierarquia de saberes... op. cit., (p. 18-22).

¹¹⁵ Essa relação entre educação e vida digna foi cara ao movimento humanista desde meados do século XIV, através das incitações de Petrarca. Uma das críticas feitas pelos humanistas ao ensino universitário escolástico tradicional foi justamente o que eles consideraram um fracasso em conduzir os estudantes a essa vida mais virtuosa e de serviço público. Vd. O’MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas...** op. cit., p. 325-35 (p. 325-6). O estudo das letras humanas, no entanto, não foi visto com bons olhos em todas as circunstâncias, como demonstra François de Dainville ao apontar a resistência encontrada em relação à fundação de colégios em cidades voltadas para o comércio devido ao fato de que consideravam que os homens que se voltavam à

garantindo-lhe uma formação de caráter tanto intelectual e virtuoso quanto político, estando essa última esfera ligada diretamente à eloquência, tendo sido a aquisição dessa faculdade apontada na *Ratio studiorum* como o escopo dos estudos literários¹¹⁶.

Os alunos externos à Companhia de Jesus que estudavam nos colégios administrados pelos jesuítas, que eram no mais das vezes parte da elite, ao receberem uma educação formal nessas instituições de ensino, sobretudo ao estudarem as letras humanas, passavam a fazer parte do grupo receptor – e em certos casos também produtor – de escritos e discursos de modo geral.

A eloquência perfeita era buscada a partir da poética e principalmente da oratória, cujos preceitos, assim como o estilo e a erudição, eram estudados na classe de retórica, que visava, ainda de acordo com a *Ratio*, tanto a utilidade do discurso quanto a elegância do mesmo, o que era feito através sobretudo dos escritos sobre a arte retórica de Cícero e de Aristóteles, além do uso, eventualmente, da *Poética* deste último autor¹¹⁷.

O estudo de Cícero gozava de posição preeminente na *Ratio studiorum*, conjunto sistematizado de normas adotadas em todos os colégios da Companhia de Jesus estabelecidas para a ordenação e bom funcionamento dessas instituições.

Apesar de ser um documento feito com o propósito de uniformizar o método e o programa de estudos nos colégios da Companhia, é importante ter em mente que, desde as primeiras discussões acerca dessa necessidade, a *Ratio studiorum*, cuja versão definitiva data de 1599¹¹⁸, foi pensada mais como norteadora do que como uma regulamentação rígida a ser

atividade intelectual tornavam-se inúteis por desviarem-se da atividade econômica: DAINVILLE, François de. Villes de commerce et humanisme. In: _____. *L'éducation des jésuites... op. cit.*, p. 25-42. A mesma preocupação com a consequência econômica que acreditava-se estar ligada à fundação de escolas também se fez sentir na Assistência portuguesa da Companhia de Jesus nos séculos XVI e XVII. Para alguns exemplos, vd. RODRIGUES, Francisco. *História da Companhia de Jesus... op. cit.*, t. I, vol. I, p. LV; t. I, vol. II, p. 292-3, 469 (nota 3); t. II, vol. I, p. 176; t. III, vol. I, p. 111-9 (p. 111-4).

¹¹⁶ MIR, Gabriel Codina. *Aux sources de la pédagogie des jésuites... op. cit.*, p. 84.

¹¹⁷ Regras para o Professor de Retórica (XVI.1). *Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.*, p. 198.

¹¹⁸ Não iremos nos deter no longo percurso marcado por reuniões, documentos e correspondências dos jesuítas para discutir a necessidade de preparar uma regulamentação geral para as instituições de ensino da Companhia. Nas *Constituições* da Ordem (P. IV, c. 13, §455) já era prevista a feitura de um documento que sistematizasse as horas dos cursos, os exercícios, disputas, composições e declamações. A *Ratio studiorum* foi escrita tomando por base múltiplas fontes além das *Constituições*, como, por exemplo, regulamentos e estatutos de escolas e universidades e a própria experiência acumulada por aqueles que estavam envolvidos nas instituições educacionais jesuíticas, caso de Hannibal du Coudret e Diego Ledesma, além dos Gerais Francisco de Borja e Claudio Acquaviva. Nesse processo, como já destacamos, o Pe. Jerónimo Nadal teve uma importante influência, que se deu tanto através de escritos quanto através do *know-how* advindo de sua experiência em Messina e das visitas que fez às instituições educacionais da Ordem por toda a Europa. Em 1581, na Congregação Geral em que o Pe. Claudio Acquaviva foi eleito Geral da Companhia de Jesus, ele designou uma comissão de doze jesuítas – entre os quais os portugueses Pedro da Fonseca e Sebastião de Morais – para traçarem um programa de estudos a ser adotado nos colégios da Ordem. Não sabemos os resultados dessa comissão, mas em 1584 Acquaviva apresentou ao papa Gregório XIII uma nova comissão de seis padres, incumbidos da mesma tarefa,

seguida nos mínimos detalhes pelos colégios de todas as províncias da Companhia, deixando margem à flexibilidade e adaptação às diferentes circunstâncias – de lugares, tempos e pessoas – previstas desde o *Instituto*¹¹⁹ e *Constituições* da Ordem jesuítica¹²⁰.

A *Ratio* estabelecia a existência de três ciclos de estudos: o de humanidades – ou literário –, que mais particularmente nos interessa, o de filosofia e o de teologia¹²¹. Nas regras a serem aplicadas pelos professores definia-se tanto o método quanto o conteúdo a ser ensinado, destinando para isso os livros a serem adotados. A partir dessas obras escolhidas e de seus autores, pode-se tecer, ainda que de soslaio, algumas considerações. Pode-se destacar quanto ao ciclo de letras humanas, por exemplo, a presença de obras de autoria de portugueses ou de professores que, se não nascidos em Portugal, ali exerceram sua atividade acadêmica.

1. 3. Os colégios jesuíticos da Assistência portuguesa da Companhia de Jesus

O fato de livros recomendados na *Ratio studiorum* para o estudo das letras humanas serem de autoria de portugueses – ou pelo menos de professores que trabalharam nos mais

dentre eles o português Gaspar Gonçalves. A *Ratio* teve versões anteriores à definitiva, datadas de 1586 e 1591, escritas com consciência de seu caráter temporário e experimental. Distribuídas nos colégios das diferentes províncias da Companhia, deveriam ser aplicadas como uma espécie de teste: seriam remetidos comentários e anotações sobre seu funcionamento ou não a Roma, onde, a partir desse *feedback*, tentar-se-ia chegar a uma regulamentação passível de ser aplicada de modo geral em todos os colégios da Ordem. Assim, em 1599 foi impressa a versão definitiva desse documento regulador. Em 1616 uma nova versão com poucas alterações foi publicada. Elucidativo é o pequeno texto que introduz a *Ratio studiorum* de 1599, escrito pelo então secretário da Companhia de Jesus Diogo Domingues: **Código pedagógico dos jesuítas...** *op. cit.*, p. 54-7. Vd. ainda: MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa... *op. cit.*, p. 84; _____. Uma ‘paideia’ humanística: a importância dos estudos literários na pedagogia jesuítica do séc. XVI. **Hvmanitas**, vol. XLVIII, p. 223-56, 1996; JULIA, Dominique. L’élaboration de la *Ratio studiorum*... *op. cit.*, (p. 31-43, 67-8); LOPES, José Manuel Martins. *Ratio studiorum*. Um modelo pedagógico. In: **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum...** *op. cit.*, p. 37-51 (p. 38-41); RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. II, vol. II, p. 18-23, estudos nos quais nos baseamos para escrever a presente nota.

¹¹⁹ No terceiro dos cinco capítulos do *Instituto* da Companhia de Jesus aprovados por Paulo III em 1539 e 1540, recomendava-se “a instrução dos meninos e dos rudes na doutrina cristã, nos dez mandamentos e noutros rudimentos da religião, como lhes parecer mais acomodado às circunstâncias de pessoas, lugares e tempos”. *Apud* RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. I, vol. I, p. 113. A transcrição em português dos cinco capítulos do *Instituto* da Companhia pode ser lida em: *Idem*, t. I, vol. I, p. 111-5.

¹²⁰ JULIA, Dominique. L’élaboration de la *Ratio studiorum*... *op. cit.*, p. 30, 33, 46. A quarta parte das *Constituições* da Companhia de Jesus, a maior dentre suas dez partes, antecede em muitos aspectos a *Ratio studiorum* por tratar da formação científica e literária dos membros da Ordem, bem como dos estudantes seculares, estabelecendo o programa de ensino dos colégios jesuíticos, o método e os livros a serem adotados. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. I, vol. I, p. 140. A referência à adaptação aos lugares, tempos e pessoas presente nas *Constituições* encontra-se nessa quarta parte (c. 13, §455).

¹²¹ Com a inclusão do ciclo de humanidades, junto aos estudos superiores de filosofia e teologia, de acordo com Margarida Miranda, a *Ratio* instaurou uma nova hierarquia de saberes. O período de extensão de cada classe não era previamente determinado, levando-se em conta o cumprimento do programa e não a duração determinada em que deveria ser concluído. Assim, o aluno, quando demonstrava ter adquirido o conhecimento necessário compatível com o nível da classe em que se encontrava, passava para a classe seguinte. A promoção para a classe superior, que inicialmente poderia se dar em qualquer época do ano, foi sendo limitada com o tempo. MIRANDA, Margarida. *Ratio Studiorum: Uma nova hierarquia de saberes...* *op. cit.*, p. 26-7, 29.

importantes colégios jesuíticos de Portugal – demonstra o quanto a província portuguesa contribuiu em relação aos *studia humanitatis* nos colégios da Companhia de Jesus. Estudos esses necessários como base preparatória para o avançar dos cursos e destinados, como vimos, não apenas aos membros da Ordem jesuítica; antes, constituíram uma opção, à disposição da sociedade, para aqueles que pretendessem dedicar-se aos estudos.

A Companhia de Jesus gozou, desde antes de sua fundação oficial, dos favores do rei D. João III de Portugal. Avisado em 1538 pelo Principal do Colégio Santa Bárbara da Universidade de Paris – o português Diogo de Gouveia – sobre a existência de um grupo de eminentes letrados e aconselhado a servir-se da capacidade desses homens de converterem os nativos das Índias¹²², o monarca acata a sugestão e escreve a Inácio de Loyola, solicitando o envio de alguns de seus companheiros ao Oriente. Em 1540, Simão Rodrigues e Francisco Xavier, membros da recém fundada Companhia de Jesus, partem para o reino lusitano. O primeiro deles, como se sabe, foi o responsável pela fundação da província jesuítica portuguesa, na qual ocupou o cargo de Provincial; o segundo, juntamente com alguns companheiros, partiu em missão para as Índias¹²³.

Foi a partir do patrocínio de D. João III que foram fundados, poucos anos depois desse primeiro contato, em 1541, a primeira residência da Companhia de Jesus em Portugal – no antigo mosteiro de Santo Antão em Lisboa, para o qual se mudaram Simão Rodrigues e alguns companheiros no início do ano seguinte – e o Colégio de Jesus de Coimbra em 1542, ideado para formar apóstolos que evangelizassem os povos das conquistas portuguesas no além-mar¹²⁴, um dos mais bem sucedidos primeiros colégios instituídos pela Ordem¹²⁵.

Também em Coimbra ocupou papel preeminente na organização do ensino oferecido pela Companhia de Jesus o Colégio Real de Artes e Humanidades. Baseada no modelo do *Collège de France* e fundada em 1548, essa instituição coimbrã foi entregue aos cuidados da Ordem jesuítica em 1555 por D. João III¹²⁶. O Colégio das Artes, que tornou-se em pouco

¹²² Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 218-25.

¹²³ Vd. Idem, t. I, vol. I, p. 257-61.

¹²⁴ Idem, t. I, vol. II, p. 517-20 (p. 518).

¹²⁵ Poucos anos depois da fundação do Colégio de Jesus em Coimbra, diferentemente dos outros seis colégios fundados pela Companhia nesse primeiro momento, ele era o maior e mais estável financeiramente. No momento de sua abertura contava com o total de doze escolásticos e em 1546 quase uma centena de estudantes já o frequentava. Graças ao apoio régio, o colégio coimbrão não enfrentou o comum problema de conseguir patrocinadores para uma instituição destinada à formação ainda exclusivamente de membros de uma recém fundada Ordem religiosa. O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas... op. cit.**, p. 317. Os patrocinadores em potencial, difíceis de captar em parte por conta desse exclusivismo das primeiras instituições aos noviços jesuítas, requereram a abertura dos colégios para membros externos à Companhia de Jesus. DEMOUSTIER, Adrien. *Les jésuites et l'enseignement... op. cit.*, p. 16. Vd. *supra* nota 82.

¹²⁶ RIBEIRO, Marília de Azambuja. Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico... *op. cit.*, p. 196. Os estatutos do Colégio das Artes haviam sido compostos pelo seu primeiro Principal, André de Gouveia,

tempo via de acesso de leigos para a Universidade de Coimbra¹²⁷, e o Colégio de Jesus – juntos, o “Colégio de Coimbra” – tiveram enorme vulto, contando com um elevado número de alunos¹²⁸ em comparação com a média das demais escolas europeias de então¹²⁹.

No primeiro dia de dezembro de 1551, Inácio de Loyola, através de carta escrita por Juan de Polanco, incentivava o Provincial de Portugal Simão Rodrigues a abrir escolas públicas para formação da juventude em Portugal, as quais deveriam seguir o modelo do Colégio de Messina e do Colégio Romano¹³⁰.

Foi Jerónimo Nadal, após seu bem sucedido trabalho em Messina, o encarregado de viajar por toda a Europa a fim de aplicar o programa e o método pedagógico adotado pela Companhia de Jesus em seus colégios da Sícia e da Itália. Ele esteve na Península Ibérica nos anos de 1553 e 1554 como Comissário Geral¹³¹ – e portanto investido de plenos poderes – , para onde retornou em 1561 como Visitador¹³², lá permanecendo até o ano seguinte, sempre com o objetivo de colocar em ordem as instituições jesuíticas de ensino, cabendo-lhe ainda a decisão de fundar ou não novos colégios¹³³.

que havia estudado no Colégio Santa Bárbara, do qual também foi Principal (1530-1534). Foi ainda reitor da prestigiosa Universidade de Paris (de junho a outubro de 1533). À mesma família portuguesa dos Gouveia pertenceu um outro Principal do colégio coimbrão: Diogo de Gouveia, de 27 de setembro de 1548 a 30 de outubro de 1549. Vd. MIRANDA, Margarida. *Ratio Studiorum: Uma nova hierarquia de saberes...* *op. cit.*, p. 26 (nota 17); RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. I, vol. I, p. 46, 49; t. I, vol. II, p. 337-8. Vd. *supra* nota 63.

¹²⁷ A Universidade de Coimbra oferecia os cursos superiores de medicina, teologia, leis e cânones. A certidão do Colégio das Artes tornou-se pré-requisito para a matrícula nas Faculdades de Direito dessa Universidade, conforme estipulado por alvará régio de 13 de agosto de 1561. RIBEIRO, Marília de Azambuja; BULHÕES, Arthur Feitosa de. Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica: Inácio Monteiro e a recepção das novas teorias da luz em Portugal. **História Unisinos**, 18 (1), p. 27-34, 2014, (p. 29).

¹²⁸ Seriam aproximadamente mil os estudantes do Colégio das Artes no ano de 1555. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. I, vol. II, p. 350-1, 354, 366. Francisco Rodrigues fez um levantamento do número aproximado de estudantes do Colégio das Artes em alguns anos do intervalo 1558-1598: Idem, t. II, vol. II, p. 15.

¹²⁹ RIBEIRO, Marília de Azambuja. Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico... *op. cit.*, p. 196-7.

¹³⁰ RIBEIRO, Marília de Azambuja; BULHÕES, Arthur Feitosa de. Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica... *op. cit.*, p. 28-9; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. I, vol. II, p. 285-90. Francisco Rodrigues, nessas poucas páginas, sintetiza a instrução enviada por Inácio de Loyola à província portuguesa, na qual expressava a finalidade dos colégios, sua utilidade para a Companhia de Jesus, bem como as normas que deveriam ser seguidas para a fundação dessas instituições de ensino literário e moral da mocidade. Entre elas, estipulava-se que, para a fundação de um colégio, deveria-se nomear três ou quatro mestres de letras humanas: o primeiro seria responsável por ensinar os rudimentos aos menores; o segundo se ocuparia daqueles alunos que já tinham algum conhecimento mediano do latim; o terceiro, daqueles que deveriam se aperfeiçoar nos preceitos da gramática dessa língua. O quarto, o professor de humanidades, exercitaria em latim, grego e hebraico os alunos mais adiantados (p. 287).

¹³¹ Nadal teria chegado em Lisboa aos 07 de julho de 1553 e saído em 13 de dezembro do mesmo ano, partindo cinco dias depois em direção à Córdova. Sobre a estada de Jerónimo Nadal em Portugal como Comissário Geral, vd. Idem, t. I, vol. II, p. 206-10, 226-8 (p. 206, 226).

¹³² Sobre a visita feita por Nadal à província portuguesa, de 05 de abril a 02 de outubro de 1561, vd. Idem, t. II, vol. I, p. 280-6.

¹³³ Vd. O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas...** *op. cit.*, p. 104-5, 361-2; MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites...** *op. cit.*, p. 338-9.

Em 1553 foi fundado o primeiro colégio em que os jesuítas lecionaram publicamente em Portugal: o de Santo Antão, em Lisboa¹³⁴. Nesse mesmo ano seria ainda inaugurado o Colégio do Espírito Santo em Évora, com o apoio de ninguém menos que o irmão de D. João III, o cardeal D. Henrique, sob cujos auspícios em 1559 o colégio eborense foi elevado à categoria de Universidade, cuja ereção foi confirmada por bula do pontífice Paulo IV.

O resultado obtido com esses três colégios da Companhia de Jesus em Portugal – o Colégio das Artes de Coimbra, o Colégio de Santo Antão em Lisboa e o Colégio de Évora – fez com que o apelo português pela fundação de novas instituições de ensino da Companhia de Jesus excedesse, nos primeiros anos, as reais possibilidades quantitativas de jesuítas preparados para lecionar, fazendo com que alguns pedidos desse gênero feitos à Ordem jesuítica não fossem por ela atendidos¹³⁵.

Essas três primeiras instituições de ensino jesuíticas em Portugal serviriam de modelo não só para as demais instituições desse tipo no reino luso, mas para as de todo o império português¹³⁶. Como afirmou Marília de Azambuja Ribeiro, é fundamental ter em mente que os colégios jesuíticos do ultramar português seguiram o modelo das instituições do reino, ou seja, que a Companhia de Jesus oferecia na América e nas Índias uma educação enquadrada nos moldes curriculares europeus, o que faz repensar a visão historiográfica de que os colégios da Ordem jesuítica no além-mar eram mais um *locus* onde se reafirmava a dominação metropolitana¹³⁷ e vai ao encontro da necessidade de pensar as escolas dirigidas

¹³⁴ Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. II, p. 290-4.

¹³⁵ MIRANDA, Margarida. *Ratio Studiorum*: Uma nova hierarquia de saberes... *op. cit.*, p. 24; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. II, p. 401-4 (p. 401); t. II, vol. I, p. 24-35; t. II, vol. II, p. 29-31, 34-6.

¹³⁶ Vd. RIBEIRO, Marília de Azambuja; BULHÕES, Arthur Feitosa de. Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica... *op. cit.*, p. 29; RIBEIRO, Marília de Azambuja. Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico... *op. cit.*, p. 204 (nota 24).

¹³⁷ Marília de Azambuja apontou o desequilíbrio na historiografia brasileira – que segue a esteira da historiografia latino-americana – em relação à educação ofertada pela Companhia de Jesus nos domínios ultramarinos: muito mais numerosos são os trabalhos voltados para a catequização dos gentios, se os compararmos àqueles dedicados ao ensino formal nos colégios da Ordem. Explicou, ainda, que essa face da educação promovida pelos jesuítas tem sido mais discutida pelos pedagogos, ainda “engessados” na perspectiva inaugurada por Fernando de Azevedo em 1940, dos quais Nelson Werneck Sodré e Otaíza Romanelli são herdeiros, devendo-se isso tanto ao antijesuítismo herdado da época pombalina quanto à pecha do período “colonial”, visto durante tanto tempo como a razão de todos os males contemporâneos, apesar de nos últimos anos da historiografia brasileira ter se posto em cheque a visão dicotômica metrópole-colônia. As instituições de ensino da Companhia de Jesus foram, e ainda o são eventualmente, apontadas como instrumento de controle e manipulação da sociedade. RIBEIRO, Marília de Azambuja. Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico... *op. cit.*, p. 200-2, 205 (nota 28). Vd. AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira: introdução aos estudos da cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958 [1940]; SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese da história da cultura brasileira**. Rio de Janeiro, 1970; ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**, 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991. Relacionar a pedagogia jesuítica ao controle social não é característica exclusiva da historiografia brasileira, veja-se, por exemplo: ANSELMI, Gian-Mario. Per un’archeologia della *Ratio*: dalla «pedagogia» al «governo». In: BRIZZI, Gian Paolo (a cura di). **La «Ratio studiorum»... op. cit.**, p. 11-42. Há diferença entre essa afirmação de que as instituições de ensino jesuíticas

pelos jesuítas nas possessões ultramarinas inseridas no mundo ibérico e não mais dissociadas daquelas sediadas no continente europeu¹³⁸. Na verdade, a partir dessas escolas de ensino secundário que constituíam uma rede interinstitucional, estudantes de todos os rincões do império português podiam ter acesso a escolas de ensino superior, notadamente à Universidade de Coimbra¹³⁹.

Os colégios jesuíticos proliferaram por todo o império português desde o momento da fundação da Companhia de Jesus e a rede dessas instituições de ensino foi ampliada continuamente até a extinção dessa Ordem religiosa. Ainda no século XVI, por exemplo, para além dos colégios de Coimbra, Lisboa e Évora, outros foram fundados nas cidades portuguesas do Porto, Braga e Bragança; nesse mesmo período foram erigidos colégios nas possessões ultramarinas: Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Olinda, Funchal, Angra, Ponta Delgada e Amakusa no Japão, além da Casa-Colégio de Ilhéus.

No século XVII o número de colégios administrados pela Companhia de Jesus continuou a crescer na Assistência portuguesa. Surgiram, por exemplo, instituições educacionais em Portalegre, Faro, Elvas, Setúbal, Belém (Pará), Vitória (Espírito Santo), Recife, Santarém, São Luís do Maranhão, Luanda e São Salvador no Congo.

No Setecentos a Companhia de Jesus ainda se responsabilizou pelas Casas-Colégio de Alcântara (Tapuitapera), Colônia do Sacramento e Vigia e por colégios em Vila Viçosa, Paranaguá, Santa Catarina e em Gouveia, o último fundado pelos jesuítas em Portugal antes da expulsão.

1. 4. A contribuição portuguesa no programa de ensino de letras humanas dos colégios jesuíticos

O Colégio de Coimbra, como afirmamos, ocupa posição de destaque no ensino em Portugal. Ficaria conhecido pela sua importância no que se refere ao ensino da filosofia, notadamente de cunho aristotélico-escolástico, fama nascida da difusão dos textos de

eram um meio de controle da sociedade e uma outra, esta última feita pelos jesuítas dos séculos XVI a XVIII e por aqueles que os apoiavam: a de que elas tinham um papel na moralização e implantação de bons costumes, o que inibia, a seu entender, atitudes “rústicas” como, por exemplo, homicídios. Vd. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. III, p. 224; t. VI, p. 402, 448, 546, 564; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. II, p. 300-1, 309.

¹³⁸ Vd. RIBEIRO, Marília de Azambuja. Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico... *op. cit.*, p. 203.

¹³⁹ Nesse importante estudo, Marília de Azambuja demonstra quantitativamente a afluência de estudantes das diversas partes do império português nas universidades do reino, com destaque para o ingresso de alunos nascidos no Brasil entre os séculos XVI e XVIII, cuja maioria formava-se em cânones na universidade coimbrã. Idem, (p. 197-200).

Aristóteles e de comentários às suas obras¹⁴⁰ – inclusive dando-se importância aos tratados sobre a *Retórica* e sobre a *Poética* –, levando-se em conta uma preocupação com a reaproximação filológica com os textos originais, preocupação que esteve presente entre os humanistas desde o século XIII¹⁴¹. Fruto desse trabalho dos professores dessa instituição coimbrã foi os *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu*, ou simplesmente *Curso Conimbricense*¹⁴², que compreendia um conjunto de obras que conheceriam mais de cem edições na Europa¹⁴³, publicadas originalmente em Lisboa ou Coimbra entre 1592 e 1606¹⁴⁴, durante muito tempo a obra de referência para o aristotelismo escolástico¹⁴⁵.

O Colégio de Coimbra foi local de trabalho de Pedro Juan Perpiñá (1530-1566)¹⁴⁶, Manuel Álvares (1526-1583)¹⁴⁷ e Cipriano Suárez (1524-1593)¹⁴⁸. Esses dois últimos, como

¹⁴⁰ Sobre os comentários às obras de Aristóteles produzidos nos séculos XVI e XVII, apesar da renovação pela qual passava a filosofia, e sobre o ensino da filosofia em Portugal, vd., para citar alguns: SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos. Os jesuítas e a filosofia portuguesa dos séculos XVI a XVIII. **Brotéria**, Lisboa, série mensal, XXI-XXII, 1935-1936; CARVALHO, Mário Santiago de. A Idade Média filosófica terá sido aristotélica? **Humanitas**, 50, p. 489-508, 1998; _____. Sobre um projecto no âmbito da História da Filosofia em Portugal. **Revista Filosófica de Coimbra**, 23, p. 215-24, 2003; COXITO, Amândio. A Filosofia no Colégio das Artes. In: **História da Universidade em Portugal, vol. I, t. II (1537-1771)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, (p. 735-61); _____. **Estudos sobre Filosofia em Portugal no século XVI**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. Essa discussão foi comentada em MIRANDA, Margarida. *Ratio Studiorum: Uma nova hierarquia de saberes...* *op. cit.*, p. 32-3. Vd. ainda, sobre o aristotelismo da escolástica tardia: RIBEIRO, Marília de Azambuja; BULHÕES, Arthur Feitosa de. Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica... *op. cit.*, (p. 28).

¹⁴¹ Vd. *supra* nota 50.

¹⁴² Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. II, vol. II, p. 109-22.

¹⁴³ COXITO, Amândio. O Curso Conimbricense. In: CALAFATE, Pedro (ed.). **História do pensamento filosófico português, vol. II: Renascimento e Contra-Reforma**. Lisboa: Caminho, 2001, p. 503-43 *apud* MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa... *op. cit.*, p. 105.

¹⁴⁴ Merece destaque a figura do jesuíta Pedro da Fonseca (1528-1599), conhecido então como o “Aristóteles português” graças à sua obra *Institutionum Dialecticarum Libri octo*, saída de prensas coimbrãs no ano de 1564, e aos quatro tomos de comentários à *Metafísica* do Estagirita (*Commentariorum Petri Fonsecae D. Theologi Societatis Jesu in Libros Metaphysicorum Aristotelis Stagiritae*). Pedro da Fonseca fez parte do quadro de professores do Colégio das Artes de Coimbra já no primeiro ano em que essa instituição passou à administração da Companhia de Jesus, sendo lente do terceiro curso de artes. No ano seguinte, 1556-1557, leu o quarto curso. Jerónimo Nadal encomendou a esse professor – e deu-lhe como assistentes os Padres Cipriano Suárez, Marcos Jorge e Pedro Gomes – a feitura de um curso de filosofia que fosse impresso e adotado como livro texto nos colégios da Companhia de Jesus, nascendo disso a ideia do *Curso Conimbricense*. No entanto, por conta de suas ocupações, Fonseca não chegaria a dirigir esse conjunto de obras, sendo, na verdade, Manuel de Góis, Cosme de Magalhães, Sebastião do Couto e Baltasar Álvares os jesuítas responsáveis por comentarem os textos de Aristóteles no *Curso Conimbricense*. Vd. MIRANDA, Margarida. *Ratio Studiorum: Uma nova hierarquia de saberes...* *op. cit.*, p. 32-3; **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum...** *op. cit.*, p. 136 (nota 5); RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. I, vol. II, p. 354-5 (nota 4); t. II, vol. II, p. 102-5, 109. Para informações biográficas sobre Pedro da Fonseca, vd. ainda: Idem, t. I, vol. I, p. 457, 575-7, 581-3, 610; t. I, vol. II, p. 604; t. II, vol. I, p. 287; t. II, vol. II, p. 19; LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. II, p. 496.

¹⁴⁵ JULIA, Dominique. L’élaboration de la *Ratio studiorum...* *op. cit.*, p. 62.

¹⁴⁶ Pedro Juan Perpiñá, nascido em Elche, região valenciana do território aragonês, foi admitido na Companhia de Jesus em 1551. Viveu muitos anos em Portugal, onde desenvolveu intensa atividade acadêmica. Foi enviado para o Colégio de Évora como professor de retórica em 1553. Em 1555 foi destinado para ensinar na segunda classe de gramática no Colégio das Artes de Coimbra. Em 1561 partiu para Roma, onde ocupou a cátedra de retórica do colégio dessa cidade. Foi enviado para a França em 1565, um ano antes de sua morte. Não há consenso entre os estudiosos quanto ao ensino, ou não, de letras humanas por Perpiñá no Colégio de Santo Antão

veremos, são autores de importantes livros adotados nos colégios da Companhia através da *Ratio studiorum*. Nenhuma obra de Pedro Perpiñá teve a mesma fortuna¹⁴⁹, mas grande foi sua contribuição na tecitura desse documento regulador das instituições de ensino da Ordem¹⁵⁰. Em 1555, quando a Companhia de Jesus passa a gerir o Colégio das Artes de

de Lisboa. Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. XC (nota 2), 455-6; t. I, vol. II, p. 305-6, 352-5, 372, 610. Sobre o Pe. Perpiñá e o ensino da retórica pela Companhia de Jesus, vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Retórica e eloquência em Portugal... op. cit.**, p. 774-95. Especificamente sobre a atuação desse jesuíta em Portugal, vd. TOIPA, Helena Costa. O percurso de Pedro João Perpilhão, em Portugal. **Humanitas**, 63, p. 405-25, 2011.

¹⁴⁷ Natural da vila da Ribeira Brava na Ilha da Madeira. Entrou para a Companhia de Jesus em Coimbra no dia 04 de junho de 1546. Distinguiu-se como mestre de latim, grego e hebraico, tendo sido o primeiro professor de gramática no Colégio de Santo Antão de Lisboa, do qual seria vice-reitor. Em 1561 foi nomeado reitor do Colégio das Artes de Coimbra pelo Pe. Jerónimo Nadal. Em 1574 chegou a ser cotado pelo Pe. Leão Henriques e outros para ser Provincial de Portugal, o que não se concretizou. Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 455; t. I, vol. II, p. 525 (nota 2); t. II, vol. I, p. 284, 309; t. II, vol. II, p. 355 (nota 1). Não confundir com o homônimo Manuel Álvares, de Estremoz, missionário embarcado na nau São Paulo com destino ao Oriente em 1560, insigne pintor e um dos quarenta mártires do Brasil.

¹⁴⁸ Espanhol de Ocaña (arcebispado de Toledo), o cristão-novo Cipriano Suárez foi admitido na Companhia de Jesus em Portugal, onde residia, entrando no noviciado no dia 21 de setembro de 1549. Foi o primeiro mestre de retórica dos colégios jesuíticos portugueses, tendo ensinado em Lisboa (a partir de fevereiro de 1553) e em Coimbra (a partir de outubro de 1555). Além de suas atividades acadêmicas, o Pe. Suárez dedicava parte de seu tempo no ministério do ensino da doutrina cristã. Foi prefeito de estudos no Colégio das Artes, doutor em teologia pela Universidade de Évora – da qual foi lente de teologia e de Escritura – e reitor do Colégio de Braga. Em 1576-1577 Suárez foi professor de Escritura no Colégio de Coimbra e em 1580 partiu para a Província de Castela. Um pouco mais tarde foi, juntamente com o Pe. Francisco Suárez, nomeado revisor da versão de 1586 da *Ratio studiorum*. Cipriano morreu em 1593 em Placencia. Vd. Idem, t. I, vol. I, p. 456-7, 606; t. I, vol. II, p. 526 (nota 2), 603 (nota 3), 604; t. II, vol. I, p. 338 (nota 5); t. II, vol. II, p. 102, 365, 422-3; PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Retórica e eloquência em Portugal... op. cit.**, p. 795-6.

¹⁴⁹ Pedro Perpiñá foi, no entanto, o revisor oficial da obra de Cipriano Suárez, pelo menos da primeira e da segunda edições, respectivamente em 1562 e 1565. Uma diferença entre os dois, no entanto, era latente e seria sentida na revisão da obra suariana feita por Perpiñá em 1565: diferentemente de Suárez, ele distingue o objetivo da arte de seu fim e ordena o “bem dizer” para a persuasão. PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Antigos e Modernos: o humanismo norte-europeu nas retóricas peninsulares do séc. XVI. Península. Revista de Estudos Ibéricos**, n. 5, p. 93-101, 2008 (p. 98); BATTISTINI, Andrea. I manuali di retorica... *op. cit.*, p. 85; PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Retórica e eloquência em Portugal... op. cit.**, p. 805.

¹⁵⁰ Pedro Perpiñá havia auxiliado Jerónimo Nadal na composição, quando era professor de retórica do Colégio Romano, do primeiro conjunto de regras destinadas à Companhia de Jesus, em 1565, merecendo especial relevo o tocante ao ensino de gramática e humanidades. As leis dos prêmios dados às melhores composições literárias feitas pelos estudantes nos colégios da Companhia foram escritas por Perpiñá quando ensinava no Colégio Romano. Talvez, como supôs Francisco Rodrigues, ele as tenha levado já prontas do Colégio de Coimbra, onde foram compostas as primeiras dessas leis de premiações. Essas leis seriam quase totalmente incorporadas na *Ratio studiorum* de 1591 e, desta vez com modificações, na versão definitiva de 1599. Vd. JULIA, Dominique. L'élaboration de la *Ratio studiorum*... *op. cit.*, (p. 33), 58-61; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. II, p. 369-70 (nota 4). Para um aprofundamento acerca da colaboração dada por Pedro Perpiñá à *Ratio studiorum*, vd. TOIPA, Helena Costa. O contributo de Pedro Perpilhão para a elaboração da *Ratio studiorum* da Companhia de Jesus. **Máthesis**, 18, p. 47-79, 2009. Perpiñá deu ainda uma contribuição importante no que tange ao ensino de letras humanas adotado pela Companhia de Jesus em Portugal: seu opúsculo *De ratione liberorum instituendorum litteris graecis et latinis* enviado em 1564 ao Pe. Francisco Adorno, que lhe solicitou informações sobre o modo de instrução adotado pela Companhia em Coimbra. Em nove capítulos, Perpiñá trata das qualidades e obrigações do professor, da arte de gramática que deveria ser utilizada e da maneira de ensiná-la, do ensino do grego, feito do mesmo modo que o do latim, da arte de bem falar, dos autores a serem estudados, do modo de fazer preleções, dos exercícios que deveriam ser feitos pelos estudantes e da maneira de estimulá-los. Temas como o estudo dos antigos, o expurgo de textos e a imitação de Cícero, dos quais já fizemos menção, foram abordados por Perpiñá. Vd. MIRANDA, Margarida. Uma ‘paideia’ humanística... *op. cit.*, p. 233-4, 244-6; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. II, p. 436-43.

Coimbra, ele e Manuel Álvares foram destinados respectivamente para ensinarem nas segunda e terceira classes de gramática e Cipriano Suárez ficou responsável pela primeira, a classe de retórica¹⁵¹.

Álvares e Suárez, jesuítas empenhados no ministério do ensino em Portugal, já haviam trabalhado juntos antes. Aos 25 de janeiro de 1553 ambos partiram do Colégio de Coimbra a fim de inaugurar o ensino em escolas públicas em Lisboa, onde deveriam explicar às pessoas a natureza e a organização do colégio que a Companhia de Jesus ali pretendia fundar: o Colégio de Santo Antão. O ensino começou a ser feito em duas escolas, a principal e primeira dirigida por Cipriano Suárez e a segunda, por Manuel Álvares¹⁵².

Esses jesuítas, como apontamos, seriam os autores de livros adotados no ciclo de estudos inferiores de todos os colégios da Ordem, conforme estabelecido pela *Ratio studiorum*: o *De institutione grammatica libri tres* do madeirense Manuel Álvares¹⁵³, cuja primeira edição completa veio à luz em Lisboa no ano de 1572¹⁵⁴, servia de base para as

¹⁵¹ Vd. TOIPA, Helena Costa. O percurso de Pedro João Perpilhão... *op. cit.*, p. 412; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. I, vol. II, p. 354-5 (nota 4).

¹⁵² Dentre as cinco classes inauguradas no dia 19 de outubro de 1553, Suárez foi responsável pela que abrangia a retórica, o grego e o estudo das autoridades latinas. As demais foram divididas entre Manuel Álvares, Roque Sanz, António de Andrade e Francisco Varea. A lição de moral ficou por conta do Pe. Francisco Rodrigues. Vd. Idem, t. I, vol. II, p. 291-9. Baltasar Teles, em sua *Chronica da Companhia de Jesu na Província de Portugal* afirma que o Colégio de Santo Antão foi inaugurado em 1552 e que teve por primeiro mestre de humanidades o Pe. Pedro Perpiñá. Vd. TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesv, da provincia de Portugal. Segvnda parte, na qual se contem as vidas de algũs Religiosos mais assinalados, que na mesma Provincia entrãram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso fvdador. Com o symmario das vidas dos Serenissimos Reys Dom Ioãm Terceyro, & Dom Henrique, Fundadores, & insignes bemfeytores desta Provincia. Composta pelo P. M. Balthezar Telles, da mesma Companhia, natural da Cidade de Lisboa.** Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1647, p. 16-21.

¹⁵³ Essa obra há muito tempo vem sendo alvo de estudos, entre os quais citamos e para os quais remetemos: SPRINGHETTI, Emilio. Storia e fortuna della grammatica di Emanuele Alvares, S. J. **Humanitas**, 13-14, p. 283-304, 1961-1962; TORRES, Amadeu. Humanismo inaciano e artes de gramática: Manuel Álvares, entre a *ratio* e o *usus*. **Bracara Augusta**, 38, p. 173-89, 1984; NÚÑEZ, Manuel Mañas. Aproximación a la Sintaxis Latina de Manuel Álvares. In: **Actas do I Congresso Internacional Humanismo Novilatino e Pedagogia (Gramática Criações Maiores e Teatro)**. Braga: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia – UCP, 1999, p. 237-49; ROMEO, Rogelio Ponce de León. **Aproximación a la obra de Manuel Álvares: Edición Crítica de sus De Institutione Grammatica Libri Tres, Tomo I, Estudio Preliminar**. Tese de Doutoramento. Madrid: Departamento de Filología Latina da Facultad de Filología da Universidade Complutense, 2000; _____. El Álvarez en vernáculo: las exégesis de los *De institutione grammatica libri tres* en Portugal durante el siglo XVII. **Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»**, Porto, XVIII, p. 317-38, 2001.

¹⁵⁴ Na extensa lista de edições completas ou parciais da *Gramática* de Álvares até o ano de 1974, organizada pelo Grupo de História e Teoria da Ciência e disponibilizado digitalmente na base de dados Lusodat, indicam-se duas edições lisboetas de 1572 impressas por Joannes Barrerius: **De institutione grammatica libri tres Excudebat Ioannes Barrerius typographus regius** (Olyssipone, 1572, in 4º) e **Emmanuelis Aluari à Societate Iesu De institutione grammatica libri tres** (Olyssipone, 1572, in 4º). Nessa lista aparecem, vale ressaltar, três outras publicações da *Gramática* de Álvares que antecedem a primeira edição completa lisboeta: **De constructione octo partium orationis Emanuelis Aluaris Lusitani e Societate Iesu libellus Nunc primum in lucem editus** (Venetiis: Michaelem Tramezinum, 1570-1, in 16º), **De constructione octo partium orationis liber Emanuelis Aluaris Lusitani Cum explicationibus auctoris eiusdem** (Venetiis: Apud Michaelem Tramezinum, 1571, in 16º) e **De institutione grammatica liber primus [tertius]** (Dilingae: S. Mayer, 1572(-1574), 3 vols., in 24º). Seria necessário investigar mais a fundo a questão, o que, por fugir ao escopo deste trabalho, não faremos nesta sede. Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de**

classes de gramática; o *De Arte Rhetorica Libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano praecipue deprompti* do jesuíta espanhol Cipriano Suárez, cuja *editio princeps* saiu de prensas coimbrãs no ano de 1562¹⁵⁵, por sua vez, foi adotado nas classes de humanidades e de retórica.

A Arte ou Gramática de Álvares – o *De Institutione grammatica libri tres* – foi-lhe encomendada ainda na década de 1560 para que fosse adotada nos colégios jesuíticos a fim de uniformizar o ensino do latim¹⁵⁶. Essa obra substituiria, nessas instituições, as gramáticas de Alexandre de Villedieu (c.1175-c.1240) e de Jean Van Pauteren (1460-1520), mais conhecido pelo seu nome latino Johannes Despauterius¹⁵⁷.

Quanto à utilização da Gramática de Álvares, já recomendada na *Ratio* de 1586¹⁵⁸ e ratificada na versão definitiva de 1599, previa-se a divisão em três partes dos preceitos nela contidos¹⁵⁹ a fim de serem ensinados de acordo com o conteúdo adequado para cada classe: inferior, intermédia e superior de gramática¹⁶⁰.

Jesus... op. cit., t. II, vol. II, p. 51 (nota 2). A lista das edições da obra de Álvares com informações básicas – título, local de impressão, editora ou gráfica, ano e alguns detalhes de caráter físico –, bem como a indicação de fontes de informação e localização de exemplares está disponível em: <http://www.ghc.usp.br/server/Lusodat/pri/02/pri02145.htm>. Acesso em 02/06/2015.

¹⁵⁵ SUÁREZ, Cipriano. *De Arte Rhetorica Libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano praecipue deprompti, Authore Cypriano Soares Sacerdote Societatis Jesu*. Conimbricae [sic]: Apud Ioannem Barrerium, 1562.

¹⁵⁶ Em 1558 já se discutia a utilidade de uma gramática latina que servisse a esse intento uniformizador do ensino de latim nos colégios jesuíticos. Na década seguinte o Padre Geral Diego Laínez, ao saber dos escritos sobre gramática do Pe. Manuel Álvares, pediu-lhe que os enviasse a Roma. Foi, no entanto, o sucessor de Laínez, o Pe. Geral Francisco de Borja, que encarregou Álvares de escrever uma gramática latina para ser adotada nas instituições de ensino da Companhia de Jesus. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. II, vol. II, p. 50.

¹⁵⁷ Vd. a nota de Margarida Miranda em **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 72 (nota 10). É importante ter em mente que o fato de uma obra ser prescrita pela *Ratio* não significa sua adoção imediata e exclusiva em todos os colégios da Companhia de Jesus. Como já foi mencionado, esse documento era de caráter norteador e não pressupunha um seguimento à risca do que propunha, deixando espaço para adaptações circunstanciais. A obra de Álvares foi tanto elogiada quanto criticada pelos seus confrades. Tiveram que ser feitos certos ajustes. Para facilitar o acesso à obra, fizeram-se correções e supressões. Uma Arte menor, sem os comentários eruditos que pululavam da Arte maior facilitaria o entendimento dos estudantes iniciantes e favoreceria aqueles que dispunham de menos recursos. A Arte maior precisava ser aperfeiçoada. Foi necessário ainda revisá-la – por determinação de 1579 do Provincial Manuel Rodrigues –, o que foi feito com o auxílio de outros dois jesuítas, um dos quais o latinista Fernão Pires, que além de auxiliar o Pe. Manuel Álvares na revisão e reimpressão de sua *Gramática* trabalhou no aperfeiçoamento de uma nova edição dessa obra após o falecimento de seu autor, juntamente com os Padres Paulo Ferrer, Luís da Cruz, Manuel Pimenta e António Velês. Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 494 (nota 2); t. II, vol. II, p. 53-6. Na Espanha e na França fez-se objeção quanto à adoção da obra de Álvares devido à dificuldade de se desprenderem das tão arraigadas gramáticas de Nebrija e de Despauterius, respectivamente. Esta última recebeu diversas impressões portuguesas nos anos anteriores à primeira edição da obra de Álvares – 1561, 1563, 1565, 1570. Vd. DAINVILLE, François de. **L'éducation des jésuites... op. cit.**, p. 283-4; RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. II, vol. II, p. 50 (nota 1), 53-4.

¹⁵⁸ ROMEO, Rogelio Ponce de León. El Álvarez em vernáculo... *op. cit.*, p. 318.

¹⁵⁹ A *Gramática* de Manuel Álvares, escrita em latim, dividia-se em três partes: a primeira relativa à etimologia; a segunda, à sintaxe; e a terceira, à prosódia e quantidade de sílabas. Alguns apêndices serviam para os estudantes mais adiantados. Álvares não apenas reuniu e ordenou os preceitos e exemplos de gramáticos que o

Em muitos colégios passou-se a adotar uma edição romana adaptada da obra de Álvares¹⁶¹, sendo ainda possível, contanto que com a autorização do Superior Geral, a composição de outra gramática semelhante, caso “em algum lugar o seu método parecer demasiado exigente para o entendimento dos alunos”. A autoridade e o caráter específico de todas as regras de Álvares, no entanto, deveriam permanecer¹⁶². O *De Institutione grammatica libri tres* conheceu enorme fortuna editorial até ser proscrita em 1759 por D. José I, vejam-se as cerca de 650 edições completas ou parciais que recebeu até 1974¹⁶³.

antecederam: a partir da leitura das obras clássicas, corrigiu alguns desses exemplos e acrescentou outros. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. II, vol. II, p. 51-2.

¹⁶⁰ Na classe inferior se estudaria o livro primeiro e uma introdução à sintaxe retirada do livro segundo; a intermédia compreenderia o estudo desde a parte relativa à construção das oito partes da sintaxe até a referente à construção figurada e mais “os apêndices mais fáceis”, tudo a partir do livro segundo; a superior, que compreendia todo o conhecimento da gramática e na qual era feita uma recapitulação de toda a sintaxe, baseava-se no estudo dos demais apêndices do segundo livro, assim como as regras da construção figurada, concluindo o estudo dessa parte da obra e partindo para o ensino do terceiro livro, “em que se trata da quantidade de sílabas”. Vd. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, (p. 150) (XII.8.2), 180 (XV.12), 218 (XVIII.1), 224 (XIX.1), 230 (XX.1); MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa... *op. cit.*, p. 102-3.

¹⁶¹ De acordo com Margarida Miranda trata-se da obra *De Institutione grammatica libri tres. Quorum secundus nuper est ad veterum fere grammaticorum rationem revocatus* (1584) do jesuíta Orazio Torsellini. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 72 (nota 10).

¹⁶² Idem, p. 72 (I.23). Outros professores de colégios jesuítas compuseram gramáticas, como André des Freux, Hannibal du Coudret e Diego Laínez, mas, diferentemente da de Manuel Álvares, nenhuma delas foi adotada oficialmente nas instituições de ensino da Companhia de Jesus. Vd. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 72 (nota 10). A obra de Manuel Álvares continuou a ser utilizada nos colégios jesuíticos até a supressão da Companhia de Jesus, se não diretamente, pelo menos indiretamente, através de mestres que retomavam os preceitos da Gramática quinhentista desse jesuíta. O Catálogo da setecentista livraria da Casa da Vigia no Pará, por exemplo, nos aponta a coexistência da tradicional e já antiga *Gramática* de Álvares com obras mais recentes: entre seus pouco mais de mil volumes, coexistiam, por exemplo, um volume da “*Arte do P. Manuel Álvares*” e outro de um “*Novo Methodo de Gramatica*” (ARSI, Brasília 28 (Inventário Maragnonense), 18v-23 *apud* LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. IV, p. 399-409). Em Portugal alguns mestres explicaram os preceitos de Álvares através de livros escritos em língua vulgar. Foi o caso do Pe. António Velês, que publicou uma versão aumentada da *Arte maior* de Álvares (**Emmanuelis Alvari e Societate Jesu de Institutione Grammatica Libri tres Antonii Vellesii ex eaden Societate Jesu in Eboresi Academia Praefecti studiorum Opera aucti et illustrat.** Eborae: [s.n.], 1599), aperfeiçoando-a e comentando-a. Assim como aconteceu com a obra de Álvares, Velês precisou reduzir sua *Arte maior*, fazendo um compêndio a partir da reedição e aperfeiçoamento da *Gramática* de Álvares – à qual acrescentou versos da *Arte maior* e um índice que fazia as vezes de dicionário latim-português, livro que, de acordo com Francisco Rodrigues, prevaleceu nas escolas até o Setecentos. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. II, vol. II, p. 56-7. Outra obra que explicava os preceitos da gramática latina bastante utilizada pelos estudantes foi o *Promptuario de Syntaxe* do célebre jesuíta português António Franco, impresso pela primeira vez em 1699, e que, por sua vez, foi comentado por José Caetano, sob o pseudônimo de Bento Verjus: **Praxe Syntaxistica que com algumas observações sobre o Promptuario do P. Antonio Franco, & hũa Syntaxe Latina Lusitanica e hũa Allegação a favor do relativo Qui quae, quod, compoz Bento Verjus** (Lisboa: [s.n.], 1735). Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. III, vol. I, p. 95 (nota 2); t. IV, vol. I, p. 256-7.

¹⁶³ De acordo com a base de dados Lusodat. Vd. *supra* nota 154. Francisco Rodrigues aponta a obra de gramática de Álvares como a *Arte* mais estudada pela juventude e a que teve mais edições, espalhando-se “por tôda a parte” – além de Portugal, foi editada, quer completa, quer parcialmente, na Bélgica, na Espanha, na França, na Itália, na Alemanha, na Áustria, na Polônia e no Japão. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. II, vol. II, p. 49, 55-6. De fato, essa obra foi bastante prolífera até mesmo depois da supressão da Companhia de Jesus: novas edições continuaram a aparecer com intervalo de poucos anos nas mais diversas tipografias e locais nos séculos XVIII e XIX. Vd. ainda: RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. IV, vol. I, p. 256-7. De acordo com Rita Marquilhas a *Gramática* do Pe. Álvares, até a sua

O *De arte rhetorica* de Cipriano Suárez¹⁶⁴, por sua vez, até o ano de 1832 já havia sido impresso cerca de 207 vezes¹⁶⁵, se considerarmos as mais variadas versões, como as condensadas e as esquematizadas¹⁶⁶. Ademais da fortuna editorial e da origem portuguesa, outra característica em comum une a Gramática de Álvares e o livro de retórica de Cipriano Suárez: a autoridade concedida aos autores clássicos¹⁶⁷, cuja importância para a Companhia de Jesus já foi comentada.

A obra do Pe. Cipriano Suárez, adotada oficialmente nas classes de humanidades¹⁶⁸ e de retórica de todos os colégios da Companhia de Jesus através da prescrição da *Ratio studiorum*¹⁶⁹ tinha razão de ser, como o próprio afirma logo nos prolegômenos do texto, devido ao fato de que, segundo ele, nenhuma obra dos autores antigos, que deveriam servir de

proibição, teria sido reeditada a cada dois anos, sendo de 3000 exemplares a tiragem estabelecida pela Universidade de Évora. MARQUILHAS, Rita. **A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000, (p. 179, nota 119).

¹⁶⁴ Os três principais pontos tratados na obra de Cipriano Suárez são a tópica, a amplificação e as leis prosódicas da oração. BATTISTINI, Andrea. I manuali di retorica... *op. cit.*, p. 88. O livro primeiro, *de inventione*, trata exaustiva e analiticamente de dezesseis *argumentorum loci* e de pensamentos deles extraídos – preceitos destinados principalmente à *deliberatio* e à *exornatio*. O livro seguinte é o da *dispositio* – nele Suárez aborda a estrutura do discurso, a doutrina dos *status* e dos argumentos retóricos. No terceiro e último, da *elocutio*, trata do ornato – tropos, figuras de pensamento e de palavra –, da teoria do período e do ritmo da oratória. Trata ainda da *memoria* e da *pronuntiatio*. Em suma, nos dez primeiros capítulos, de caráter introdutório, Suárez aborda temas como a natureza, a utilidade e a matéria da retórica e os gêneros, partes e meios para adquirir a eloquência. Passa então a tratar das cinco partes da retórica de acordo com a concepção ciceroniana, dedicando quarenta e cinco capítulos à *inventio*, outros vinte e sete à *dispositio*, cinquenta e um à *elocutio*, quatro à *memoria* e três à *pronuntiatio*. Há um desequilíbrio, na obra de Suárez, entre as três *auctoritates* clássicas citadas em seu título – Aristóteles, Cícero e Quintiliano. Cícero foi citado explicitamente 410 vezes, enquanto Aristóteles e Quintiliano o foram em, respectivamente, 37 e 119 ocasiões. Vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Retórica e eloquência em Portugal... op. cit.**, p. 802-8.

¹⁶⁵ Nota de Margarida Miranda em **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 156 (nota 6); FLYNN, Lawrence J. **The De Arte Rhetorica (1568) by Cyprian Soarez, S.I.: a Translation with Introduction and Notes**. University of Florida, 1955, p. 44 *apud* MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa... *op. cit.*, p. 103. De Lawrence Flynn, ver também: FLYNN, Lawrence J. Sources and influence of Soarez *De Arte Rhetorica*. **Quartely Journal of Speech**, 43, p. 257-65, 1957.

¹⁶⁶ A obra de Cipriano Suárez foi editada, por exemplo, em versões que receberam títulos de *Compendium, Rhetoricae Explanatio, Rationarium Rhetoricae, Praeceptiones Rhetoricae, Summa Artis Rhetoricae* e *Tabulae*. Vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Retórica e eloquência em Portugal... op. cit.**, p. 799-800.

¹⁶⁷ MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa... *op. cit.*, p. 102; BATTISTINI, Andrea. I manuali di retorica... *op. cit.*, p. 87.

¹⁶⁸ No segundo semestre da classe de humanidades fazia-se um breve resumo dos preceitos de retórica extraídos do manual de Cipriano Suárez, que poderiam ser expostos todos os dias. Podia-se também fazer revisões ou disputas sobre esse livro. Na segunda hora da pausa semanal uma das atividades possíveis era ler algum ponto sobre os tropos ou as figuras, especialmente sobre o ritmo e as cláusulas oratórias, extraído do terceiro livro da obra de Suárez. Os preceitos, mais que as palavras, contidos nessa obra deveriam ser esclarecidos brevemente através de exemplos retirados desse livro e, se possível, das lições diárias. Vd. Regras para o Professor de Humanidades (XVII.1, 2, 8). **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 210, 212, 216.

¹⁶⁹ No início, nos colégios da Companhia de Jesus fazia-se a leitura direta dos textos de retórica clássica. A partir de meados do século XVI, diante da necessidade de uma maior facilitação pedagógica e didática, foram compostos manuais resumidos pelos professores, dos quais o de Cipriano Suárez é o primeiro. BATTISTINI, Andrea. I manuali di retorica... *op. cit.*, p. 82-4.

modelo a ser imitado, abria as portas da eloquência para os alunos mais jovens – ideia corriqueira entre os humanistas e mestres de retórica dos séculos XV e XVI¹⁷⁰.

Fazia-se necessário, portanto, uma mediação que tornasse menos árdua a passagem entre o estudo dos elementos da gramática e os textos clássicos de retórica¹⁷¹, quer por serem eles longos, obscuros, abreviados, concisos, quer por não serem claros o suficiente em relação a pontos fundamentais para os iniciantes, por exigirem conhecimentos por eles ainda não estudados, por não tratar de algumas das partes da retórica ou por apresentarem doutrinas diferentes das de Quintiliano e de Cícero¹⁷², enfim, por não serem muito adequados às finalidades didáticas. O *De arte rhetorica* de Suárez respondia, assim, à necessidade de uma síntese mais esquemática dos preceitos retóricos advindos das obras de Cícero, Quintiliano e Aristóteles¹⁷³.

É significativo o fato de o manual de retórica a ser adotado em todos os colégios jesuíticos¹⁷⁴ ter sido composto e publicado primeiramente em Portugal. Nesse país, sobretudo nas décadas de 1530 e de 1540 percebe-se uma alteração em relação ao movimento humanista: ao contrário do que ocorreu desde sua introdução no país, quando era influenciado pelo humanismo italiano¹⁷⁵, passaram a preponderar concepções do humanismo do norte da

¹⁷⁰ Rudolph Agrícola, Hernando Alonso de Herrera, Antonio de Nebrija e Luis Vives, assim como Cipriano Suárez, compartilhavam dessa ideia de que os tratados antigos eram inadequados do ponto de vista pedagógico. Joachim Ringelberg e Francisco Sánchez de las Brozas compuseram suas obras – respectivamente a *Rhetorica* e a *De arte dicendi* – a partir dessa mesma dificuldade de ensinar e estudar a retórica a partir dos escritos antigos. PEREIRA, Belmiro Fernandes. Antigos e Modernos... *op. cit.*, p. 96-7. Vd. _____. **Retórica e eloquência em Portugal...** *op. cit.*, p. 796-7; MARGOLIN, Jean-Claude. L'apogée de la rhétorique humaniste... *op. cit.*, p. 200.

¹⁷¹ PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Retórica e eloquência em Portugal...** *op. cit.*, p. 803-4; BATTISTINI, Andrea. I manuali di retorica... *op. cit.*, p. 85.

¹⁷² Idem, p. 86; PEREIRA, Belmiro Fernandes. Antigos e Modernos... *op. cit.*, p. 98.

¹⁷³ BATTISTINI, Andrea. I manuali di retorica... *op. cit.*, p. 87. A partir do século XV as obras de Cícero, principalmente, e as de Aristóteles e Quintiliano tiveram maior difusão em Portugal. PEREIRA, Belmiro Fernandes. Renascimentos da arte retórica... *op. cit.*, p. 32.

¹⁷⁴ É importante afirmar mais uma vez que o fato de uma obra ser prescrita na *Ratio studiorum* não exclui a possibilidade de adoção de outros livros nos colégios da Companhia de Jesus. Vd. *supra* nota 157. François de Dainville, por exemplo, estudou uma dezena de cursos ministrados entre 1611 e 1659 – ou seja, no período que ele mesmo considerou como de maior “fidelidade à Ratio” (1600-1660) – em que os professores não adotaram o manual de Cipriano Suárez. Vd. DAINVILLE, François de. **L'éducation des jésuites...** *op. cit.*, p. 190-4 (p. 191).

¹⁷⁵ De acordo com Belmiro Pereira, no reinado de D. João II (1481-1495) foram criadas condições propícias para o humanismo em Portugal, através da presença de mestres italianos em território luso e de estudantes portugueses na Itália, bem como da proteção dada à atividade editorial, caracterizando um “primeiro humanismo cortesão ou palaciano”. A partir de então teria havido uma transformação, não sem polêmicas, na prática escolar, em que se percebe a orientação dos estudos gramaticais na busca pela eloquência. Em cerca de meio século de difusão do movimento humanista em Portugal estariam assentes os valores formativo e informativo da retórica. PEREIRA, Belmiro Fernandes. Renascimentos da arte retórica... *op. cit.*, p. 32-4; _____. **Retórica e eloquência em Portugal...** *op. cit.*, p. 875-6. Américo da Costa Ramalho diz coincidir a introdução de fato do humanismo em Portugal com a data de chegada de Cataldo Parisio Sículo em território luso, em 1485 (RAMALHO, Américo da Costa. A introdução do humanismo em Portugal. *Hvmanitas*, Coimbra, vol. 23-24, p. 435-52, 1971-1972, (p. 435)), argumento discutido mais profundamente em: _____. **Estudos sobre a época do Renascimento**. Coimbra: Instituto de Alta Cultura, 1969.

Europa, prevalecendo a influência das teorias retóricas de Philippe Mélanchthon e de Erasmo de Roterdã em detrimento daquelas dos ciceronianistas italianos¹⁷⁶. Tal processo deu-se concomitantemente à ida de mestres renano-flamengos para Portugal, à formação de estudantes portugueses nas cidades de Paris e Louvain e às edições portuguesas de textos de Jorge de Trebizonda, Johann Caesarius, Erasmo de Roterdã, João Vaseu e Joachim Ringelberg, à leitura dos escritos de Jacques Loius Strébee, Barthélémy Latomus e Johann Sturm e à circulação de manuais compostos por Mélanchthon e Rudolph Agrícola, o que gerou o aumento da difusão dessas teorias em território luso¹⁷⁷.

Não cabe neste trabalho uma discussão aprofundada sobre cada uma dessas teorias retóricas “modernas”¹⁷⁸. O que é mister destacar é o significado de a obra do Pe. Cipriano Suárez ter substituído – processo iniciado no Colégio das Artes de Coimbra – a *Rhetorica* de Ringelberg (1536), e a *Collectanea rhetorices* de Vaseu (1538)¹⁷⁹. As datas de publicação desses textos escolares herdeiros da corrente renano-flamenga – a *editio princeps* da obra de Vaseu de 1538 e a edição coimbrã de 1550 da obra de Ringelberg¹⁸⁰ – corresponderiam aos marcos de início e término, de acordo com Belmiro Pereira, do período de maior difusão do humanismo renano-flamengo em Portugal¹⁸¹.

¹⁷⁶ Essa transformação, de acordo com Belmiro Pereira, teria se dado a partir da política cultural de D. João III e da implementação, em seu reinado (1521-1557), de novos polos humanistas, como escolas em Évora, Braga, Coimbra e Guimarães. A retórica assumiu, assim, autonomia no currículo de estudos, influenciando inclusive o campo da dialética. Vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Renascimentos da arte retórica... op. cit.*, p. 34; _____. *Antigos e Modernos... op. cit.*, p. 94-5. Talvez possamos apontar como reflexo desse diálogo do reinado de D. João III com os pensamentos de Mélanchthon e Erasmo o fato de esse monarca em 1545 ter escolhido e mandado vir da Holanda para mestre de letras e guarda-roupa de seu filho D. João o humanista português Damião de Góis, que escreveu uma crônica de D. Manuel e foi guarda-mor da Torre do Tombo. Desde 1523 Góis empreendeu viagens pela Europa, esteve em Flandres e foi escrivão da feitoria da Antuérpia até 1545. Em suas andanças estabeleceu contato com Lutero e Mélanchthon, com quem conversava e trocava correspondências. O jesuíta Simão Rodrigues, encarregado da educação do príncipe no mesmo ano que Góis, devia ensinar ao herdeiro do trono a doutrina cristã. Os dois portugueses se conheceram em 1538 e Rodrigues testemunhou três vezes – em 1545, 1550 e 1571 – perante os inquisidores quanto à sua dúvida em relação à ortodoxia de Góis que, a seu entender, tinha sido influenciado pelo pensamento luterano. Em 1571 Damião de Góis foi condenado ao cárcere justamente por heresia luterana. Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. II, p. 23-9. O que é relevante nisso é o fato de D. João III ter escolhido para a educação de seu filho um humanista português que vivia há mais de vinte anos no norte da Europa e que tinha travado contato com Erasmo e Mélanchthon. Se nessas relações Góis foi influenciado quanto à religião, bem pode ter sido igualmente quanto a outras de suas ideias, como, por exemplo, suas teorias sobre a arte retórica.

¹⁷⁷ Vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Renascimentos da arte retórica... op. cit.*, p. 34-5; _____. *Antigos e Modernos... op. cit.*, p. 95; _____. **Retórica e eloquência em Portugal... op. cit.**, p. 876-7.

¹⁷⁸ Para um aprofundamento acerca de algumas dessas teorias sobre a retórica, vd. MARGOLIN, Jean-Claude. *L'apogée de la rhétorique humaniste... op. cit.*

¹⁷⁹ Vd. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu. Nova editio penitus retractata (1557-1572)**, vol. III. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974, p. 56-9.

¹⁸⁰ Publicada pelos impressores régios João de Barreira e João Álvares. Para um aprofundamento sobre essa edição coimbrã, vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. A edição conimbricense da *Rhetorica* de Joachim Ringelberg. **Península. Revista de Estudos Ibéricos**, n. 1, p. 201-13, 2004.

¹⁸¹ PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Antigos e Modernos... op. cit.*, p. 95.

A forma de ensinar, estudar e, conseqüentemente, compreender a retórica mudou e isso deveu-se em grande parte às instituições de ensino da Companhia de Jesus. Se, sob a influência do humanismo norte-europeu, não se deixava de estudar Aristóteles, Quintiliano e Cícero, foi sobretudo em relação a esse último que se deu a mudança¹⁸². Em meados do século XVI, o humanismo em Portugal encontrou-se novamente ligado à corrente italiana graças ao humanismo devoto e à Ordem jesuítica, responsável pelo alinhamento com o ciceronianismo moderado¹⁸³.

A adoção dessa compilação de trechos extraídos das obras de retórica das *auctoritates* clássicas foi fundamental para que os antigos se tornassem a via para o ensino da retórica de cariz aristotélico-ciceroniano nas instituições jesuíticas¹⁸⁴. Ao contrário do que apregoava-se em novas artes retóricas¹⁸⁵, através do uso do *De arte rhetorica* do Pe. Suárez consagrou-se por bastante tempo, na formação dos membros da Companhia de Jesus e de todos aqueles que se formaram nos muitos colégios da Ordem, o estudo das doutrinas dos antigos¹⁸⁶ e, conseqüentemente, a concepção de uma retórica formada por todas as cinco partes cristalizadas por Cícero: *inventio, dispositio, elocutio, memoria e pronuntiatio*.

¹⁸² Sobre a adoção do modelo ciceroniano na segunda metade do século XVI, ver: MOUCHEL, Christian. *Les rhétoriques post-tridentines... op. cit.*

¹⁸³ Vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Retórica e eloqüência em Portugal... op. cit.**, p. 877. A influência italiana na primeira fase do humanismo português poderia, no entender de Belmiro Pereira, ter aberto lugar para um ciceronianismo exclusivista se não fosse a influência de Poliziano e de Lorenzo Valla. No reinado de D. João III, a ida de estudantes portugueses à França e a influência de Erasmo de Roterdã também contribuíram para o afastamento de um ciceronianismo radical. Seria, ainda de acordo com Pereira, a evolução em si do humanismo português que teria impedido a formação desse tipo de ciceronianismo em Portugal. PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Renascimentos da arte retórica... op. cit.*, p. 37-8; _____. **Retórica e eloqüência em Portugal... op. cit.**, p. 873.

¹⁸⁴ Vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Antigos e Modernos... op. cit.*, p. 97. Expressão clara dessa opção é a explicitação, na *Ratio*, de que nas preleções das classes inferiores dar-se-iam “apenas os autores antigos e nunca os modernos”. Regras Comuns aos Professores das Classes Inferiores (XV.27). **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 186. Pereira aponta a existência de duas vertentes de retórica no renascimento: a aristotélico-ciceroniana, em que a oratória era entendida como *facultas* que possibilitava encontrar os meios adequados de persuadir, e a beletrística, baseada sobretudo em Quintiliano, que, compreendendo a retórica como *virtus* e *ars bene dicendi* acabava por favorecer a redução dessa arte ao estudo dos recursos da elocução. Os jesuítas afastar-se-iam da mediação quintilianista e adotariam uma retórica de concepção aristotélico-ciceroniana, mais adequada às necessidades da apologética. PEREIRA, Belmiro Fernandes. *Renascimentos da arte retórica... op. cit.*, p. 37; _____. **Retórica e eloqüência em Portugal... op. cit.**, p. 874, 878.

¹⁸⁵ Segundo Andrea Battistini, praticamente um século após a prescrição do livro de Cipriano Suárez pela *Ratio studiorum* novas exigências didáticas se impunham devido à repercussão de obras de teóricos da reforma retórica como o ilustre Pierre de la Ramée, Gerhard Joannes Voss ou Cartesio, o que faria com que fossem adotados nos colégios jesuítas outros livros que não o de Cipriano Suárez. Foi o caso do *Candidatus rhetoricae* (Lyon, 1659) de François Pomey, que, à diferença da obra do Pe. Suárez, respondia a essas mudanças no gosto literário do século XVII, e do *De arte rhetorica* (Lyon, 1704) de Domenico de Colonia. O *De arte rhetorica* de Suárez, contudo, não foi ofuscado totalmente. Vd. BATTISTINI, Andrea. *I manuali di retorica... op. cit.*, p. 95-6, 100 (nota 81).

¹⁸⁶ Vd. PEREIRA, Belmiro Fernandes. **Retórica e eloqüência em Portugal... op. cit.**, p. 798-9.

Tanto a importância dada à *memoria*, considerada uma das partes componentes da retórica, quanto o fato de ter-se adotado o ensino de uma filosofia de cariz aristotélico nas instituições educacionais jesuíticas foram de grande relevância no que tange à fundamentação do uso do elemento imagético no âmbito da Companhia de Jesus, como veremos no próximo capítulo.

A partir da teoria de que o conhecimento é apreendido através dos sentidos e da formação de imagens com a memória, relacionada à antiga *ars memorativa* criada pelos gregos, bastante difundida em época moderna, houve uma grande preocupação no que concerne à composição de lugares com a memória.

Após termos tratado da herança humanística e do papel da Companhia de Jesus na difusão da retórica clássica através dos colégios por ela administrados, faz-se mister compreendermos essa relação entre a *memoria* e a imagem, o importante papel desta última no âmbito dessa Ordem religiosa e, conseqüentemente, refletirmos sobre o uso do elemento visual pelos jesuítas.

Capítulo II – A Companhia de Jesus, a arte da memória e o uso de imagens

A época moderna foi caracterizada por uma profunda reflexão acerca da importância da imagem. Nesse período muito se discutiu sobre a supremacia do sentido da visão, sobre o poder comunicativo da imagem, sobre a transmissão do conhecimento por via imagética, sobre os tipos de imagem e suas funções.

Foram feitas conjecturas acerca da capacidade expressiva e da utilidade das linguagens escrita e visual, colocadas lado a lado. Discussão com raízes longevas, tratada pela primeira vez, de acordo com Plutarco, pelo poeta grego Simônides de Ceos (c.556-467 a.C.), considerado o inventor da arte da memória, que teria afirmado que a pintura é uma poesia muda e que a poesia é uma pintura falante¹⁸⁷, o que posteriormente seria ratificado e resumido por Horácio (65 a.C.-8 a.C.) através do preceito *ut pictura poesis*¹⁸⁸.

Tal discurso liga-se ao argumento da supremacia do sentido da visão perante os demais. A vista era, para Cícero (106 a.C.-43 a.C.), “O mais agudo dos nossos sentidos (...) e conseqüentemente percepções recebidas através dos ouvidos ou formadas através da reflexão podem ser retidas mais facilmente se vêm enviadas à nossa mente por meio dos olhos”¹⁸⁹.

No *De oratore*, ele afirma que isso não passou despercebido por Simônides, sendo precisamente sobre essa primazia visual que estaria assentada a arte da memória: aquilo que era transmitido e impresso através dos sentidos, sobretudo o da vista, se fixava nos ânimos com mais eficácia¹⁹⁰.

Horácio, para quem os olhos eram “testemunhas irrecusáveis”, afirmou na *Epístola aos Pisões* que “O espírito é menos vivamente impressionado por aquilo que o autor confia aos ouvidos que por aquilo que este põe diante dos olhos”¹⁹¹. Cerca de mil quinhentos e

¹⁸⁷ PLUTARCO. *Glória de Atenas*, 346f-347c.

¹⁸⁸ Vd. YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007 [1966], (p. 48); GABRIELE, Mino. Introdução. In: ALCIATO, Andrea. **Il libro degli emblemi secondo le edizioni del 1531 e del 1534**. Introdução, tradução e commento di Mino Gabriele. Milano: Adelphi Edizioni, 2009, p. XIII-LXXVI, (p. XL).

¹⁸⁹ *Apud* ROSSI, Paolo. Le arti della memoria: rinascite e trasfigurazioni. In: BOLZONI, Lina; CORSI, Pedro (a cura di). **La cultura della memoria**. Bologna: Società editrice il Mulino, 1992, p. 13-34 (citação na p. 21, tradução livre).

¹⁹⁰ *Apud* DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria. Siete ensayos sobre mnemotecnica española de los siglos XVII Y XVIII**. Salamanca: Junta de Castilla y León. Consejería de Educación y Cultura, 1996, (p. 56).

¹⁹¹ *Apud* LICHTENSTEIN, Jacqueline. O paralelo das artes. In: _____ (org.). **A pintura – Vol. 7: O paralelo das artes**. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 09-16 (p. 09).

cinquenta anos mais tarde, Frei Héctor Pinto, como muitos contemporâneos seus, igualmente afirmaria a “excelência da vista sobre os outros sentidos”¹⁹².

Creditava-se à imagem uma maior capacidade de fixar conteúdos, enquanto que palavras proferidas caíam rapidamente no esquecimento. O mesmo não poderia-se dizer, no entanto, das palavras escritas¹⁹³, afinal, *verba volant scripta manent*. Supunha-se assim que, ao visualizar a imagem, o conteúdo da narrativa seria facilmente lembrado, o que não ocorria quando apenas se ouvia uma história.

Tais alegações acerca de um predomínio do sentido visivo estão inseridas num contexto mais amplo, o da possibilidade de transmitir conhecimento através da imagem. Filósofos antigos já haviam se debruçado sobre essa teoria do conhecimento humano, cujos escritos serviram como fontes de sustentação para a tratadística referente ao tema no período moderno¹⁹⁴.

Paralelamente ao desenvolvimento desse debate teórico acerca do sentido visual, o potencial da imagem era explorado à enésima potência, já que se considerava essa via imagética um caminho possível para alcançar múltiplas finalidades: didáticas, moralizantes e políticas.

A capacidade da imagem de transmitir mensagens e de facilitar a apreensão do conhecimento foi muito explorada pela Companhia de Jesus, Ordem religiosa que buscava incessantemente a elaboração de discursos adequados tanto às circunstâncias em que seriam proferidos quanto ao público a que eram destinados.

Muito cara à Companhia era a ideia de um “discurso-pintura” cuja clareza fizesse com que o expectador ao ouvi-lo pudesse visualizar internamente aquilo que se dizia¹⁹⁵. O uso de imagens mentais formadas com a memória não só serviu de auxílio à atividade dos

¹⁹² PINTO, Héctor. **Imagen de la vida cristiana**. Coimbra: [s.n.], 1563 *apud* DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria... op. cit.**, p. 56, nota 4 (tradução livre).

¹⁹³ Vd. ÁLVAREZ, Fernando Jesús Bouza. **Del escribano a la biblioteca... op. cit.**, p. 29-32 (p. 31-2).

¹⁹⁴ No Seiscentos estava em andamento uma revolução científica iniciada no século anterior. Nesse contexto, os pressupostos aristotélicos sofreram adaptações e grande quantidade de conceitos já estabelecidos foram questionados e problematizados por parte daqueles imbuídos de estabelecerem as estruturas de uma “nova ciência”. Existia, pode-se dizer, uma dupla forma de “ver” o mundo: uma delas puramente científica; a outra, mais metafórica e simbólica. Essas duas formas de pensar a visualidade não eram completamente fechadas em si, havendo mescla e contato entre elas. A discussão em torno da imagem não se esgota no estudo da anatomia do olho, das luzes propagadas no ar, do mecanismo que torna possível enxergar. Ademais dessas capacidades físicas e orgânicas, a visão e a imagem também foram analisadas sob outro prisma. Surgiram ainda mais teorias e discussões acerca do sentido visivo. A contrapelo, apareceram obras menos preocupadas com a visão exterior e mais preocupadas com a vista “interior”. Paralelamente à luz, aos instrumentos ópticos precisos, à transparência, à observação do real e à mímese, encontramos a sombra, o obscuro, o oculto, o simulacro, o misterioso, o simbólico, o mental. Vd. RIBEIRO, Marília de Azambuja; BULHÕES, Arthur Feitosa de. **Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica... op. cit.**, p. 28; DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Imago: la cultura visual y figurativa del Barroco**. Madrid: Abada Editores, 2009.

¹⁹⁵ Vd. MOUCHEL, Christian. *Les rhétoriques post-tridentines... op. cit.*, p. 451.

pregadores, como também foi fundamental no método de exercitação espiritual proposto por Inácio de Loyola.

A grande importância de que se revestiu a imagem para a Companhia de Jesus é ademais passível de ser vislumbrada no uso de gravuras na produção escrita dessa Ordem, na decoração de suas igrejas e em cerimônias por ela promovidas.

2. 1. A Igreja Católica e o uso de imagens

O Concílio de Trento – reunido entre os anos de 1545 e 1563¹⁹⁶ – deu-se em meio a uma crise que viria a cindir o corpo eclesiástico e serviu, em parte, para a defesa de acusações e reafirmações de pontos de vista e condutas. Assim, frente à iconoclastia pregada pelos reformistas protestantes, foi elaborada uma justificação da importância do uso de imagens pela Igreja, exposta no item *Da invocação, veneração, e Relíquias dos Santos, e das Sagradas Imagens* da XXVª sessão do concílio, realizada em dezembro de 1563¹⁹⁷. Além das questões acerca da adoração e veneração de imagens e do problema de representar o invisível, discutiu-se sobre as funções do elemento imagético.

Os escritos de Gregório Magno, ocupante da cátedra pontifícia entre os anos de 590 e 604, especialmente a *Epistola ad Serenum episcopum Massiliensem* do ano 600, foram de fundamental importância para essa discussão, no período moderno, acerca do uso das imagens com finalidades religiosas¹⁹⁸.

Reconhecia-se, primeiramente, a potencialidade da imagem em matéria de instrução dos fiéis nos ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras. A concepção de Gregório Magno de que as imagens eram a “Bíblia do iletrado” foi retomada pelo cardeal Gabriele Paleotti, ativo participante do concílio tridentino, e defendida em sua obra *Discorso intorno alle imagini sacre e profane* impressa em 1582¹⁹⁹. Nela, o cardeal afirma ser necessário retomar esse tema por conta das ofensivas iconoclastas, que, ao pretender banir as imagens,

¹⁹⁶ Esse período não foi ininterrupto, tendo o concílio tridentino ocorrido em três fases: 1545-1548, 1551-1552 e 1562-1563.

¹⁹⁷ Há edição lisboeta setecentista das atas do concílio tridentino: **O Sacrosanto, e Ecumenico Concilio de Trento Em Latim, e Portuguez: Dedicada, e Consagrada aos Excell., e Rev. Senhores Arcebispos, e Bispos da Igreja Lusitana, João Baptista Reycend.** Lisboa: Na Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781, tomo II. O item “Da invocação, veneração, e Relíquias dos Santos, e das Sagradas Imagens” extraído da “Sessão XXV – Nona, e ultima em tempo de Pio IV, principiada a 3 de Dezembro de 1563., e concluída a 4 do mesmo mez” encontra-se nas p. 347-57.

¹⁹⁸ Para uma discussão aprofundada acerca da imagem no âmbito da Igreja Católica no período medieval, que foge ao escopo desta dissertação, remetemos a SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens. Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média.** Bauru: EDUSC, 2007.

¹⁹⁹ PALEOTTI, Gabriele. **Discorso intorno alle imagini sacre et profane.** Bologna: [s.n.], 1582.

obstaculizavam a salvação dos iletrados, já que sem o auxílio das mesmas não poderiam conhecer os artigos da fé. Para além disso, através das imagens ensinava-se a “bem viver”.

Atrelada a essa função didática estava a ideia de que a imagem desempenhava o papel de atrair as atenções mesmo dos mais dispersos e, comovendo-os, fazia com que os ensinamentos cristãos fossem apreendidos mais facilmente. Assim, esses preceitos podiam ser transmitidos através de imagens que narrassem a vida de homens santos, exemplos de virtude e moral. O gênero hagiográfico foi, então, complementado com imagens, seja em conexão com um texto, seja dispensando-o²⁰⁰.

Outra forma de ensinar os preceitos cristãos era através dos catecismos impressos, que passaram a ser ilustrados e que evocavam muitas vezes como razão para isso possibilitar a compreensão dos tais “idiotas” a quem Gregório Magno havia feito referência quase um milênio antes.

A partir das discussões realizadas no Concílio de Trento, à tradicional argumentação da necessidade, por um lado, de manter as questões doutrinárias mais difíceis limitadas apenas a homens cultos capazes de melhor compreender as complexidades teológicas nelas envolvidas e a nova necessidade, frente à reforma protestante, de ensinar os preceitos cristãos, por outro, levariam à difusão de um novo tipo de catecismo nas últimas décadas do século XVI e no século seguinte.

Catecismos cujo objetivo principal já não era combater outras confissões religiosas e discutir o caráter heterodoxo das mesmas, mas sim difundir, a um público cada vez maior, os conhecimentos básicos sobre a doutrina cristã. A imagem foi, então, adotada nesses manuais

²⁰⁰ Merece destaque a *Vita beatti Patri Ignatii Loyolae* do Pe. Pedro de Ribadeneyra impressa em Roma em 1609, ano da beatificação do fundador da Companhia de Jesus, com setenta e nove gravuras, além do frontispício, de autoria de Peter Paul Rubens e Jean Baptiste Barbé, à qual foi adicionada uma outra gravura em 1622, em ocasião da canonização de Inácio de Loyola. Antes dessa fundamental obra ilustrada sobre a vida de Inácio de Loyola, Thomas de Leu e Francisco Villamena já haviam publicado gravuras com o mesmo intuito em folhas avulsas (Paris, 1590 e Roma, 1600, respectivamente). Merecem destaque ainda a série com doze gravuras feitas por Hieronymus Wierx (**Vita B. P. Ignatii de Loyola Fundatoris Societatis Iesu**. Antuérpia: [s.n.], c.1609) e uma edição flamenga da vida de Inácio de Loyola do Pe. Pedro de Ribadeneyra impressa na Antuérpia em 1610 com 14 gravuras de Theodor e Cornelis Galle. Vd. INSOLERA, Lydia Salviucci. **L'Imago Primi Saeculi... op. cit.**, p. 167-9; SOBRAL, Luís de Moura. Espiritualidade e propaganda nos programas iconográficos dos jesuítas portugueses. In: **A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII. Espiritualidade e cultura. Actas do Colóquio Internacional**, vol. I. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, 2004, p. 385-415 (p. 385); MACHADO, José Alberto Gomes. As pinturas a fresco da sacristia nova da Igreja do Espírito Santo de Évora (1599). **Barroco: Actas do II Congresso Internacional**. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio, 2003, p. 281-9 (p. 284).

justamente com essa finalidade didática, para expor de maneira clara e simples os preceitos do cristianismo a fim de evitar a heterodoxia²⁰¹.

A retomada pelo concílio tridentino dos argumentos ligados à utilidade das imagens, portanto, revela dois lados de uma mesma realidade. Do mesmo modo que existia uma apreensão em relação às possíveis más leituras e interpretações bíblicas doutrinariamente tidas por equivocadas, atestava-se, por um lado, a serventia didática das imagens e, por outro, havia uma preocupação com a possibilidade de uma imagem mal composta conduzir os fiéis a erros de interpretação e, portanto, à heresia²⁰².

Os catecismos, na segunda metade do século XVI, de acordo com Genoveffa Palumbo, substituiriam as pregações como via privilegiada de difusão da Sagrada Escritura com o intuito de torná-la mais acessível e explicá-la com maior simplicidade.

Aconteceu com essas imagens, no entanto, ainda segundo essa estudiosa, o que havia acontecido com as pregações. Se inicialmente o alcance da mensagem veiculada deveria estender-se a um grande público, com o tempo os discursos proferidos nos púlpitos teriam se tornados difíceis de compreender por boa parte da população. No século XVII as imagens de cenas evangélicas presentes nos catecismos tornariam-se cada vez mais imbuídas de simbolismos²⁰³.

Anteriormente formados por imagens simples e discurso claro e moralizante, os catecismos passaram a uma laconicidade da linguagem verbal e ao uso de imagens cada vez mais complexas²⁰⁴. Mudança essa que não se deu apenas nos escritos voltados para a catequese: podemos decerto estendê-la às demais obras impressas de literatura espiritual.

²⁰¹ Vd. PALUMBO, Genoveffa. *Speculum Peccatorum. Frammenti di storia nello specchio delle immagini tra Cinque e Seicento*. Napoli: Liguori Editore, 1990, (p. 19-23, 36, 39-42, 106).

²⁰² A imagem e o olho foram abordados pelos teóricos modernos tanto como instrumentos de moralização quanto de erro: as imagens podiam tanto gerar uma comoção mais forte nos devotos devido à força atrativa quanto levá-lo ao engano. A crença de que os olhos eram possíveis portas de entrada para enganos foi compartilhada, para citar alguns, pelos jesuítas Jan David (**Veridicus Christianus**. Antuérpia: Ex Officina Plantiniana, 1601) e Lorenzo Ortiz (**Ver, oír, oler, gustar, tocar. Empresas que enseñan y persuaden su buen uso en lo político y en lo moral**. Leon de Francia: en la emprenta de Anisson, Posuel y Rigaud, a costa de Francisco Brugieres, y Compañia, 1687). Teria havido, então, de acordo com De la Flor, uma necessidade de moralizar o sentido visivo a fim de garantir o entendimento correto dos preceitos do cristianismo. O jesuíta Antonio de Castro, por exemplo, apontou para a necessidade de “curar” os olhos (**Fisionomía de la virtud y del vicio, al natural, sin colores, ni artificios**, vol. 1. Valladolid: por Ioseph de Rueda, Impresor de la Real Chancilleria, 1676, sobretudo no item “Trátase de curar los ojos, y sepasse qué remedio tienen, para cobrar la vista conveniente, con que discernan el mal y el bien”). Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. *Imago... op. cit.*, (p. 42-53, 57, 60, 82-4, 87-9, 184).

²⁰³ Vd. PALUMBO, Genoveffa. *Speculum Peccatorum... op. cit.*, p. 23-32, 158.

²⁰⁴ Vd. Idem, p. 110. O estudo de Genoveffa Palumbo deteve-se sobretudo nos catecismos jesuíticos de Giovanni Battista Eliano, Roberto Bellarmino e Pietro Canisio. Vale ressaltar, no que tange à Assistência portuguesa, que a *Doutrina Cristã* do Pe. Marcos Jorge, impressa na década de 1560 e acrescentada pelo Pe. Inácio Martins (1600), catecismo de vasta fortuna editorial, inúmeras vezes traduzido e usado abundantemente nas terras de missão, recebeu gravuras no projeto editorial empreendido pelo jesuíta George Mayr de preparar catecismos

É importante ter em mente que as funções da imagem expostas por Gregório Magno e ratificadas pelo concílio tridentino podem ser pensadas tanto em relação às imagens de tipo narrativo, quanto no que tange às imagens simbólicas.

Qual seria, contudo, a diferença entre esses dois tipos de imagem? Inácio de Loyola nos fornece uma definição logo no início de seu *Exercitia Spiritualia*: a imagem de tipo narrativo seria aquela que representa um tema visível, “*res corporea*”; a imagem que diz respeito a uma “*res incorporea*”, a um tema invisível, por sua vez, só seria passível de ser representada simbolicamente²⁰⁵.

A imagem narrativa pode ser considerada aquela que conta uma história ou descreve um momento, sendo facilmente compreendida por aqueles que a contemplam. As representações são compostas de maneira bastante clara e direta com o fim de facilitar uma correlação quase imediata entre a imagem e a mensagem exata que pretende-se transmitir.

Em relação à imagem simbólica, da qual a Igreja também fez largo uso, podemos afirmar que, para compreendê-la, é necessária uma leitura em vários níveis. De fato, à primeira vista, o conteúdo não se mostra facilmente. É preciso uma contemplação mais apurada para que ela revele por inteiro sua finalidade. A compreensão da mensagem transmitida, ou seja, a capacidade de “decifrá-la”, está ligada à bagagem cultural e ao repertório imagético de cada receptor, que facilitam a conexão de determinados elementos representados com o seu significado velado.

A imagem apresentou-se de diferentes formas a fim de aproximar o homem do divino e de transmitir preceitos éticos cristãos. Assim, tiveram lugar as imagens formadas com a memória auxiliares da prática meditativa ou utilizadas pelos pregadores para recordar um sermão, as pinturas que incitavam os fiéis à devoção, os catecismos ilustrados, a emblemática – todos eles instrumentos de comunicação, de fixação de uma mensagem com a memória, de figuração mental ou concreta²⁰⁶.

As imagens tiveram larga difusão na literatura espiritual: para além do apelo ao sentido interior, ao uso da imaginação na formação de imagens com a memória²⁰⁷ e da

ilustrados em várias línguas, todos impressos em Augsburg entre os anos de 1614 e 1616. Vd. PALUMBO, Genoveffa. *Speculum Peccatorum... op. cit.*, p. 105-10.

²⁰⁵ *Apud* INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 25.

²⁰⁶ Ralph Dekoninck e Agnès Guiderdoni-Bruslé apontam a existência de três tipos de imagem – verbal, mental e material – e sua ligação com o discurso sacro: DEKONINCK, Ralph; GUIDERDONI-BRUSLÉ, Agnès. Introduction: Au seuil de l’image. In: _____; _____ (eds.). *Emblemata sacra. Rhétorique et herméneutique du discours sacré dans la littérature en images. The rhetoric and hermeneutics of illustrated sacred discourse*. Imago Figurata Studies, vol. 7. Turnhout: Brepols, 2007, (p. 11-6).

²⁰⁷ Não abordaremos, aqui, a discussão acerca dos termos “memória” e “imaginação”. Para um breve esclarecimento sobre a questão, vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. *Teatro de la memoria... op. cit.*, p. 58, 81-2.

sensibilidade quanto à *res corporea*, com a projeção de imagens mentais referentes sobretudo a cenas evangélicas, no âmbito da Companhia de Jesus, nomeadamente nos *Exercícios espirituais* de Inácio de Loyola, incitou-se os fiéis a “ver com a vista da imaginação” também o invisível, o incorpóreo²⁰⁸, como por exemplo a graça e amor divinos e os pecados humanos, o que só poderia ser feito simbolicamente.

2. 2. As imagens da memória e os *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola

No período moderno despertou-se um grande interesse pela antiga *ars memorativa* criada pelos gregos a partir da convicção de que imagens construídas mentalmente serviam para a fixação de algo com a memória²⁰⁹. Arte que, como vimos, teve sua invenção atribuída a Simônides de Ceos²¹⁰.

Apenas três fontes latinas que descrevem a arte da memória chegaram até nossos dias: a *Rhetorica ad Herennium* (86-82 a.C.) – considerada a Segunda Retórica de Cícero até a segunda metade do século XV –, o *De Oratore* de Cícero (55 a.C.) e a *Institutio Oratoria* de

²⁰⁸ Vd. PAPASOGLI, Benedetta. L'espace intérieur entre littérature et peinture: le seuil et la vision. In: DEKONINCK, Ralph; GUIDERDONI-BRUSLÉ, Agnès (eds.). *Emblemata sacra... op. cit.*, p. 253-66 (p. 253-4).

²⁰⁹ Remetemos a importantes estudos sobre a arte da memória: ROSSI, Paolo. **A chave universal: artes da memorização e lógica combinatória desde Lúlio até Leibniz**. Bauru, SP: EDUSC, 2004 [1960]; YATES, Frances Amelia. **A arte da memória... op. cit.**; CARRUTHERS, Mary. **The book of memory. A study of memory in medieval culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990; _____. **The craft of thought. Meditation, rhetoric, and the making of images. 400-1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998; BOLZONI, Lina; CORSI, Pedro (a cura di). **La cultura della memoria... op. cit.**; BOLZONI, Lina. **La stanza della memoria**. Torino: Einaudi Editori, 1995; _____. **La rete delle immagini. Predicazione in volgare dalle origini a Bernardino da Siena**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2002.

²¹⁰ No *De oratore* Cícero reproduz o mito fundador da arte da memória. Simônides teria participado de um banquete no qual proferiu um poema lírico encomendado pelo anfitrião Scopas, um nobre da Tessália. Este, não satisfeito com o trabalho de Simônides pelo fato de o poema não ser exclusivamente voltado à sua honra, mas conter um louvor a Pólux e a Castor, decidiu-se por pagar pela composição apenas a metade do valor combinado, sugerindo a Simônides cobrar a outra parte aos deuses também louvados no poema. A certa altura, o poeta teria sido informado de que era esperado do lado de fora por dois jovens. Enquanto foi atender ao chamado, o teto do salão onde ocorria o banquete desabou. Simônides teria se dado conta, nesse momento, de que os gêmeos Pólux e Castor haviam pago sua parte, livrando-lhe da morte, da qual os demais convivas não escaparam e cujos corpos desfigurados pelo desastre teriam impedido os familiares de os reconhecerem. Teria sido graças à memória de Simônides que o reconhecimento dos corpos tornou-se possível, já que ele lembrava a posição que cada um ocupava na mesa. A partir desse episódio, esse poeta teria criado os preceitos da *ars memorativa*. Vd. YATES, Frances Amelia. **A arte da memória... op. cit.**, p. 17-8. Para a problematização desse mito fundador da arte da memória, vd. FABRE, Pierre-Antoine. **Ignace de Loyola: le lieu de l'image. Le problème de la composition de lieu dans les pratiques spirituelles et artistiques jésuites de la seconde moitié du XVI^e siècle**. Paris: EHESS, VRIN, 1992, (p. 91-108). Em muitos tratados, vale ressaltar, Demócrito foi considerado o “fundador” da arte da memória. Vd. ROSSI, Paolo. **A chave universal... op. cit.**, p. 71-2 (nota 44); YATES, Frances Amelia. **A arte da memória... op. cit.**, p. 140-1.

Quintiliano (I d.C.)²¹¹, todos tratados de retórica cujo estudo era previsto nos colégios da Companhia de Jesus pela *Ratio studiorum* de 1599.

Considerava-se a existência de duas formas de memória: a natural e a artificial. Esta última poderia ser desenvolvida através de técnicas, o que levaria ao aprimoramento – “treino” – da memória natural²¹². Três pontos básicos deveriam ser seguidos por aqueles que almejavam fixar algo com a memória, todos eles realizados apenas através da imaginação.

Primeiramente, era necessário compor um lugar com a memória, que poderia remeter a um local existente ou fictício. Feito isso, deveria-se em seguida dispor imagens nesses lugares, as quais seriam guardiães daquilo que deveria ser lembrado. Essas imagens poderiam fazer lembrar coisas ou palavras. Em seguida e por último, depois de ordenadas as imagens em determinado lugar com a memória – e a ordem era de fundamental importância –, poderia-se percorrê-lo em busca daquilo que se queria lembrar e que estava guardado por cada imagem²¹³.

Feito o percurso algumas vezes, era possível trazer à memória as coisas ou palavras sempre que necessário e em qualquer ordem, como provam os testemunhos dos homens de incrível memória que poderiam recitar obras inteiras, inclusive de trás para frente.

Percebemos nessa arte, portanto, uma completa integração entre palavras e imagens. Mais que integração, de acordo com o autor da *Rhetorica ad Herennium*, havia mesmo uma correspondência entre essas duas formas: “Porque os lugares são como tábuas de cera ou como papiros, as imagens são como letras, o arranjo e a disposição das imagens são como a escrita, e o fato de pronunciar é como a leitura”²¹⁴. Essa correspondência entre imagens e letras também foi evocada por Cícero no *De oratore*, cuja passagem equivalente foi citada e ratificada por Quintiliano²¹⁵, sendo, a partir de então, referida por muitos outros²¹⁶.

²¹¹ Vd. *supra* nota 51. Uma análise dessas três fontes pode ser lida no primeiro capítulo da obra de Frances Yates: Idem, p. 17-45. Rossi também tece comentários acerca desses três tratados, ainda que de maneira mais sucinta: ROSSI, Paolo. **A chave universal... op. cit.**, p. 44-7.

²¹² Como não poderia deixar de ser, apesar de bastante difundida, a arte da memória desde o início sofreu contestações como, por exemplo, por parte daqueles que consideravam que ela complicava o processo de memorização, o qual, alegava-se, poderia ser realizado simplesmente através da memória natural. O próprio Quintiliano, na *Institutio oratoria*, apesar de concordar com a utilidade da técnica, não a aconselhava sem restrições, propondo medidas mais simples, como a memorização através da visualização das palavras escritas. Vd. YATES, Frances Amelia. **A arte da memória... op. cit.**, p. 37-8, 40-5. Agripa, Erasmo, Montaigne e Ratke também criticaram a arte da memória. Os argumentos por eles apontados foram expostos por ROSSI, Paolo. **A chave universal... op. cit.**, p. 35-7.

²¹³ Algumas regras auxiliavam nesse processo, tais como, por exemplo, a escolha de um lugar sem muitas colunas, para evitar confusões, ou a opção por imagens incomuns que causassem espanto e estranhamento. É possível vislumbrar alguns exemplos na *Institutio oratoria* de Quintiliano (XI, II) citados por YATES, Frances Amelia. **A arte da memória... op. cit.**, p. 41.

²¹⁴ *Apud* Idem, p. 23.

²¹⁵ **Institutio oratoria**, XI, II *apud* YATES, Frances Amelia. **A arte da memória... op. cit.**, p. 41.

Era desse modo que se formava, na imaginação, a *imago*, construção imagética intrinsecamente ligada à teoria do conhecimento através da imagem. De acordo com a teoria formulada por Aristóteles o processo de apreensão de conhecimento tem início quando algo é captado pelos sentidos. A partir de então, as percepções sensíveis geram imagens na imaginação sem as quais não se logra conhecer coisa alguma: “A alma jamais pensa sem imagem”²¹⁷. Ademais, tais percepções e imagens “permanecem nos órgãos sensoriais mesmo quando desapareceram os objetos perceptíveis”²¹⁸.

Importa destacar que no *De inventione*, Cícero, além de considerar a memória uma das cinco partes da retórica, forneceu a chave necessária para “cristianizar” a mnemônica, ao afirmar ser a *memoria* uma das partes da Prudência, assim como a *intelligentia* e a *providentia*²¹⁹.

Após Quintiliano (c.35-95), todavia, houve um longo período de descrédito da eficácia da mnemônica para a atividade oratória até que se começasse a entrever a possibilidade de utilizá-la em práticas piedosas cristãs. Essa mudança deu-se no final do século IV e foi possibilitada sobretudo por Agostinho de Hippona (354-430) no Livro X de suas *Confissões*, fundamental para a correlação entre a memória e o conhecimento de Deus²²⁰. Para Agostinho, Deus residia na memória do homem e era nela o lugar onde se dava Seu encontro com ele²²¹.

Seria necessário esperar o século XIII para que, ancorando-se nessas considerações de Agostinho de Hippona, fosse dada importância às imagens formadas com a memória para a contemplação de Deus. Assim, no início desse século, Boncompagno da Signa (c.1170-1250), em sua *Rhetorica Novissima*, o primeiro após Agostinho a interpretar a memória artificial com lentes moralizadoras e piedosas, a consideraria importante para a prática religiosa,

²¹⁶ Como exemplo podemos citar a *Arte da Memória* do jesuíta milanês Cristoforo Borri (1583-1632) ou Cristóvão Bruno, como era conhecido em Portugal, encarregado das cátedras de matemática e astronomia na Universidade de Coimbra por três anos, datando de 1627 o caderno manuscrito conservado na Biblioteca dessa Universidade (Ms. 44) com as anotações, em português, de três cursos por ele ministrados no Colégio de Santo Antão em Lisboa: além da *Arte da Memória*, a *Nova Astronomia* e a *Arte da Navegação*. Vd. CHIAPPETTA, Angélica. Uma arte da memória do séc. XVII. In: MUHANA, Adma; LAUDANNA, Mayra; BAGOLIN, Luiz Armando (orgs.). **Retórica**. São Paulo: Annablume, IEB, 2012, p. 63-89, (p. 69). Na passagem para o Seiscentos o também jesuíta Luis de la Puente (1554-1624) insistiria no argumento da analogia entre escrita e imagem da memória em seu *Meditaciones espirituales*: “[Los lugares son] parecidos a tablillas de cera o de papel, siendo las imágenes como letras que se instalan en aquellas para su lectura y recuerdo”. Citado por De la Flor a partir de uma edição tardia da obra de De La Puente (Barcelona, 1884, I, p. 56): DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria... op. cit.**, p. 87.

²¹⁷ ARISTÓTELES. **De anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2012, (III.7, 431a8, p. 119).

²¹⁸ Idem, III.2, 425b12, p. 105.

²¹⁹ **De inventione**, II, LIII. A Prudência, por sua vez, assim como a Justiça, a Temperança e a Constância, é uma virtude cardeal. A memória artificial foi então trasladada do âmbito da retórica para o da ética. Vd. YATES, Frances Amelia. **A arte da memória... op. cit.**, p. 39.

²²⁰ DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria... op. cit.**, p. 149.

²²¹ Vd. Idem, p. 67-72.

destacando sua essencial finalidade de recordar os gozos do Paraíso e os sofrimentos do Inferno²²².

A escolástica foi fundamental para que esse entrelaçamento entre a arte da memória e as práticas cristãs se concretizasse, tendo sido em seu seio que se deu a junção discursiva da teoria aristotélica do conhecimento com a teoria mnemônica²²³.

Nessa mescla empreendida notavelmente por Alberto Magno (1206-1280) e Tomás de Aquino (1225-1274)²²⁴, em que o tratado de Aristóteles especificamente voltado para a questão da memória – o *De memoria et reminiscencia* – foi utilizado como base filosófica justificadora da arte da memória artificial, a composição de lugares e imagens com a memória caracterizaram um método para contemplar o divino²²⁵. A Ordem dominicana abriria assim o caminho para outras Ordens religiosas, aqui inclusa a Companhia de Jesus, no que tange à utilização de técnicas mnemônicas na exercitação espiritual²²⁶.

Tomás de Aquino, representante máximo da escolástica dominicana, acrescentaria ao pressuposto aristotélico da impossibilidade de conhecer sem imagens, do qual se apropriou, o conceito de similitudes corporais: a imagem seria, do ponto de vista tomista, um simulacro de algo corpóreo sem o qual não seria possível lembrar *intentiones* simples e espirituais²²⁷.

Essa potencialidade de reter imagens com a memória havia sido apontada há muito no contexto cristão por Gregório Magno como uma das funções atribuídas às imagens: serviam para fixar histórias sacras e vidas de santos, cujos modelos deveriam ser seguidos.

Essas imagens a princípio invisíveis, ou melhor, visíveis apenas com a “vista da imaginação” – para adotar uma expressão largamente utilizada por Inácio de Loyola – revelaram-se fundamentais na prática meditativa da Companhia de Jesus desde os primeiros anos de sua fundação, nomeadamente no método de composição de lugar adotado nos *Exercícios espirituais* inicianos.

Compor lugares com a memória, como vimos, é uma prática bastante longa e seu uso na meditação piedosa também já estava consolidado²²⁸ quando Inácio de Loyola utilizou-se desse mecanismo como auxiliar da e prepatório para a meditação²²⁹.

²²² Idem, p. 72-3.

²²³ Sobre essa fusão, vd. ROSSI, Paolo. **A chave universal...** *op. cit.*, p. 49-52; YATES, Frances Amelia. **A arte da memória...** *op. cit.*, Capítulo 3, “A Arte da Memória na Idade Média”, p. 73-109.

²²⁴ Nos referimos à obra *De bono* de Alberto Magno e à *Summa theologiae* de Tomás de Aquino, bem como aos comentários de ambos ao tratado aristotélico *De memoria et reminiscencia*.

²²⁵ Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria...** *op. cit.*, p. 73.

²²⁶ Vd. Idem, p. 74, 76-83, 149-50.

²²⁷ Vd. YATES, Frances Amelia. **A arte da memória...** *op. cit.*, p. 95-6.

²²⁸ Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria...** *op. cit.*, p. 120. A influência da *devotio moderna* no pensamento iniciano é notável. Nos *Exercícios espirituais* percebe-se o uso de fontes tais como o

Esse livro escrito pelo fundador da Companhia de Jesus, vindo à luz pela primeira vez em 1548 em Roma às custas de Francisco de Borja²³⁰, regulamentava e instruía a forma como os exercícios espirituais deveriam ser feitos.

Estabelecia-se, para a exercitação espiritual, um período de quatro semanas não necessariamente de sete dias cada uma: a primeira destinada à consideração e contemplação dos pecados; a segunda dedicada à vida de Cristo, incluindo o dia de Ramos; a terceira, à Paixão; e a última, à ressurreição e ascensão²³¹.

Meditaciones Vitae Christi de São Boaventura, o *Vita Christi* de Ludolfo de Saxônia e o *Exercitatorio de la vida espiritual* do cardeal García de Cisneros.

²²⁹ Vd. GUILLERMOU, Alain. **St Ignace de Loyola et la Compagnie de Jésus**. Paris: Éditions du Seuil, 1960, (p. 84). Teresa de Ávila (1515-1582), contemporânea de Inácio de Loyola, convidava para uma meditação que utilizava o recurso do *Castelo interior*. Vd. PAPASOGLI, Benedetta. L'espace intérieur entre littérature et peinture... *op. cit.*, 257-8. Salviucci Insolera afirma que apesar de a mística basear-se no método meditação-contemplação, a originalidade do fundador da Companhia de Jesus foi tornar esse método acessível a muitos. INSOLERA, Lydia Salviucci. **L'Imago Primi Saeculi... op. cit.**, p. 24.

²³⁰ LOYOLA, Inácio de. **Exercitia Spiritualia**. Romae: apud Antonium Bladum, 1548. Antes disso circulava em manuscrito para guia e esclarecimento daqueles que davam os exercícios. Uma edição coimbrã veio à luz poucos anos depois daquela romana, em 1553, mas Simão Rodrigues e Francisco Xavier utilizavam-se da obra inaciana em Portugal desde 1540. Vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. I, vol. I, p. 634-5.

²³¹ Vd. a quarta das *Anotaciones para tomar alguna inteligencia en los ejercicios espirituales que se siguen, y para ayudarse, asi el que los ha de dar como el que los ha de recibir* [4]. Utilizamos a seguinte edição espanhola dos *Exercícios espirituais* inacianos: ARZUBIALDE, Santiago. **Ejercicios espirituales de S. Ignacio. Historia y Análisis**. Bilbao; Santander: Mensajero; Sal Terrae, 1991, (p. 26). Antecedem as recomendações para as quatro semanas de exercícios algumas considerações: as *Anotaciones* supracitadas [1-21], o *Prosupuesto* [22], *Principio y fundamento* [23], asseveraões sobre o *Examen particular y cotidiano* [24-31] e sobre o *Examen general de conciencia para limpiarse y para mejor se confesar* [32-43] – em relação ao pensamento [33-37], à palavra [38-41] e à obra [42], incluindo o *Modo de hacer el examen general* [43] – e sobre a *Confesión general con la comunión* [44]. A primeira semana inclui cinco exercícios: o primeiro é uma meditação com as três potências – memória, entendimento e vontade – sobre os três primeiros pecados [45-53]; o segundo é uma meditação sobre os pecados [55-61]; o terceiro é a repetição dos dois exercícios anteriores, com três colóquios: à Nossa Senhora, a Cristo e a Deus Pai [62-63]; o quarto, por sua vez, é um resumo do terceiro [64]; por fim, há a meditação sobre o inferno [65-72]. Ademais, Inácio de Loyola escreveu para o final dessa semana algumas *Adiciones para mejor hacer los ejercicios y para mejor hallar lo que desea* [73-90]. A segunda semana é sobre *El llamamiento del rey temporal*, que *ayuda a contemplar la vida del rey eternal* [91-100]. Dela fazem parte a contemplação da encarnação [101-109] e a do nascimento [110-117], seguidas por duas repetições desses dois últimos exercícios [118-119] [120] e, por fim, a contemplação referente à *traer los cinco sentidos sobre la primera y segunda contemplación* [121-126], depois da qual há um *Directorio* [127-134], um *Preámbulo para considerar estados* [135], a meditação sobre as duas bandeiras [136-148], a *de tres binarios de hombres* [149-157], um segundo diretório que compreende do quinto ao décimo segundo dias [158-163], além de um esclarecimento sobre as três maneiras de humildade [164-168] e sobre a eleição, incluindo um preâmbulo [169], as coisas das quais se deve fazer eleição [170-174], os três tempos para fazer uma eleição sã e boa [175-188], ademais de uma advertência *Para emendar y reformar la propia vida y estado* [189]. A terceira semana é referente à Paixão de Cristo: nela se contempla desde a saída de Cristo de Betânia até a casa onde Nossa Senhora teria ido depois do sepultamento de Cristo [190-209], ao que seguem algumas regras relativas à alimentação [210-217]. A quarta semana é dedicada à ressurreição de Cristo. A primeira contemplação é sobre a aparição de Cristo à Nossa Senhora [218-225], seguida de quatro notas [226-229]. Prossegue-se com a *Contemplación para alcanzar amor* [230-237]. Em seguida Inácio de Loyola aponta os três modos de orar [238-260] e detém-se nos mistérios da vida de Cristo [261-312]. Por fim, enumera catorze *Reglas para en alguna manera sentir y conocer las varias mociones que en la anima se causan: las buenas para recibir y las malas para lanzar, y son mas propias para la primera semana* [313-327] e outras oito *Reglas para el mismo efecto con mayor discrecion de spiritus, y conducen mas para la segunda semana* [328-336]. Seguem-se sete regras relativas ao *ministerio de distribuir limosnas* [337-344] e seis notas *Para sentir y entender escrupulos y suasionen de nuestro enemigo* [345-351]. O livro de *Exercícios*

Os exercícios espirituais foram definidos por Inácio de Loyola como “todo modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mental, e de outras espirituais operações”, bem como “todo modo de preparar e dispor a alma para retirar de si todas as afeições desordenadas e, depois de retiradas, para buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para a saúde da alma”²³².

Assim, os exercícios deveriam fazer com que o exercitante alcançasse o melhoramento espiritual, vencendo a si mesmo, livrando-se dos afetos desordenados, ordenando sua vida²³³ e buscando a vontade divina, ou seja, fazendo jus à razão para a qual o homem teria sido criado: louvar, reverenciar e servir a Deus e, a partir disso, salvar-se²³⁴. Nas meditações influíam as três potências da alma: a memória, o entendimento e a vontade.

Não nos propomos, aqui, a discutir sobre o complexo e bastante estudado tema da espiritualidade inaciana. Destacaremos apenas alguns métodos dos quais se utilizou Inácio de Loyola que chamam nossa atenção pela sua ligação seja com a teoria do conhecimento através da imagem, seja com a arte da memória – composição de lugar, “trazer à memória”, repetição de exercícios e aplicação dos sentidos, sobretudo o visivo.

A exercitação espiritual envolvia um mestre, um diretor, responsável por dar os exercícios para meditação e contemplação e por narrar a história evangélica de maneira fiel, discorrendo brevemente sobre determinados pontos. Narrativa breve a partir da qual o exercitante deveria refletir e “sentir a história”, “Porque não o muito saber farta e satisfaz a alma, mas o sentir e provar das coisas internamente”²³⁵.

A maior parte das meditações e contemplações propostas ao exercitante por Inácio de Loyola são precedidas de preâmbulos que se encarregam de explicar a história, de compor o lugar e de, através da pergunta “o que eu desejo?”, pedir conhecimento interno do tema da meditação.

O recurso à repetição, ligado à memorização, é bem presente na prática dos exercícios espirituais inacianos, sendo característico na terceira e na quarta contemplações da primeira e segunda semanas: nelas deveria-se repetir o primeiro e o segundo exercícios²³⁶.

Espirituais de Inácio de Loyola conclui-se com dezoito regras *Para el sentido verdadero que en la iglesia militante debemos tener* [352-370].

²³² As duas citações fazem parte da primeira das *Anotaciones*: ARZUBIALDE, Santiago. **Ejercicios espirituales...** *op. cit.*, [1], p. 25 (tradução livre).

²³³ Vd. Idem, [21], p. 57.

²³⁴ Vd. Idem, [23], p. 57.

²³⁵ Vd. Idem, [2], p. 25-6 (citação na p. 26, tradução livre).

²³⁶ Vd. Idem, [62], [64], [118-120], p. 159 e 291. Ademais, a repetição é aconselhada em várias ocasiões na segunda semana – [132-134], [148], [159] –, na terceira – [204], [208] – e na quarta – [226]. Vd. Idem, p. 304, 310, 347, 419-21, 460.

Na meditação o exercitante deve “ver com a vista da imaginação” as personagens da história, ouvir o que elas dizem e olhar o que fazem de forma a extrair o maior proveito possível²³⁷. As imagens deviam ser invocadas intencionalmente através dos sentidos a fim de tornar presente o ausente²³⁸.

A descrição do lugar que deve ser formado com a memória enquadra a história: é o cenário no qual a história evangélica ocorre, onde se escuta os personagens e onde se observa o que se passa. Dessa maneira, o fundador da Ordem jesuítica pretende fazer com que aquele que faz os exercícios espirituais sinta-se partícipe da história evangélica: que ele veja e sinta tanto o sofrimento do Cristo quanto o Seu amor e, assim, escolha imitá-Lo e servi-Lo.

Logo no primeiro preâmbulo do primeiro exercício da primeira semana – a meditação com as três potências sobre o primeiro, o segundo e o terceiro pecados –, que corresponde à “composição vendo o lugar”, Inácio de Loyola nos fornece um esclarecimento sobre o que se deve “ver com a vista da imaginação”, tanto as coisas visíveis quanto as invisíveis:

*Aqui é de notar que na contemplação ou meditação visível, assim como contemplar a Cristo nosso Senhor, o qual é visível, a composição será ver com a vista da imaginação o lugar corpóreo onde se encontra a coisa que quero contemplar. Digo o lugar corpóreo assim como um templo ou monte onde se encontra Jesus Cristo ou nossa Senhora (...). Na invisível, como é aqui dos pecados, a composição será ver com a vista imaginativa e considerar minha alma ser encarcerada neste corpo corruptível, e todo o compósito neste vale como desterrado entre brutos animais.*²³⁹

Além de, com o auxílio de imagens, compor um lugar com a imaginação, recomenda-se “trazer à memória” os três pecados – o dos anjos, o de Adão e Eva e o pecado mortal de algum condenado ao inferno²⁴⁰. Feito isso, as duas outras potências da alma entrariam em cena: poderia-se discorrer com o entendimento e mover os afetos com a vontade²⁴¹.

As maneiras de fazer composições de lugar são variadas no livro de *Exercícios Espirituais*. Em duas ocasiões limita-se a prescrever que o exercitante veja a si mesmo diante

²³⁷ Ver, por exemplo, as prescrições referentes à contemplação da encarnação [106-108] e à do nascimento [114-116]; e, ainda, a que diz respeito à ida de Cristo a Jerusalém partindo de Betânia, que inclui a última ceia [194]: Idem, p. 242, 251-2, 417-8.

²³⁸ Vd. o verbete “Imaginación” do **Diccionario de espiritualidad inaciana... op. cit.**, vol. II, p. 987-93 (p. 988).

²³⁹ ARZUBIALDE, Santiago. **Ejercicios espirituales... op. cit.**, [47], p. 125 (tradução livre).

²⁴⁰ O método de trazer os pecados à memória também deveria ser utilizado no segundo exercício da primeira semana [56]. Já na meditação sobre o inferno deveria-se trazer à memória as almas condenadas que ali estavam [71] e na sexta das *Adiciones* o mesmo era feito quanto à morte e ao juízo [78]. No *Directorio* da segunda semana, por sua vez, deveria-se frequentemente trazer à memória a vida e os mistérios de Cristo [130]. Ademais, na última semana, a da ressurreição, recomenda-se trazer à memória e pensar em coisas prazerosas, alegres, de gozo espiritual e de glória [229], além dos benefícios recebidos de criação, redenção e dons particulares [234]. Vd. Idem, p. 145, 174, 192, 304, 461, 482.

²⁴¹ Vd. Idem, [50-52], p. 126-7.

de Deus, dos anjos ou santos²⁴². Na maior parte dos casos, no entanto, um lugar concreto deve ser composto. Descrito com simplicidade e poucos detalhes, muitas vezes não se determina como o lugar deve ser, mas chama-se a atenção para a necessidade de visualizá-lo. Visualização essa feita apenas com os olhos da imaginação.

Essa carência de detalhes em várias ocasiões foi parcialmente suprida ou pelo menos auxiliada por outros elementos da meditação, caso da narração da história evangélica. Como exemplo poderíamos citar a história e a composição de lugar da contemplação referente ao nascimento de Cristo. A história é a da viagem de Nazaré a Belém feita por Maria, grávida de quase nove meses, sentada num asno, e por José e uma ancila, levando um boi, para pagar o tributo estabelecido por César²⁴³. A “composição vendo o lugar”, por sua vez, é

*Ver com a vista imaginativa o caminho de Nazaré a Belém, considerando a longura, largura, se plano ou se por vales ou costas seja o tal caminho; olhando o lugar ou espelunca do nascimento, quão grande, quão pequeno, quão baixo, quão alto, e como estava aparelhado.*²⁴⁴

Maior riqueza de detalhes e prescrições encontra-se na meditação das duas bandeiras. A composição de lugar com a memória, aqui, é auxiliada pelos pontos nos quais se deve meditar. A visualização da cena de dois grandes campos, o de Cristo em Jerusalém e o de Lúcifer na Babilônia, é, assim, facilitada quando se imagina, por exemplo, “o caudilho de todos os inimigos” no campo babilônico sentado “numa cadeira de fogo e fumaça, em figura horrível e espantosa”²⁴⁵.

Para dotar ainda de mais força a experiência espiritual do exercitante, Inácio de Loyola lançou mão de recursos que tornassem essa participação e vivência ainda mais verossímil para o devoto, o que foi feito através de induções e incitações à imaginação e de instruções específicas, como a indicação para que o exercitante se fizesse presente ao contemplar a Sagrada Família após o nascimento de Cristo: “(...) fazendo-me eu um pobrezinho e escravinho indigno, olhando-os, contemplando-os, e servindo-lhes em suas necessidades, como se presente me achasse”²⁴⁶. Isso se percebe ainda mais nos exercícios de aplicação dos sentidos.

²⁴² Vd. Idem, [151] e [232], p. 331, 481.

²⁴³ Vd. Idem, [111], p. 251.

²⁴⁴ Idem (tradução livre). Exemplo semelhante de falta de detalhes e, conseqüentemente, de liberdade na composição do lugar aparece na contemplação da ida de Cristo de Betânia para Jerusalém, incluindo a última ceia [192] e naquela da ceia ao horto [202]. Vd. Idem, p. 417, 419.

²⁴⁵ Idem, [140], p. 308 (tradução livre).

²⁴⁶ Idem, [114], p. 251 (tradução livre).

Esse método de utilização da vista, audição, olfato, gustação e tato nas práticas meditativa e contemplativa foi descrito na obra inaciana na parte referente à segunda semana de exercícios: devia-se, a fim de tirar algum proveito,

(...) *ver as pessoas com a vista imaginativa, meditando e contemplando em particular suas circunstâncias (...) ouvir com o ouvido o que falam ou podem falar (...) cheirar e provar com o olfato e com a gustação a infinita suavidade da divindade da alma e de suas virtudes e de tudo (...) tocar com o tato, assim como abraçar e beijar os lugares onde as tais pessoas pisam e se sentam (...).*²⁴⁷

Tomemos como exemplo a meditação sobre o inferno²⁴⁸. Nela todos os sentidos eram ativados e através da reflexão deveria-se tirar o maior proveito do que através deles se apreendesse. Além de “ver com a vista da imaginação a longura, largura e profundidade do inferno”²⁴⁹, como prescrito para a composição de lugar, apontava-se a necessidade, entre outras coisas, de ver os condenados, os demônios e o fogo que queima embora não ilumine; de ouvir os gritos e prantos e as blasfêmias contra Cristo; de sentir o odor da putrefação, mas também o perfume da virtude; de sentir o gosto daquilo que é amargo, como a tristeza; de sentir com o tato o fogo que queima as almas²⁵⁰.

Era assim que os sentidos interiores, aqueles da imaginação, e os sentidos exteriores – visão, audição, olfação, gustação e tato – combinavam-se a fim de aguçar os sentidos espirituais, que permitiriam, por exemplo, perceber o cheiro e o gosto da doçura e suavidade da divindade ou das virtudes.

É importante ressaltar que a primeira edição dos *Exercícios Espirituais*, obra que criava uma galeria de *imago mentis*, não foi ilustrada. Originalmente Inácio de Loyola não pensou em dar contornos definidos e cor às imagens mentais que certamente pretendia que o exercitante formasse com a imaginação. Bastava que as imagens existissem mentalmente.

Alguns elementos no final da obra inaciana, no entanto, apontam para as mudanças que se fariam sentir em relação ao uso de imagens no âmbito cristão. Nas regras que deviam ser observadas *Para el sentido verdadero que en la iglesia militante debemos tener* chamam a atenção duas preocupações, ambas em pauta no concílio tridentino: a do louvor e veneração dos ornamentos e edifícios das igrejas e daquilo que as imagens representavam²⁵¹ e a do

²⁴⁷ Idem, [121-125], p. 291-2 (citação na p. 292, tradução livre).

²⁴⁸ Vd. Idem, [65-72], p. 173-4.

²⁴⁹ Idem, [65], p. 173 (tradução livre).

²⁵⁰ Idem, [66-70], p. 173.

²⁵¹ Idem, [360], p. 806.

cuidado que se devia ter naqueles “tempos tão perigosos”, principalmente para que as pessoas não caíssem em erro²⁵².

O uso de ilustrações na literatura espiritual jesuítica passa a ser recorrente a partir da segunda metade do século XVI, vejam-se por exemplo os catecismos ilustrados dos jesuítas Giovanni Battista Eliano²⁵³ e Pietro Canisio²⁵⁴, feitos a partir das prescrições do concílio tridentino²⁵⁵. No século seguinte essa prática se intensificaria, tendo os jesuítas se empenhado inclusive em ilustrar os *Exercícios espirituais* inicianos²⁵⁶.

2. 3. O Pe. Jerónimo Nadal e a materialização das imagens na literatura espiritual jesuítica

A arte da memória, como pudemos perceber, era construtora de imagens. Imagens tanto interiores quanto exteriores. Se na faculdade da imaginação a imagem é invisível aos olhos, essa imagem mental podia tornar-se concreta, tomar forma, exteriorizar-se, concretizar-se, materializar-se: bastava para isso que alguém pintasse a *imago mentis*. Assim como a formação de imagens invisíveis com a memória podia gerar imagens exteriores, o mesmo podia ocorrer em sentido inverso: a imagem concreta podia servir de suporte para a construção de uma imagem mental²⁵⁷.

Se *a priori*, com o método de formação de lugares e imagens com a memória, as imagens deveriam figurar apenas na imaginação para serem contempladas, elas acabaram sendo materializadas, representadas por imagens concretas. Poderíamos nos perguntar qual seria o motivo de trazer à luz uma imagem que deveria ser produzida interiormente por cada um, imagem essa que serviria para lembrar algo, para apreender uma mensagem.

²⁵² Devia ser evitado falar excessivamente sobre a predestinação para que o “povo miúdo” não caísse em erro [367] e ainda, ao falar da fé, cuidar para que o povo não fosse torpe e preguiçoso em suas obras [368]. Idem, p. 807-8.

²⁵³ ELIANO, Giovanni Battista. **Dottrina Christiana nella quale si contengono li principali misteri della nostra fede rappresentati con figure per instruzione de gl'Idioti, e di quelli che non sanno leggere. Conforme a quello, che ordina il Sacro Concilio Tridentino nella Sessione XXV. Composta dal P. Gio: Battista Romano della Compagnia di Iesu.** Roma: Nella Stamperia de Vincentio Accolti in Borgo, 1587.

²⁵⁴ CANISIO, Pietro. **Institutiones Christianae, seu parvus catechismus catholicorum, Precipua Christianae pietatis capita complectens: Primum quidem a P. Joanne Baptista Romano, Societas Iesu, in rudiorum et idiotarum gratiam, iuxta SS. Concilii Tridentini decretum sess. 25, imaginibus distinctus, nunc vero... eleganter expressus.** Antverpiae: Excudebat Christophorus Plantinus, Architypographus Regius sibi et Philippo Gallaeo, 1589.

²⁵⁵ Vd. **Catechismus ex Decreto Concilii Tridentini ad Parochos.** Venetiis: Apud Aldum, 1575.

²⁵⁶ Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria... op. cit.**, p. 168-9; INSOLERA, Lydia Salviucci. **L'Imago Primi Saeculi... op. cit.**, p. 53.

²⁵⁷ Vd. YATES, Frances Amelia. **A arte da memória... op. cit.**, p. 109; DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Imago... op. cit.**, p. 106.

Como podemos deduzir das regras gerais da arte da memória, tanto a composição de lugares quanto a escolha de imagens guardiães de determinados conceitos deveriam ser operadas de forma individual, já que os processos cognitivos são feitos através de conexões mentais, sobretudo se as imagens fossem simbólicas. Embora algumas imagens pudessem representar para muitos uma mesma coisa no caso dessas pessoas compartilharem um repertório imagético, outras imagens certamente poderiam levar a conexões as mais díspares.

Podemos supor que a finalidade da representação material da imagem originalmente invisível fosse não apenas a de gerar uma imagem que facilitasse a fixação com a memória, que ajudasse e incitasse a imaginação do devoto²⁵⁸, que o persuadisse de maneira mais enfática acerca da verdade dos preceitos divinos e o incitasse e atraísse à *imitatio Christi* movendo os afetos com mais eficácia, mas também a de uniformizar as imagens sobre assuntos de fundamental importância, como lembrar dos vícios e virtudes e, conseqüentemente, da forma de evitar o Inferno e alcançar o Paraíso ou não gerar erros de interpretação das Sagradas Escrituras e, portanto, heresias – já que imagens tanto podem agradar quanto enganar os olhos. O receio não se limitava, contudo, às imagens visíveis com os olhos corporais. Havia uma preocupação também com o perigo da “imaginação fértil”, que igualmente poderia levar a erros dogmáticos²⁵⁹.

Naturalmente atribuir uma imagem a um conceito invisível como o pecado, por exemplo, era mais difícil do que fazê-lo para algo corpóreo. Para tanto, havia as imagens simbólicas, que representam um conceito mais complexo, um significado para além do que se pode ver.

Importa destacar a tentativa frustrada empreendida por Francisco de Borja durante a década de 1560 de compor uma obra ilustrada com meditações sobre os mistérios evangélicos²⁶⁰. A gravura deveria preceder a meditação – tal como a composição de lugar

²⁵⁸ Vd. INSOLERA, Manuel. La spiritualité dans le livre illustré moderne en général. In: _____; INSOLERA, Lydia Salviucci. **La spiritualité en images aux Pays-Bas Méridionaux dans les livres imprimés des XVI^e et XVII^e siècles conservés à la Bibliotheca Wittockiana**. Leuven: Peeters, 1996, p. 01-6 (p. 04).

²⁵⁹ O jesuíta Luis de la Puente, por exemplo, na introdução de suas *Meditaciones espirituales* escreveu que as “veementes imaginações” dos “muito imaginativos” poderiam gerar muitas ilusões e converteriam, assim, “em seu dano, o que tomado com moderação pode ser de proveito”. Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria... op. cit.**, p. 35, 82, 119.

²⁶⁰ Trata-se das *Meditaciones para todas las dominicas y ferias del año y para las principales festividades*, nas quais Francisco de Borja trabalhou até 1568, que no entanto só viria à luz mais de cem anos depois, em 1675, em latim e sem imagens, as quais parecem ter sido em parte gravadas. O manuscrito original em castelhano foi impresso apenas no ano de 1912 em Madri. Vd. CEBALLOS, Alfonso Rodríguez Gutiérrez de. Las “Imágenes de la Historia Evangélica” del P. Jerónimo Nadal en el marco del jesuitismo y la Contrarreforma. **Traza y Baza. Cuadernos Hispanos de simbología. Arte y Literatura**, Barcelona, 5, p. 77-95, 1974, (p. 82-3); PALUMBO, Genoveffa. **Le porte della storia. L'età moderna attraverso antiposte e frontespizi figurati**. Roma: Viella, 2012, (p. 58-9).

inaciana era o primeiro passo a ser realizado pelo exercitante – a fim de facilitá-la e torná-la mais proveitosa.

O Pe. Jerónimo Nadal, que tinha se proposto a agenciar a obra de Francisco de Borja em 1562, seria o autor de uma obra fundamental no que tange à materialização de imagens interiores, dando grande impulso para que a ilustração se estabelecesse no gênero editorial de espiritualidade jesuítica e desse início definitivamente à sólida tradição de meditação por imagens no seio da Companhia de Jesus²⁶¹: a *Evangelicae Historiae Imagines*, complementada pelas *Adnotationes et Meditationes in Evangelia*.

O *Evangelicae Historiae Imagines* veio à luz na Antuérpia em 1593²⁶², treze anos após a morte de seu autor, por incumbência de Diego Jimenez, seu assistente. As gravuras receberiam o complemento das anotações e meditações evangélicas no ano seguinte²⁶³. Em 1595, a edição preparada por Martin Nutius traria as duas obras em conjunto²⁶⁴, cada imagem antecedendo um texto.

De acordo com Jimenez

*Ignácio, um dia disse a Jerônimo Nadal, o quão proveitoso seria para a meditação e oração dos jovens religiosos da Companhia de Jesus, se alguém reduzisse os escritos evangélicos, lidos durante as missas de domingo, através de tópicos específicos ou pontos para a meditação, além de complementá-los com sua exegese apropriada e com imagens.*²⁶⁵

Grande foi o alcance da obra do Pe. Nadal, que reunia imagens que, acompanhadas de explicações e meditações, tinham o intento de auxiliar na compreensão da história evangélica: o método por ele utilizado serviu de modelo para outras obras da literatura espiritual²⁶⁶ e suas gravuras reverberaram na decoração de igrejas²⁶⁷.

²⁶¹ Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. *Teatro de la memoria... op. cit.*, p. 87-8, 169.

²⁶² NADAL, Jerónimo. *Evangelicae historiae imagines ex ordine Evangeliorum quae toto anno in Missae sacrificio recitantur, inordine temporis vitae Christi digestae*. Amberes: Martinus Nutius, 1593.

²⁶³ NADAL, Jerónimo. *Adnotationes et meditationes in Evangelia quae in sacrosancto Missae sacrificio toto anno leguntur; cum Evangeliorum concordantia historiae integritati sufficienti*. Amberes: Martinus Nutius, 1594.

²⁶⁴ NADAL, Jerónimo. *Adnotationes et meditationes in evangelia quae in sacrosancto missae sacrificio toto anno leguntur; Cvm evangeliorvm concordantia historiae integritati sufficienti. Accessit & Index historiam ipsam Evangelicam in ordinem temporis vitae Christi distribuens. Auctore Hieronymo Natali Societatis Iesv Theologo*. Antuerpiae: excudebat Martinus Nutius, 1595. Em 1605 as gravuras da obra de Nadal foram vendidas pelo reitor do Colégio da Companhia de Jesus da Antuérpia para Jan Moretus e Théodore Galle. Em 1607 a obra teria edição saída da oficina de Moretus. Vd. *Diccionario de espiritualidad inaciana... op. cit.*, vol. II, p. 1318 (verbete “Jerónimo Nadal”); PALUMBO, Genoveffa. *Le porte della storia... op. cit.*, p. 49, nota 80.

²⁶⁵ *Apud* AULER, Isabel Cristina Fernandes. *Spiritu, corde et practice*. A cultura visual e o “modo de proceder” jesuítico. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano II, n. 4, p. 289-317, Mai. 2009, (p. 291-2).

²⁶⁶ Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. *Teatro de la memoria... op. cit.*, p. 168-70; CEBALLOS, Alfonso Rodríguez Gutiérrez de. Las “Imágenes de la Historia Evangélica”... *op. cit.*, p. 93-4; NICOLAU, Miguel. *Jerónimo Nadal, S. I. (1507-1580). Obras y doctrinas espirituales*. Madrid: Instituto Francisco Suarez.

Apesar da afirmação de Jimenez de que a obra era destinada aos jesuítas, sobretudo para os jovens estudantes, o público seria bem mais vasto e para tal influiu a presença de imagens. O erudito texto das anotações e meditações com muitas referências à Sagrada Escritura e aos comentários dos Padres da Igreja restringiam em parte os destinatários da mensagem sacra. As 153 gravuras – possivelmente ideadas pelo próprio Nadal e encomendadas a ilustres artistas²⁶⁸ –, por sua vez, narrando cenas da história evangélica sobretudo no que tange à vida de Cristo e ordenadas conforme o calendário litúrgico, foram bastante utilizadas como meio de evangelização nas missões pelo seu poder impressivo e sua capacidade de mover à piedade, já que com esse livro se podia “pôr diante dos olhos aquilo que às vezes com palavras não podemos declarar”²⁶⁹.

Ademais, cabe retomar a capacidade da imagem de fixar conteúdos²⁷⁰. A imagem exteriorizada, na obra nadaliana, fixava-se como imagem interna, num movimento contrário ao que percebemos nos *Exercícios espirituais*, cujas imagens formadas apenas com a imaginação foram posteriormente materializadas. Vale ressaltar que com a transformação de imagens mentais em imagens concretas podia-se teoricamente sanar duas dificuldades: a de compor imagens com a memória por parte de uns e o perigo dessas composições por parte daqueles que, pelo contrário, tinham a imaginação demasiadamente “fértil”.

Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1949, (p. 170-88); FABRE, Pierre-Antoine. Les “Exercices spirituels” sont-ils illustrables?. In: GIARD, Luce; VAUCELLES, Louis de (eds.). **Les jésuites à l’âge baroque (1540-1640)**. Grenoble: Jérôme Millon, 1996, p. 197-209 (p. 204-9); LAZURE, Guy. Nadal au Nouveau Monde. Une traduction poétique des *Evangelicae Historiae Imagines*, Pérou, vers 1614. In: DEKONINCK, Ralph; GUIDERDONI-BRUSLÉ, Agnès (eds.). **Emblemata sacra... op. cit.**, p. 321-31.

²⁶⁷ Vd. FABRE, Pierre-Antoine. L’image humiliée. Le modèle des *Evangelicae historiae imagines* dans l’*Arte de la Pintura* de Francisco Pacheco. In: VINCENT-CASSY, Cécile (ed). **Usos y espacios de la imagen religiosa en la monarquía hispánica del siglo XVII**. Madrid : [s.n.], 2006; _____. L’image possible. Réflexions sur le défaut d’illustration dans les écrits prescriptifs et défensifs sur l’image au XVI^e siècle. In: DEKONINCK, Ralph; GUIDERDONI-BRUSLÉ, Agnès (eds.). **Emblemata sacra... op. cit.**, p. 229-51, (p. 246-8); MUÑOZ, Ángel Muñiz. Originalidad y copia. Modelos grabados en la obra del pintor Juan de Miranda. **Revista de Historia Canaria**, 184, p. 241-53, abr. 2002, (p. 242, 249, 251).

²⁶⁸ Essas imagens teriam se baseado numa compilação de desenhos de Livio Agresti realizados entre 1555 e 1562, a partir dos quais o jesuíta Giovanni Battista Fiammeri teria produzido uma série de modelos, retomados por Passeri e Marten de Vos, responsáveis pelos modelos definitivos presentes na obra nadaliana. Os irmãos Wierx – Johan, Anthonie e Hieronymus –, Charles de Mallerij, Adrian Collaert e Jean Collaert foram os responsáveis por transformá-los em gravuras. Vd. AULER, Isabel Cristina Fernandes. *Spiritu, corde et practice... op. cit.*, p. 291 (nota 2); PALUMBO, Genoveffa. **Le porte della storia... op. cit.**, p. 59 (nota 103).

²⁶⁹ Trecho de carta escrita por Matteo Ricci em 12 de maio de 1605 ao assistente do Pe. Geral Acquaviva solicitando outro volume da obra do Pe. Nadal. *Apud* PALUMBO, Genoveffa. **Le porte della storia... op. cit.**, p. 58 (tradução livre). A fim de custear a publicação da obra, o assistente do Pe. Geral Mercuriano, Paul Hoffaus, em carta ao Papa Clemente VIII, alegou que os missionários nas Índias “utilizando as imagens, poderão mais facilmente cooptar novos cristãos pelos mistérios da redenção humana, os quais são difíceis de compreender através da pregação e catecismo”. *Apud* AULER, Isabel Cristina Fernandes. *Spiritu, corde et practice... op. cit.*, p. 292.

²⁷⁰ Não nos referimos, aqui, às técnicas mnemônicas. Para tanto, vd. as opiniões contrastantes de De la Flor e Miguel Nicolau: DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria... op. cit.**, p. 88-91; NICOLAU, Miguel. **Jerónimo Nadal, S. I. (1507-1580)... op. cit.**, p. 413-22.

Os pontos de encontro entre essas duas obras, a de Inácio de Loyola e a do Pe. Jerónimo Nadal, são principalmente o apelo aos sentidos, sobretudo o da vista – com os olhos da imaginação numa, com os corporais, na outra –, e o convite feito aos praticantes dos exercícios de meditação para que participem da história evangélica. A obra nadaliana de certa forma materializou a composição de lugar com a memória realizada pelo exercitante espiritual.

O recurso utilizado pelo Pe. Nadal para entrelaçar as imagens e os textos foi o das chamadas por meio de letras. Assim, as letras que encontram-se assinaladas na imagem, repartida numa multiplicidade de cenas, como podemos ver no exemplo abaixo (**Img. 1**), indicam os passos a serem seguidos na meditação e remetem a legendas que indicam em poucas palavras os personagens e o tema da meditação, mais aprofundado no comentário.



Imagem 1²⁷¹

²⁷¹ NADAL, Jerónimo. *Evangelicae historiae imagines... op. cit.*, gravura 7.

A obra nadaliana, ao levar a cabo a representação material de imagens antes apenas mentais como forma de auxiliar na prática meditativa, inaugurou uma nova era na literatura espiritual jesuítica²⁷², na qual a devoção privada e a meditação sobre a vida de Cristo repousa em e é possibilitada por imagens. Esse movimento de ilustração das obras abarcou inclusive os *Exercícios espirituais* de Inácio de Loyola²⁷³, cuja primeira edição ilustrada foi impressa em Roma em 1649²⁷⁴.

As vinte e sete imagens nela contidas, que em edições posteriores chegariam a cinquenta e seis, são uma síntese de toda uma produção gráfica anterior – inclusive da emblemática – principalmente oriunda da Antuérpia, como apontou Ralph Dekoninck²⁷⁵. As fontes em que se basearam essas imagens foram extraídas de diversas obras herdeiras da obra nadaliana e grandemente influenciadas por ela, como por exemplo a tradução adaptada das *Adnotationes et meditationes* feita por Bartolomeo Ricci²⁷⁶, a obra do Pe. Thomas Sailly²⁷⁷ e, sobretudo, os livros dos também jesuítas Antoine Sucquet²⁷⁸ e Herman Hugo²⁷⁹.

Dessa forma, percebemos um movimento circular de influências: os *Exercícios espirituais* inacianos, no qual as imagens originalmente deviam ser vistas apenas com a “vista

²⁷² INSOLERA, Lydia Salviucci. Le livre spirituel jésuite en particulier. In: INSOLERA, Manuel; INSOLERA, Lydia Salviucci. **La spiritualité en images...** *op. cit.*, p. 139. Benedetta Papasogli, apesar de não apontar especificamente para a obra nadaliana, afirma igualmente que na passagem do século XVI para o XVII houve uma revolução na história da experiência espiritual e de suas representações. PAPASOGLI, Benedetta. L'espace intérieur entre littérature et peinture... *op. cit.*, p. 254.

²⁷³ Pierre-Antoine Fabre se perguntou sobre se essa obra inaciana teria encorajado sua posterior ilustração: FABRE, Pierre-Antoine. Les “Exercices spirituels” sont-ils illustrables?... *op. cit.*

²⁷⁴ LOYOLA, Inácio de. **Esercitiū Spirituali**. Roma: appresso l'Erede di Manelfo Manelfi, 1649.

²⁷⁵ Vd. DEKONINCK, Ralph. L'emblématique jésuite à l'épreuve de l'illustration des *Exercices Spirituels*. In: POZA, Sagrario López (ed.). **Florilegio de estudios de emblemática. Actas del VI Congreso Internacional de Emblemática de The Society for Emblem Studies**. A Coruña, 2002. Ferrol: Sociedad de Cultura Valle Inclán, 2004, p. 267-74; DEKONINCK, Ralph. L'invention de l'image de la Compagnie de Jésus entre Rome et Anvers. In: DACOS, Nicole; DULIÈRE, Cécile (dirs.). **Italia Belgica. La Fondation Nationale Princesse Marie-José et les relations artistiques entre la Belgique et l'Italie. De Nationale Stichting Prinses Marie-José en de artistieke betrekkingen tussen België en Italië 1930-2005**. Bruxelles; Rome: Institut Historique Belge de Rome, 2005, p. 163-87; DEKONINCK, Ralph. La conversion emblématique des figures bibliques dans la littérature jésuite (Nadal 1595 – Engelgrave 1648). In: FRANÇOIS, Wim; DEN HOLLANDER, August (eds.). **Infant milk or hardy nourishment? The Bible for lay people and theologians in the early modern period**. Leuven; Paris; Walpole, MA: Uitgeverij Peeters, 2009, p. 387-410. Nesses estudos, Dekoninck vai de encontro à tese de Lydia Salviucci Insolera, que supôs que as ilustrações dos *Exercícios espirituais* inacianos teriam sido concebidas em torno de 1600. Gravuras essas, por ela atribuídas a Peter Paul Rubens, que teriam certa restrição quanto ao público, já que estariam em domínio dos diretores espirituais, responsáveis por mostrá-las aos exercitantes. Vd. INSOLERA, Lydia Salviucci. Le illustrazioni per gli Esercizi Spirituali intorno al 1600. **AHSI**, 119, p. 161-217, 1991.

²⁷⁶ RICCI, Bartolomeo. **Vita Domini Nostri Jesus Christi ex verbis Evangeliorum in ipsismet concinnata**. Roma: B. Zanetti, 1607.

²⁷⁷ SAILLY, Thomas. **Thesaurus precu et exercitiorum spiritualium**. Antverpiae: ex Officina Plantiniana, apud Ioannem Moretum, 1609.

²⁷⁸ SUCQUET, Antoine. **Via Vitae AETernae iconibus, illustrata per Boetium a Bolswert**. Antvuerpiae: typis Martin Nutius, 1620.

²⁷⁹ HUGO, Herman. **Pia Desideria Emblematis Elegiis et affectibus S.S. patrum illustrata**. Antverpiae: Vulgavit Boetius a Bolswert Typis Henrici Aertssenii, 1624.

da imaginação”, receberam ilustrações recolhidas e baseadas nas obras da literatura espiritual jesuítica herdeiras da obra do Pe. Jerónimo Nadal.

2. 4. O uso da imagem na prática meditativa: o caso da *Practica dos Exercícios Espirituais de S. Ignacio do Pe. Sebastián Izquierdo*

A partir de agora analisaremos a versão dos *Exercícios espirituais* inicianos que mais circulou na Península Ibérica: a *Practica de los ejercicios espirituales del N. Padre S. Ignacio* do jesuíta espanhol Sebastián Izquierdo (1601-1680), cuja *editio princeps* veio à luz em Roma em 1665²⁸⁰. A primeira edição ilustrada dessa versão adaptada e compacta da obra iniciano publicada um século e meio antes seria impressa alguns anos depois, em 1672²⁸¹.

Espanhol nascido em Alcaraz, Sebastián Izquierdo ingressou na Companhia de Jesus no dia 17 de setembro de 1623. Licenciou-se em Artes na Universidade de Alcalá, residiu no Colégio Imperial de Madri, foi censor da Inquisição (1638) e professor nos colégios jesuíticos de Murcia, Alcalá e Madri até o ano de 1661, quando tornou-se Assistente da Espanha e das Índias Ocidentais.

Sua produção escrita insere-se nos campos da filosofia, da teologia e da ascese-mística, destacando-se o *Pharus Scientiarum* impresso em Lyon em 1659²⁸², obra em que se mostra a influência do pensamento de Ramon Llull, da busca por uma arte geral do saber, da arte da memória; o *Opus Theologicum*, cujos dois tomos foram impressos em Roma na oficina varesiana respectivamente em 1664 e 1670; e a *Practica de los ejercicios espirituales del N. Padre S. Ignacio*²⁸³.

²⁸⁰ IZQUIERDO, Sebastián. **Practica de los ejercicios espirituales del N. Padre S. Ignacio**. Roma: por Varese, 1665.

²⁸¹ Vd. FABRE, Pierre-Antoine. **Ignace de Loyola: le lieu de l'image... op. cit.**, p. 255 (nota 85).

²⁸² Lugduni: sumpt. Claudii Bourgeat, et Mich. Lietard, 1659, 2 vols.

²⁸³ Vd. BACKER, Augustin de; BACKER, Alois de; SOMMERVOGEL, Charles. **Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus ou notices bibliographiques 1º de tous les ouvrages publiés par les membres de la Compagnie de Jésus depuis la fondation de l'Ordre jusqu'a nos jours 2º des apologies, des controverses religieuses, des critiques littéraires et scientifiques suscitées a leur sujet par Augustin de Backer de la Compagnie de Jésus avec la collaboration d'Alois de Backer et de Charles Sommervogel de la même Compagnie. Nouvelle édition refondue et considérablement augmentée. Tome deuxième H-Q**. Liège; Lyon: Chez l'auteur A. de Backer; Chez l'auteur C. Sommervogel, 1872, p. 298-300; HERREROS, José Luis Fuertes. **El arte general del saber en Sebastián Izquierdo. Estudio del "Pharus Scientiarum" (1659)**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1980, (p. 09-13); FABRE, Pierre-Antoine. **Ignace de Loyola: le lieu de l'image... op. cit.**, p. 254-5; DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria... op. cit.**, p. 46-7. Assim como Herreros, aqueles que se dedicaram a estudar a produção do Pe. Izquierdo o fizeram sobretudo no campo da filosofia. Vd. CEÑAL, Ramón. El P. Izquierdo y su *Pharus Scientiarum*. **Revista de Filosofía**, I, p. 68-83, 1942; DI VONA, Piero. **I concetti trascendenti in Sebastián Izquierdo e nella Scolastica del Seicento**. Napoli: Loffredo, 1994. Para um aprofundamento sobre a influência de Ramon Llull no âmbito jesuítico e especificamente na produção de Sebastián Izquierdo, vd. BATLLORI, Miguel. Los jesuitas y la Combinatoria luliana. **Umanesimo e Esoterismo**. Padua: [s.n.], 1960; CEÑAL, Ramón. **Introducción a la combinatoria de**

Originalmente publicada em espanhol e bastante difundida na Península Ibérica, onde teve inúmeras edições, essa obra foi traduzida para diversos idiomas: francês, latim, italiano, alemão e português.

Apesar de as edições em espanhol certamente terem sido bastante utilizadas em Portugal devido ao característico bilinguismo da Península Ibérica, teceremos nossos comentários a partir da tradução portuguesa feita pelo Pe. Manoel de Coimbra por ser a única versão impressa em Portugal, vinda à luz em Lisboa em 1687²⁸⁴.

Dedicada pelo tradutor *Ao inclyto patriarca S. Ignacio de Loyola, & a seus generosos filhos*, a obra do Pe. Izquierdo, na qual o período de exercitação foi adaptado de quatro semanas para oito dias²⁸⁵, contém oito exercícios, precedidos pelas *Advertencias acerca destes exercicios* e pelas *Advertencias àcerca da Oração mental, ou Meditação*²⁸⁶.

O primeiro exercício, *Do Principio, & Fundamento*, é exposto através de quatro pontos. Seguem algumas considerações acerca *Do Exame géral quotidiano da consciencia*, explicitando-se *A fôrma deste exame géral, que contém cinco pontos*, outras acerca *Do exame particular quotidiano da consciencia*, bem como *A fôrma deste exame particular, que se reduz a quatro pontos* e, por fim, tecem-se comentários acerca *Da Confissão géral*.

O segundo exercício é dedicado aos pecados mortais e veniais. O terceiro aborda o tema *Da Morte*; o quarto, o *Do Juízo Universal*. O quinto exercício é uma contemplação *Do Inferno*, ao final do qual se lê a seguinte frase: “Estes são os Exercicios da primeira semana de S. Ignacio”²⁸⁷. O sexto trata *Da Conquista do Reyno de Christo e Da sãa, & boa eleição*. No sétimo exercício aborda-se o tema *Da Payxaõ de Christo Nosso Senhor*, ao final do qual se lê que nele “se comprehendem (...) todos os da terceira semana de S. Ignacio”²⁸⁸. O oitavo e último trata *Do Amor de Deos*.

Sebastián Izquierdo. Madrid: [s.n.], 1974. Vd. ainda: GUIRAO, Pedro. El P. Izquierdo y el triángulo aritmético. *Revista Theoria*, 5-6, p. 81-5, 1953.

²⁸⁴ IZQUIERDO, Sebastián. **Practica dos Exercicios Espirituaes de S. Ignacio. Pelo Padre Sebastiam Izquierdo da Companhia de Jesus. Tradusida pelo P. Manoel de Coimbra Beneficiado da Magdalena. Offerecida Ao mesmo inclyto Patriarca S. Ignacio de Loyola, & a seus generosos filhos.** Lisboa: Na Officina de Joaõ Galraõ, 1687.

²⁸⁵ O Pe. Izquierdo explica essa redução no tempo de exercitação pela dificuldade de muitas pessoas em retirar-se durante trinta dias. *Idem*, p. 03.

²⁸⁶ Nessa seção encontra-se a definição e função da composição de lugar: “Depois [da oração preparatória] para a atenção na oração, & para recolher a imaginação, & para que se se divertir, a torne a recolher, tornando-a ao mesmo posto, fará a composição de lugar, que he, imaginar algũa figura corporal, ou imagem do q’ ha de meditar, fazendose presente ás pessoas, lugar, & ás mais circunstancias, segundo a materia da meditação.” Vd. *Idem*, p. 09.

²⁸⁷ *Idem*, p. 97.

²⁸⁸ *Idem*, p. 131. Apesar dessa afirmação, o sétimo exercício da obra do Pe. Izquierdo difere daquele proposto para a terceira semana de exercitação espiritual presente na obra inaciana. Vd. ARZUBIALDE, Santiago. **Ejercicios espirituales... op. cit.**, [190-209], p. 417-21.

Aos leitores dessa obra sobre a prática da exercitação espiritual postulada por Inácio de Loyola foi legado um texto marcado por seleção de trechos, por inversão na ordem dos conteúdos, por adaptações, explicações e acréscimos. A possibilidade de adaptar os exercícios espirituais propostos pelo fundador da Companhia de Jesus foi prevista pelo próprio, que abordou o assunto em suas *Anotaciones*²⁸⁹.

A edição portuguesa da obra do Pe. Izquierdo contém apenas doze imagens, apropriadas de edições dos *Exercícios espirituais inacianos*²⁹⁰, ou seja, menos da metade da quantidade de imagens presente na primeira edição ilustrada da obra de Inácio de Loyola, de 1649. Nota-se a ausência, na obra do Pe. Izquierdo, por exemplo, da gravura da “mão mnemônica” que faz referência ao tema do exame de consciência (**Img. 2**)²⁹¹ e da do homem dominado pelos sete pecados capitais (**Img. 3**)²⁹², que pode ser vista igualmente na obra de Bartolomeo Ricci de 1607 (**Img. 4**).



1. Gratias age. 2. Pete lumen. 3. Examina. 4. Dole. 5. Propone.

Imagem 2²⁹³

²⁸⁹ Vd. Idem, [18-19], p. 31-2.

²⁹⁰ Isso é válido não só para essa específica edição portuguesa da obra do Pe. Izquierdo impressa em 1687, mas para muitas edições dessa obra, nas quais os motivos e disposição dos elementos na imagem são idênticos.

²⁹¹ Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. *Emblemas. Lecturas de la imagen simbólica*. Madrid: Alianza Editorial, 1995, p. 255-75 (p. 267); PALUMBO, Genoveffa. *Speculum Peccatorum... op. cit.*, p. 233-4 (nota 65).

²⁹² Vd. Idem, p. 225-30.

²⁹³ LOYOLA, Inácio de. *Esercittii Spirituali*. Roma: Varese, 1663, s/p.

Pode-se supor que a ausência dessas imagens – uma referenciando explicitamente a arte da memória; a outra, carregada de simbolismos – deva-se ao caráter mais popular da proposta do Pe. Izquierdo, que pretendia que sua obra fosse lida por “homens, & mulheres, de qualquer estado, & condição que sejaõ, em lugar de Mestre de espíritos”²⁹⁶.

As imagens presentes na obra do Pe. Sebastián Izquierdo relacionam-se com o texto de diferentes maneiras. Na imagem (**Img. 5**) que antecede o início do terceiro exercício, o *Da Morte*, por exemplo, vemos um homem devoto com um terço na mão e semblante tranquilo no leito de morte rodeado por companheiros também devotos, por um padre com um crucifixo e por um anjo.



Imagem 5²⁹⁷

²⁹⁵ RICCI, Bartolomeo. *Vita Domini Nostri Jesus Christi...* *op. cit.*, gravura 85.

²⁹⁶ IZQUIERDO, Sebastián. *Practica dos Exercicios Espirituaes de S. Ignacio...* *op. cit.*, p. 04. Na *Advertencia* final da obra, após o oitavo exercício, o Pe. Izquierdo aventa novamente essa possibilidade ao exortar os fiéis a fazerem os exercícios espirituais uma vez ao ano “ou tendo Padre de espirito que lhes assista, & lhos dê; (que he o melhor) ou em falta delle, governandose por este livrinho conforme a instrucção acima proposta no principio delle: & se ocorrerem algũas duvidas, recorrendo com ellas a algum Confessor pio, & douto”. *Idem*, p. 143.

²⁹⁷ *Idem*, p. 62.

A morte, representada por um esqueleto, encontra-se ao fundo da cena. Abaixo lemos uma citação: “*Qva hora non pvtatis*” (Luc. 12). Temos representada a morte do justo, referenciando a opção do bem morrer. A imagem ilustra de maneira geral o significado essencial do texto. Na prescrição para a composição de lugar, lemos:

*imaginar-me em hũa cama cõ a candea na mão, desconfiado dos medicos, & intimada aquella triste sêtença, q’ Isaias notificou a El-Rey Ezequias. Dispoem de tua casa, porque morrerás, & não viverás.*²⁹⁸

A imagem (**Img. 6**) que antecede o primeiro dos oito exercícios, por sua vez, faz mais do que ilustrar o que se determina para a composição de lugar:

*A composição de lugar, será, considerar a todas as creaturas, como rios que sahem do ser immêso de Deos, como de hum mar Oceano, & vão a parar nelle, como em seu fim, & centro; & a mi, como a hũa dellas.*²⁹⁹



Imagem 6³⁰⁰

²⁹⁸ Idem, p. 63.

²⁹⁹ Idem, p. 13-4.

³⁰⁰ Idem, p. 12.

Decerto, na gravura se vê muito mais do que um homem, o exercitante, contemplando e se imaginando como um dos devotos em fila que com seus terços e mãos em posição de oração se encaminham para entrarem num rio guiados por um anjo em direção à luz divina. Podemos ver também, no lado oposto da imagem, ao invés do rio, o fogo para o qual um homem está sendo levado por demônios e serpentes. No centro vemos ainda a figura do Cristo com duas pessoas a seus pés. Abaixo da imagem, lemos “*Considerãd’ é finis et fin finem dirigendus est cursus*”. A gravura, nesse caso, acrescenta conteúdo ao texto, utilizando-se do artifício da comparação de opostos para ratificar a boa escolha, o bom caminho.

A indicação para a composição de lugar do exercício *Do Juízo universal* é taxativa e pobre em detalhes: “imaginar hum amplissimo theatro, em que se celebra hũ Acto géral da Fé”³⁰¹. A gravura que antecede o texto (**Img. 7**), sob a qual há uma citação do livro de Malaquias – “*Quis poterit cogitare diem aduentus eius*” –, no entanto, é a mais rica em elementos. Elementos esses dispersos por todo o texto, que descreve o dia do juízo final.



Imagem 7³⁰²

³⁰¹ Idem, p. 76.

³⁰² Idem, p. 74.

A imagem (**Img. 8**) que antecede a reflexão sobre o tema *Da Saã, & boa eleiçaõ*, sob a qual lemos uma passagem extraída do capítulo trinta do Deuteronômio – “*Proposui in conspectu tuo vitam, & mortem*” – não é ilustrativa de nenhuma parte específica do texto. Antes, o resume, pondo diante dos olhos do exercitante as duas opções possíveis apontadas por um anjo e por um demônio: a sã e boa eleiçaõ do lado esquerdo e a mau do lado oposto.



Imagem 8³⁰³

As imagens que ilustram a obra do Pe. Izquierdo, portanto, ora correspondem à prescrição para a composição de lugar, ora ilustram pontos propostos para a meditação, resumem ou acrescentam elementos ao texto, complementando-o.

Se na obra inaciana originalmente sem ilustrações era dada liberdade ao exercitante para a composição do lugar com a memória, ao materializar-se imagetivamente a cena se põe fim, em parte, a essa liberdade.

As imagens, mentais e posteriormente concretas, serviram, no campo da espiritualidade jesuítica, para ilustrar e complementar textos, acrescentar-lhe conteúdo, fixar e

³⁰³ Idem, p. 110.

“trazer à memória” do fiel a história sacra livre de erros e ajudá-lo a eleger o caminho da imitação de Cristo, optando por servi-Lo.

Podemos afirmar, portanto, que logo nos primeiros anos de sua existência, a Companhia de Jesus legou ao elemento visual um papel importante. Seja ele uma imagem mental, a ser construída com a memória – no caso dos *Exercícios espirituais* de Inácio de Loyola; seja uma representação concreta, ilustrando lugares e imagens antes mentais como forma de auxiliar na compreensão da história e dos mistérios evangélicos e na prática meditativa, como no caso da literatura espiritual ilustrada herdeira da obra do Pe. Jerónimo Nadal, caso do livro do Pe. Sebastián Izquierdo.

Foi justamente a crença no potencial comunicativo do elemento visual e na sua eficácia que fez com que a Companhia de Jesus fizesse largo uso da imagem de tipos narrativo e simbólico. De fato, o importante papel que essa Ordem religiosa creditou à imagem foi além das práticas ascéticas, tendo a imagem servido como meio de comunicar e persuadir, de “trazer à memória”, de posicionar-se politicamente, de educar, de moralizar, de louvar ações e virtudes e, ainda, de se autopromover.

Capítulo III – A emblemática jesuítica e as especificidades do caso português

Para além do uso do recurso à composição de lugares e imagens com a memória atestado pelo método inaciano de exercitação espiritual e do posterior processo de materialização de imagens refletido na literatura espiritual jesuítica, propagou-se, no século XVI, um tipo específico de linguagem simbólica que coaduna e sobrepõe as formas de comunicação visual e escrita que foi largamente utilizado pelos jesuítas: a emblemática.

A relação entre os *Exercícios espirituais* inacianos e a emblemática foi apontada explicitamente em alguns estudos. Mario Praz, por exemplo, afirmou que

*os emblemas (...) pareciam feitos para favorecer a técnica inaciana da aplicação dos sentidos, para ajudar a imaginação a representar para si mesma nos mais mínimos detalhes circunstâncias de significado religioso: o horror do pecado, os tormentos do Inferno e as delícias da vida piedosa. Materializando-o, faziam acessível a todos o sobrenatural.*³⁰⁴

José Antonio Maravall, por sua vez, declarou serem os *Exercícios espirituais* inacianos “*perfectamente adecuados para ser ilustrados con emblemas*”³⁰⁵. Já Fernando Rodríguez de la Flor e Julián Gállego atestaram que na obra inaciana havia “*pasajes protoemblemáticos*”, em palavras de De la Flor³⁰⁶, caso, por exemplo, da meditação sobre as duas bandeiras, como apontou Gállego³⁰⁷.

As possíveis correspondências dos emblemas com as imagens artificiais forjadas pela arte da memória, cujos preceitos foram retomados no contexto renascentista, também foram apontadas na historiografia. Frances Yates, na década de 1960, apesar de não ter se detido na questão, alertou para o fato de que os emblemas e empresas³⁰⁸ “nunca foram analisados do ponto de vista da memória, ao qual claramente pertencem”³⁰⁹. Fernando Rodríguez de la Flor, por sua vez, afirmou que a heráldica, a divisa, a empresa e o emblema constituem “claras

³⁰⁴ PRAZ, Mario. *Imágenes del Barroco... op. cit.*, p. 196 (tradução livre).

³⁰⁵ Vd. MARAVALL, José Antonio. La literatura de emblemas como técnica de acción sociocultural en el Barroco. In: _____. *Estudios de Historia del Pensamiento Español. El siglo del Barroco*. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional, 1984 [1972], p. 181-201 (p. 193).

³⁰⁶ DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. *Teatro de la memoria... op. cit.*, (p. 171).

³⁰⁷ GÁLLEGO, Julián. *Visión y símbolos en la pintura española del siglo de oro*. Madrid: Aguilar, 1972, (p. 215).

³⁰⁸ Cabe ressaltar que nos tratados do período moderno nos deparamos com uma confusão de definições dos termos “emblema” e “empresa”, muitas vezes empregados para designar a mesma imagem simbólica ideada em associação com um conceito escrito. O fato não passou despercebido no *Tesoro de la lengua castellana o española* (1611) de Sebastián de Covarrubias – também autor de livro com emblemas –, no qual ele declara que “o vocábulo emblema costuma se confundir com o de símbolo, hieróglifo, pegma, empresa, insígnia, enigma, etc.” (Referido por José María Parreño na nota à edição de PRAZ, Mario. *Imágenes del Barroco... op. cit.*, (p. 09, tradução livre)). Uma distinção exata entre os conceitos de emblema e empresa é obstaculizada, assim, pela multiplicidade de definições confusas e díspares entre os tratadistas coevos, que refletem a complexidade em estabelecer os limites entre esses dois gêneros, separados por uma linha tênue e fluida.

³⁰⁹ YATES, Frances Amelia. *A arte da memória... op. cit.*, p. 163.

cristalizações e sínteses heterodoxas das antigas imagens da memória, concebidas agora como repertório de atitudes e conhecimentos para o homem moderno”. Nessa iconografia, ainda de acordo com esse estudioso, utilizam-se os métodos da antiga mnemônica da maneira que aparecem nos tratados de retórica clássicos, revelando-se uma fusão entre emblema e memória³¹⁰.

No período moderno tinha-se consciência dessa relação entre imagens da memória e emblemas. Juan Velázquez de Azevedo, em seu *Fénix de Minerva y Arte de Memoria* (1626), afirmou que a leitura de emblemas era muito proveitosa para a invenção de imagens³¹¹. Diego Saavedra Fajardo, na dedicatória ao príncipe Baltasar Carlos de seu livro *Idea de un príncipe politico-christiano representada en cien empresas* (1640)³¹², por sua vez, propôs que as figuras servissem de memória artificiosa³¹³. Já Leibniz, no *Nova methodus discendae docendaeque jurisprudentia* (1667), correlacionou os hieróglifos e as imagens da memória³¹⁴.

Não nos deteremos nessas questões. Antes, atentaremos para a importância crescente desse tipo de imagem simbólica nas práticas jesuíticas. Humanismo, retórica clássica, memória, imagem: tudo encontra-se reverberado na emblemática. É justamente sobre esse tipo de discurso, desenvolvido num contexto de valorização dos antigos – e conseqüentemente de retorno aos clássicos – que nos deteremos.

3. 1. A emblemática: o surgimento nos círculos humanísticos e a adaptação e o uso no âmbito cristão

Antes de mais, importa definir o emblema. Composto a partir de uma estreita relação entre imagem e texto, o emblema era geralmente, mas não exclusivamente, formado por uma estrutura tripartida. Partes de uma mesma composição, cada uma delas teria uma função específica: o lema (*inscriptio*) corresponderia ao título do emblema; a imagem (*pictura*)

³¹⁰ DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria...** *op. cit.*, p. 78 (tradução livre). Sobre os pontos em comum entre a arte da memória e a emblemática, vd. ainda: _____. **Emblemas...** *op. cit.*, p. 163-79; BOLZONI, Lina. Emblemi e arte della memoria. Alcune note su invenzione e ricezione. In: POZA, Sagrario López (ed.). **Florilegio de estudios de emblemática...** *op. cit.*, p. 15-31; RUBÍ, Linda Báez. El arte de la memoria y la emblemática. In: NOGAL, Bárbara Skinfill; BRAVO, Eloy Gómez (eds.). **Las dimensiones del arte emblemático**. Zamora, Michoacán: El Colegio de Michoacán, Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, 2002, p. 327-38.

³¹¹ Madrid: Juan Antonio Bonet, 1626, (f. 78r) *apud* DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria...** *op. cit.*, p. 41, nota 50.

³¹² FAJARDO, Diego Saavedra. **Idea de vn Principe Politico Christiano. Representada en cien Empresas. Dedicada al Principe de las Españas Nvstro Senõr. Por Don Diego Saavedra Fajardo del Consejo de su Magestad en el Supremo de las Indias, i su Embajador extraordinario en Mantua i Esquizaros i Residente en Alemania**. Monaco: en la imprenta de Nicolao Enrico, 1 de Marzo de 1640.

³¹³ Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Teatro de la memoria...** *op. cit.*, p. 41, 62 (nota 15), 171.

³¹⁴ Idem, p. 41 (nota 49).

ilustraria o conceito; e o epigrama (*subscriptio*), por sua vez, explicaria a imagem. Esse esquema tripartido pode ser visto no seguinte exemplo (Img. 9):

AND. ALCI. EMBLE. LIB.

A minimis quoq; timendum.



*Bella gerit Scarabeus, & hostem prouocat ultro,
Robore & inferior consilio superat.
Nam plumis Aquilæ clam se neq; cognitus abdit,
Hostilem ut nidum summa per astra petat.
Quaq; confodiens prohibet spem crescere prolis,
Hocq; modo illatum dedecus ultus abit.*

Imagem 9³¹⁵

Derivado de uma fábula de Esopo, sob o lema “*A minimis quoq; timendum*” – Deve-se temer também os mais débeis – vemos uma imagem que representa uma águia e um escaravelho, imagem essa clarificada pelo epigrama, que narra a história: “Um escaravelho faz a guerra e primeiro provoca o inimigo, e mesmo inferior por força vence com astúcia. De fato, não visto, se refugia escondido entre as plumas da águia para alcançar o ninho inimigo entre as mais altas estrelas. Perfurando os ovos elimina nos pequenos toda a esperança de crescerem e, infligida a ofensa, vingando-se desse modo, se vai”³¹⁶. Na emblemática, assim,

³¹⁵ ALCIATO, Andrea. *Livret des emblemes*. Paris: Wechel, 1536.

³¹⁶ Tradução livre para o português feita a partir da tradução do latim para o italiano presente em: ALCIATO, Andrea. *Il libro degli emblemi secondo le edizioni del 1531 e del 1534... op. cit.*, p. 302. Para uma discussão acerca desse emblema em particular, vd. VISTARINI, Antonio Bernat; SAJÓ, Tamás. *Imago Veritatis*. La

as expressões escrita e visual se coadunam a fim de significar e comunicar, ensinando, persuadindo e/ou moralizando.

Esse emblema foi extraído da obra tida por marco inicial da literatura emblemática, o *Emblematum liber* do jurista milanês Andrea Alciato (1492-1550), cuja *editio princeps* veio à luz em 1531³¹⁷. Mas o que se entendia por “emblema”? O termo significa literalmente aquilo que por ornamento se introduz noutra coisa, como ocorre por exemplo no caso do mosaico. Cícero e Quintiliano deram a esse termo técnico-artístico um significado figurado ao fazerem uma analogia entre as peças que formam o mosaico e as palavras, que igualmente deveriam ser postas no discurso com graça e decoro, comunicando de forma clara e elegante.

Tais concepções da palavra “emblema”, no sentido etimológico e no figurado, eram conhecidas pelos humanistas modernos³¹⁸ e foram eles os responsáveis pelo surgimento da emblemática através da reunião de uma série de fatores, práticas e ideias, algumas das quais bastante longevas.

Decerto, o fato de a emblemática ter surgido na primeira metade do século XVI como um gênero, como um tipo de discurso, não nos isenta de pensar num desenvolvimento a longo prazo de condições propícias para seu florescimento e, conseqüentemente, em prováveis precursores dessa linguagem.

É importante destacar que Alciato escreveu pelo menos duas pequenas coletâneas de epigramas sem ilustrações que intitulou *Emblemata*, uma em 1522, inspirado por Ambrogio Visconti, e outra em 1523, das quais nos restam apenas notícias³¹⁹. Elucidativo é o fato de que, em carta escrita a Francesco Calvo, o jurista afirmou que essa *Emblemata* por ele composta em 1522 poderia servir para que pintores e ourives, por exemplo, realizassem “aquele gênero de objetos que chamamos escudos” ou para a composição de marcas tipográficas tais quais “a âncora de Aldo [Manuzio], a pomba de [Johannes] Froben e o elefante de Calvo”³²⁰.

circulación de la imagen simbólica entre fábula y emblema. *Studia Aurea*, 5, 2007; ALCIATO, Andrea. **Il libro degli emblemi secondo le edizioni del 1531 e del 1534... op. cit.**, p. 301-3. Nos permitimos remeter ainda, no que tange ao emblema a esse correspondente presente n’*El sabio instruido de la naturaleza* do jesuíta Francisco Garau, a: SANTOS, Luísa Ximenes. Fábula, emblema, sermão: aproximações na obra do Padre Francisco Garau. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social**. ANPUH, Natal (RN), 22 a 26 de julho de 2013.

³¹⁷ Augsburg: Heinrich Steyner, 1531. De acordo com Mino Gabriele essa obra foi o resultado de uma “gestação complexa e diluída no tempo, da qual escapam os precisos contornos cronológicos”. Vd. GABRIELE, Mino. Introdução. In: ALCIATO, Andrea. **Il libro degli emblemi secondo le edizioni del 1531 e del 1534... op. cit.**, p. XXIV (tradução livre).

³¹⁸ Idem, p. XXXV-XXXVI.

³¹⁹ Outras coletâneas de epigramas homônimas circularam em Milão no início da década de 1520, não se sabendo qual foi o primeiro autor a assim intitular sua obra. Vd. Idem, p. XV-XVII, XIX-XXI.

³²⁰ Vd. Idem, p. XV-XVII (p. XVI, tradução livre).

No processo de surgimento da emblemática renascentista encabeçado pelos círculos humanísticos certamente entrelaçaram-se vários fatores, dentre os quais o interesse pela possibilidade de representar ideias em imagens simbólicas, destacando-se a antiga linguagem hieroglífica.

Tal linguagem foi trazida à tona em alguns escritos, como a *Hieroglyphica* de Horapollo, provavelmente composta no século V e impressa em grego em 1505 em Veneza por Aldo Manuzio³²¹; o *Hypnerotomachia Poliphili* de Francesco Colonna publicado pela primeira vez em 1499 por esse mesmo impressor, no qual encontravam-se testemunhos antigos, descritos e ilustrados, do uso de hieróglifos (**Img. 10**); e ainda o *Hieroglyphica sive de sacris Ægyptiorum aliarumque gentium literis* (1556) escrito por Giovanni Pietro Bolzani Dalle Fosse, mais conhecido como Pierio Valeriano³²².

³²¹ O próprio Alciato, no *De verborum significatione, libri quatuor*, composto na década de 1520 mas impresso pela primeira vez em 1530 (Lugduni: Sébastien Gryphius), ressaltou a ligação entre essa obra de hieróglifos – além da de Cheremone, hoje desconhecida – e um de seus livretos intitulados *Emblemata*. A obra de Horapollo foi escrita em copta, mas apenas a cópia grega feita por Philippos é conhecida. O manuscrito teria sido adquirido na ilha de Andros em 1419 por Cristoforo Buondelmonti e por ele levado a Florença em 1422. Antes mesmo da publicação do texto de Horapollo o uso de hieróglifos na decoração era bastante difuso graças à circulação, no Ocidente, do manuscrito grego dessa obra, que seria traduzida para o latim por Giorgio Valla em meados do século XV. A primeira tradução latina impressa, contudo, seria a feita por Bernadino Tribazio vinda à luz em Augsburg em 1515. A primeira edição ilustrada, por sua vez, foi uma tradução francesa (Paris: Kerver, 1543). Vd. <http://www.emblematica.com/es/cd08-horapollo.htm>. Acesso em 10/02/2014; INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 06; PRAZ, Mario. *Imágenes del Barroco... op. cit.*, p. 24-5; GABRIELE, Mino. *Introduzione... op. cit.*, p. XLIII-XLIV, XLVI-XLVII; LEAL, Pedro Germano. *Escritas filosóficas: sobre a confusão entre emblemas e hieróglifos*. In: MOLINA, Rafael Zafra; LÓPEZ, José Javier Azanza (coords.). *Emblemática trascendente... op. cit.*, p. 373-86 (p. 374-5).

³²² VALERIANO, Pierio. *Hieroglyphica sive de sacris Ægyptiorum aliarumque gentium literis*. Basileia: Michael Isengrin, 1556. Para um aprofundamento sobre essa obra e a forma como nela Valeriano buscou transpor o modelo hieroglífico para a tradição greco-latina atribuindo a invenção dessa linguagem não mais a Hermes Trimegisto, mas aos filhos de Seth, vd. ROLET, Stéphane. *L'Égypte et le sacré: l'origine problématique du langage hiéroglyphique à la Renaissance*. In: DEKONINCK, Ralph; GUIDERDONI-BRUSLÉ, Agnès (eds.). *Emblemata sacra... op. cit.*, p. 53-64. Estudiosos como Ludwig Volkmann e Mario Praz afirmaram que os humanistas tinham uma visão errônea em relação aos hieróglifos egípcios por acreditarem que tratava-se de uma forma de escrita puramente ideográfica com que os sacerdotes egípcios anunciavam os desígnios divinos e a cujo saber os filósofos gregos haviam recorrido. Os emblemas teriam sido, então, criados como uma tentativa humanística de formular um equivalente moderno desses hieróglifos mal interpretados. Vd. PRAZ, Mario. *Imágenes del Barroco... op. cit.*, (p. 24); VOLKMANN, Ludwig. *Bilderschriften der Renaissance, Hieroglyphik and Emblematik in ihren Beziehungen und Fortwirkungen*. Leipzig, 1923. No século XVII os hieróglifos continuaram a ser alvo de interesse, do que são exemplos as obras *Obelisci Ægyptiaci interpretatio hieroglyphica* (1666) e *Turris Babel* (1679) do jesuíta Athanasius Kircher.

Imagem 10³²³

Várias formas visuais e simbólicas poderiam ser apontadas como prováveis precursoras da emblemática, como as empresas ou divisas há muito utilizadas nas batalhas a fim de identificar os guerreiros, as empresas régias, a heráldica, as moedas e medalhas³²⁴.

Ao longo dos séculos, de acordo com Fernando Rodríguez de la Flor, teria ocorrido uma banalização do uso de imagens com inscrições conceituais, presentes em vestimentas e nos mais diversos objetos, o que teria gerado um processo de perda de significação das mesmas. No período renascentista o que se deu foi justamente uma revalorização do simbolismo dessas imagens³²⁵ agora engenhosamente compostas pelos humanistas.

Vemos então surgir na Europa, sobretudo na Bélgica, Alemanha, Itália, França e Espanha, uma enorme quantidade de livros cujos autores – médicos, poetas, cartógrafos, matemáticos, juristas, entre outros – fizeram uso de emblemas para tratar de matérias as mais variadas: ensino de príncipes, moral, ciência, política, história, medicina e tantas outras. A emblemática, portanto, não era o tema e sim o instrumento discursivo utilizado para tratar dos mais diversos assuntos³²⁶.

Na maior parte dessas obras foi feito uso de emblemas “morais” e/ou “políticos”, como encontra-se explicitado em vários títulos. Juan de Borja (1533-1606), filho do Duque de Gandia Francisco de Borja posteriormente jesuíta canonizado, foi um dos primeiros autores de uma obra com emblemas na Espanha. Seu livro *Empresas morales* dirigido ao rei D. Felipe,

³²³ COLONNA, Francesco. **Hypnerotomachia Poliphili**. Veneza: Aldo Manuzio, 1499, p. 244.

³²⁴ Vd. DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Emblemas... op. cit.**, p. 79-107.

³²⁵ Idem, p. 104-5.

³²⁶ Há diferença, portanto, entre as expressões “livro de emblemas” e “livro com emblemas”. Apesar de a primeira ser bastante comum entre os estudiosos, não a utilizaremos por acreditarmos que ela dá a falsa impressão de que o livro é *sobre* emblemas.

escrito quando ele pertencia ao Conselho do rei e era embaixador junto ao imperador Rodolfo II, foi impresso em Praga em 1581 e continha cem gravuras. Essa obra, como ele mesmo afirma, tinha por intuito “Aproveitar em algo” aos que a lessem por tratar da importante matéria dos “bons costumes”³²⁷. Cem anos depois a obra seria novamente editada, dessa vez dedicada a D. Carlos II e com 224 ilustrações, dentre elas a representada abaixo (**Img. 11**):

34 PRIMERA PARTE,
FERENDO VINCAM.

POcas son las cosas, que en esta vida se alcançan sin mucho trabajo, y si ha havido alguno tan dichoso, que aya alcançado, lo que ha pretendido, sin él, no por esto se avrá librado de trabajar en conservar, lo que uviere alcançado, ni del temor y recelo de perder el bien, que posee: pues deste, ni aun los muy dichosos pueden librarfe: y pues los trabajos no faltan à los Grandes, y bienafortunados, ni à los pequeños, y desdichados; necessaria cosa es buscar algun remedio à cosa tan cierta, y en que tanto va. El mejor, y que mas puede ayudar, es la firmeza, y constancia de animo, para, sufriendo, vencerlos; lo que significa esta Empresa del peñasco, en que la mar rompe, con la Letra, FERENDO VINCAM. Que quiere dezir: *Sufriendo vencerè*. Porque assi como el peñasco, sufriendo los golpes de las olas en la tormenta, con su firmeza las deshaze, y vence; de la misma manera, el que tuviere firmeza, y valor, para sufrir los trabajos, por grandes que sean: si el de su propria voluntad no se les rindiere, al cabo con paciencia los vencerà, y triumpharà dellos.

EMPRESAS MORALES. 35



F E-

T R A N-

Imagem 11³²⁸

Essa imagem, na qual se vê representado um rochedo combatido pelas ondas sob o lema “*Ferendo vincam*” – Sofrendo vencerei –, foi utilizada por Juan de Borja, como fica claro no comentário por ele feito à empresa, para tratar da necessidade de o homem ser paciente, ter força de vontade, firmeza e constância de ânimo a fim de vencer as adversidades³²⁹.

O protomédico de galeras Cristóbal Pérez de Herrera (1558-1620), por sua vez, fez uso de dez emblemas num tratado em prol do estabelecimento de um albergue para pobres em

³²⁷ BORJA, Juan de. *Empresas morales a la S. C. R. M. del Rey Don Phelipe, Nuestro Señor, dirigidas por Don Juan de Borja de su Consejo y su Embaxador cerca de la M. Caesarea del Emperador Rodolpho II*. Praga: [s.n.], 1581.

³²⁸ BORJA, Juan de. *Empresas morales de Don Juan de Borja, Conde de Mayalde, y Ficallo. Dedicadas a la S. C. R. M. del Rey Don Carlos II. Nuestro Señor, Don Francisco de Borja*. Bruselas: por Francisco Foppens, Impressor y Mercader de Libros, 1680, Primera Parte, p. 34-5.

³²⁹ Vd. <http://www.bidiso.es/EmblematicaHispanica/FindEmblems4Work.do?action=Open&startIndex=1&count=3&first=2&author=BORJA%2c+Juan+de&briefTitle=Empresas+morales&startIndexEmblem=17>. Acesso em 29/07/2015.

local por ele encontrado – o *Discursos del amparo de los legítimos pobres* publicado em Madri em 1598 dirigido a D. Felipe III.

Um deles encontra-se dividido em três partes (**Img. 12**):

De reduccion, y amparo de pobres. 15

❦ ❦ ❦ ❦ ❦ ❦



**Orden, gouierno, y piedad,
De hormiga, abeja, y zigueña,
Por esta emblema se enseña.**

C 3

Imagem 12³³⁰

Na primeira, referente à “*Pietate*”, se representa uma cegonha alimentando seu progenitor já velho e incapaz de buscar o próprio sustento; na segunda, na qual vemos abelhas – animais que seguem rigorosamente uma hierarquia, tendo inclusive uma “abelha-rainha” – trata-se da “*Gvbernatione*”. Por fim, vemos formigas enfileiradas representando a “*Ordine*”.

³³⁰ HERRERA, Cristóbal Pérez de. *Discursos del amparo de los legítimos pobres, y reducción de los fingidos: y de la fundación y principio de los Albergues destos Reynos, y amparo de la milicia dellos. Por el Doctor Christóval Pérez de Herrera, Protomédico por su Magestad de las galeras de España, natural de la ciudad de Salamanca. Dirigidos al Poderosíssimo Príncipe de las Españas, y del Nuevo Mundo, Don Filipe III. nuestro señor, &c.* Madrid: por Luis Sánchez, 1598, p. 15.

Na glosa, o autor trata da fundação de albergues organizados nos quais os pobres pudessem dormir e receber alimentos; os doentes, por sua vez, deveriam receber tratamento nos hospitais, para evitar o contágio dos demais³³¹.

Outro tema tratado em livros com emblemas foi o amor, tanto profano quanto sagrado, destacando-se os *Amorum Emblemata* e *Amoris Divini Emblemata*, ambos de Otto Vænius (van Veen) (c.1556-1629), impressos na Antuérpia respectivamente em 1608 e 1615. Como exemplo, veja-se, abaixo, um emblema representando o amor eterno, no qual vemos um cupido envolto por uma cobra que morde a própria cauda, o *ouroboros*, símbolo da eternidade (**Img. 13**):

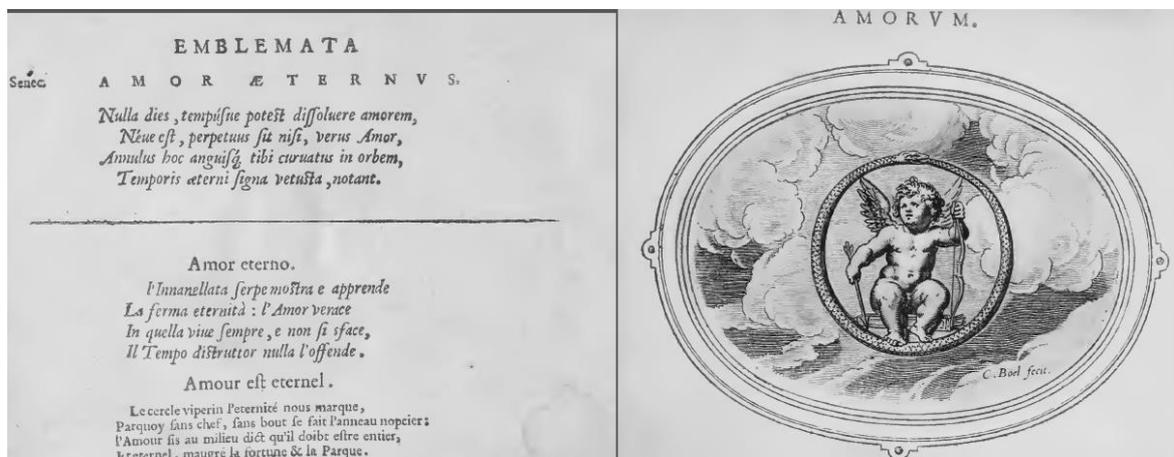


Imagem 13³³²

Muitas foram as obras com emblemas voltadas para o ensino de príncipes, ou seja, obras que enumeravam e comentavam as qualidades e ações virtuosas esperadas de um bom governante, do que a já mencionada *Idea de um príncipe politico-christiano representada em cien empresas* de Diego Saavedra Fajardo (1584-1648) dedicada ao príncipe Baltasar Carlos, vinda à luz pela primeira vez em 1640 e muitas vezes reimpressa nos séculos seguintes é um bom exemplo.

Nessa espécie de manual de educação de príncipes, o autor, um importante diplomático espanhol, explicitava a maneira como o príncipe deveria comportar-se em suas ações, com seus súditos, com seus ministros, no governo de seus estados, nos males internos e externos, nas vitórias e tratados de paz e ainda na velhice³³³.

³³¹

Vd. <http://www.bidiso.es/EmblematicaHispanica/FindEmblems4Work.do?action=Open&startIndex=1&count=3&first=2&author=P%20c9REZ+DE+HERRERA%20c+Crist%20f3bal&briefTitle=Amparo+de+pobres&startIndexEmblem=2>. Acesso em 29/07/2015.

³³² VÆNIUS, Otto. *Amorum emblemata, figuris æneis incisa studio Othonis Væni batavo-lvgdvnensis*. Antverpiæ: Venalia apud Auctorem, Prostant apud Hieronymum Verdussen, 1608, p. 01.

³³³ Vd. PÉREZ, Aquilino Sánchez. *La literatura emblemática española... op. cit.*, p. 137-48 (p. 143).

No exemplo seguinte (**Img. 14**), sob o lema “*Non solvm armis*”, vemos uma coroa sobre os livros de Homero e de Euclides, no meio da qual se vê um feixe de penas. No texto que segue a empresa, Saavedra Fajardo fala sobre o nivelamento das armas com as letras, afirmando que o rei deve ser instruído e que a ciência deve ser um instrumento político: o príncipe deve saber governar tanto na guerra quanto em ocasiões de paz; não apenas com armas, mas também com leis³³⁴.



Imagem 14³³⁵

Vemos, assim, que nessa “literatura emblemática”, ou seja, nesses livros em que os emblemas foram utilizados, os autores tratavam de todo tipo de assunto e, em consequência

334

Vd. <http://www.bidiso.es/EmblematicaHispanica/FindEmblems4Work.do?action=Open&startIndex=1&count=3&first=2&author=SAAVEDRA+FAJARDO%2c+Diego&briefTitle=Empresas+pol%edticas&startIndexEmblem=4>. Acesso em 29/07/2015; FAJARDO, Diego Saavedra. **Idea de vn Principe Politico Christiano. Representada en cien Empresas...** *op. cit.*, p. 24-32.

³³⁵ Idem, p. 24.

disso, os intuitos com que eles adotaram imagens associadas engenhosamente a lemas escritos numa interrelação conceituosa foram igualmente múltiplos.

A emblemática, todavia, não deve ser pensada sem levar-se em conta a antiga interpretação alegórica e seu percurso na literatura. Em outras palavras, o surgimento da emblemática no século XVI não deve ser desconectado do programa de renovação no campo literário que vinha se desenvolvendo desde o século XIII a partir de autores como Dante Alighieri, Francesco Petrarca e Giovanni Bocaccio.

A alegoria, tal como foi conceituada pelos antigos gregos, ou seja, a ideia de expressar algo com um significado para além do comunicado³³⁶, o manter sob véu o significado real, essa metáfora estendida – para usar as palavras de Aristóteles –, bem como a consciência da multiplicidade de conceitos e interpretações possíveis e, conseqüentemente, da necessidade da leitura em vários níveis estão decerto presentes na emblemática³³⁷.

De fato, a forma alegórica de expressão revalorizada pelo movimento humanista foi bastante apreciada pelo engenho necessário para cifrar e decifrar ao menos um dos muitos sentidos contidos na mensagem veiculada.

A alegoria se faz presente tanto na linguagem escrita quanto na visual. A imagem alegórica é aqui entendida, grosso modo, como uma imagem que representa conceitos invisíveis, tais como vícios e virtudes, identificáveis através de atributos, ou seja, componentes, no mais das vezes objetos, que por convenção tornam determinado conceito reconhecível³³⁸, de que a célebre *Iconologia* de Cesare Ripa – impressa pela primeira vez em 1593 e que recebeu ilustrações a partir de 1603 – nos dá exemplos (**Img. 15**), obra sem dúvida utilizada como fonte para composição de emblemas.

³³⁶ Não esqueçamos que o sentido alegórico era um dos quatro sentidos da escritura, juntamente com o literal, o moral e o anagógico. Vd. RAYBOULD, Robin. Christian Symbolism. In: _____. **An introduction to the symbolic literature of the renaissance**. Victoria: Trafford Publishing, 2005, p. 30-56 (p. 39-40). Para um panorama geral e abreviado, vd. BEUCHOT, Mauricio. Emblema, símbolo y analogía-íconicidad. In: NOGAL, Bárbara Skinfill; BRAVO, Eloy Gómez (eds.). **Las dimensiones del arte emblemático... op. cit.**, p. 357-63.

³³⁷ A discussão acerca da tradição alegórica literária foge ao escopo deste trabalho e portanto remetemos para os seguintes estudos que dão uma visão geral da questão: RAYBOULD, Robin. **An introduction to the symbolic literature... op. cit.**, (p. 191-208); MURRIN, Michael. Renaissance allegory from Petrarch to Spencer. In: COPELAND, Rita; STRUCK, Peter T. (eds.). **The Cambridge Companion to allegory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 185-200.

³³⁸ Apesar de adotarmos essa definição simplista, cabe mencionar a questão bastante complexa da diferença entre símbolo e alegoria. Umberto Eco, por exemplo, ocupou-se dessa discussão, apontando que uma distinção clara entre as duas categorias só se deu de fato no romantismo. Até o século XVIII, ele alega, símbolo e alegoria eram tratados praticamente como sinônimos. Vd. ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Rio de Janeiro: Record, 2010, (p. 111-3). Já Salviucci Insolera aponta o que para ela seria a principal diferença entre a alegoria e o símbolo: a primeira dependeria “das diretivas próprias do campo linguístico; o segundo, por sua vez, contém já em si, em sua imediatez, o significado espiritual mais profundo, como numa revelação direta entre invisível e visível, sem necessidade de mediações”. INSOLERA, Lydia Salviucci. **L’Imago Primi Saeculi... op. cit.**, p. 13 (tradução livre).

A B O N D A N Z A .



DONNA gratiosa, che hauendo d' vna bella ghirlanda di vaghi fiori cinta la fronte, & il vestimento di color verde, ricamato d'oro, cõ la destra mano tenga il corno della donitia pieno di molti, & diuersi frutti, vne, oliue, & altri; & col sinistro braccio stringa vn fascio di spighe di grano, di miglio, panico, legumi, & fomigianti, dal quale si vederanno molte di dette spighe vicite cadere, & sparfe anco per terra.

Bella, & gratiosa si debbe dipingere l'Abondanza, si come cosa buona, & desiderata da ciascheduno, quanto brutta, & abomineuole è reputata la carestia, che di quella è contraria.

Hà la ghirlanda de' fiori, percioche sono i fiori de i frutti che fanno l'abondanza messaggieri, & auttori; possono anco significare l'allegrezza, & le delitie di quella vera compagna.

A Il ce-

Imagem 15³³⁹

Na emblemática se percebe, igualmente, a reverberação do longo uso do *exemplum*, das fábulas, das coleções de máximas e provérbios, dos epigramas gregos, da mitologia, bem como da crença na sabedoria divina expressa na natureza³⁴⁰, da qual são fruto os bestiários³⁴¹ e enciclopédias sobre plantas e minerais.

³³⁹ RIPA, Cesare. *Iconologia ouero descrittione di diverse imagini cavate dall'antichità et di propria inventione. Trovate et dichiarate da Cesare Ripa perugino, Cavaliere de Santi Mauritio et Lazaro. Di nuovo revista et dal medesimo ampliata di 400 et più Imagini. Et di figure d'intaglio adornata. Opera non meno utile che necessaria a poeti, pittori, scultori et altri, per rappresentare le Virtù, Vitii, Affetti, et Passioni humane.* Roma: Appresso Lepido Facii, 1603, p. 01.

³⁴⁰ Para um aprofundamento, vd. ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval... op. cit.*, (p. 103-53). Quanto à crença no ensinamento ético presente na natureza no século XVII e a relação entre a emblemática e as ciências, vd. DEKONINCK, Ralph. *Imaginar la ciencia: la cultura emblemática jesuita entre ars rhetorica y scientia imaginum.* In: CHINCHILLA, Perla; ROMANO, Antonella (coords.). *Escrituras de la modernidad. Los jesuitas entre cultura retórica y cultura científica.* México, DF: Universidad Iberoamericana, L'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 2008, p. 143-57.

³⁴¹ O *Physiologus*, escrito em ambiente cristão da Alexandria no final do século II d.C. ou no início do século seguinte, posteriormente traduzido para o latim, foi o modelo por excelência dos bestiários subsequentes. Bestiários esses que serviram de fonte para fábulas, enciclopédias e emblemas. O *Physiologus* teve edições

Como afirmou Emanuele Tesauro no *Trattato degli Emblemi*, apêndice de seu célebre *Cannocchiale aristotelico* (1654),

*se lermos as coleções dos escritores gregos, nos encontraremos com grande quantidade de epigramas cujas imagens, seja fabulosas, seja históricas, formam engenhosos e verdadeiros emblemas. Comprovaremos assim que esta arte não é nova; os talentos modernos beberam da fonte dos velhos mestres.*³⁴²

A partir dos lemas percebe-se claramente a influência de textos clássicos nos emblemas – além da *Antologia Palatina*, obras como as de Plutarco, Sêneca³⁴³, Plínio, Horácio³⁴⁴, Virgílio e Ovídio³⁴⁵. As máximas, as assertivas moralizantes contidas nesses textos foram transpostas, assim, em imagens. Mario Praz chegou inclusive a afirmar que “toda imagem poética contém um emblema potencial” e, de modo um tanto exagerado, que no século XVII teria havido uma verdadeira necessidade de exteriorizar em imagens conceitos escritos³⁴⁶.

A produção desse tipo de composição literário-artística, originariamente profana, de fato foi muito prolífera nos séculos XVI a XVIII, difundindo-se nos mais importantes centros culturais da Europa. Na historiografia encontramos afirmações de que a emblemática esteve na “moda”, que houve uma “*fiebre emblemática*” para usar o termo de Aquilino Sánchez Pérez para o caso espanhol³⁴⁷, uma “*overwhelming passion for emblematics*”³⁴⁸, uma “*metástasis de lo alegórico-emblemático*” ou mesmo uma “*orgía alegórica*”³⁴⁹.

Os emblemas, decerto, foram utilizados amplamente em variadas circunstâncias e locais. Seu uso baseou-se no poder comunicativo da imagem, na sua potencialidade de transmissão de uma mensagem, fosse ela qual fosse, visando, por exemplo, louvar personagens e feitos, memorizar, destacar virtudes, transmitir preceitos morais, ensinar a “bem viver”.

quinhentistas, como a romana de 1587 e a impressa na Antuérpia pela oficina de Plantino no ano seguinte. Vd. PASTOUREAU, Michel. *Bestiari del Medioevo*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2011, (p. 17-53, 295); PRAZ, Mario. *Imágenes del Barroco... op. cit.*, p. 63 (nota 47).

³⁴² *Apud* Idem, p. 29.

³⁴³ Em 1670, vale destacar, foi publicado em Madri o *L. Anneo Séneca ilustrado en blasones políticos, y morales* de Juan Baños y Velasco.

³⁴⁴ Em 1607 uma obra de emblemática de Otto Vænius completamente inspirada em Horácio foi publicada na Antuérpia: a *Quinti Horatii Flacci Emblemata*.

³⁴⁵ Gabriele Simeoni verteu as *Metamorfoses* de Ovídio em epigramas (*La vita et metamorfoseo d'Ovidio*. Lyon: Jean de Tournes, 1559), os quais foram ilustrados por Bernard Salomon, Le Petit Bernard. Ilustrações essas posteriormente utilizadas como modelos por emblemistas. PRAZ, Mario. *Imágenes del Barroco... op. cit.*, p. 115-6. O termo “emblemista”, apesar de não existir na língua portuguesa, e sim na espanhola, foi aqui adotado por motivo de ordem prática. Refere-se àquele que compõe emblemas.

³⁴⁶ Idem, p. 18 (tradução livre).

³⁴⁷ PÉREZ, Aquilino Sánchez. *La literatura emblemática española... op. cit.*, p. 178.

³⁴⁸ AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblematics... *op. cit.*, p. 135.

³⁴⁹ Termos utilizados em DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. *Imago... op. cit.*, p. 245.

À função didático-moralizante estavam ligadas as funções de atração e comoção através da imagem. Imagem essa que ao atrair e comover ensina deleitando. Associado a esse princípio aristotélico do *delectare docendo*, no emblema se percebe ainda o conceito de *utile dulci* horaciano.

Não podemos esquecer que o surgimento da emblemática é coetâneo ao contexto das reformas protestante e católica, em que a questão da função da imagem fez parte do debate teológico que conduziu a elaboração da legislação tridentina sobre seu estatuto e seu uso³⁵⁰. As potencialidades da imagem foram então exploradas exaustivamente e com os mais diferentes intuitos e aqueles que dela fizeram uso certamente acreditavam em sua capacidade de transmitir ideias e saberes, de moralizar e de persuadir.

O uso de imagens simbólicas foi feito desde o início no âmbito cristão devido à necessidade de representar, ou melhor, de simbolizar os incorpóreos conceitos espirituais. Imagens essas que deviam estar em estreita ligação com o conteúdo da Sagrada Escritura³⁵¹. A junção das formas de expressão escrita e visual, para além da oralidade dos sermões, pode ser pensada como uma forma de apelo aos sentidos e potências da alma a fim de obter um resultado mais eficaz.

Visando a uma melhor compreensão e introjeção, pelos fiéis, dos mistérios cristãos e das verdades evangélicas por via dos olhos e da memória, a imagem simbólica foi, no mundo católico, colocada a serviço da persuasão moral e religiosa e da comunicação de realidades invisíveis.

Ainda na segunda metade do século XVI a emblemática começa a ser entendida e composta com chave de leitura cristã³⁵². Para tanto, fez-se necessária uma reelaboração, em termos religiosos, dessa produção literário-artística a princípio laica: aplicaram-se novos significados a símbolos da emblemática profana e criaram-se elementos figurativos novos, específicos da emblemática sacra. As referências literárias nas quais se baseavam os emblemas, a princípio extraídas quase unicamente de autores clássicos – sobretudo filósofos e

³⁵⁰ Vd. DEJOB, Charles. *De l'influence du Concile de Trente sur la littérature et les beaux-arts chez les peuples catholiques*. Paris: E. Thorin, 1884; MÂLE, Emile. *L'art religieux après le Concile de Trente: étude sur l'iconographie de la fin du XVI^{ème}, du XVII^{ème} et du XVIII^{ème} siècles en Italie, en France, en Espagne et en Flandre*. Paris: Colin, 1932; BLUNT, Anthony. O Concilio de Trento e a Arte Religiosa. In: _____. *Teoria artística na Itália, 1450-1600*. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2001; PRODI, Paolo. Ricerche sulla teorica delle arti figurative nella riforma. *Archivio italiano per la storia della pietà*, vol. IV, 1965, p. 121-212; SCAVIZZI, Giuseppe. *The Controversy on Images: from Calvin to Baronius*. New York: Peter Lang, 1992.

³⁵¹ Vd. INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 11-3.

³⁵² Vd. Idem, p. 13, 18-9. O primeiro livro com emblemas religiosos é de cariz protestante, o *Emblèmes, ou devises chrestiennes* de Georgette de Montenay, impresso em Lyon em 1571. No mesmo ano, de cariz católico, foi impresso o *Humanis salutis monumenta* de Benito Arias Montano. RAYBOULD, Robin. *An introduction to the symbolic literature... op. cit.*, p. 281.

poetas –, passaram a referendar textos sacros. Ao invés do uso praticamente exclusivo do latim passou-se a adotar também línguas vernáculas³⁵³.

A apropriação, adaptação e reelaboração da cultura clássica, como sabemos, não era novidade no cristianismo. Assim como os textos “pagãos” – ainda que com expurgos e modificações – foram utilizados devido a seu conteúdo ético e moralizante, incitador de bons costumes e de virtudes, a emblemática foi utilizada para veicular e difundir a fé cristã³⁵⁴.

A Companhia de Jesus foi, dentre as ordens religiosas, aquela que mais se utilizou das potencialidades da emblemática. Os jesuítas de fato serviram-se dela enquanto instrumento didático e ainda para transmitir mensagens, fossem elas cristãs ou políticas – muitas vezes as duas coisas ao mesmo tempo.

A produção de livros com emblemas no âmbito da Companhia de Jesus foi bastante significativa, tendo sido os jesuítas, de acordo com as estimativas, responsáveis por cerca de um terço do número total de obras consideradas pertencentes ao gênero da emblemática produzidas durante a Idade Moderna³⁵⁵.

Graças a essa grande quantidade de publicações eles possivelmente se tornaram os principais difusores dessa linguagem simbólica e dela fizeram largo uso, seja nos âmbitos espiritual e moral, seja como instrumento político utilizado para louvar pessoas ou instituições, para fixar seus feitos na memória, para promover-se ou defender-se de acusações.

O *Pia Desideria Emblematis Elegiis et affextibus S.S. patrum illustrata* do jesuíta Herman Hugo (1588-1629), impresso na Antuérpia em 1624³⁵⁶ com gravuras de Boetius a Bolswert, influenciado por emblemas de Vænius, conheceu enorme fortuna editorial, tendo sido impresso em vários idiomas e países, exercendo grande influência na literatura espiritual ilustrada.

Nessa obra com emblemas religiosos os principais personagens representados são a Alma e o Amor. Na imagem seguinte (**Img. 16**), por exemplo, vemos a Alma enferma, acamada, e ao seu lado o Amor, como médico³⁵⁷. Abaixo, lemos uma passagem do Salmo 6:

³⁵³ MANNING, Patricia W. La emblemática jesuítica en *El Criticón*. **eHumanista**, vol. 9, p. 218-40, 2007 (p. 220).

³⁵⁴ Vd. INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 15, 18, 22, 55.

³⁵⁵ Essas estimativas são caracterizadas por uma classificação fluida do que se entende por “livro de emblema” e nelas incluem-se as múltiplas edições de cada obra, bem como as traduções das mesmas. No *The Jesuit Series (Corpus Librorum Emblematum)* foi apontada a existência de 501 obras jesuíticas de emblemática. Importa ressaltar que os números totais relativos às obras de emblemática e os relativos àquelas de autoria jesuítica não são fixos, sendo modificados constantemente devido às descobertas investigativas. Vd. DIMLER, G. Richard; DALY, Peter Maurice (eds.). *The Jesuit Series... op. cit.*

³⁵⁶ HUGO, Herman. *Pia Desideria Emblematis Elegiis et affextibus S.S. patrum illustrata*. Antverpiae: Vulgavit Boetius a Bolswert Typis Henrici Aertssenii, 1624.

³⁵⁷ Vd. PRAZ, Mario. *Imágenes del Barroco... op. cit.*, p. 160.

“Miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum: sana me, Domine, quoniam conturbata sunt ossa mea”³⁵⁸.

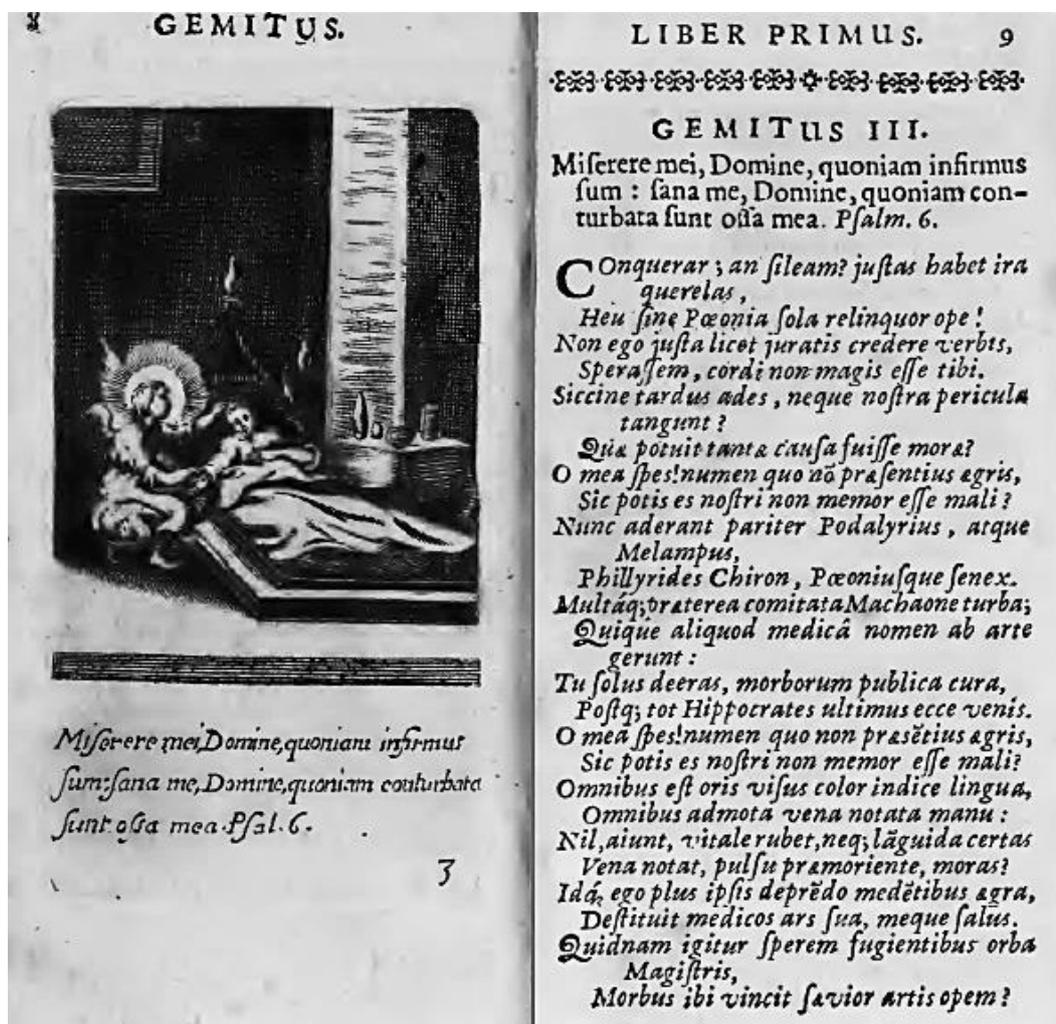


Imagem 16³⁵⁹

Outra obra que merece destaque é o *Imago Primi Saeculi*, livro comemorativo do primeiro centenário da Ordem de autoria dos jesuítas Joannes Bolland, Sidronius Hosschius (de Hossche) e Jaconus Wallius (Van de Walle), professores do Colégio da Antuérpia, impresso em 1640 na mais renomada casa tipográfica da cidade, a oficina plantiniana³⁶⁰.

³⁵⁸ Sl. 6, 3: Tende piedade de mim, Senhor, porque desfaleço; sarai-me, pois sinto abalados os meus ossos”.

³⁵⁹ HUGO, Herman. *Pia Desideria, authore Hermanno Hugone è Societate Jesu. Editio novissima, Recognita & Emendata.* Lugduni: Sumpt. Petri Guillimin, in vico Bellæ-Corderiæ, 1679, Liber Primus, Gemitus III, p. 08.

³⁶⁰ *Imago Primi Saeculi Societatis Iesu a Provincia Flandro-Belgica eivsdem-Societatis repraesentata.* Antuerpiae: Ex. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1640. Essa obra já foi alvo de muitos estudos. Para além da fundamental investigação feita por Lydia Salviucci Insolera (INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*), podemos citar: DIMLER, G. Richard. *The Imago Primi Saeculi: The Secular Tradition and the 17th Century Jesuit Emblem. Thought*, 56, p. 433-48, 1981; FUMAROLI, Marc. Baroque et classicisme: *l’Imago Primi Saeculi Societatis Jesu (1640) et ses adversaires.* In: _____. *L’École du silence. Le sentiment des images au XVII^e siècle.* Paris: Flammarion, 1998, p. 445-76; ROGGEN, Lien. *Celebration Time: The Imago primi saeculi Societatis Iesu and its Dutch Adaptation as Part of the Festivities of 1640 Commemorating the Jesuit Order’s Centenary.* In: MCKEOWN, Simon (ed.). *The International Emblem:*

A emblemática foi uma das linguagens escolhidas para fixar na memória as provações e glórias dessa Ordem religiosa no decorrer dos primeiros cem anos de sua existência, estabelecendo um paralelo entre sua história e a história de Cristo, o que foi feito de maneira bastante laudatória, caracterizando uma autopropaganda da Ordem jesuítica.

No *Imago* foi concedido destaque a feitos louváveis de jesuítas, à difusão da Companhia no mundo (**Img. 17**), à sua atividade missionária e a seu papel na educação dos meninos, dos “bárbaros” e da juventude. Ademais da história e da vida ativa dos membros da Companhia, os emblemas rememoraram elementos da espiritualidade jesuítica, como os quatro votos professados pelos jesuítas, o repúdio às honras, o perigo da ambição e a prática dos exercícios espirituais (**Img. 18**).



Imagem 17³⁶¹

From Incunabula to the Internet. Selected Proceedings of the International Conference of the Society for Emblem Studies, 28th July-1st August, 2008, Winchester College, Cambridge Scholar Publishing, 2010, p. 170-200; TJOELKER, Nienke. Jesuit image rhetoric in latin and the vernacular: the latin and dutch emblems of the *Imago Primi Saeculi*. *Renæssanceforum*, 6, p. 97-118, 2010.

³⁶¹ **Imago Primi Saecvli Societatis Iesv... op. cit.**, p. 320.



Imagem 18³⁶²

A imagem da Companhia de Jesus, sua história, marcada por glórias, sacrifícios, desprendimento e entrega, mas também por inveja e calúnia tal qual a história do Cristo – de acordo com os autores do *Imago primi saeculi* –, foi narrada de forma a enaltecer o valor da Ordem e de legar à posteridade uma imagem virtuosa da mesma. Os emblemas, aqui, ensinam e fixam com a memória as glórias da Companhia e ao mesmo tempo defendem o valor dessa Ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola.

Outro uso da emblemática feito pelos jesuítas foi o de ensino de príncipes, caso do *Príncipe perfecto y ministros aiustados: documentos políticos y Morales em emblemas* do Pe. Andrés Mendo (1608-1684) impresso pela primeira vez em Lyon em 1642, recebendo ilustrações dos 80 emblemas apenas na edição de 1662, na mesma cidade.

³⁶² Idem, p. 459.

No oitavo emblema da obra (**Img. 19**), por exemplo, vemos, sobre uma mesa, um espelho com várias moscas ao redor. O lema é “*Vndiqve illæsvm*” – Por todas as partes puro – e no comentário o Pe. Mendo fala sobre a necessidade de o príncipe, espelho no qual se inspiram os vassallos, ser um modelo de homem virtuoso.



Imagem 19³⁶³

Para além desses usos de emblemas perceptíveis na produção literária jesuítica aqui exemplificados – difusão da mensagem cristã, autopropaganda, ensino de príncipes – existiram muitos outros. Os membros da Companhia de Jesus, que, como vimos, foram grandes difusores da emblemática, tenha-se em vista a vasta quantidade de obras produzidas em que se fez uso dessa linguagem simbólica, produziram ainda tratados teóricos sobre o

³⁶³ MENDO, Andrés. *Principe perfecto y ministros aivstados, documentos politicos, y morales. En Emblemas. Por el R. P. Andrés Mendo, de la Compañia de Iesvs, Calificador del Consejo de la Inquisicion Suprema, Lector de Theologia, y de Sagrada Escritura en Salamanca...* Leon de Francia: a costa de Horacio Boissat y George Remevs, 1662, p. 40.

tema e nos colégios por eles administrados a composição de emblemas era realizada como um exercício literário.

3. 2. Composição e *affixiones* de emblemas previstas na *Ratio studiorum* e escritos teóricos de jesuítas sobre a emblemática e gêneros afins

A importância que a emblemática adquiriu no mundo jesuítico pode ser confirmada através dos tópicos relativos a seu uso nos colégios da Ordem presentes nas versões da *Ratio studiorum* de 1586, 1591, 1599 e 1616³⁶⁴, tendo em vista que a produção emblemática jesuítica foi desenvolvida nessas instituições de ensino como parte da formação humanística oferecida aos estudantes³⁶⁵. A exercitação dos alunos na interpretação e na composição de emblemas, de fato, exigia grande conhecimento dos autores clássicos e agudeza de engenho.

A primeira vez que o termo “emblema” apareceu numa regulamentação de instituição educacional da Companhia de Jesus, no entanto, não foi na primeira versão da *Ratio studiorum*. Cerca de vinte anos antes, Giacomo Ledesma, em seu *De ratione et ordine studiorum Collegi Romani* (1564-1565), já mencionava o emblema entre os gêneros de composição que poderiam ser expostos em ocasião de atividades públicas³⁶⁶. Tal menção à exposição de emblemas nas paredes dos colégios em cerimônias festivas, prática conhecida como *affixiones*, estaria presente em todas as versões da *Ratio studiorum*.

Interpretar hieróglifos, símbolos pitagóricos, apotegmas, adágios, emblemas e enigmas de escritores antigos eram exercícios didáticos previstos na *Ratio studiorum* de 1586 em capítulo sobre como incitar e atrair o ânimo dos estudantes. Para além de interpretar os emblemas, eles deveriam compreender o modo de criá-los e pôr esse conhecimento em prática, expondo os resultados. As composições poéticas expostas deveriam ser em verso ou prosa – em latim, grego ou hebraico – do tipo que se escrevia para inscrições de sepulcros, escudos, igrejas, jardins e teatros, sendo permitidas ainda breves descrições de cidade, porto, guerra ou feitos de santos. Composições essas que poderiam ser ornadas com imagens, mas não imagens quaisquer – apenas as do gênero de emblemas ou enigmas³⁶⁷.

³⁶⁴ Vd. DIMLER, G. Richard. The jesuit emblem. In: DALY, Peter Maurice. (ed.). *Companion to emblem studies... op. cit.*, p. 101-4; INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 31-5.

³⁶⁵ Idem, p. 26. Cabe mencionar a presença da obra de emblemática de Alciato no rol de livros de Manuel Pinto Fresques (Anreada – Lamego, 1621), obra inventariada entre “Os livros que se len con os Padres da Companhia”. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Inquisição de Coimbra, maço 25, nº 41. Transcrito em: MARQUILHAS, Rita. *A Faculdade das Letras... op. cit.*, Anexo II, Documento IV, p. 215.

³⁶⁶ Vd. INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 31.

³⁶⁷ Vd. Idem, p. 32.

Na *Ratio studiorum* de 1591, para além da ratificação daquilo que havia sido proposto na versão de 1586, percebe-se um maior detalhamento quanto à prática de *affixiones* e uma mudança de carácter restritivo. A partir de então, aquando de festejamentos literários, os professores deveriam escolher, para serem expostas, as melhores composições dentre aquelas realizadas pelos alunos externos no último bimestre. Essas composições, no entanto, não podiam ser acompanhadas de pinturas do gênero emblemático ou de enigma a não ser com a permissão do Padre Provincial e em ocasiões especiais, o que justificava-se a fim de evitar o luxo excessivo. Essas imagens poderiam ser realizadas também pelos estudantes internos, caso fosse permitido pelo reitor, devendo-se guardar o mesmo preceito de evitar uma “ostentação artística”, fomentando, ao contrário, a piedade religiosa³⁶⁸.

Na versão definitiva da *Ratio studiorum*, de 1599, ficou estabelecido que as poesias e emblemas a serem afixados nos dias de festas em lugares públicos deveriam ser submetidos à aprovação de duas pessoas indicadas pelo reitor do colégio, que deveriam selecionar as melhores composições³⁶⁹. A interpretação de hieróglifos, símbolos pitagóricos, apotegmas, adágios, emblemas e enigmas, como vimos já prevista na primeira versão da *Ratio*, de 1586, na versão definitiva de 1599 figurava entre os elementos em que consistia a disputa entre os alunos de retórica³⁷⁰.

No dia de pausa semanal o professor dessa classe poderia, a fim de “favorecer a erudição, (...) apresentar algo mais rebuscado, como hieróglifos e emblemas”³⁷¹. Ainda nas Regras para o Professor de Retórica, em parágrafo relativo à “Afixação das poesias”, prevista em celebrações ocorridas aproximadamente de dois em dois meses, reafirma-se a possibilidade de algumas vezes se “acrescentar desenhos para ilustrar o emblema ou o assunto proposto”, ratificando-se a necessidade de que isso seja feito com permissão do reitor³⁷², o que é novamente referido nas Regras para o Professor de Humanidades³⁷³. Em parágrafo específico sobre a festa de Nossa Senhora, determina-se que nos festejos deve haver “grande

³⁶⁸ Vd. Idem, p. 33-4.

³⁶⁹ Regras para o Prefeito de Estudos Inferiores (XII.3). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 148.

³⁷⁰ Regras para o Professor de Retórica (XVI.12). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 204.

³⁷¹ Regras para o Professor de Retórica (XVI.15). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 206.

³⁷² Regras para o Professor de Retórica (XVI.18). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 208.

³⁷³ Regras para o Professor de Humanidades (XVII.10). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 216.

pompa de discursos, poesias, versos afixados nas paredes e emblemas e divisas variados”³⁷⁴. A composição de emblemas figura ainda entre os exercícios para desenvolver a eloquência – ou dela resultados – feitos pelos alunos nas Academias de Retóricos e Humanistas³⁷⁵.

Para além desse uso do emblema como instrumento didático para a formação dos estudantes, que para compô-los deveriam ter conhecimentos humanísticos, os jesuítas apostaram no alto potencial comunicativo da emblemática, nutrindo especial interesse por essa linguagem simbólica, utilizando-a para transmitir a mensagem sacra, preceitos moralizantes e discursos políticos. Interesse refletido não apenas nos emblemas propriamente ditos, mas também na preocupação teórica em relação à emblemática.

Assim, através de uma profunda preparação teológica e humanística, os jesuítas – principalmente os professores dos colégios da Companhia de Jesus – investigaram a emblemática, produzindo escritos teóricos acerca do tema ou a ele correlatos³⁷⁶.

O primeiro texto jesuítico que trouxe à tona essa discussão foi escrito por Antonio Possevino (1533-1611) e impresso em 1593³⁷⁷. O autor aborda a questão do *ut pictura poesis*, aponta o fato de que as imagens simbólicas combinadas com frases eram utilizadas desde o tempo de Moisés e de que as formas alegóricas estão presentes no Novo Testamento. A obra de Possevino e sua abordagem sobre o tema serviria de base para a *Ratio studiorum* de 1599, bem como para outros autores³⁷⁸.

Assim como Possevino, o jesuíta francês Louis Richeome (1544-1625), que escreveu obras em que aborda a importância do uso da imagem no cristianismo³⁷⁹ – tratando de temas como a doutrina sobre as imagens, a arte, a história da imagem, o aspecto espiritual da imagem sacra e a importância da alegoria –, frisou a antiguidade desse uso: considerava o

³⁷⁴ Regras para a Academia de Retóricos e Humanistas (XXIX.7). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 264.

³⁷⁵ Regras para a Academia de Retóricos e Humanistas (XXIX.3). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 262. As Academias – fossem elas de Teólogos e Filósofos, de Retóricos e Humanistas ou de Gramáticos – eram formadas por alunos selecionados entre os demais. Eram membros aqueles que faziam parte da Congregação Mariana, os religiosos que eventualmente assistissem as aulas e, onde fosse costume e quando o reitor aprovasse, poderiam ser admitidos membros que não participassem da Congregação ou mesmo aqueles que não eram alunos do colégio. Vd. Regras para as Academias (XXV.1). **Código pedagógico dos jesuítas: *Ratio Studiorum...* op. cit.**, p. 250.

³⁷⁶ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi...* op. cit., p. 39. Lydia Salviucci Insolera e Bernard Barthelet elencaram alguns desses estudos. Vd. Idem, p. 39-51; BARTHET, Bernard. **Science, histoire et thématiques ésotériques chez les jésuites en France (1680-1764)**. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2012, (p. 365-71).

³⁷⁷ POSSEVINO, Antonio. De Poesi, et Pictura Ethica vel fabulosa collatis cum vera, honesta et sacra. In: _____. **Bibliotheca Selecta**, Pars secunda, Liber XVII. Romae: [s.n.], 1593.

³⁷⁸ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi...* op. cit., p. 40.

³⁷⁹ RICHOME, Louis. **Trois discours pour la religion catholique: des miracles, des Saints et des Images**. Bordeaux: [s.n.], 1597; _____. **La peinture spirituelle ou l’art d’admirer, aimer et louer Dieu en toutes ses oeuvres, et tirer de toutes profit salutère**. Lyon: P. Rigaud, 1611.

universo uma pintura de Deus. As imagens poderiam exprimir a divindade, tal qual as metáforas contidas na Bíblia e, ainda, ensinar um conceito mais profundo por similitudes³⁸⁰.

Por sua vez, Orazio Montaldo (1579-1630), em obra impressa em 1612³⁸¹, preocupado com a fixação de regras a serem seguidas para a feitura de empresas, trata-as como um verdadeiro gênero literário³⁸².

Ainda nesse primeiro quartel do século XVII o jesuíta Nicolas Caussin (1583-1651), em seu livro *De symbolica Aegiptiorum sapientia* impresso em Paris em 1618, trata da origem da formação do símbolo, especificamente referindo-se aos hieróglifos egípcios através da análise da supracitada obra de Horapollo. O emblema faria parte da ciência dos símbolos – bem como o enigma, a parábola e o hieróglifo, todos com grande afinidade entre si –, pertencendo à categoria dos símbolos enigmáticos; e era, a seu entender, elegante e refinado³⁸³.

Poucos anos depois Maximilianus Sandaeus (Maximilian van der Sandt) (1578-1656) escreveu um tratado de teologia simbólica³⁸⁴. Teologia essa que poderia ter duas formas – a imagem de uma coisa, perceptível pelos sentidos, ou a interpretação de uma palavra, que seria feita pelo intelecto e teria uma dimensão figurada.

A emblemática, cujo uso recorrente poderia ser vislumbrado na Sagrada Escritura, era, de acordo com o jesuíta alemão, um dos gêneros da teologia simbólica – assim como as parábolas, provérbios, enigmas, fábulas e hieróglifos – e, portanto, mereceu um capítulo na obra, no qual Sandaeus elencou as definições de emblema ao longo do tempo e o classificou em diferentes tipos: mitológico, natural, ético e teológico. Para ele, o emblema, à diferença dos demais símbolos, gozava de clareza³⁸⁵.

Outro jesuíta que trouxe grande contribuição ao debate foi um professor de retórica do Colégio Romano, Alessandro Donati (1584-1640). Em seu *Ars poetica* impresso em Roma em 1631, ele faz uma compilação das definições de emblema e empresa, à semelhança de

³⁸⁰ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 40-1. Cabe mencionar ainda outra obra do Pe. Richeome, *Tableaux sacrés des figures mystiques très auguste sacrifice et sacrement de l'Eucharistie dédiés à la très chrétienne reine de France et de Navarre*, impressa em Paris em 1601, na qual, no prefácio, ele aponta para certas propriedades da pintura que já mencionamos neste trabalho: “*Il n'y a rien qui plus délecte et qui fasse glisser plus suavement une chose dans l'âme que la peinture, ni qui plus profondément la grave en la mémoire, ni qui plus efficacement pousse la volonté pour lui donner branle et l'émouvoir avec énergie*”. Apud PRAZ, Mario. *Imágenes del Barroco... op. cit.*, p. 23.

³⁸¹ MONTALDO, Orazio. *Caesaris Cottae assertiones*. Milão: [s.n.], 1612.

³⁸² INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 41-2.

³⁸³ Idem, p. 42.

³⁸⁴ SANDAEUS, Maximilianus. *Theologia Symbolica. In qua origo symbolorum, eorumque artificium, ex Sacra Scriptura potissimum eruitur: et eiusdem Symbola omnis generis explicantur*. Moguntiae: Schönwetter, 1626.

³⁸⁵ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 42-3.

Sandaeus, e descreve a origem do emblema, destacando três características principais: a presença de *picta imago*, *epigramma* e *inscriptio*³⁸⁶ – os componentes do já mencionado esquema tripartido que define a estrutura de boa parte dos emblemas presentes em livros.

Silvestro Pietrasanta (1590-1647), assim como alguns de seus predecessores, se preocupou em explicar a origem e natureza do emblema e compilou as definições dadas, neste caso, à empresa ou, como ele preferia, ao “*symbolum heroicum*”³⁸⁷. Ainda na esteira de teóricos anteriores, remetia às raízes antigas do uso de símbolos. Esse professor de humanidades e retórica chamou também a atenção para a importância da relação entre imagem e texto nesse tipo de linguagem³⁸⁸.

Em 1650 veio à luz em Colônia, oriunda da pena de Jacob Masen (1606-1681), uma obra enciclopédica³⁸⁹ que trata da mística da imagem, a “*Iconomystica*”. Vale ressaltar a exploração de temas como a profunda ligação entre as imagens e o cristianismo e o papel da imagem de coisas criadas como auxiliar na compreensão das coisas divinas. Ao percorrer os vários tipos de imagem, Masen trata do emblema³⁹⁰, além da divisa, do hieróglifo e do enigma³⁹¹.

Alguns anos depois, apesar de não se deter no tema, o célebre cardeal Sforza Pallavicino (1607-1667), em obra sobre a retórica³⁹², define a finalidade da empresa: declarar com um símbolo gracioso um nobre sentimento do ânimo³⁹³.

Ainda na segunda metade do século XVI dois importantes teóricos jesuítas, ambos atuantes na França, escreveram tratados fundamentais para a discussão sobre o tema. O primeiro deles, Pierre Le Moyne (1602-1671), em obra impressa em Paris em 1666³⁹⁴, além de distinguir empresa e emblema, destaca que o principal fim deste último era instruir dogmaticamente por meio das imagens, que, segundo ele, persuadiam o espírito de forma mais eficaz que os silogismos³⁹⁵.

Nas obras do segundo importante teórico francês, Claude-François Menestrier (1631-1705), de acordo com Salviucci Insolera conhecemos o auge dos escritos de jesuítas que se

³⁸⁶ Idem, p. 44.

³⁸⁷ Nos referimos à obra PIETRASANTA, Silvestro. *De Symbolis Heroicis Libri IX*. Antverpiae: Plantin et Moretus, 1634.

³⁸⁸ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 44-5.

³⁸⁹ MASEN, Jacob. *Speculum imaginum veritatis occultae, exhibens symbola, emblemata, hieroglyphica, aenigmata, omni, tam materiae, quam formae varietate, exemplis simul, ac praeceptis illustratum*. Coloniae: I. A. Kinckius, 1650.

³⁹⁰ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 45-6.

³⁹¹ Vd. BARTHET, Bernard. *Science, histoire et thématiques ésotériques... op. cit.*, (p. 370-1).

³⁹² PALLAVICINO, Sforza. *Trattato dello stile e del dialogo*. Roma: [s.n.], 1662.

³⁹³ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 46-7.

³⁹⁴ LE MOYNE, Pierre. *De l’Art des Devises*. Paris: S. Cramoisy, 1666.

³⁹⁵ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 47-8.

ocuparam dos emblemas e empresas tratando-os como uma verdadeira disciplina e de caráter essencial para o estudo da imagem sacra. Os tratados do Pe. Menestrier conheceram grande fortuna, sendo bastante procurados e amplamente consultados³⁹⁶.

É importante destacar que o Pe. Menestrier, para além de suas preocupações teóricas, havia, ele próprio, composto emblemas para celebrações ligadas à corte parisiense. Suas preocupações de caráter mais pragmático fez com que ele se diferenciasse dos autores anteriores³⁹⁷.

Assim, em seu *L'art des Emblèmes*³⁹⁸, é latente a atenção dada a aspectos técnicos ligados à forma de compor emblemas. Essa arte, segundo Menestrier, seria nada mais nada menos que “a arte de pintar os costumes e de pôr em imagem as operações da natureza para instrução do homem”, sendo o emblema “uma representação simbólica na qual a aplicação engenhosa explicada por uma sentença ou por alguns versos exprime algum ensinamento moral ou sábio”³⁹⁹, “um espaço de ensinamento posto em imagens”, “o modo de ensinar algo de útil por imagens”, entendendo-se, por útil, aquilo que é relativo ao modo de conduzir a vida.

Menestrier afirma que as imagens atuam como facilitadoras do processo de apreensão do conhecimento, já que elas são filtradas e reconhecidas rapidamente pelos cinco sentidos. O elemento visual, portanto, é compreendido como parte essencial na composição do emblema, assim como o elemento escrito, devendo ambos serem concebidos de “modo perfeito”⁴⁰⁰.

Do mesmo modo, em seu célebre *Philosophie des Images*⁴⁰¹, impresso em 1682, ele preocupou-se com os “erros” cometidos na composição dos emblemas e tentou ordenar a forma de fazê-los, apontando as imagens que deveriam ser utilizadas⁴⁰².

³⁹⁶ Vd. Idem, p. 48-9. Sobre a produção impressa do Pe. Menestrier, sua disputa em torno à arte do brasão com o Pe. Claude Le Laboureur – cuja relação com os jesuítas de acordo com Mario Praz não era amistosa – e sobre as críticas que incidiram sobre ele, vd. PRAZ, Mario. *Imágenes del Barroco... op. cit.*, p. 203-5, 207-11, 218-9. Vd. ainda BARTHET, Bernard. *Science, histoire et thématiques ésotériques... op. cit.*, p. 373-80.

³⁹⁷ Vd. INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 49.

³⁹⁸ Os comentários que aqui fazemos, tal como Salviucci Insolera, foram feitos com base na segunda edição – revista e aumentada – da obra (Paris: R. J. B. de La Caille, 1684). A *editio princeps* de *L'Art des emblèmes où s'enseigne la morale par les figures de la fable, de l'histoire, & de la nature* foi impressa em Lyon por Benoist Coral em 1662.

³⁹⁹ *Apud* BARTHET, Bernard. *Science, histoire et thématiques ésotériques... op. cit.*, p. 376 (tradução livre).

⁴⁰⁰ As citações da obra de Menestrier, com exceção da referida na nota anterior, foram retiradas de INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 49-50 (tradução livre).

⁴⁰¹ MENESTRIER, Claude-François. *La Philosophie des images. Composée d'un ample Recueil de Devises, et du Jugement de tous les Ouvrages qui ont été faits sur cette Matière*, 2 vols. Paris: R. J. B. de La Caille, 1682-1683.

⁴⁰² INSOLERA, Lydia Salviucci. *L'Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 49.

Num tratado de caráter mais teórico publicado no final do século XVII, o padre francês dedicou-se ao tema das imagens enigmáticas⁴⁰³. Menestrier, ao tratar da ligação entre o emblema e o enigma, legou-nos um conceito de emblema:

*denominação que nós damos a muitas imagens engenhosas, seja aquelas que representam através das figuras simbólicas as máximas de moral ou de política, seja aquelas que nos servem para explicar os princípios das ciências e das belas artes ou os mistérios da religião.*⁴⁰⁴

No Setecentos, apesar de uma sensível desaceleração na difusão e produção da emblemática, podemos destacar duas obras publicadas nos primeiros anos do século: a de Jacob Bosch (1652-1704) sobre a arte simbólica⁴⁰⁵, na qual foram reproduzidos muitos emblemas recolhidos de várias fontes⁴⁰⁶, e o *Magistris scholarum de ratione discendi* de Joseph de Jouvancy (1643-1719)⁴⁰⁷, em que ele aborda o tema das imagens simbólicas. Ao diferir enigma de emblema, afirma que este último, ademais de admitir imagem, tem seu significado associado aos costumes, modo de comportamento, virtudes e vícios humanos. A empresa, ou símbolo heroico, por sua vez, seria um enigma às avessas, uma metáfora pintada⁴⁰⁸.

Apesar de essas obras teóricas aqui elencadas terem certamente circulado na Assistência portuguesa da Companhia de Jesus, não conhecemos nenhum tratado teórico sobre a emblemática ou que dela trate colateralmente de autoria de jesuíta partícipe dessa Assistência. Contentemo-nos, então, em observar a definição de emblema presente no *Vocabulario portuguez & latino* do clérigo regular teatino Raphael Bluteau, impresso no Collegio das Artes da Companhia de Jesus em Coimbra entre os anos de 1712 e 1728.

No verbete “emblema” Bluteau procura fazer uma síntese, desde a Grécia antiga, do que era considerado como tal. Afirma ser uma palavra grega derivada do verbo “emballo”, que significaria duas ações opostas – “Metter dentro, & Botar fora”. Diz ainda, baseado nas *Annotationes ad Pandectas* (1508) de Guillaume Budé que “o que os gregos chamavam

⁴⁰³ MENESTRIER, Claude-François. **La Philosophie des Images Enigmatiques. Ou il est traité des Enigmes, Loteries, Hieroglyphiques, Talismans, Oracles, Songes, Propheties, Centuries de Nostradamus, Divinations.** Lyon: H. Baritel, 1694.

⁴⁰⁴ *Apud* INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 50 (tradução livre).

⁴⁰⁵ BOSCH, Jacob. **Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem...** Augsburg: Johan Kaspar Bencard, 1701.

⁴⁰⁶ Vd. INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 51.

⁴⁰⁷ DE JOUVANCY, Joseph. **Magistris Scholarum inferiorum Societatis Iesu de ratione discendi et docendi ex decreto Congregat. Generalis XIV.** Firenze: [s.n.], 1703.

⁴⁰⁸ INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 51.

Emblimata, erão huns ornamentos, ou peças postiças, que se pegavão aos vasos de ouro, ou prata, & quando se queria, se tiravão⁴⁰⁹.

Segundo Bluteau, na época em que escreveu seu *Vocabulario*, “emblema”, entre os humanistas, era um

*termo metaphorico, porque da significação de ornamentos materiaes, passou a significar algũ documento moral, que aberto em estampas, ou pintado em quadros, se poem para ornamento das salas, galerias, Academias, Arcos triumphaes, &c.*⁴¹⁰

O corpo do emblema, como aponta esse padre erradicado em Portugal, é a figura visível; sua alma, a letra inteligível, geral e dogmática. O emblema, cujo objeto seria concernente ao instituto da vida humana, expunha claramente aquilo que pleiteava-se ensinar e nisso Bluteau concordava com Sandaeus⁴¹¹.

⁴⁰⁹ BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Dogmatico, etc. autorizado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinos, e oferecido a el-rey de Portugal D. João V.** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, 8 vols., (vol. 3, p. 43).

⁴¹⁰ Idem, p. 44.

⁴¹¹ Francisco Rodrigues Lobo, em seu *Corte na Aldeia* de 1619 (Diálogo II, “Da policia e estilo das cartas missivas”), trata da “matéria das Armas e Tenções com que se costumam selar as cartas”, explicando suas origens e significado. Afirma que em Portugal era “cousa muito antiga nos Príncipes trazerem tenções e empresas com letras, e ainda as usavam misturadas nas Armas Reais, que posto que naquele tempo não estavam tão apuradas como agora, nem eram sujeitas à arte que delas e para elas fizeram os modernos, não lhes faltava entendimento e galantaria”. Lemos ainda uma diferenciação mais explícita entre as antigas empresas e aquelas modernas: “Armas e Empresas ou Tenções não tiveram no seu princípio a diferença que agora lhes assinam os que delas escrevem, de letras e corpos, e corpos sem letras, com limitações e regras mui apertadas. Antes me parece que as Armas eram as insígnias que os Reis e Imperadores davam aos seus para ser conhecida sua nobreza, conformando-se na figura delas com a qualidade dos sucessos por onde as mereceram, ou com a antiguidade do sangue donde descendiam os a que as davam, e as que os mesmos Reis tomavam para si em memória de semelhantes feitos, ou derivados dos seus antecessores. Empresas ou Tenções são as que os mesmos Reis, Príncipes ou particulares tomam, conformando as figuras e letras com o desenho e pensamento que cada um tem para empreender cousas altas. E daqui adiante entram as regras que depois lhe acrescentaram (...)”. Arremata a reflexão asseverando que “a variedade dos corpos, ou forma que vedes nas Armas, todas nasceram de ilustres façanhas e valorosos feitos. E todas as das Empresas e Tenções dão sinal claro do ânimo e pensamento dos seus donos (...)”. Agradeço a Marcone Zimmerle a indicação dessa passagem da obra de Rodrigues Lobo. Voltando às definições de “emblema” em dicionários, cabe ressaltar a do *Diccionario da lingua portugueza* de Antonio de Moraes Silva publicado pela primeira vez em Lisboa em 1789, que, apesar de não mais dizer respeito ao recorte temporal de nossa pesquisa, nos ajuda a perceber a diferença entre o significado atribuído ao “emblema” até então, como medida de precaução frente à sempre perigosa possibilidade de sermos anacrônicos. Apesar de ser, segundo o autor, uma recopilação dos vocabulários impressos até aquele momento, o *Diccionario* de Moraes Silva traz um verbete bastante sucinto e superficial de “emblema”. O emblema continha, de acordo com Silva, uma moralidade geral que era aludida por figura, hieróglifo ou símbolo e que normalmente se declarava “por alguma letra, mote, ou rotulo à figura”. Nesse dicionário da língua portuguesa já aparece a forma adjetivada da palavra – “emblemático”, ou seja, aquilo que diz respeito a emblemas (SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813, vol. 1, p. 658). Essa superficialidade provavelmente é fruto da diminuição do uso e, consequentemente, da discussão sobre o tema. Claramente, essa ausência de cuidado ao tratar de um conceito de tamanha complexidade iria se acentuar ainda mais no século XIX. No verbete “emblema” do *Diccionario da Lingua Brasileira* de Luiz Maria da Silva Pinto, por exemplo, o autor é taxativo, simplista e equivocado: “Geroglífico ou simbolo com letra aberto em estampa, ou pintado” (PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz.** Ouro Preto:

3. 3. A produção emblemática em terras lusitanas: algumas considerações

No que tange à emblemática em ambiente luso, Rubem Amaral Júnior afirmou que a contribuição de Portugal no período em que esse gênero estava tendo uma ampla difusão na Europa foi “modesta, tardia, frustrada e derivada”⁴¹², mas que apesar disso é atestada uma significativa presença e influência de livros estrangeiros com emblemas no espaço lusitano entre os séculos XVI e XVIII.

Algumas dessas obras, vale ressaltar, receberam adaptações e traduções para o português, caso da adaptação não declarada do célebre *Pia Desideria* do jesuíta Herman Hugo, intitulada *Desejos Piedosos de Huma Alma Saudosa do Seu Divino Esposo Jesu Christo*, obra ilustrada de Joseph Pereira Velozo com cânticos do Fr. António das Chagas publicada em Lisboa em 1687⁴¹³.

Amaral Júnior nos informa acerca da produção impressa de livros de emblemática em Portugal⁴¹⁴. A primeira dessas obras de autoria portuguesa foi publicada em Lisboa em 1596

Typographia de Silva, 1832). Em dicionários brasileiros atuais encontramos três acepções possíveis para emblema: “sentença ou mote que encerra uma ideia moral numa imagem ou gravura e em versos que explicam o sentido inerente a ambas”, em palavras contidas no *Dicionário Houaiss*; figura simbólica, objeto ou ser que representa uma ideia; símbolo, distintivo ou insígnia, com legenda ou não, que distingue um grupo. O termo emblema atualmente pode ser atribuído a um objeto ou a um ser. Isso reflete no uso comum da forma adjetivada da palavra “emblema”. Além da básica acepção já utilizada por Moraes Silva no final do século XVIII, a de que emblemático era aquilo concernente a emblema, hoje o adjetivo pode ser utilizado como sinônimo de “simbólico” ou ainda, o que ocorre no mais das vezes, para referir-se ao que é “altamente significativo; exemplar”, nas palavras de Aurélio Buarque de Holanda. A principal novidade é a forma verbal “emblemar”, ou seja, “expressar por meio de emblema; simbolizar”, de acordo com o *Dicionário Houaiss*. Vd. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010, p. 770; HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 735.

⁴¹² AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblematics... *op. cit.*, p. 135. Vd. ainda: PEREIRA, Ana Martínez. La emblemática tardía en Portugal: manifestaciones manuscritas. In: CHAPARRO, César; GARCÍA, José Julio; ROSO, José; UREÑA, Jesús (eds.). **Paisajes emblemáticos...** *op. cit.*, p. 181-97.

⁴¹³ VELOZO, Joseph Pereira. **Desejos piedosos de huma alma saudosa do seu divino Esposo Jesu Christo: Divididos em varios Emblemas para antes da Confissão e antes e depois da Sagrada Comunhão: Com huas Advertencias para o mesmo intento: Por Joseph Pereira Velozo. Em cada Emblema leva hum Cântico, composto pelo Venerável Padre Fr. Antonio das Chagas, Religioso Serafico que foi em a Provincia dos Algarves e Missinario Apostolico neste Reyno**. Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, Impressor de S. Mag., 1687. Vd. CARVALHO, José Adriano de Freitas. As lágrimas e as setas... *op. cit.*; CAMPA, Pedro F. The Spanish and Portuguese Adaptations of Herman Hugo's *Pia Desideria*. In: DALY, Peter Maurice; RUSSELL, Daniel S. (eds.). **Emblematic Perceptions: Essays in Honor of William S. Heckscher on the Occasion of his Ninetieth Birthday**. Baden-Baden: Valentin Koerner, 1997, p. 44-60. Amaral Júnior aponta ainda uma tradução do *Pia Desideria* do Pe. Herman Hugo feita pelo Fr. António das Chagas intitulada *Suspiros e saudades de Deus* impressa em Coimbra na Real Imprensa da Universidade em 1830. AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblematics... *op. cit.*, p. 139.

⁴¹⁴ Idem, p. 135-44; AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco...** *op. cit.*, p. 33. Vd. ainda TAVARES, Teresa Maria Reis Calado. **Os Emblemas de Vasco Mousinho Quevedo de Castelbranco**. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1988, p. 36 (nota 62). A relação de obras impressas e manuscritas que mencionaremos em seguida não está completa. Remetemos para os trabalhos citados na presente nota, mas deve-se considerar que a lista de obras com emblemas produzidas em Portugal ainda não é exaustiva.

por Manoel de Lira à custa do mercador de livros Estêvão Lopes e reimpressa no ano seguinte: o *Discurso sobre a Vida e Morte de Santa Isabel Rainha de Portugal, & outras varias Rimas* de Vasco Mousinho Quevedo de Castelbranco⁴¹⁵, que também escreveu o *Dialogos de Varia doctrina illustrados com Emblemmas*⁴¹⁶.

Seria necessário esperar o ano de 1683 para que viesse à luz em Portugal outro livro em que se utiliza o gênero emblemático: o primeiro volume d'*O Principe dos Patriarcas S. Bento* do Fr. João dos Prazeres, o pioneiro em Portugal na adoção do modelo emblemático tripartido – *inscriptio, pictura, subscriptio* –, com gravuras de Clemente Billingue (Billing), de Francisco Gomes e de Duarte. O segundo volume foi publicado em 1690⁴¹⁷ com gravuras desses dois últimos artistas⁴¹⁸ (**Img. 20**).

⁴¹⁵ CASTELBRANCO, Vasco Mousinho Quevedo de. **Discvrso sobre a vida, e morte, de Santa Isabel Rainha de Portugal, & outras varias Rimas. Por Vasco Mousinho de Castelbranco. Dirigido ao Excellentissimo Senhor Duque, Dom Aluaro de Lancastre.** Lisboa: Por Manoel de Lyra, à custa de Esteuão López mercador de liuros, 1596.

⁴¹⁶ Manuscrito incompleto: Biblioteca Nacional de Lisboa, Cod. 13167. As duas obras citadas de autoria de Vasco Mousinho Quevedo de Castelbranco foram recentemente publicadas em conjunto: AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco... op. cit.** Vd. ainda TAVARES, Teresa Maria Reis Calado. **Os Emblemas de Vasco Mousinho... op. cit.**; MATOS, Maria Vitalina Leal de. Vasco Mousinho de Quevedo Castelbranco. **Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian**, 37, p. 417-34, 1998; ALMEIDA, Isabel. “Fina Prata”: os Dialogos de varia doutrina illustrados com emblemmas, de Vasco Mousinho de Quevedo. **Românica**, 9, p. 77-88, 2000.

⁴¹⁷ PRAZERES, João dos. **O Principe dos Patriarcas S. Bento: Primeiro Tomo De sua Vida, discursada em empresas Politicas e Predicaveis pello M.to R.do. Pe. Fr.S. Joaõ dos Prazeres Chronista da Religiaõ deste Pay das Relegioens Todas Natural da Cidade do Porto: Offerecido Ao Reverendissimo Pe. Fr. Joaõ Ozorio Dom Abbade Geral da Congregaçaõ do mesmo Principe.** Lisboa: Na Imprensa de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor da Casa Real e á sua custa, Clemente Billingue invento e abrio, 1683; _____. **O Principe dos Patriarchas S. Bento: Segundo Tomo De sua Vida, discursada em Emprezas Politicas & Moraes Pello M. R. Padre Prègador Geral Frey Joam dos Prazeres, Chronista Mòr da Congregaçaõ do mesmo Principe, natural da cidade do Porto; Offerecido ao Reverendissimo Padre Frey Vicente dos Santos, D. Abbade Geral da Religiaõ deste Pay das Religiões todas, e por elle dedicado ao Eminentissimo Senhor D. Joseph de Aguirre Cardeal da Santa Igreja Romana Monge Benedictino.** Lisboa: Na Officina de Joam Galram: A custa da Congregaçaõ de S. Bento, 1690.

⁴¹⁸ Sobre essa obra, vd. ABREU, Ilda Soares de. **Simbolismo e ideário político... op. cit.**, (p. 11-5). O escrito de Fr. João dos Prazeres foi apontado por John Landwher em sua bibliografia de livros com emblemas que incluiu a produção portuguesa (LANDWHER, John. **French, Italian, Spanish, and Portuguese Books of Devices and Emblems... op. cit.**) como provavelmente o único exemplo desse gênero em Portugal. O livro de Leonarda Gil da Gama, que mencionaremos em seguida, foi apenas citado por ele. Vd. AMARAL JÚNIOR, Rubem. *Portuguese Emblematics... op. cit.*, p. 138.



Imagem 20⁴¹⁹

Cabe ainda mencionar que em 1687 foram publicadas em Lisboa as duas primeiras partes da obra trilogica do jesuíta espanhol Francisco Garau (1640-1701)⁴²⁰ no idioma original das primeiras edições e, assim como elas, sem ilustrações – respectivamente *El sabio instruido de la naturaleza en quarenta maximas politicas y morales* (1675)⁴²¹ e *El Olimpo del sabio instruido* (1680)⁴²².

⁴¹⁹ PRAZERES, João dos. *O Principe dos Patriarchas S. Bento: Segundo Tomo De sua Vida... op. cit.*, Empresa XXXIII, “Ao Rey o estatuto de Sol, & aos conselheiros o estatuto de Lua”. Vd. ABREU, Ilda Soares de. *Simbolismo e ideário político... op. cit.*, p. 132-8 (imagem reproduzida na p. 133, Figura 66).

⁴²⁰ Lisboa: en la imprenta de Theotonio Craesbeeck de Mello, Impressor de su Magestad, a su costa impresso, y de Antonio Leyte Pereira mercader de livros, 1687.

⁴²¹ GARAU, Francisco. *El sabio instruido de la naturaleza en quarenta maximas politicas, y morales, ilustradas con todo genero de erudicion sacra, y humana*. Barcelona: Em Casa Cormellas, por Vicente Suria, à custa de Antonio Ferrer, 1675.

⁴²² GARAU, Francisco. *El Olimpo del sabio instruido de la naturaleza y segunda parte de las maximas politicas, y morales, ilustradas con todo genero de erudicion sacra y humana*. Barcelona: Antonio e Baltasar Ferrer, 1680. Completa a obra trilogica a seguinte parte: GARAU, Francisco. *Tercera parte del sabio instruido de la naturaleza con esfuerzos de la verdad... alegados en quarenta y dos máximas politicas y Morales ilustradas con todo genero de erudición... contra las vanas ideas de la Política de Machiavelo*. Barcelona: Imprenta de Cormellas, por Tomás Loriente, 1700.

Na primeira metade do século XVIII publicar-se-iam os três volumes d'*A estrella d'alva* do Fr. António da Expectação⁴²³, tendo os dois primeiros gravuras feitas por Manuel Freyre⁴²⁴. Ademais, viria à luz em Lisboa o *Reyno de Babylonia, ganhado pelas armas do Empyreo*, obra de Leonarda Gil da Gama publicada por Pedro Ferreira em 1749, que contou com dezesseis gravuras de emblemas feitas por Debrie⁴²⁵.

Outras obras nas quais se fez uso da emblemática produzidas em Portugal⁴²⁶ permaneceram inéditas⁴²⁷, como as *Emprezas Lusitanas contra Castelhanas Empresas* (1663) do Fr. Gabriel da Purificação⁴²⁸ – dezoito fólios com epigramas e imagens; e o *Vita SS. Patris N. Aurelij Augustini, variis et eruditus emblematicis, quae sibimetipsi autoritatibus Sanctus Pater applicat, per tres libros méthodo poética explanatur* (1745) do Fr. José da Assunção⁴²⁹, com 228 emblemas “nus”, ou seja, sem imagens.

Quanto às obras vertidas para o português merecem destaque a *Declaración Magistral sobre las Emblemas de Andrés Alciato* (1615) de Diego López⁴³⁰ traduzida por Theotonio

⁴²³ EXPECTAÇÃO, António da. *A estrella d'alva a sublimissima, e sapientíssima mestra da Santa Igreja, a Angelica Serafica Doutora, Mystica, Sta Theresa de Jesus, May, e filha do Carmelo, matriarcha, e fundadora da sua Sagrada Reforma: suas illustres, e heroicas obras; suas raras, e prodigiosas maravilhas, em diversos discursos, e Sermões Panhegyricos ponderadas*. Lisboa: Officina Real Deslandense, 1710; Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1716; Lisboa: João Galvão, 1727.

⁴²⁴ Vinte emblemas místicos, de acordo com Moreno Cuadro: CUADRO, Fernando Moreno. *Las empresas de Santa Teresa grabadas por Manuel Freyre*. *Mundo da Arte*, 16, p. 19-32, 1983. Referido em AMARAL JÚNIOR, Rubem. *Portuguese Emblematics... op. cit.*, p. 138.

⁴²⁵ Idem.

⁴²⁶ Amaral Júnior destaca ainda a obra de um português impressa fora de Portugal: a *Elogia Epigrammata et Emblemata* do Fr. André Baião (Roma: Francesco Cavalli, 1641), autor ainda de um manuscrito intitulado *Emblemas*, conservado na livraria do Colégio San Pantaleone. Vd. AMARAL JÚNIOR, Rubem. *Portuguese Emblematics... op. cit.*, p. 140.

⁴²⁷ Quanto às obras manuscritas de emblemática, vd. SIDER, Sandra; OBRIST, Barbara (eds.). *Bibliography of emblematic manuscripts*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1997, (p. 139). Sobre as conservadas na Biblioteca Nacional de Lisboa remetemos para a seguinte obra e multimídia interativa organizada por essa instituição: *A ciência do desenho: a ilustração na colecção de códices da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001; *A ciência do desenho*. Multimídia interativo. Lisboa: B. N., [2001?]: <http://purl.pt/102>. Acesso em 20/04/2015. Cabe mencionar a referência, presente no Catálogo de Manuscritos da Universidade de Coimbra (p. 197), a um volume (Ms. 2552, “Notícias diversas”) que inclui “Dos Emblemas. Linguagem das Flores” (fl. 32) e “Dos Emblemas” (fl. 36); e a um outro (Ms. 35, “Papéis vários”), que contém uma Explicação e comentário a alguns *Emblemas* (em latim) (fl. 1). Já no Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca de Évora (p. 637), foram arrolados quatro códices sob o título de “EMBLEMAS e enygmas varios” (CVIII/1-24; CIX/1-2; CXII/1-38; CXII/1-7), mas ao consultá-los apenas o primeiro demonstrou ser de interesse: uma espécie de apostila ou caderno de anotações escrito por Bartolomeu Pereira do Lago e Velasco em 1663. No “Cap. 10 – De curiosidades e cousas Varias. Compendio Breve de ditos, e feitos; sentenças e sucessos e dos homes que no mundo ouve dignos de nome, e fama. Recopilado de diversos autores.” são descritos e comentados alguns emblemas (fl. 203r-215r).

⁴²⁸ Vd. BANDEIRA, Luís Stubbs Saldanha Monteiro. *Um valioso manuscrito da Biblioteca do Palácio Ducal de Vila Viçosa*. Lisboa: Horus, 1962.

⁴²⁹ Biblioteca Nacional de Lisboa, Cod. 1230. Amaral Júnior fez uma breve apresentação e a transcrição diplomática desse códice (Belgrado, 2005). De acordo com esse estudioso, Fr. José da Assunção demonstra conhecer as obras de emblemática e gêneros afins dos seguintes autores: Alciato, Valeriano, Curio, Chesneau, Hoyer, Picinelli, Horozco y Covarrubias, Saavedra Fajardo e Prazeres. AMARAL JÚNIOR, Rubem. *Portuguese Emblematics... op. cit.*, p. 142.

⁴³⁰ Nájera: por Iuan de Mongastón, a costa del Autor, 1615.

Cerqueira de Barros em 1695⁴³¹, com reproduções de imagens; e a tradução feita por Carlos del Soto de *Le théâtre moral de la vie humaine* (1678) de Marin le Roy, sieur de Gomberville's⁴³², intitulada *Theatro Moral da Vida Humana representada em cento, e tres quadros. Sacado do poeta Horatio por Otto Venio. Explicados em outros tantos discursos Moraes*⁴³³.

Após esse elenco não exaustivo⁴³⁴ da literatura emblemática em Portugal pode ser esclarecedora uma reflexão sucinta sobre a arte da gravura e a história da tipografia portuguesa, inaugurada em 1487 com o *Pentateuco* em língua hebraica impresso na cidade de Faro pelo judeu espanhol Samuel Gacon⁴³⁵.

⁴³¹ LÓPEZ, Diego. **Declaração Magistral sobre os emblemas de Andre Alciato com todas as historias, antiguidades, moralidade, e doutrina, tocante aos bons costumes por Diogo Lopes, natural de Valência, da Ordem de Alcantara; tradusido em o idioma português por Theotonio Cerqueira, e Barros Caualeiro Proffesso da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, e natural da villa da Barca da Provincia do Minho.** Biblioteca Nacional de Lisboa, Cod. 9221. Rubem Amaral Júnior fez breve apresentação e a transcrição diplomática dessa obra em 2006. Vd. AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblematics... *op. cit.*, p. 141 (nota 16), 144; **A ciência do desenho: a ilustração na coleção de códices da Biblioteca Nacional...** *op. cit.*, p. 142; VASCONCELOS, José Leite de. «Emblemas» de Alciato explicados em Português. Porto: Renascença Portuguesa, 1917.

⁴³² Bruxelas: François Foppens, 1678.

⁴³³ Biblioteca da Universidade de Coimbra, Ms. 3109.

⁴³⁴ Amaral Júnior apontou também para os pequenos comentários à primeira parte da *Emblemata* de Andrea Alciato feitos em latim em 1552 pelo alemão Sebastian Stockhammer, então na Universidade de Coimbra. Vd. AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblematics... *op. cit.*, p. 144. Não mencionamos o livro *Norte de Ydiotas* de Francisco de Monzón impresso em Lisboa em 1563 em edição conjunta com seus *Avisos spirituales* (MONZÓN, Francisco de. **Avisos espirituales. Que enseñan como el sueño corporal sea prouecho al spiritu. Compuesto por el Doctor Francisco de Monçon; Norte de Ydiotas. Compuesto y revisto por el doctor Francisco de Moncón. A donde se trata un exercicio muy spiritual y prouecho. Visto y aprouado por los Deputados de la sancta Inquisición.** Lisboa: en casa de Ioannes Blauio de Colonia, 1563), apesar de o *Norte de Ydiotas* ser uma obra comumente considerada como pertencente à literatura emblemática, porque ao observar as oito ilustrações, seguidas de comentários, percebe-se que não se trata de emblemas. Vd. os estudos de Pierre Civil sobre a obra: CIVIL, Pierre. **Image et dévotion dans l'Espagne du XVIe siècle: le traité Norte de Ydiotas de Francisco de Monzón (1563).** Paris: Publications de la Sorbonne; Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996; _____. Imagen y devoción: el Norte de Ydiotas de Francisco de Monzón (1563). **Studia Áurea. Actas del III Congreso de la AISO**, III, Toulouse-Pamplona, 1996, p. 109-18. Cabe ainda referir, apesar de posterior ao período do qual nos ocupamos, o seguinte manuscrito com ilustrações coloridas conservado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: **Príncipe Perfeito. Emblemas de D. João de Solórzano, Parafrazeados em Sonetos portugueses, e offercidos ao Serenissimo Senhor D. João Príncipe do Brasil. Pello Baxarel Francisco Antonio de Novaes Campos. Anno de 1790** (Ms I-14-1-11). Vd. CAMPOS, Francisco António de Novaes. **Príncipe Perfeito: Emblemas de D. João de Solórzano.** Edição fac-similada do manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro oferecido ao Príncipe D. João em 1790. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.

⁴³⁵ CARVALHO, Kátia de. **Travessia das letras.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999, (p. 33). Judeus, cristãos-novos, estrangeiros – italianos, franceses, espanhóis e sobretudo alemães – teriam de fato papel de destaque nos primórdios da editoria em Portugal. Sobre a tipografia no Portugal quinhentista e seiscentista, vd. o clássico DESLANDES, Venâncio. **Documentos para a história da tipografia portuguesa nos séculos XVI e XVII.** Reprodução fac-símile do exemplar com data de 1888 da Biblioteca da INCM. Introdução de Artur Anselmo. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988.

É importante destacar, no alvorecer da tipografia portuguesa, para além das marcas tipográficas nas folhas de rosto⁴³⁶, a presença de gravuras, como, por exemplo, na *Vita Christi* impressa pelo alemão Valentim Fernandes em 1495 e na portada do *Sacramental* impresso por João Pedro de Cremona alguns anos depois⁴³⁷. Essas gravuras presentes nas obras impressas em Portugal nesse primeiro momento eram aproveitadas em várias obras, sendo reutilizadas por diversos tipógrafos.

No entanto, Ernesto Soares, em obra clássica sobre a história da gravura em Portugal, destaca uma “apatia artística” que se estenderia por muito tempo, afirmando que nesse país a arte de gravar, até os princípios do Setecentos, “foi apenas o bruxulear de lâmpada prestes a extinguir-se”⁴³⁸. Se, anteriormente, a gravura em Portugal, de acordo com esse estudioso, era marcada por um forte caráter popular e “infantil” devido a uma série de fatores – como por exemplo a impossibilidade de desenvolvimento artístico no período de expansão ultramarina –, sob o reinado de D. João V, excessivamente louvado por Soares, teria havido uma mudança nessa perspectiva, refletida seja na contratação de artistas estrangeiros, seja na compra de estampas para modelos e na abertura de aulas para ensino das técnicas da gravura em Portugal⁴³⁹.

É de se destacar o fato de que no *Discurso sobre a vida, e morte de Santa Isabel*, saído da pena de Vasco Mousinho Quevedo de Castelbranco, que apontamos como o primeiro livro de autoria portuguesa a utilizar a emblemática, o autor, logo no início, lamenta a ausência de ilustrações⁴⁴⁰:

*Estes emblemas colhi assim de Piério [Valeriano] como de Paradino [Claude Paradin] por me parecer cousa nova em nossa linguagem portuguesa. Morrerão malogrados, que bem morre quem tão mal nasce, pois lhe falta o melhor, que são as figuras, mas advirto que trato neles como se as tivera estampadas.*⁴⁴¹

⁴³⁶ Para marcas de impressores portugueses, vd. AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco...** *op. cit.*, p. 21-7; CARVALHO, Kátia de. **Travessia das letras...** *op. cit.*, p. 40-2.

⁴³⁷ Vd. Idem, p. 34-6; SOARES, Ernesto. **História da gravura artística em Portugal. Os artistas e as suas obras.** Lisboa: Livraria Samcarlos, 1971, 2 vols., (vol. I, p. 08-9). Soares destaca a circulação em Portugal, muito antes da tipografia, de estampas feitas sob pressão que corriam como folhas volantes, na maior parte das vezes de temática religiosa (p. 08). Essas gravuras de caráter devocional em folhas avulsas posteriormente continuariam a circular, agora impressas.

⁴³⁸ Idem, (vol. I, p. 16).

⁴³⁹ Vd. Idem, p. 12, 15-25 (p. 18-9, 22).

⁴⁴⁰ Ausência atribuída por Rubem Amaral Júnior “mais a contingências financeiras (...) do que à falta de desenhistas e gravadores competentes, cuja existência em Portugal é testemunhada pelas várias marcas de impressores e outras ilustrações então usadas, embora parte delas provavelmente fosse importada e a qualidade do produto doméstico nunca tenha podido rivalizar com a dos países mais adiantados”. AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco...** *op. cit.*, p. 37.

⁴⁴¹ Citamos a partir da edição citada na nota anterior (Idem, p. 71).

Como vimos a partir dos exemplos elencados, essa ausência de imagens nas obras com emblemas foi em parte suprida, apesar de ser possível afirmar que as mesmas têm qualidade artística inferior em comparação com aquelas produzidas em grandes centros gravuristas, como a Antuérpia, local de publicação de muitos livros com emblemas.

Se para o século XVI poderíamos apontar a ausência de uma maior preocupação quanto à arte da gravura e se no século XVII a crise econômica reverberou na imprensa portuguesa obstaculizando em parte a publicação de obras ilustradas, mais custosas, isso não pode ser afirmado em relação ao próspero reinado joanino⁴⁴².

A queixa de Vasco Mousinho Quevedo de Castelbranco, no entanto, nos faz pensar na importância da imagem enquanto definidor do emblema como tal: um livro sem imagens pode ser considerado um livro com emblemas?⁴⁴³

É notório o já referido trecho da *Ratio studiorum* de 1599 em que se aponta a possibilidade de “*acrescentar desenhos para ilustrar o emblema* ou o assunto proposto”⁴⁴⁴, deixando antever a existência de emblemas sem ilustrações, emblemas “mudos”⁴⁴⁵.

Para além da *éckprhasis* – técnica retórica que consiste em narrar algo textualmente fazendo com que a força expressiva das palavras que descrevem com minúcia uma cena ou objeto forme uma imagem na mente de quem lê –, devemos apor ao argumento da indispensável presença do elemento imagético, portanto, a consciência das dificuldades editoriais ligadas à arte da gravura e ao significativo gasto para ilustrar uma obra. Consciência

⁴⁴² Se observarmos os anúncios de livros feitos na *Gazeta de Lisboa* entre os anos de 1715 e 1760 veremos que neles constam obras em que se indica explicitamente a presença de “finas estampas”, apesar de ser uma quantidade pequena em relação à totalidade dos anúncios. Entre essas obras ilustradas encontram-se, para além daquelas impressas em Portugal, obras importadas de Lyon, Paris e Antuérpia, obras traduzidas do alemão para o português e do francês para o castelhano. Além das obras devocionais e utilizadas na missa, destacam-se obras de caráter técnico-científico, como de anatomia, “plantas”, trigonometria e uma sobre cavalos. Destacamos aqui o anúncio em 1737 da “Nimismalografia, ou Breve recopilacion algumas medalhas dos Emperadores Romanos”, obra novamente impressa escrita por Bento Morganti; o anúncio, feito no mesmo ano de 1737, do “quarto tomo Historia Genealogica Caza Real Reyno, pelo P. D. Antonio Caetano Souza C. R. Divina providencia com estampas sellos, moedas de todos Rfeys”; uma coleção de estampas sobre o terremoto de Lisboa impressa em Paris anunciada em 1758; e uma impressão parisiense da obra de Camões impressa no ano seguinte. Vd. BELO, André. **As gazetas e os livros. A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso em Portugal (1715-1760)**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1997, 2 vols., (vol. II, p. 67, 78, 135, 137).

⁴⁴³ O contrário – emblemas com imagens e sem texto – parecia possível para Emanuele Tesauro: para ele, o emblema poderia subsistir sem o texto, “bastando para corpo a figura e para alma espiritual o conceito mental de quem o entende”. TESAURO, Emanuele. **Cannochiale aristotelico**. Torino: [s.n.], 1670, p. 695 *apud* DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. **Emblemas... op. cit.**, p. 47 (tradução livre). Fernando Rodríguez de la Flor apontou a relação entre o emblema *nudo* – desprovido de imagem –, os jogos de engenho e a interação com a mente do leitor: a imagem seria, a partir do texto, formada com a imaginação, com a memória. Relação também existente, embora de maneira inversa, nos livros com emblemas em que estão presentes apenas a gravura e espaços em branco nos quais o leitor deve pôr o texto: o que De la Flor chama de emblema *silente*. Vd. Idem, p. 42-7.

⁴⁴⁴ Regras para o Professor de Retórica (XVI.18). **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum... op. cit.**, p. 208 (*grifo nosso*).

⁴⁴⁵ Termo adotado por Mario Praz: PRAZ, Mario. **Imágenes del Barroco... op. cit.**, p. 252.

essa que talvez nos permita levar em consideração os livros não ilustrados que façam referência precisa à opção pelo gênero emblemático e que descrevam e mencionem os emblemas explicitamente.

Ademais, tenhamos em mente que era usual que um livro cuja *editio princeps* não fosse ilustrada recebesse acréscimo de imagens em edições posteriores. Caso notório nesse sentido no que tange a livros com emblemas de autoria jesuítica é o da já mencionada obra do padre espanhol Francisco Garau. A primeira parte de sua obra trilogica, *El sabio instruido de la naturaleza en quarenta maximas politicas y morales* vinda à luz em Barcelona em 1675⁴⁴⁶ – na qual o jesuíta desenvolve longos comentários a partir de fábulas de Esopo – recebeu ilustrações apenas na edição valenciana de 1690⁴⁴⁷ (Img. 21).



32 EL SABIO;
jornada de su contrario, sin pararse hasta llegar su fin. Despertóse al cabo la Liebre, y llegó finalmente al paradero, donde con harto corrimiento fuyo, y pesardió que le estava esperando, coronada ya por el Iuz la Tortuga.

MAXIMA.

APRIESSA, Y ESPACIO.

MVCHO Importa para vn feliz fin vn Ya en la cuna se luce grande el va; los.

buen principio. Quien ha de subir à vna alta cumbre, ha de començar con agigantados passos la carrera. Vn Heroe no hade tener infancia que dure. Lo mismo ha de ser salir à luz, que luzir. El Sol desde las mantillas del Alva se corona de rayos ya, ni luce menos en el Oriente, que en el Zenit. Es verdad que brilla mas el medio día: àzia nuestro emisferio, mas no porque despida mas rayos, si porque tiene mas dilatada la esfera. Campo va ganando cada instante, no luzes; sube, no crece, y desde que sale anda ya venciendo las nubes de la embidia, disponiendose el triunfo para despues. Desde la cuna las embiste con rosicleres, y esmaltes; para rendirlas con alhago; despues contra la terqueria llueve rayos, y graniza incendios, hasta vencer, y triunfar. En fin, apenas vemos vn rayo fuyo, que no veamos todo el Sol: así el Divino.

(1) Empinóse à Gigante, para empear la carrera, ciñendo de laureles las sienas, antes que se las coronara con hilos de horo el cabello. Fueron Damasco, y Samacia (2) despojos de sus proezas, coronando de triunfos sus niñezes. Fueron los pucheros el arma, y fouaron por parche los follos.

2052

(1) Exultavit ut Gigas ad currendam viam. Psal. 18.
(2) Antiquanescias puer vicere patrem suum, & matrem suam accipiet virum. Item Damasci, & Samacia.

Imagem 21⁴⁴⁸

⁴⁴⁶ GARAU, Francisco. *El sabio instruido de la naturaleza... op. cit.* (1675).

⁴⁴⁷ Ao confrontarmos essas duas edições percebemos que não foram feitas alterações no texto. Mesmo a introdução permanece a mesma, sem a inclusão de qualquer comentário acerca da novidade das imagens adicionadas. O conteúdo teoricamente permanecia o mesmo, apesar de sua transmissão ter recebido o reforço não insignificante do aparato imagético.

⁴⁴⁸ GARAU, Francisco. *El sabio instruido de la naturaleza en quarenta maximas politicas, y morales, ilustradas con todo genero de erudicion sacra, y humana...* Valencia: Jaime de Bordazar, à custa de Asensio Duarte (pseudônimo do autor), 1690, p. 31-2.

Mesmo feitas essas considerações quanto a uma maleabilidade em relação à ausência de ilustrações, nos chama a atenção a pequena quantidade de livros com emblemas produzidos em Portugal. Apesar da importância de termos em mente que algumas obras desse gênero podem ter desaparecido, como é o caso por exemplo do *Verdades pintadas e escritas* do célebre Francisco Manuel de Melo⁴⁴⁹, a carência desses livros é evidente. A razão disso não podemos afirmar. Talvez possa ter interferido a facilidade de intercâmbio de livros com a Espanha, grande produtora de literatura emblemática; facilidade essa devida tanto à proximidade quanto ao bilinguismo característico da Península Ibérica.

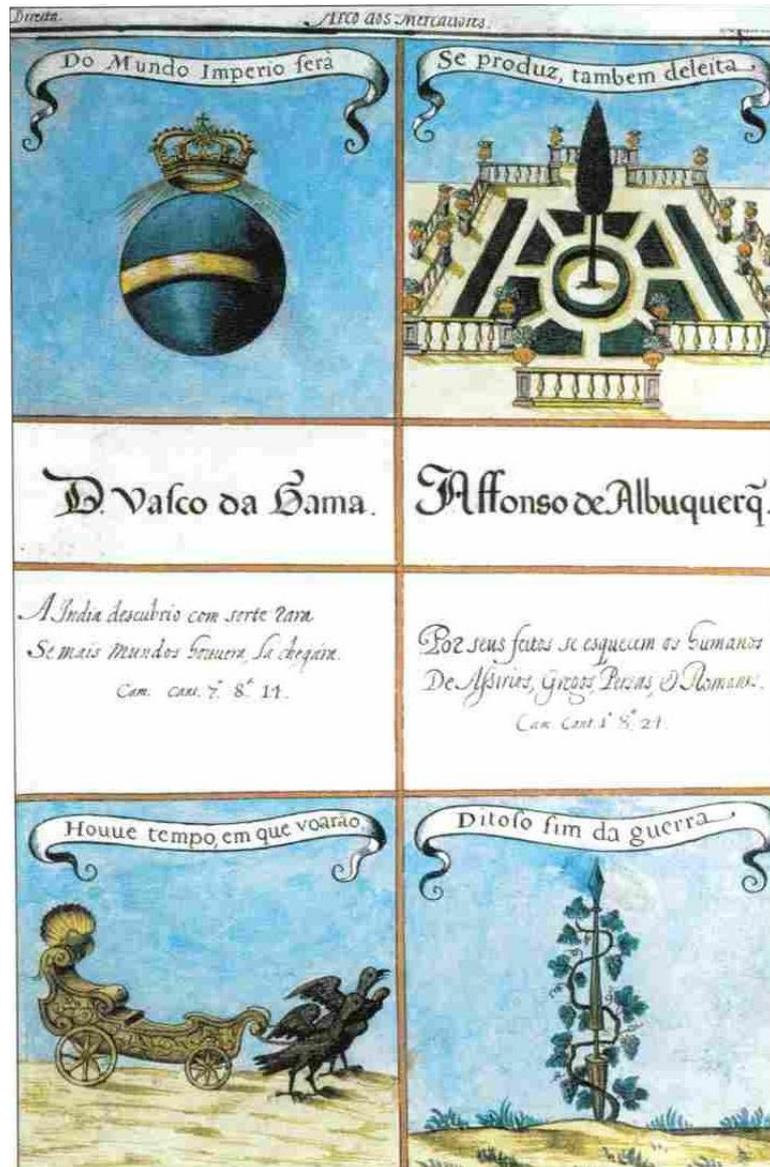
Portugal, portanto, não se destaca pela produção de literatura emblemática. Todavia, é atestada a presença de emblemas na arquitetura efêmera feita para determinadas celebrações⁴⁵⁰ e ainda, em caráter permanente, em edifícios. Vejamos alguns casos, por ora os não relacionados com a Companhia de Jesus, já que no próximo capítulo nos ocuparemos justamente dos testemunhos do uso da emblemática na Assistência portuguesa.

A presença de “empresas e hieroglifos” na arquitetura efêmera esteve presente, por exemplo, nas festas de celebração do casamento do príncipe D. João com D. Joana em 1552⁴⁵¹. O uso de emblemas é manifesto, ainda, na entrada de D. Maria Francisca Isabel de Savóia em Lisboa em 02 de agosto de 1666, de que nos dá notícia o álbum anônimo de desenhos intitulado *Festas que se fizerão pelo casamento del Rey D. Affonso VI*, com aquarelas dos emblemas presentes nos arcos construídos para a ocasião (**Img. 22**).

⁴⁴⁹ Na *Bibliotheca Lusitana* Barbosa Machado nos dá indícios da existência dessa obra, que teria uma centena de empresas pintadas pelo autor acompanhadas de discursos. Em seu *Hospital das Letras* Francisco Manuel de Melo menciona uma obra não publicada de sua autoria – *Arte e Simbolatória e Tratado das Insígnias Religiosas, Militares e Políticas*. Amaral Júnior aventa a possibilidade de ambas as obras, a mencionada por Barbosa Machado e a mencionada por Melo, serem a mesma. Vd. AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblematics... *op. cit.*, p. 143.

⁴⁵⁰ Para outros exemplos, além dos que aqui serão citados, vd. PEREIRA, João Castel-Branco (coord.). **Arte efêmera em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 2000.

⁴⁵¹ Vd. ALVES, Ana Maria. **As entradas régias portuguesas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986, (p. 37-41).

Imagem 22⁴⁵²

Outros documentos que nos informam acerca dessa presença da emblemática nos aparatos festivos no século XVII são *A pheniz de Portugal prodigioza*, manuscrito ilustrado de autoria de Luís Nunes Tinoco datado de 1687⁴⁵³ e *Relaçam da magnifica, e sumptuosa*

⁴⁵² **Festas que se fizerão pelo casamento del Rey D. Affonso VI.** Coleção D. Manuel II, Inv. BDM II, XCVIII, fl. 21: Emblemas para o arco dos mercadores. Imagem extraída de: PEREIRA, João Castel-Branco (coord.). *Arte efêmera em Portugal... op. cit.*, p. 61.

⁴⁵³ Biblioteca da Ajuda, Ms. 52-VIII-37; Biblioteca da Universidade de Coimbra, Ms. 346, "Papéis vários": **A Pheniz de Portugal prodigioza em seus nomes D. Maria Sofia Isabel Raynha Serenissima, & Srã Nossa em cuja Augustissima Entrada por Artes Liberaes em curiozos Anagrammas se mostra felizmente renovada a Idade de Ouro do Anno de 1687** (fl. 1). Nesse mesmo volume manuscrito da Universidade de Coimbra, de acordo com o Catálogo de Manuscritos (p. 84), há ainda uma **Declamação e emblemas por ocasião da morte da mesma Rainha** (fl. 103). Há outra versão da obra de Luís Nunes Tinoco na Biblioteca do Congresso de Washington, MS. P-209, Portugueses Collection, nº 182, Ac. 3498C: **Compendio triumphal da real fabrica e pompa luzitana... del rey D. Pedro II de Portugal com... Maria Sofia Isabel.** Vd. AMARAL JÚNIOR, Rubem. *Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco... op. cit.*, p. 33; SIDER, Sandra. Luís Nunes Tinoco's Architectural Emblematic Imagery in Seventeenth-Century Portugal: Making a

pompa fvneral Com que o Real Convento de Palmella da Ordem Militar de Santiago, celebrou as Exequias da Serenissima Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Isabel de Neobvrg do Pe. Sebastião da Fonseca e Payva, publicado em Lisboa em 1699 (Img. 23).



Imagem 23⁴⁵⁴

Já em meados do século XVIII, nas cerimônias de exéquias de D. João V, não apenas no reino, mas também nos domínios ultramarinos lusitanos, a presença de emblemas foi corriqueira. Havia, por exemplo, oito emblemas no mausoléu erigido em honra desse monarca para a celebração ocorrida na Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, todos eles descritos na *Relaçam fiel das reais exequias* escrita por Manoel José Correa e Alvarenga, parte do *Monumento do agradecimento* de Mathias António Salgado⁴⁵⁵ impresso em Lisboa

Name for a Palatine Princess. In: GROVE, Laurence (ed.). *Emblems and the Manuscript Tradition*. Glasgow: Glasgow Emblem Studies, 2, p. 63-79, 1997.

⁴⁵⁴ PAYVA, Sebastião da Fonseca e. *Relaçam da magnifica, e sumptuosa pompa fvneral Com que o Real Convento de Palmella da Ordem Militar de Santiago, celebrou as Exequias da Serenissima Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Isabel de Neobvrg, Sendo Prior mor o Illustrissimo & Reverendissimo Senhor D. Francisco Lobo da Silveira, do Concelho de Magestade. Dedicada a Serenissima Senhora Nossa D. Catherina Rainha da Gran Bertanha. Pelo P. Sebastiam da Fonseca, e Payva Capellaõ Compositor que foy da sua Real Capella, Mestre Presidente do Hospital Real de todos os Santos, & ao presente Freire Capitular, & Mestre da Capella, no Real Convento de Palmella*. Lisboa: Na Oficina dos Herdeiros de Domingos Carneiro, 1699, p. 10-1. Vd. PEREIRA, Ana Martínez. *Imágenes simbólicas en los sermones de exequias: pintura y palabra en la muerte de Maria Sofia Isabel de Neoburgo (1699)*. MOLINA, Rafael Zafra; LÓPEZ, José Javier Azanza (coords.). *Emblemática trascendente... op. cit.*, p. 485-94.

⁴⁵⁵ De acordo com Diogo Barbosa Machado, em 10 de novembro de 1716, Mathias António Salgado, ainda adolescente, abraçou a Companhia de Jesus, mas depois a deixou, continuando sua formação na Universidade de Coimbra, onde formou-se em Direito Canônico. Vd. MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana, Historica, Crítica, e Chronologica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das*

em 1751⁴⁵⁶. Na gravura desdobrável do mausoléu delineado com sugestões de Salgado e inscrições de Alvarenga pelo sargento-mor e engenheiro militar António de Moraes Sarmiento⁴⁵⁷, feita pelo ilustre Debrie a partir do desenho do português Estevão de Andrade⁴⁵⁸, podem ser vistos dois desses emblemas (**Img. 24**).



Imagem 24⁴⁵⁹

Obras, que compozeraõ desde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo presente; por Diogo Barbosa Machado, Ulyssiponense, Abbade Reservatorio da Paroquial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real. Tomo IV. Que consta de muitos authores novamente collocados na Bibliotheca, e de outros illustrados, e emendados, impressos nos tres Tomos precedentes. Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759, p. 254-5 (p. 254); ÁVILA, Affonso. **O lúdico e as projeções do mundo barroco**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980, p. 290-1.

⁴⁵⁶ SALGADO, Mathias António; ALVARENGA, Manuel José Correa e. **Monumento do Agradecimento, tributo da veneração, obelisco funeral do obséquio, Relaçam fiel das reaes exequias, que à defunta Magestade do fidelissimo e augustissimo Rey o senhor D. João V dedicou o doutor Mathias António Salgado Vigarario collado da Matriz de N. Senhora do Pillar da Villa de São João Del Rey offerecida ao muito alto, e poderoso Rey D. Joseph I. Nosso Senhor**. Lisboa: Officina de Francisco Silva, 1751.

⁴⁵⁷ Idem, p. 04.

⁴⁵⁸ Vd. SMITH, Robert Chester. Os mausoléus de D. João V nas quatro partes do mundo. **Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa**, tomo XXI, 2ª série, nº 1, 1955, (p. 33).

⁴⁵⁹ SALGADO, Mathias António; ALVARENGA, Manuel José Correa e. **Monumento do Agradecimento..., Relaçam fiel das reaes exequias, que à defunta Magestade do fidelissimo e augustissimo Rey o senhor D. João V...** *op. cit.*, (página que antecede a *Relaçam fiel* de Correa e Alvarenga).

Em Salvador, por sua vez, como fica atestado numa *Relação panegírica das honras funeraes* de D. João V escrita por João Borges de Barros impressa em Lisboa em 1753⁴⁶⁰, houve emblemas na arquitetura efêmera feita em ocasião das cerimônias de exéquias celebradas na Catedral, na Casa da Misericórdia e ainda na celebração realizada pelos franciscanos.

Na capital do reino também foi utilizada a emblemática a fim de exaltar as virtudes joaninas em ocasião de sua morte, do que nos dá notícia a *Descrição funebre, das exequias, que a Basilica Patriarchal de S. Maria dedicou á memoria do Fidelissimo Senhor Rey Dom Joaõ V* escrita por Bento Morganti⁴⁶¹ e impressa em Lisboa em 1750⁴⁶², na qual são descritos vinte e cinco emblemas.

Nessa *Descrição* a questão sobre a necessidade de ilustrações apontada cerca de um século e meio antes por Vasco Mousinho Quevedo de Castelbranco foi igualmente referida, mas ela já encontrava-se parcialmente solucionada:

*Para esta Descrição ser inteiramente completa, não faltará quem julgue seria preciso estampar todas as Tarjas, e figurar os Emblemas, que servirão de funebre adorno a estas solemnes Exequias, para que o Leitor entretendo a vista no delineado das figuras, dissimulasse melhor os defeitos da elegancia; ou para que desta sorte reproduzindo-se aquella funebre perspectiva, vissem com reflexão os curiosos, o que então se não podia bem examinar pela brevidade; mas como as Tarjas, e cercaduras eraõ entre si semelhantes, entendo que fica satisfeita a curiosidade, sem atropellar a precizaõ, com offerecer-se huma de cada ordem; porque das quatro, que se estampaõ, se póde inferir a boa harmonia, que faria no todo da Igreja a multiplicação deste adorno.*⁴⁶³

A obra – para além das gravuras com as armas de Portugal antecedendo a dedicatória e a descrição fúnebre, da imagem alegórica que antecede a oração pregada pelo jesuíta

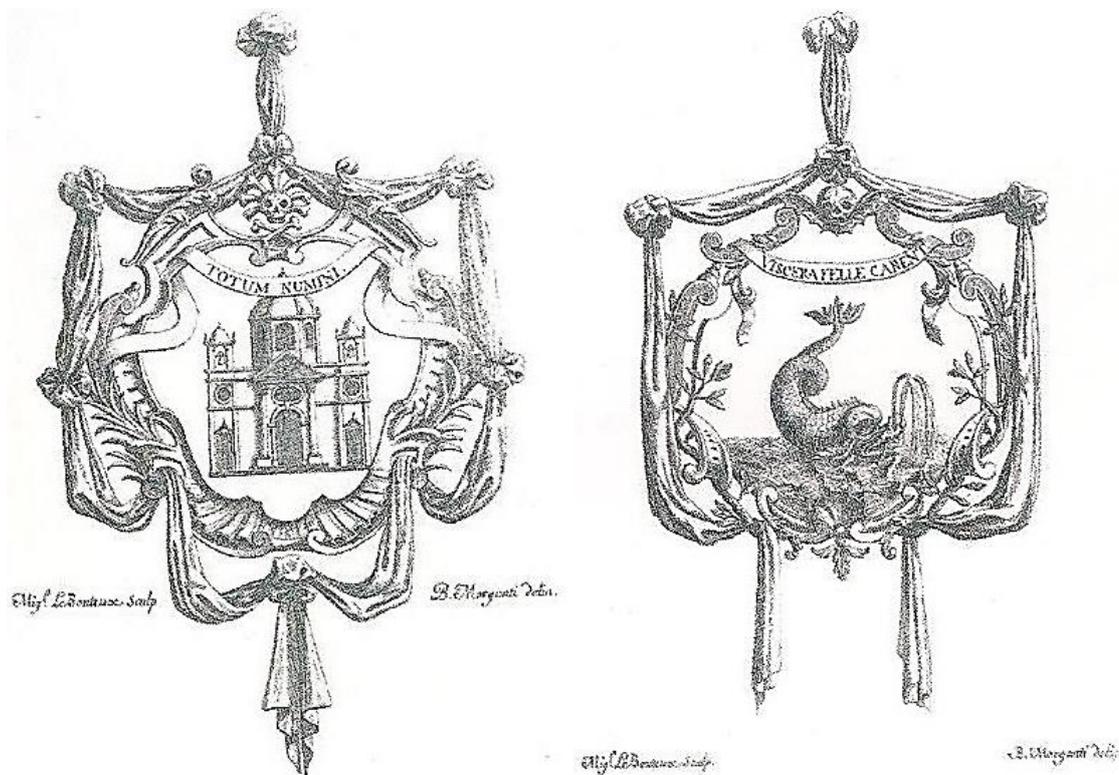
⁴⁶⁰ BARROS, João Borges de. **Relação panegírica das honras funeraes, que às memorias do muito alto, e muito poderoso Senhor Rey Fidelissimo D. João V. consagrou a Cidade da Bahia Corte da America Portugueza: escrita, e dedicada ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Joseph Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, Primaz dos Estados do Brasil, do Conselho de Sua Magestade, pelo Doutor João Borges de Barros, Mestre-Escola da Santa Sê da Bahia, Protonotario Apostolico de Sua Santidade, e Desembargador Numerário da Relação Ecclesiastica: com huma collecção de cinco Orações Fúnebres, e varias Poesias, Latinas, e Vulgares.** Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1753.

⁴⁶¹ Bento Morganti estudou no Colégio de Santo Antão e na Universidade de Coimbra. Posteriormente ele seria, de acordo com Marie-Hélène Piwnik, o autor do periódico *O Anónimo*, impresso entre os anos de 1752 e 1754. Vd. PIWNIK, Marie-Hélène. **O Anónimo – Journal portugais du XVIII^{ème} siècle (1752-1754).** Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1979.

⁴⁶² MORGANTI, Bento. **Descrição funebre, das exequias, que a Basilica Patriarchal de S. Maria dedicou á memoria do Fidelissimo Senhor Rey Dom Joaõ V. Escrita, e delineada por Bento Morganti, Beneficiado na mesma Igreja, Com a Oração Funebre, que nas mesmas Exequias recitou o M. R. Padre Mestre Timotheo de Oliveira, Da Companhia de JESUS, Confessor da Serenissima Princeza do Brasil Nossa Senhora. Offerecido tudo á Magestade Fidelissima de Dom Jozé I. Nosso Senhor Pelos Conegos da mesma Basilica.** Lisboa: Na Officina de Francisco da Silva, 1750.

⁴⁶³ Idem, p. 54.

Timotheo de Oliveira e das letras capitulares – contém um retrato de D. João V, ilustrações de cartelas com epitáfios, uma estampa em folha desdobrável do mausoléu do monarca defunto e ilustrações de emblemas (**Img. 25 e 26**)⁴⁶⁴.



Imagens 25 e 26⁴⁶⁵

⁴⁶⁴ Vd. SOARES, Ernesto. **História da gravura artística em Portugal... op. cit.**, vol. I, p. 210; PEREIRA, João Castel-Branco (coord.). **Arte efêmera em Portugal... op. cit.**, p. 240-3. As gravuras dessa descrição fúnebre em honra de D. João V foram feitas quase totalmente por artistas franceses que vieram para Portugal no reinado joanino: o renomado Debrie, Michel Le Bouteux e Pierre Antoine Quillard. A estampa do mausoléu, gravada por Le Bouteux, por sua vez, foi inventada e delineada por “J. Custodius de As”. Sobre a atuação desses gravadores em Portugal, vd. SOARES, Ernesto. **História da gravura artística em Portugal... op. cit.**, vol. I, p. 136-44 (Le Bouteux), 205-38 (Debrie); vol. II, p. 492-506 (Quillard). A Oração do Pe. Timotheo de Oliveira recebeu impressão em separado na mesma oficina de Francisco da Silva no mesmo ano de 1750: **Oração funebre, das exequias do fidelissimo, e augustissimo rey D. Joaõ V. da saudosa memoria Celebradas na Basilica de Santa Maria. Offerecida ao fidelissimo, e augustissimo rey D. Jozeph I. Nosso senhor e recitada pelo M. R. P. Mestre Timotheo de Oliveira, Da Companhia de Jesus, Confessor da Princeza N. Senhora.** Lisboa: Na Officina de Francisco da Sylva, 1750. Nessa impressão, no entanto, a imagem que antecede o início da oração e a letra capitular são de feitura rústica e não contêm assinatura. A imagem de abertura em nada se parece com a imagem de caráter alegórico feita por Debrie impressa na edição conjunta com a descrição fúnebre. A letra capitular “S” igualmente difere da presente nessa última edição, que representa uma serpente enroscada em uma espécie de cetro, sobre o qual se vê um sol com olho.

⁴⁶⁵ A **Imagem 25** ilustra o primeiro emblema descrito por Bento Morganti, representativo da Religião (MORGANTI, Bento. **Descrição funebre, das exequias, que a Basilica Patriarchal de S. Maria dedicou á memoria do Fidelissimo Senhor Rey Dom Joaõ V... op. cit.**, p. 20-1). A **Imagem 26**, por sua vez, é o emblema oitavo e refere-se à Clemência (Idem, p. 31). Esses emblemas estavam em medalhões que “Seguiaõ-se por ambas as Naves lateraes da Igreja, e no Cruzeiro pendentes nas janéllas, e arcos” (Idem, p. 19). O volume por nós consultado na Biblioteca Nacional de Portugal não continha nem a estampa em folha desdobrável nem essas ilustrações dos emblemas, que foram extraídas do Cat. 90 dedicado à *Descrição* de Bento Morganti presente em PEREIRA, João Castel-Branco (coord.). **Arte efêmera em Portugal... op. cit.**, p. 240-3 (p. 242). Nesse livro, na mesma página (p. 242), foram reproduzidas as ilustrações de outros dois emblemas presentes na celebração de exéquias de D. João V realizada na Basílica de Santa Maria.

Para além desses emblemas presentes na arquitetura efêmera compostos exclusivamente para ocasiões específicas, em Portugal, como mencionamos, se fez uso da emblemática em edifícios, cujos testemunhos permanecem. Caso, por exemplo, de diversos painéis de azulejaria⁴⁶⁶, muitos deles reveladores da circulação e recepção de livros com emblemas estrangeiros no império português⁴⁶⁷, merecendo destaque o uso do *Pia Desideria* do jesuíta Herman Hugo como fonte iconográfica na Casa do Capítulo do Convento de Santa Marta de Lisboa e na Casa da Irmandade da Igreja de Santa Cruz de Santarém⁴⁶⁸. O exemplo mais estudado do uso da emblemática na azulejaria no Brasil é o dos painéis do claustro inferior do Convento de São Francisco em Salvador⁴⁶⁹. Os emblemas representados nesse conjunto de trinta e sete cenas produzido na oficina lisboeta de Bartolomeu Antunes entre 1743 e 1746 foram retirados da *Emblemata* de Otto Vænius.

A produção emblemática portuguesa, portanto, se caracteriza por uma diminuta contribuição na literatura, mas é patente nas artes aplicadas tanto no reino quanto no ultramar. Resta-nos averiguar e analisar os testemunhos do uso dessa linguagem simbólica com grande potencial para comunicar persuasivamente mensagens religiosas, moralizantes e políticas no âmbito da Assistência portuguesa da Companhia de Jesus.

⁴⁶⁶ Sobre o uso de emblemas na azulejaria portuguesa, vd. AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblematics... *op. cit.*, p. 144-7; FALCÃO, José António. Azulejaria setecentista do Real Convento de Jesus de Setúbal. Alguns aspectos históricos e iconográficos. In: **Relaciones artísticas entre la Península Ibérica y América. Actas del V Simposio hispano-portugués de Historia del Arte (11-13 Mayo 1989)**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1990; GARCÍA ARRANZ, José Julio. Las obras de la Misericordia y la emblemática: los azulejos de la iglesia de la Santa Casa da Misericórdia en Évora (Portugal). In: POZA, Sagrario López (ed.). **Florilegio de estudios de emblemática...** *op. cit.*, p. 359-70.

⁴⁶⁷ Vd., por exemplo, MECO, José. Algumas fontes flamengas do azulejo português: Otto Van Veen, Rubens. **Azulejo**, 3/7, p. 28-39, 1995-1999.

⁴⁶⁸ AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco...** *op. cit.*, p. 29. Vd. ainda MONTEIRO, João Pedro. Os “Pia Desideria”, uma fonte iconográfica da azulejaria portuguesa do século XVIII. **Azulejo**, 3/7, p. 61-70, 1995-1999.

⁴⁶⁹ Vd. SINZIG, Pedro. **Maravilhas da Religião e da arte na Igreja e no Convento de São Francisco da Baía**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934, (p. 170-219); OTT, Carlos F. Os azulejos do Convento de São Francisco da Bahia. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 7, p. 07-34, 1943; PINHEIRO, Silvanisio. **Azulejos do Convento de S. Francisco da Bahia**. Salvador: Livraria Turista, 1951, (p. 01-71); FRAGOSO, Hugo. **Um teatro mitológico ou um sermão em Azulejos? Claustro do Convento de São Francisco, Salvador—Bahia—Brasil**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2006; _____. Azulejos do Convento de São Francisco. In: FLEXOR, Maria Helena Ochi; FRAGOSO, Hugo (orgs.). **Igreja e Convento de São Francisco da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2009, p. 317-71 (p. 339-55).

Capítulo IV – Testemunhos da emblemática na Assistência portuguesa da Companhia de Jesus

A Companhia de Jesus, como vimos, serviu-se largamente da emblemática, o que se percebe na composição de emblemas prescrita na *Ratio studiorum* como exercício literário a ser realizado nos colégios da Ordem, na produção de escritos teóricos acerca do tema e na grande quantidade de livros de autoria jesuítica nos quais se fez uso desse instrumento.

No entanto, como pudemos perceber, entre os livros que elencamos nos quais se utilizou o gênero emblemático em Portugal apenas a obra do Pe. Francisco Garau – saída de prensas lisboetas em 1687 – é de autoria jesuítica. Ademais, ela foi apenas reimpressa em terras lusas e seu autor é espanhol. Nem mesmo a citada adaptação não declarada da obra do jesuíta Herman Hugo impressa em Lisboa nesse mesmo ano⁴⁷⁰ foi feita por um membro da Companhia de Jesus.

A ausência do emprego de emblemas em escritos jesuíticos produzidos na Assistência portuguesa, entretanto, não é total e analisaremos alguns exemplos disso. Ainda em coerência com a produção emblemática de Portugal de modo geral, na qual a literatura não se destaca, a presença de emblemas em igrejas e na arquitetura efêmera armada especialmente para determinadas celebrações ligadas à Companhia de Jesus é manifesta. Ademais, muitos emblemas “desfilaram” em escudos de figuras em procissão. Tentaremos, assim, esboçar um perfil, ainda que lacunar, da utilização da emblemática pelos jesuítas na Assistência portuguesa.

Se de emblemas em edificações jesuíticas nos restam testemunhos concretos, ou seja, o documento iconográfico, daqueles que figuraram em aparatos festivos nos dá notícia um tipo de texto específico: as relações que descrevem cerimônias públicas. Nos deteremos nas relações descritivas de celebrações tais como recebimento de relíquias, exéquias, beatificação e canonização realizadas no âmbito da Companhia de Jesus, em honra de algum de seus membros ou celebrada em igreja jesuítica nas quais se pode atestar o uso de emblemas.

É importante ter em mente que esses relatos, às vezes opúsculos sem grande detalhamento, outras vezes com dezenas de páginas com descrições pormenorizadas, quiçá para suprir a carência de ilustrações, não podem ser considerados parte de uma literatura emblemática. Na verdade, são reflexos e testemunhos escritos da existência da emblemática e

⁴⁷⁰ VELOZO, Joseph Pereira. **Desejos piedosos de huma alma saudosa do seu divino Esposo Jesu Christo...** *op. cit.*

aproximam-se mais dos emblemas presentes em edificações: a diferença reside no caráter de efemeridade de uns e de permanência dos outros.

Desses emblemas de caráter permanente existem testemunhos em templos jesuíticos no ultramar português, de que são exemplos aqueles visíveis nos forros das sacristias da Igreja da Madre de Deus em Vigia e da Igreja de São Francisco Xavier do Colégio de Santo Alexandre em Belém, ambas no Grão-Pará.

Neste capítulo, a fim de perscrutarmos o uso da emblemática feito pelos jesuítas da Assistência portuguesa, para além de uns poucos vestígios e alusões a emblemas em obras escritas, analisaremos dois casos do uso da emblemática em frontispícios; os testemunhos de que apenas temos notícia pelos relatos em que se descrevem os emblemas presentes em cerimônias públicas; e os emblemas supérstites em sacristias de igrejas jesuíticas.

4. 1. Emblemas em obras impressas: os frontispícios de duas crônicas da Companhia de Jesus

A carência de uma literatura emblemática impressa produzida pelos jesuítas da Assistência portuguesa, repetimos, é evidente. No entanto podem ser observados vestígios e alusões a emblemas em alguns escritos.

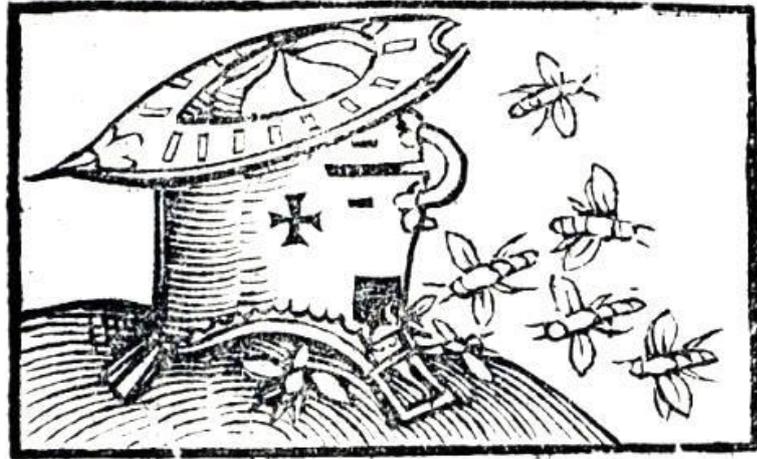
De uma exceção à regra nos informa Barbosa Machado, que afirmou ter saído da pena do Pe. António Vieira uma obra intitulada *Emblemas moraes à Rainha D. Luiza Francisca de Gusmao*⁴⁷¹, infelizmente desaparecida.

No Sermão XII⁴⁷², de 1639, esse afamado orador utiliza-se do conceito de um emblema de Andrea Alciato (**Img. 27**) para comentar a situação política do nordeste do Brasil:

⁴⁷¹ MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana...*, t. I, p. 425.

⁴⁷² Sobre a emblemática nos sermões do Pe. António Vieira, vd. ALMEIDA, Isabel. Alciato in Parnassus: emblematic elements in Vieira's *Sermões*. In: GOMES, Luís (ed.). *Mosaics of Meaning: Studies in Portuguese Emblems...* *op. cit.*, p. 65-88.

EX BELLO PAX.



En galca intrepidus quam miles gesserat, & que
 Sæpius hostili sparsa cruore fuit.
 Parta pace apibus tenuis concessit in usum,
 Alveoli atq; fauos grataq; melle gerit.
 Arma procul iaceant, fas sit tamen sumere bellū.
 Qui, aliter pacis non potes arte frui.

Imagem 27⁴⁷³

David autem rex genuit Salomonem. - Aquela catástrofe admirável que os profetas prometeram ao mundo renovado, quando as lanças se convertessem em arados para cultivar a terra, e as espadas em foices para segar e recolher os frutos, nenhuma outra coisa significa aos homens de maior alvoroço e gosto que a alegre e desejada paz, depois da triste, comprida e detestada guerra. Destes antiquíssimos e sagrados exemplares tomaram a mesma metáfora, e a prosseguiram elegantíssimamente, assim os poetas gregos como os latinos, entre os quais Alciato – admitido já pelos mais severos juízes ao colégio do Parnaso – engenhosa, militar e politicamente adiantou assim o mesmo pensamento. Pintou um enxame de abelhas, que no oco de um capacete fabricavam os seus favos, e por título deste emblema: In bello pax. - A letra diz, como dizíamos, que da guerra nasce a paz, e o corpo da pintura a nenhuma paz ou guerra se pode aplicar com maior propriedade que à do Brasil. Os favos são os doces frutos desta terra singular entre todas as do mundo, pela bênção de doçura com que Deus a enriqueceu: In benedictionibus dulcedinis [Sl. 20, 4]; as abelhas, pela maior parte da Etiópia, são os fabricantes dos copiosos favos que carregam todos os anos tão opulentas e numerosas frotas; e o capacete, nem usado já, nem guardado para outras ocasiões, é o sinal da paz segura e perpétua e sem receio, qual foi a do reinado de Salomão, e a que depois de tantas guerras prometeu Deus nele a seu pai Davi: Filius, qui nascetur tibi, erit vir

⁴⁷³ ALCIATO, Andrea. *Emblematum Liber... op. cit.*, Emblema XLV.

quietissimus: faciam enim eum requiescere ab omnibus inimicis suis per circuitum: et ob hanc causam Pacificus vocabitur [1 Cr. 22, 9].

Este é o sentido natural do mistério do Evangelho, a que poderão servir de elegante comento o capacete e abelhas do emblema, se o capacete for o de Davi e as abelhas as de Salomão. Não nasce a doce paz de qualquer guerra, senão da guerra superior e vitoriosa, quais foram as de Davi. A paz que não elege mas aceita os vencidos ou desesperados, não é de mel, mas de fel; não é doce, mas cheia de amargura, como as que padecem debaixo do jugo do inimigo as que, por não poder resistir nem fugir, remiram com a liberdade as vidas; servidão, enfim, e cativo, e de nenhum modo paz. Esta é, pois, a razão ou necessidade por que os que discorrem prudentemente sobre o estado presente da nossa guerra, já dizem que escolheriam por partido partir o mesmo emblema pelo meio. E de que modo? Deixando ao injusto possuidor os favos do já perdido, que é Pernambuco, e, acudindo a defender com o capacete a cabeça tão ameaçada e perigosa, que é a Bahia. Outros espíritos há, porém, não sei se menos considerados, se mais animosos, os quais de nenhuma sorte se contentam com o emblema de Alciato partido, senão com o enigma de Sansão inteiro. Queira Deus que adivinhem. O urso setentrional, que nos veio crestar as colmeias, não é o Leão belgíco? Sim, que assim se pinta, assim se nomeia, essas são as suas armas. Pois, a esse leão tirem-se-lhe da boca os favos, como fez Sansão ao seu, e apregoe-se com trombetas no mundo católico, tão lastimado de nossas perdas, como ofendido de suas vitórias: De comedente exivit cibus, et de forti egressa est dulcedo [Jz. 14, 14].⁴⁷⁴

No final do século XVII o Pe. António Vieira escreveu uma dedicatória à rainha D. Catarina no décimo primeiro tomo de seus *Sermoens* adotando por fulcro duas empresas por ele compostas por conta do matrimônio de Catarina de Bragança com Carlos II da Inglaterra ocorrido em 1662.

Nessa dedicatória o Pe. Vieira afirmou que acerca da grandeza da rainha da Grã Bretanha e da roda da Santa sua homônima, Catarina de Alexandria, ele fixou duas empresas “em duas colunas da ponte triunfal por onde dividindo o ultimo passo entre a terra, & o mar se despedio V. Magestade da Patria”. Essas empresas, “que o tempo depois mostrou não serem menos panegyricas, que verdadeiras”, foram por ele descritas e posteriormente comentadas:

Alludindo ao appellido da Grã Bretanha, signifiquei quanto V Magestade sendo Rainha sua lhe accrescêtava a grandeza. Mostravase ella como Ilha no meyo do mar, tocando com huma ponta a Europa em Lisboa, com outra a Africa em Angola, com a terceira a Asia em Goa, & com a ultima a America nesta Bahia. E estendendose por este modo a Grã Bretanha a toda a grandeza do mundo; emendava eu o verso do Principe dos Poetas, demonstrando, como se via na pintura, que já os Ingrezes não eraõ os apartados, & divididos de todo o mundo, mas por mercè da nova Senhora, & Rainha sua, unidos a todo elle. A alma do que se via pintado se declarava nestas duas regras:

Desine jam toto divisos orbe Britannos

⁴⁷⁴ VIEIRA, António. **Sermões**, vol. V. Erechim: EDELBRA, 1998. Vd. <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=36617>. Acesso em 12/07/2015; MARTINS, Renata Maria de Almeida. *Um emblema volante... op. cit.*, p. 244-5.

Dicere: sic toti Britannia jungitur Orbi.

A segunda empreza verdadeiramente Real era do Serenissimo Esposo ElRey Carlos, o qual unindo a consonancia das primeiras letras dos dous nomes Carlos, & Catharina, em sinal do seu amor, & estimação debaixo da mesma Coroa mandou entalhar dous CC. Cada huma destas letras significa cento, & voltada huma para a outra, formaõ ambas hum circulo perfeito, symbolo da eternidade. Alludindo pois à differença da religião, & pintada, ou descrita esta segunda figura igualmente coroada defronte da primeira, em huma pronosticava a duração do reynado, em outra a conversão do Rey: descifrando o pensamento de ambas estes dous versos:

Bis centū Imperij CC duplex auguror annos.

Æternos faciet si se converterit unum.⁴⁷⁵

Na novela alegórica *História do predestinado peregrino e de seu irmão Precito*, de autoria do Pe. Alexandre de Gusmão (1629-1724), fundador do Colégio de Belém da Cachoeira na Bahia, impressa em Évora em 1682, também foi feita alusão a emblemas: um estaria em cima da porta chamada Abnegação e um outro, esse referente à virtude e à ciência, estaria presente na livraria do bairro de Nazaré⁴⁷⁶.

Numa compilação de poesias latinas de autores jesuítas coligidas pelo Pe. Diogo da Câmara intitulada *Bibliotheca latino poetica*, publicada em Lisboa em 1754, por sua vez, aparecem algumas indicações “pro emblemate”⁴⁷⁷.

É importante perceber que tanto na novela do Pe. Alexandre de Gusmão quanto na dedicatória do Pe. António Vieira os emblemas, mesmo utilizados na literatura, referenciam uma emblemática aplicada na arquitetura – efêmera ou não: em edifícios alegóricos ou nas colunas de uma ponte triunfal.

A emblemática aplicada, assim, aparece inclusive nos livros, o que também é demonstrado pela presença de emblemas em frontispícios de textos impressos, ou seja, emblemas que fazem parte da representação desse elemento arquitetônico que emoldura os dados da obra e que tem por função exprimir iconograficamente o seu conteúdo⁴⁷⁸.

⁴⁷⁵ VIEIRA, António. *Sermoens do P. Antonio Vieyra, da Companhia de Jesu, Prègador de Sua Magestade. Undecima parte, offerecida à Serenissima Rainha da Grã Bretanha*. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1696, (s/p.).

⁴⁷⁶ Vd. MASSIMI, Marina (org.). *A novela História do predestinado peregrino e de seu irmão Precito (1682). Compêndio dos saberes antropológicos e psicológicos dos jesuítas no Brasil colonial*. São Paulo: Edições Loyola, 2012, (p. 85, 93).

⁴⁷⁷ *Bibliotheca latino poetica, varia complectens opuscula latinorum poetarum e societate jesu qui in lusitana Peovincia florent... Nunc primùm collecta, digestaque opera ac studio P. M. Didaci Camarae*, 2 vols. Ulyssipone: ex pracio Michaelis Manescal da Costa, 1754, (p. 292-4).

⁴⁷⁸ Remetemos ao importante estudo de Genoveffa Palumbo feito a partir da análise de frontispícios de livros impressos em período moderno e aos trabalhos por ela citados, dentre os quais destacamos: DEKONINCK, Ralph. Du frontispice emblématique au frontispice théâtral dans les éditions anversoises au tournant des XVIIe e XVIIIe siècles. In: HARMS, Wolfgang; PEIL, Dietmar (eds.). *Polyvalenz und Multifunktionalität der Emblemantik*. Akten des 5. Internationalen Kongresses der Society for Emblem Studies. *Multivalence and Multifunctionality of the Emblem*. Proceedings of the 5th International Conference of the Society for Emblem Studies, 2 vols. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002, p. 891-905; LÓPEZ, E. Montaner. Emblemática y

Cabe mencionar a existência de quatro emblemas no frontispício de um livro da autoria do jesuíta português Francisco de Mendonça: o *Viridarium sacrae, ac profanae ervditionis* (Img. 28). Essa obra, cujo frontispício foi delineado e gravado pelo francês Grégoire Huret (1610-1670)⁴⁷⁹, no entanto, foi impressa em Lyon.



Imagem 28⁴⁸⁰

portadas de libros. Don Juan José de Austria y el modelo educativo de Carlos II. In: MAHÍQUES, Rafael García; SENENT, Vicent Francesc Zuriaga (eds.) *Imagen y cultura. La interpretación de las imágenes como Historia cultural*, 2 vols. Valencia: Biblioteca Valenciana, 2008, vol. II, p. 1117-32. Vd. PALUMBO, Genoveffa. *Le porte della storia... op. cit.*, (p. 02, 05-7 (notas 10 e 11)).

⁴⁷⁹ Sobre esse gravador nascido em Lyon e que exerceu sua profissão em Paris, vd. SOARES, Ernesto. *História da gravura artística em Portugal... op. cit.*, vol. I, p. 340-1.

⁴⁸⁰ Frontispício de MENDONÇA, Francisco de. *Viridarium sacrae, et profanae ervditionis, a R. P. Francisco de Mendonça Olysiponensi, Soc. Iesv, Doctore Theologo, Olim in Conimbricensi Academia Primario Eloquentia Magistro, & Philosophiae Professore, postea in Eborensi diuinorum Oraculorum Interprete, constructvm, et a P. Francisco Machado eiusdem Soc. Theologo, florum collectore, denuò excvltvm, Nunc auctius tersiusque lucem videt. Lvgdvni: Sumptib. Lavrentii Anisson, & Soc., 1649.* O mesmo frontispício pode ser visto em edição anterior: MENDONÇA, Francisco de. *Viridarium sacrae, ac profanae ervditionis, a P. Francisco de Mendonça Olysiponensi, Societatis Iesv... Lvgdvni: Sumptibus Iacobi Cardon, 1632.*

Detenhamo-nos, então, no caso dos frontispícios de duas crônicas da Companhia de Jesus: o da *Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal* do Pe. Baltasar Teles, cujo frontispício é igual nas partes primeira e segunda impressas em Lisboa por Paulo Craesbeeck respectivamente em 1645⁴⁸¹ e 1647⁴⁸²; e o do primeiro tomo da *Chronica da Companhia de Iesv do Estado do Brasil* do Pe. Simão de Vasconcelos impresso em Lisboa em 1663 por Henrique Valente de Oliveira⁴⁸³.

A obra do Pe. Baltasar Teles sanou uma carência que, de acordo com ele, era há muito sentida. Já havia sido, sem sucesso, encomendada a muitos a empresa da Companhia de Jesus de “sahir a luz com o Compendio dos heroicos exêplos de seus filhos”⁴⁸⁴. Na *Chronica* se fala que a Companhia, “tam augmentada em Portugal (...) multiplicouse tanto” que de pequeno grão de mostarda “veyo a fazerse huma grande arvore” e que

*Estêdeó esta grãde, & ferosa arvore seus grãdes, e ferosos ramos, nam sò pelos prados de Portugal; mas tâbem pelos espaçosos campos do mundo todo; porque de Portugal sahiram as provincias da Asia no Oriente, os Collegios, & residencias pela Africa; a provincia do Brasil no mundo novo; & até Hespanha deve este reconhecimento á nossa prouincia de Portugal.*⁴⁸⁵

Os frutos dessa árvore eram os jesuítas da Assistência portuguesa, cujas histórias e comportamentos virtuosos foram narrados pelo Pe. Teles. Até então

toda esta grandeza, & toda esta fermosura estava como escondida debaixo da terra, sem se verem seus ramos, sem brilharem suas flores, sem se lograrem seus frutos; porque, por lhe faltar a luz do prêlo, estavam as

⁴⁸¹ TELES, Baltasar. *Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do qve fizeram, nas conquistas d’este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entrãram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador. Pelo P. M. Balthazar Tellez da mesma Companhia, natural da cidade de Lisboa, & nella Lente de Prima de Theologia. Primeira parte, na qval se contem os principios d’esta Provincia, No tempo, em que a fundou, & governou o P. M. Simam Rodrigves, Com sua sancta vida, & morte.* Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01908110#page/1/mode/1up>. Acesso em 14/04/2015.

⁴⁸² TELES, Baltasar. *Chronica da Companhia de Iesv, da provincia de Portugal. Segvnda parte, na qval se contem as vidas de algũs Religiosos mais assinalados, que na mesma Provincia entrãram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso fvdador. Com o svmmario das vidas dos Serenissimos Reys Dom Ioãm Terceyro, & Dom Henrique, Fundadores, & insignes bemfeytores desta Provincia. Composta pelo P. M. Balthazar Telles, da mesma Companhia, natural da Cidade de Lisboa.* Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1647. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01908120#page/1/mode/1up>. Acesso em 14/04/2015.

⁴⁸³ VASCONCELOS, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesv do estado do Brasil: e do qve obrarão sevs filhos nesta parte do Novo mvndo. Tomo primeiro: da entrada da Companhia de Jesv nas partes do Brasil. E dos fvdamentos qve nellas lançãrão, & continuãrão seus religiosos em quanto alli trabalhou o padre Manoel da Nobrega, fundador, & primeiro prouincial desta prouincia, com sua vida, & morte digna de memoria: e algãvas Noticias antecedentes curiosas, & necessarias das cousas daquelle estado.* Lisboa: H. Valente de Oliuiera, impressor del Rey, N. S., 1663.

⁴⁸⁴ TELES, Baltasar. *Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do qve fizeram, nas conquistas d’este Reyno...* *op. cit.*, s/p., na dedicatória “A magestade do mvito alto poderoso, e invicto Rey de Portugal Dom Ioam o IV. nosso senhor”.

⁴⁸⁵ Idem, s/p., no “Prologo, e advertencias necessarias ao leitor”.

*cousas desta provincia como nas trevas do esquecimêto; & ficavam estas vidas como sepultadas, & sem vida, por nam terem a alma da impressám.*⁴⁸⁶

A obra dividida em duas partes, a primeira dedicada a D. João IV e a segunda, à rainha D. Luiza, visava que as memórias permanecessem vivas nas lembranças, entendendo o Pe. Teles que “hũa Chronica impressa he hũa nóva resurreyçam de sepultados” e portanto, sob o amparo régio, “sayem agora vivos, neste livro (...) os filhos da Companhia que por esquecidos estavam já defuntos”⁴⁸⁷.

Na primeira parte da obra, impressa em 1645, o Pe. Baltasar Teles abrange os doze anos iniciais dessa Ordem religiosa em Portugal⁴⁸⁸, ou seja, dá “conta dos principios da Companhia neste Reyno, & de seus progressos, no tempo em que nella governou o P. M. Simam Rodrigues de Azevedo”. Na segunda parte, impressa em 1647, ele trata “do mais tempo, até a morte bemaventurada de nosso Sancto Patriarcha Ignacio”⁴⁸⁹, mas, como afirma o Pe. Teles, ainda que ele tome “o principio de tam longe”, ele chega “com as cousas, & noticias de muytas dellas, quasi a nossos tempos”⁴⁹⁰.

As duas partes da obra, portanto, “cõprehendem o tempo que viveo governãdo a Companhia S. Ignacio (...), q̃ foram quasi desaseis annos” e nelas o Pe. Teles trata “nam somente dos sucessos principaes, das fundaçõens; & progressos de Collegios, & casas, que entam houve em Portugal”, mas também “de todos aquelles varoens illustres, que nestes annos entrãram nesta provincia, contandolhes as vidas”. Além disso, narra os sucessos dos jesuítas “que sahíram deste Reyno, pera suas conquistas, porque tambem sam ramos, & foram garfos pertencentes a esta grande arvore, pois sam filhos desta provincia, que aqui criamos, & daqui embarcamos pera a India, pera o Brasil, & mais conquistas”⁴⁹¹.

A primeira parte da *Chronica* é formada por três livros. No primeiro são tratados temas como a conversão e formação de Inácio de Loyola, a fundação da Companhia de Jesus e sua presença em Portugal. É dado destaque sobretudo à figura do Pe. Provincial Simão Rodrigues, além de tratar de ações dos padres Francisco Xavier e Pierre Favre.

No livro segundo fala-se igualmente da Companhia de Jesus em Portugal, sobretudo no que se refere ao Colégio de Coimbra. Abordam-se as missões dos jesuítas na Índia e no

⁴⁸⁶ Idem.

⁴⁸⁷ TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesv, da provincia de Portugal. Segvnda parte...** *op. cit.*, s/p., na dedicatória “A Serenissima Rainha de Portvgal, Dona Lviza, nossa senhora, &c.”.

⁴⁸⁸ Idem, s/p., no “Prologo, e advertencias ao leytor”.

⁴⁸⁹ TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do qve fizeram, nas conquistas d’este Reyno...** *op. cit.*, s/p., no “Prologo, e advertencias necessarias ao leitor”.

⁴⁹⁰ TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesv, da provincia de Portugal. Segvnda parte...** *op. cit.*, s/p., no “Prologo, e advertencias ao leytor”.

⁴⁹¹ Idem.

Congo, os mártires e as mortificações sofridas. Destacam-se, na narrativa, os padres Luís Gonçalves da Câmara e Francisco Estrada.

No terceiro livro é feita referência a questões entre a Companhia de Jesus, Portugal e Roma. Dá-se relevo ao Brasil e aos missionários na Índia e no Japão. No que toca ao reino, a narrativa é centrada no Colégio de Évora. Para além do Pe. Simão Rodrigues, fala-se da importante figura do Pe. Manuel da Nóbrega.

O segundo tomo da *Chronica* é igualmente formado por três livros. No livro quarto da obra e primeiro dessa segunda parte, o cronista nos fala sobre as *Constituições* da Companhia de Jesus e novamente de questões envolvendo essa Ordem, Portugal e Roma. Detém-se no Pe. Provincial Diogo Mirão, em Inácio de Loyola, nos padres Luís Gonçalves da Câmara e Francisco de Borja, no Pe. Inácio Martins e seu método de ensino da santa doutrina, no mártir Inácio de Azevedo e nos jesuítas virtuosos do Colégio de Santo Antão. No reino, dá destaque à Casa Professa de São Roque, fazendo comentários ainda sobre o Colégio do Porto e o dos irlandeses. Nos domínios, fala sobre as missões no Brasil e na Índia.

No quinto livro, para além desses dois territórios no ultramar português, é referida a missão no Congo. No reino são ressaltados o Colégio de Coimbra com o então reitor Pe. Leão Henriques e o Colégio e Universidade eborenses, com destaque para o patrocínio do cardeal infante D. Henrique. Como em toda a obra, diversos jesuítas protagonizaram histórias contadas pelo Pe. Teles, incluindo-se, nessa parte, o Pe. José de Anchieta.

No sexto e último livro, o cronista destacou a relação de D. João III com a Companhia de Jesus, refletida por exemplo na defesa que ele fez dessa Ordem religiosa diante de críticas oriundas de Paris. Apesar de referir os colégios menores da Universidade de Coimbra e o Colégio de Jesus, esse livro trata principalmente de missões jesuíticas em domínios ultramarinos portugueses, como na Índia, em Angola e sobretudo na Etiópia, dando-se destaque ao Pe. João Nunez Barreto e aos Patriarcas Baltasar Barreyra e André de Oviedo. Muito se fala ainda do Pe. Miguel de Torres – provincial de Portugal sucessor do Pe. Diogo Mirão – e do Pe. Luís Gonçalves da Câmara.

O frontispício da obra do Pe. Baltasar Teles sobre a Companhia de Jesus na província portuguesa, igual nos dois volumes, foi feito, como o do *Viridarium* do Pe. Francisco de Mendonça, pelo francês Grégoire Huret (**Img. 29**).



Imagem 29⁴⁹²

Nele vemos a personificação alegórica da Companhia de Jesus, representada por uma mulher com o monograma “IHS” no peito olhando para a luz divina, com uma cruz com lírios indicativos da pureza na mão esquerda e escrevendo num livro com a mão direita. Abaixo lemos “*Lusitana Societas IESV*” e uma passagem do Salmo 103. Sobre sua cabeça sobrevoam três anjos com uma coroa cada um, representativas da doutrina, do martírio e da virgindade.

⁴⁹² Frontispício de TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d’este Reyno...** Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645.

Nisso o frontispício da obra do Pe. Teles se assemelha muito ao do *Imago primi saeculi*⁴⁹³ (Img. 30), livro comemorativo do primeiro centenário da Companhia de Jesus vindo à luz na Antuérpia em 1640, ou seja, apenas cinco anos antes da impressão da *Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal*.



Imagem 30⁴⁹⁴

⁴⁹³ A diferença é que na mão esquerda da figura da Companhia de Jesus há uma cruz abrasada e não com lírios.

⁴⁹⁴ Frontispício do *Imago Primi Saeculi Societatis Iesv... op. cit.*

Vemos ainda, no frontispício da *Chronica* do Pe. Teles, muitas tarjas com inscrições, anjos que põem a coroa no escudo com as armas de Portugal, o retrato do fundador da Companhia de Jesus do lado esquerdo e, do lado direito, o do Pe. Simão Rodrigues, primeiro Provincial da província portuguesa dessa Ordem religiosa. Acima e abaixo desses retratos, nas laterais da gravura, vemos quatro emblemas representados. Segurados por anjos, no plano inferior do frontispício, são figurados dois escudos com mais dois emblemas.

Diferentemente do que foi feito no *Imago primi saeculi*, no qual foi dada uma explicação e interpretação ao frontispício no prefácio ao leitor⁴⁹⁵, na *Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal* do Pe. Baltasar Teles não há indicações a esse respeito.

O emblema localizado acima do retrato de Inácio de Loyola representa uma águia olhando para o sol e, no céu, do outro lado, o monograma “IHS” (**Img. 31**). Acima pode ser lido “*Ab Ortu Solis*”. Do lado oposto, em correspondência, acima do retrato do Pe. Simão Rodrigues, vemos um outro quadro com um emblema em que estão representados novamente o sol e o monograma “IHS”, desta vez acima de um edifício fortificado (**Img. 32**).

⁴⁹⁵ Nesse frontispício, além de dois emblemas nas bases das colunas, um com uma palma, o outro com uma fênix renascendo das chamas, podem ser vistos seis emblemas numerados com algarismos romanos representativos de cada livro da obra. O primeiro deles, intitulado “*Societas Iesu nata*”, tem por lema “*Omnia solis habet*” e corresponde ao primeiro livro da obra, que trata do nascimento da Companhia de Jesus, em paralelo com o do próprio Cristo. O segundo – “*Societas toto orbe diffusa*”, com o lema “*Toto micat orbe*” – corresponde ao livro dedicado ao crescimento e progresso da Ordem jesuítica, no qual é feita uma analogia entre a formação da Companhia e os anos formativos de Cristo. O terceiro, “*Societas mundo benefaciens*”, que tem por lema “*Media fovet omnia nocte*”, diz respeito ao livro voltado para o tema da atividade, das ações da Ordem, cuja difusão é comparada à vida pública de Jesus. Nesse capítulo destaca-se a importância da prática dos exercícios espirituais, o ministério da educação e a formação religiosa, por exemplo. O quarto emblema, “*Societas a mundo mala patiens*”, com lema “*Obiecta tellure tenetur*”, corresponde ao livro em que são apontadas as agruras sofridas pela centenária Ordem religiosa, as adversidades que teve que enfrentar, como aquelas relacionadas a expulsões e calúnias. Suas dificuldades são comparadas à de Cristo, seguindo a mesma lógica dos livros antecedentes. O quinto emblema – “*Societas a persecutionibus illustrior*” –, cujo lema é “*Ipsa formosior umbra*”, refere-se ao livro talvez mais entusiasta e encomiástico devido à natureza do tema que aborda: as honras e glórias da Companhia. É colocada em evidência a obra de evangelização liderada por Inácio de Loyola e por alguns jesuítas, além do sacrifício dos mártires e a estima da Igreja para com a Companhia. O sexto emblema, “*Societas Belgio accepta*”, com lema “*Et hanc Leo Belgicus*”, corresponde ao último livro, de caráter mais específico, já que tem por objetivo demonstrar o quanto tudo aquilo que foi tratado nos demais livros se aplica à Província Flandro-Bélgica. Vd. INSOLERA, Lydia Salviucci. *L’Imago Primi Saeculi... op. cit.*, p. 96-9, 109-11.



Imagem 31 (detalhe)

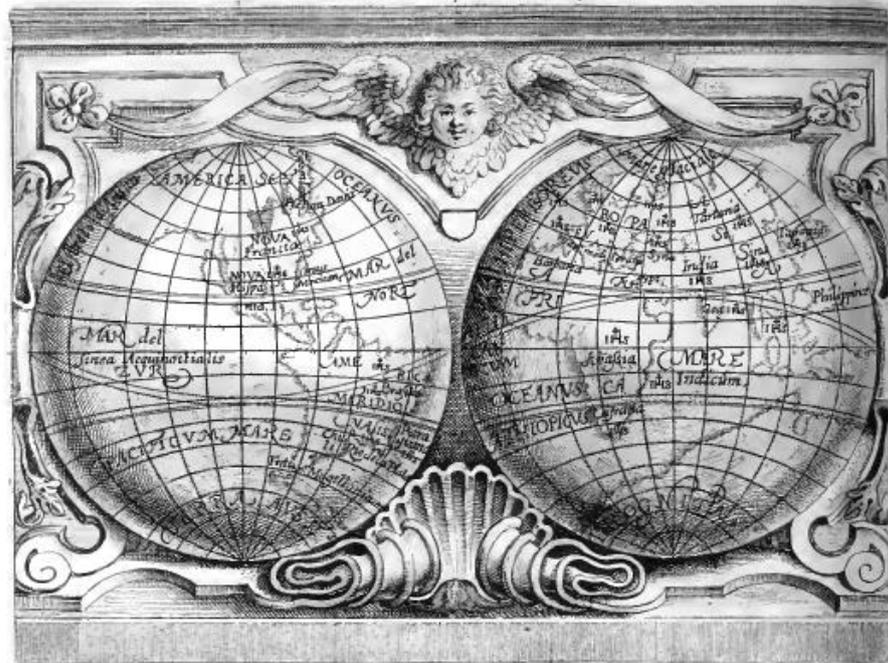


Imagem 32 (detalhe)

A letra que se vê acima da figura, “*Usque ad occasum*”, completa a que se vê acima da figura anterior, formando a frase “*Ab ortu solis usque ad occasum*”. Essa passagem bíblica retirada do livro de Malaquias sobre a grandeza do nome do Senhor, que seria conhecido em todos os lugares por todas as nações, do nascente do sol ao poente⁴⁹⁶, havia servido igualmente de fonte para um emblema presente no *Imago primi saeculi* (**Img. 33**).

⁴⁹⁶ Mach. 1, 11: “ab ortu enim solis usque ad occasum magnum est nomen meum in gentibus et in omni loco sacrificatur et offertur nomini meo oblatio munda quia magnum nomen meum in gentibus dicit Dominus exercituum”. Traduzido para o português da seguinte forma: “Porque, do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações e em todo lugar se oferecem ao meu nome o incenso, sacrifícios e oblações puras. Sim, grande é o meu nome entre as nações – diz o Senhor dos exércitos”.

Societas I E S V toto orbe diffusa implet prophetiam
Malachiae.



Ab ortu solis vsque ad occasum magnum est nomen
meum in Gentibus : & in omni loco sacrificatur
& offertur nomini meo oblatio munda. *Malach. I.*

Imagem 33⁴⁹⁷

Abaixo de uma dessas imagens presentes no frontispício da *Chronica* do Pe. Teles pode ser lida a inscrição “*Lusitana Societas in Oriente*” e, na outra, “*Lusitana Societas in Occidente*”. Podemos inferir, portanto, que tais emblemas são representativos da extensão da Companhia de Jesus e, conseqüentemente, da sua obra missionária de divulgação da mensagem cristã por todo o império português.

Em outros dois emblemas foi dado destaque a duas terras de missões dos jesuítas. Abaixo do retrato do fundador da Companhia vemos um quadro, sob o título “*Lusitana Societas in Africa*” (Img. 34). Na imagem vemos uma pessoa e um animal e lemos uma passagem do primeiro livro de Macabeus – “*Consilio suo et patientia*” – sobre a forma sábia de conciliar povos de territórios conquistados⁴⁹⁸. Nesse caso, trata-se da maneira como os jesuítas conduziram a missão nesse continente.

⁴⁹⁷ *Imago primi saeculi Societatis Iesv... op. cit.*, p. 318.

⁴⁹⁸ I Macabeus 8, 3: “*et quanta fecerunt in regione Hispaniae et quod in potestate redegerunt metalla argenti et auri quae illic sunt et possederunt omnem locum consilio suo et patientia*”. Traduzido assim para o português: “como haviam chegado à Espanha para se apoderar das minas de prata e de ouro que ali existem e, como, por sua sabedoria e longanimidade, eles haviam conciliado todo o país”.



Imagem 34 (detalhe)

A imagem localizada abaixo do retrato do Pe. Simão Rodrigues, por sua vez, refere-se à “*Lusit. Societas in Brasilia*” e igualmente diz respeito à grande extensão das missões jesuíticas, como se depreende do lema “*Unus non sufficit Orbis*”, retirado da décima sátira de Juvenal. Ao velho mundo, juntava-se o novo: na imagem vemos dois globos terrestres encimados por duas velas acesas (**Img. 35**), muito provavelmente uma derivação do emblema presente no *Imago primi saeculi* com o mesmo lema e que diz respeito às “*Societatis Missiones Indicae*” (**Img. 36**).

No *Ignatius insignium, epigrammatum et elogiorum* do jesuíta Carlo Bovio (**Img. 37**) e na *Symbolographia* de Jacob Bosch (**Img. 38**) se vê, igualmente, representações semelhantes com o lema “*Unus non sufficit*”.



Imagem 37⁵⁰⁰

⁵⁰⁰ BOVIO, Carlo. *Ignatius insignium, epigrammatum et elogiorum centuriis expressus* Carolo Bovio. Romae: Typis Ignatij de Lazeris, 1655, p. 269.

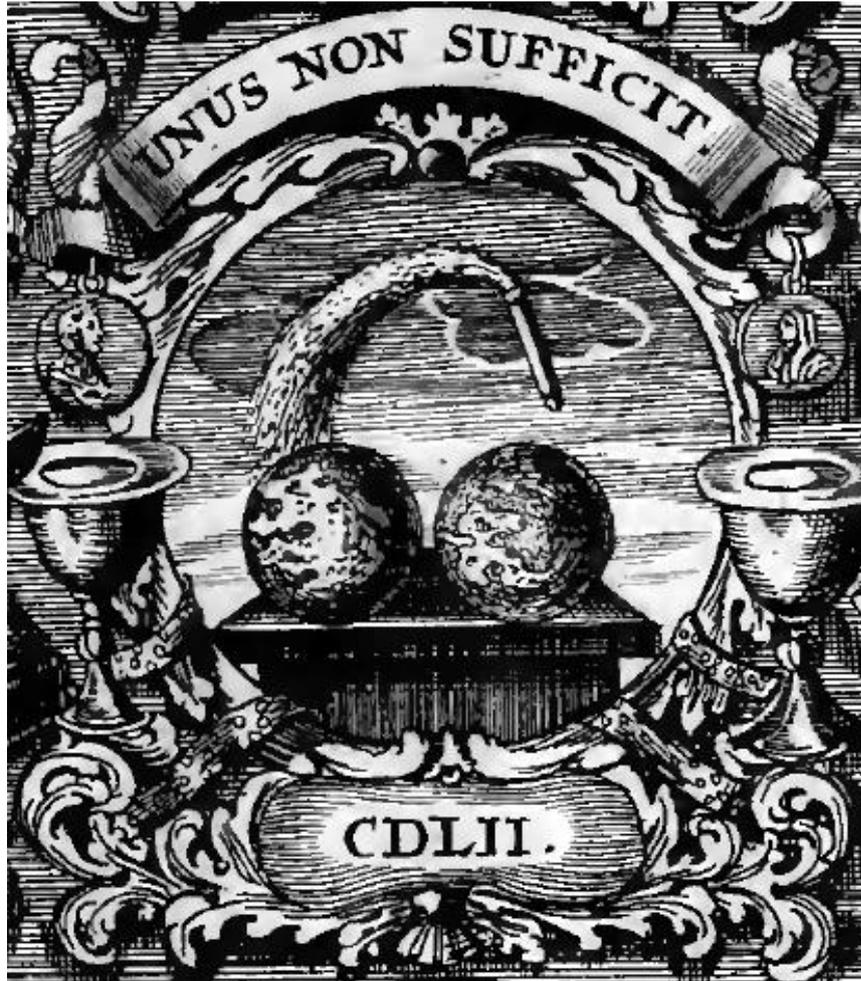


Imagem 38⁵⁰¹

Na parte mais baixa do frontispício da *Chronica* do Pe. Teles, em escudos segurados por anjos que rodeiam as armas de Portugal, veem-se outros dois emblemas cujos lemas se completam, formando uma sentença da *Æneida* de Virgílio. De um lado, lemos “*Imperium Oceano*”; do outro, “*Nomen quæ terminat astris*”⁵⁰². A primeira imagem retrata um navio em alto mar (**Img. 39**); a segunda, um céu estrelado (**Img. 40**).

⁵⁰¹ BOSCH, Jacob. *Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem. Auctore R. P. Jacobo Boschio e Societate Jesu. Quibus accessit Studio & Operâ Ejusdem sylloge celebriorum symbolorum in quatuor divisa classes sacrorum, heroicorum, ethicorum, et satyricorum bis mille iconismis expressa. Praeter alia totidem ferme Symbola ordine suo fusiùs descripta cum suis rerum, figurarum, et lemmatum indicibus. Cum Facultate Superiorum.* Augustae Vindelicorum & Dilingae: Apud Joannem Casparum Bencard, 1702, Class. I, Tab. XIX, n. CDLII, s/p.

⁵⁰² Livro I, v. 286. Na verdade, esse verso é assim escrito: “*Imperium Oceano, famam qui terminet astris*”.



Imagem 39 (detalhe)



Imagem 40 (detalhe)

Os emblemas presentes no frontispício da *Chronica* escrita pelo Pe. Baltasar Teles, portanto, representam a difusão e expansão da Companhia de Jesus não apenas no reino português, mas em todo o mundo.

O frontispício do primeiro tomo da *Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil* do Pe. Simão de Vasconcelos, impresso em Lisboa em 1663 (**Img. 41**), gravado por Albert Clouwet (1624-1687)⁵⁰³, faz alusão a esse mesmo aspecto missionário da Companhia de Jesus, sendo destacado o caráter desbravador dos jesuítas da Assistência portuguesa.

⁵⁰³ Sobre esse gravador nascido na Antuérpia, vd. SOARES, Ernesto. **História da gravura artística em Portugal... op. cit.**, vol. I, p. 172-3.



Imagem 41⁵⁰⁴

⁵⁰⁴ Frontispício de VASCONCELOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil: e do que obrarão sevs filhos nesta parte do Novo mvndo. Tomo primeiro...** Lisboa: H. Valente de Oliuiera, impressor del Rey, N. S., 1663.

Nos dois livros de *Noticias antecedentes, curiosas, & necessarias das cousas do Brasil*, que antecedem a *Chronica*, o Pe. Simão de Vasconcelos escreve “a heróica missão, que empreenderam os Filhos da Companhia, a fim de conquistar o poder do inferno, senhoreado por seis mil e tantos anos do vasto Império da Gentilidade Brasília”. Ademais, conta

*os feitos illustres destes Religiosos Varões, as regiões que descobriram, as campanhas que talaram, as empresas que acometeram, as vitórias que alcançaram, as nações que sujeitaram, e a reputação que adquiriram as armas espirituais Portuguesas do Esquadrão, ou Companhia de Jesus.*⁵⁰⁵

Para tanto, julga necessário descrever “que região é, quando e como foi descoberta, quais sejam suas qualidades, seus climas, suas gentes, seus costumes”, narrando minuciosamente a geografia, os recursos minerais, a flora e a fauna da província do Brasil.

A *Chronica* propriamente dita é formada por quatro livros, iniciando a narrativa em 1549, ano da chegada do Pe. Manuel da Nóbrega ao Brasil, e concluindo em 1570, ano da morte desse fundador e primeiro Apóstolo da província brasileira e ainda do martírio de quarenta jesuítas liderados pelo Pe. Inácio de Azevedo. Dá-se conta das agruras e vitórias dos missionários diante do gentilismo, de suas vidas virtuosas, das residências, casas e colégios fundados e ainda dos acontecimentos em que os jesuítas tiveram um papel importante no trato com os indígenas, como na guerra contra os franceses no Rio de Janeiro.

O frontispício da obra é emoldurado por duas árvores nas quais se veem representadas a flora e a fauna brasileiras⁵⁰⁶. Nele vemos um emblema com a mesma passagem da décima sátira de Juvenal – “*Vnvs non Svficit orbis*” – que serviu de lema para um emblema do frontispício da *Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal* do Pe. Baltasar Teles (**Img. 35**).

A imagem é uma nau com tripulação em alto mar que representa a Companhia de Jesus, como nos é indicado pelo monograma “IHS” presente tanto na embarcação quanto numa de suas bandeiras. O destino, simbolizado por um globo terrestre encimado por uma

⁵⁰⁵ Citamos pela seguinte edição: VASCONCELOS, Simão de. **Crônica da Companhia de Jesus**. Petrópolis, Brasília: Vozes, Instituto Nacional do Livro, 1977, 2 vols., (vol. I, Introdução ao Livro Primeiro das notícias antecedentes, curiosas e necessárias das cousas do Brasil, p. 49).

⁵⁰⁶ Seria preciso um estudo mais aprofundado sobre o significado das plantas e animais representados. Entre eles, vemos, por exemplo, o macaco, símbolo do demônio, da luxúria, do homem preguiçoso, selvagem e sem fé. Vd. NEVES, Belinda Maria de Almeida. **O bestiário na Igreja do Colégio da Companhia de Jesus em Salvador**. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais sob orientação do Prof. Luiz Alberto Ribeiro Freire. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes, 2015, (p. 181-3, 186). Agradecemos à Belinda Neves por nos ter gentilmente disponibilizado esse estudo.

onça⁵⁰⁷, é o novo mundo, já que, como é alegado no lema, um só mundo não era suficiente. Não para a Companhia de Jesus, que, nas palavras do Pe. Simão de Vasconcelos, “tinha (...) já nesta puerícia de sua idade corrido quase toda a circunferência do antigo mundo”⁵⁰⁸.

Como “O bojo do Instituto da Companhia não se limita a região ou nação alguma, por mais remota, e desacomodada que pareça”, os jesuítas, de acordo com o cronista, lançaram-se na conquista de um “outro mundo inteiro de almas, que havendo sido criado juntamente com as outras partes da terra, não teve a dita das demais; porque as águas imensas do oceano o dividiram do comércio dos homens, e o privaram do meio comum da fé, e salvação eterna”⁵⁰⁹.

No primeiro plano do frontispício da obra do Pe. Simão de Vasconcelos veem-se uma ampulheta, um globo, livros e instrumentos náuticos, que reforçam o espírito missionário dos jesuítas da Assistência portuguesa que, tal como se diz do rei D. João III, desbravavam os mares e expandiam o império, tanto o territorial quanto o da fé cristã.

Nos frontispícios dessas duas crônicas da Companhia de Jesus – uma da província portuguesa, a outra da província do Brasil –, portanto, fez-se uso da emblemática não apenas para representar iconograficamente os assuntos contidos na obra, mas para exaltar as ações e expansão da Ordem pelo mundo.

4. 2. A emblemática como elemento nas celebrações

Os principais e mais numerosos testemunhos do uso da emblemática na Assistência portuguesa da Companhia de Jesus sem dúvida nos foram transmitidos por relações descritivas de cerimônias realizadas pelos jesuítas, em honra de algum deles ou celebradas em igreja dessa Ordem religiosa⁵¹⁰.

Para além dessas relações, importa ressaltar que o Pe. Baltasar Teles, no primeiro volume da *Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal*, relata que numa

⁵⁰⁷ A onça foi, no período moderno, muitas vezes associada ao indígena, sobretudo no que tange à ferocidade. Tal característica, dizia-se, era apaziguada pela catequese realizada pelos missionários jesuítas. Em gravuras e pinturas em que se vê o Pe. José de Anchieta, por exemplo, representou-se constantemente uma onça amansada. Vd. Idem, p. 184-9.

⁵⁰⁸ VASCONCELOS, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus... op. cit.*, vol. I, Livro Primeiro da Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, §1, p. 169.

⁵⁰⁹ Idem, §2, p. 170.

⁵¹⁰ Não conhecemos, para o caso dos colégios jesuíticos da Assistência portuguesa, relatos descritivos daqueles emblemas que, de acordo com a *Ratio studiorum*, eram compostos para serem afixados nas paredes das instituições de ensino da Companhia de Jesus.

cerimônia de recebimento de relíquias ocorrida no Colégio de Coimbra em 1544, festejou-se, dentre outras formas, com poemas e emblemas⁵¹¹.

Temos notícia ainda de que um arco triunfal com cerca de vinte emblemas foi realizado em 1680 pelo jesuíta João Felipe Bettendorff (1625-1698) e erguido em São Luís, em frente à igreja de Nossa Senhora da Luz, para a chegada do primeiro Bispo do Maranhão, que teria pedido que os emblemas fossem enviados a Portugal⁵¹².

Ademais, temos conhecimento de um certame poético que constou de cem emblemas no segundo ato das quarenta sessões literárias organizadas pelo então professor de retórica na Universidade de Évora, o jesuíta Manoel de Azevedo, em ocasião do segundo centenário da Companhia de Jesus – um banquete simbólico ocorrido no dia 10 de julho de 1741. Para esses emblemas, de acordo com a *Gazeta de Lisboa*, o Pe. Azevedo

*propoz 20. assumptos, ou argumentos de relevante gloria para o segundo seculo da companhia de Jesus. As Leys do Certame, o numero dos versos, com que se havia de elucidar o Lemma, que servisse de alma ao symbolo, e figura do Emblema, e os mais preceitos, que se haviam de praticar, se publicáram com prevençam oportuna.*⁵¹³

Merece ainda ser referido que na *Relação sumaria dos funebres obsequios* feitos em Salvador em honra de Manoel de Mattos Botelho em 1744, na qual se incluiu o sermão pregado na Igreja da Misericórdia pelo jesuíta Alexandre Cabral, são apontados três emblemas com a assinatura “Colleg. Bah. Soc. JES.”, ou seja, do colégio jesuítico da Bahia⁵¹⁴.

Destacados esses casos específicos, voltemos nossa atenção, agora, para as fontes que unem, de certa forma, o registro escrito e a emblemática aplicada: as relações de cerimônias

⁵¹¹ Vd. TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d’este Reyno...** *op. cit.*, Livro Primeiro, Capítulo XXXXI, “Alcança o Padre Pedro Fabro licença pera se hir a Castella; escreve ao Collegio de Coimbra, & mandalhe algumas reliquias, & finalmente se parte pera Valledolid”, §3, tópico “Sam festejadas no Collegio de Coimbra as onze mil virgens”, (p. 206).

⁵¹² BETTENDORFF, João Felipe. **Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão.** Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria do Estado da Cultura do Pará, 1990, (p. 328-9) *apud* MARTINS, Renata Maria de Almeida. *Un emblema volante...* *op. cit.*, p. 244.

⁵¹³ Vd. **Gazeta de Lisboa**, n. 37, 14 de setembro de 1751, p. 443-4 (p. 443). Sobre as sessões literárias organizadas pelo Pe. Manoel de Azevedo e sobre sua produção de modo geral, vd. RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus...** *op. cit.*, t. IV, vol. I, p. 276-85 (p. 278).

⁵¹⁴ São os seguintes: *Malus Medica aureis onusta pomis A’ pomis aurea, Id est: Reverendissimus, ac Sapientissimus Dominus Emmanuel de Mattos Botelho Erogandis in pauperes stipibus clarissimus. Emblemma.* (Ass.: Colleg. Bah. Soc. JES.) (p. 90); *Depingitur arbor umbrifera sub hoc lemme Omnis umbram, Id est: Vigilantissimus Abbas Dominus Emmanuel de Mattos Botelho Omnes patrocinio suo Obumbrabat. Emblemma.* (Ass.: Colleg. Bah. Soc. JES.) (p. 91); *Arbor medio in amne firmior, crescit illaesa, Id est: Reverendissimus, ac Sapientissimus Dominus Emmanuel de Mattos Botelho Constantior erga Deum evasit, Etiam dum lachrymis à sacra mensa prohibetur In sacratione Excellentissimi Fratris. Emblemma.* (Ass.: Colleg. Bah. Soc. JES.) (p. 94-5). Vd. **Anais da Biblioteca Nacional**, vol. 83, 1963. Brasileira da Coleção Barbosa Machado. Catálogo organizado pela bibliotecária Rosemarie Horch. Divisão de Publicações e Divulgação, 1967, n. 107, p. 136-43 (p. 142).

em que se faz referência a emblemas presentes seja em escudos carregados por figuras nas procissões, seja na arquitetura efêmera ou em ornamentos no interior da igreja; seja nas ruas, seja nos edifícios. Nenhuma dessas relações, contudo, é ilustrada⁵¹⁵.

A primeira dessas relações em que encontramos referência a emblemas, a *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias q̃. se leuáram à igreja de S. Roque da companhia de IESV aos. 25. de Ianeiro de 1588* escrita por Manoel de Campos, foi impressa em Lisboa por Antonio Ribeiro nesse mesmo ano de 1588⁵¹⁶, antecedendo em alguns anos, portanto, a impressão da obra de Vasco Mousinho Quevedo de Castelbranco⁵¹⁷, pioneira no gênero da literatura emblemática em Portugal.

A mais tardia das relações nas quais nos deteremos, por sua vez, data de 1755 – uma descrição das exéquias de D. Maria Ana de Áustria celebradas pelos Padres Procuradores das missões do Oriente na Igreja do Colégio de Santo Antão em 1754⁵¹⁸, ou seja, poucos anos antes da expulsão da Companhia de Jesus.

No Seiscentos há provas da presença de emblemas em celebração da beatificação do Pe. Francisco Xavier⁵¹⁹, da sua canonização juntamente com a de Inácio de Loyola⁵²⁰ e das

⁵¹⁵ As poucas imagens contidas em algumas das relações são apenas letras capitulares, gravuras que figuram em páginas de rosto ou que separam as partes da obra. Não são, portanto, ilustrações de elementos presentes nas cerimônias descritas.

⁵¹⁶ CAMPOS, Manoel de. **Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias q̃. se leuáram à igreja de S. Roque da companhia de IESV aos. 25. de Ianeiro de 1588.** Pello Licenciado Manoel de Campos. Lisboa: per Antonio Ribeiro, 1588. Essa relação foi traduzida para o castelhano por Álvaro de Veancos e impressa no ano seguinte: **Relación del solemne recebimento que se hizo en Lisboa a las santas reliquias que se llevaron a la yglesia de San Roque, de la Compañia de Jesús, a veinte y cinco de Enero 1588, Traducida en Castellano por Álvaro de Veancos.** Alcalá: En casa de Juan Yñiguez de Lequerica, 1589. Sobre o contexto e a dimensão espiritual desse recebimento de relíquias, vd. CARVALHO, José Adriano de Freitas. Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Cruz (Coimbra 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia. *Via spiritus*, 8, p. 95-155, 2001. Os emblemas presentes na cerimônia descritos nessa *Relaçam* foram alvo de investigação de Amaral Júnior no seguinte artigo: AMARAL JÚNIOR, Rubem. Programa emblemático do recebimento das santas relíquias na igreja de S. Roque, em Lisboa (1588). In: CHAPARRO, César; GARCÍA, José Julio; ROSO, José; UREÑA, Jesús (eds.). **Paisajes Emblemáticos...** *op. cit.*, p. 317-39.

⁵¹⁷ CASTELBRANCO, Vasco Mousinho Quevedo de. **Discvrso sobre a vida, e morte, de Santa Isabel...** *op. cit.*

⁵¹⁸ **Descrição das exéquias, que a' fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria, De feliz, e saúdoza Memoria, celebraraõ os PP. Procuradores Das Missoês do Oriente da Companhia de Jesus No Real Collegio dos Estudos Geraes desta Corte, nos dias 24, e 25 de Setembro de 1754; e Oração funebre, que disse o M. R. Padre Mestre Estanislaio Manso Da mesma Companhia de Jesus, lente de Prima que foy de Theologia no Real Collegio das Artes da Universidade de Coimbra, Consultor do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e actual Lente de Moral no mesmo Collegio dos estudos Geraes.** Lisboa: Na Officina de Joaquim Tavares de Almeida, 1755.

⁵¹⁹ **Relaçam das festas qve a Religiam da Companhia de Iesv fez em a Cidade de Lisboa, na Beatificaçam do Beato P. Francisco de Xauier, Segundo Padroeiro da mesma Companhia, & Primeiro Apostolo dos Reynos de Iapão, em Dezêbro de 1620. Recolhidas polo Padre Diogo Marques Salgueiro do habito de Santiago, Prior que foy na villa de Mertola, oje Confessor, & Capellaõ no Real Mosteiro de Santos o nouo.** Lisboa: João Rodriguez, 1621.

⁵²⁰ **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonizaçã de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier Nas Casas, e Collegios de Lisboa, Coimbra,**

exéquias do Pe. António Vieira, apesar de a relação desta última ter sido impressa apenas em 1730⁵²¹.

É no século XVIII que se concentra a maioria dos testemunhos do uso de emblemas na Assistência portuguesa, provavelmente devido tanto à prosperidade do reinado joanino e o investimento na suntuosidade e demonstração do poder, reverberado na realização de festas, quanto a um maior desenvolvimento tipográfico. Nos deparamos com emblemas em festa de beatificação do jesuíta francês João Francisco Régis⁵²², de canonizações dos jesuítas Luiz Gonzaga e Estanislau (Stanislaw) Kostka⁵²³ – o primeiro italiano; o outro, polaco – e de exéquias do 5º Conde da Ericeira e 1º Marquês do Louriçal Luís Carlos Inácio Xavier de Meneses (1689-1742)⁵²⁴.

Importa ter em mente que os importantes motivos para a realização da maioria dessas celebrações fez com que elas fossem realizadas em muitas cidades, não apenas portuguesas⁵²⁵.

Evora, Braga, Bragança, Villaviçosa, Porto, Portalegre, e nas Ilhas da Madeira, e Terceira. Lisboa: [s.n.], 1622.

⁵²¹ Relação breve das exequias do Reverendissimo Padre Antonio Vieira, que o Conde da Ericeira Fez celebrar na Igreja de S. Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus Em 17. de Dezembro de 1697. In: **Oração funebre nas exequias do Reverendissimo Padre Antonio Vieira Da Companhia de JESU, Prégador dos Reys D. Joaõ IV. D. Affonso VI. e D. Pedro II. Que na Igreja de S. Roque fez celebrar o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes Em 17. de Dezembro de 1697. Disse-a o P. D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular, hoje do Conselho de S. Magestade, Pro-Commissario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e Censor da Academia Real; Mandada imprimir por ordem de S. Magestade. Vay no fim huma Relação daquelle Acto.** Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1730. De acordo com Barbosa Machado, essa *Oração funebre* “Sahio vertida em Castelhana por hum Religioso Castelhana da Ordem dos Clerigos Regulares”, impressa em Madri por Juan de Zuniga em ano desconhecido e ainda “no 4. Tomo das *obras do Padre Vieira*. Barcelona por Maria Marti 1734”. Vd. MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana...*, t. III, p. 204.

⁵²² **Relação das festas do Collegio do Espirito Santo da Cidade de Evora na beatificação do Veneravel P. Joaõ Francisco Regis da Companhia de {IHS}.** Évora: Na Officina da Universidade, 1717.

⁵²³ OLIVEIRA, João de. **Relação das festas com que o Collegio de Saõ Paulo da Companhia de Jesus da Cidade de Braga, celebrou em hũ Solemne Triduo a Canonização dos seus gloriosos Santos Luiz Gonzaga, e Estanislao Kostka em Julho de 1727. sendo Reitor o M.R.P.M. Bento Viegas, escrita por Joaõ de Oliveira natural de Braga.** Lisboa Occidental: Na Patriarcal Officina da Musica, 1728; **Relaçam, das festas Da Casa Professa de S. Roque da Cidade de Lisboa Occidental. Nas canonizaçoens dos dous Illustres Santos Luis Gonzaga, e Stanislao Koska, da Companhia de Jesus.** Lisboa Occidental: Na Officina de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio, 1728; **Relação summaria das festas, que em a canonização dos gloriosos santos Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka, celebraraõ Os Padres da Companhia de Jesus do Collegio de Santarem, supposto o decreto da canonização de Santo Stanislao Kostka, passado pela Santidade de Clemente XI. e tambem o applauso, que por entaõ se lhe consagrou.** Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1728; **Relaçam do apparatus triumphal, & Procissão Solemne, comque os P.P. da Companhia de JESUS do Collegio de Evora applaudiraõ publicamente aos gloriozos S. Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka da mesma Companhia novamente Canonizados pelo Sanctissimo Padre Benedicto XIII. Agora Presidente na Igreja de Deos.** Évora: na Officina da Universidade, 1728; **Relaçam das festas, Com q̃ o Collegio, & Universidade da Companhia de JESU da cidade de Evora Applaudio a Canonização dos dous gloriozos santos, Luis Gonzaga, e Estanislao Kostka Da mesma Companhia Em Novembro de 1727.** Évora: na Officina da Universidade, 1730.

⁵²⁴ **Emblemas, e poesias, Com que se adornou a Caza Professa do Bom Jesus de Goa, Quando nelle se celebraraõ as Exequias Do Illustris. e Excellentis. Senhor D. Luiz de Menezes Conde da Ericeira, Marquez do Louriçal, segunda vez Viso-Rey, e Capitão General do Estado da India.** [S.l.]: [s.n.], [1745?].

⁵²⁵ Sobre emblemas em festas em cerimônias relacionadas com a Companhia de Jesus com o mesmo motivo daquelas que nos ocupamos, mas fora da Assistência portuguesa, vd.: DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. El

Nos deteremos apenas nas cerimônias que tiveram lugar em Portugal ou em seus domínios e nas quais os emblemas foram aludidos em relações impressas, apesar de a ausência de alusão a emblemas no relato certamente não nos dar certeza absoluta de sua ausência na cerimônia. Ademais, convém lembrar que nem todas as festas realizadas possuem descrições escritas, sendo infactível saber se nelas se fez uso de emblemas.

Essas relações, como apontamos, não fazem parte de uma literatura emblemática. São testemunhos textuais do uso de emblemas cuja existência, se não fossem esses escritos, seria ignorada devido ao caráter efêmero para o qual tais emblemas foram compostos. Cabe, portanto, perguntar com que propósito essas relações foram impressas e o que as caracterizava.

Os principais motivos apontados como razão de ser dessas relações de cerimônias foram sua perpetuação na memória, estimular a devoção⁵²⁶, divulgar as glórias de Deus, da Companhia de Jesus, de Portugal e/ou daquele que estava sendo homenageado, cujas virtudes eram sempre louvadas.

Em boa parte das relações foi dado destaque à brevidade desse tipo de escrito, “pretendendo q̃ o que se imprimir agrade antes por breue que descontente por comprido, & proluxo aos que o lerem”⁵²⁷. Essa característica da brevidade narrativa e resumo dos

jeroglífico y su función dentro de la arquitectura efímera barroca (a propósito de treinta y tres jeroglíficos de Alonso de Ledesma, para las fiestas de beatificación de San Ignacio... *op. cit.*; _____. “*Picta Poesis*” un sermón de jeroglíficos, dedicado por Alonso de Ledesma a la fiestas de beatificación de San Ignacio, en 1610. **AHSI**, 52 (1983) 265; LLANES, María Garganté. Fiesta y emblema en un entorno jesuítico: Las fiestas de canonización de san Estanislao de Kotska y san Luis Gonzaga en el colegio de Monti-sion de Palma de Mallorca. In: ZAFRA, Rafael; LÓPEZ, José Javier Azanza (coords.). **Emblemática Trascendente... op. cit.**, p. 355-62. Para estudos sobre emblemas em celebrações de modo geral, vd. LÓPEZ, José Javier Azanza. Oración fúnebre, emblemática y jeroglíficos en las exequias reales: palabra e imagen al servicio de la exaltación regia. In: ZAFRA, Rafael; LÓPEZ, José Javier Azanza (coords.). **Emblemática Trascendente... op. cit.**, p. 175-94; PÉREZ, Denise León. Jeroglíficos, alegorías y emblemas en las exequias cortesanas de María Luisa Gabriela de Saboya (1714). In: ZAFRA, Rafael; LÓPEZ, José Javier Azanza (coords.). **Emblemática Trascendente... op. cit.**, p. 399-406; LEDDA, Giuseppina. Proyección emblemática en aparatos efímeros y en configuraciones simbólicas festivas. In: CORNELLES, Víctor Manuel Mínguez (coord.). **Del libro de emblemas a la ciudad simbólica. Actas del III Simposio Internacional de Emblemática Hispánica**. Universitat Jaume I, Castellón-Benicàssim, 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 1999, vol. 1, p. 361-76, 2000; _____. Estrategias y procedimientos comunicativos en la emblemática aplicada (fiestas y celebraciones, siglo XVII). In: MOLINA, Rafael Zafra; LÓPEZ, José Javier Azanza (eds.). **Emblemata aurea... op. cit.**, p. 251-62; _____. Los jeroglíficos en el contexto de la fiesta religiosa barroca. **Actas de I simposio internacional de emblemática**. Teruel, 1 y 2 de octubre de 1991, p. 581-98, 1994. Vd. ainda DOMPNIER, Bernard (dir.). **Les cérémonies extraordinaires du catholicisme baroque**. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2009.

⁵²⁶ No antelóquio da relação das festas realizadas pelos jesuítas do colégio e universidade eborenses por conta das canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka, por exemplo, afirma-se que nela “achará a devoção, & curiosidade muytos, & muyt saborosos pratos, com que saciar a sua piedade, & muytos motivos de louvar a Deos sempre glorioso nos seos Santos, & a cuja mayor honra, & gloria se dirige, & consagra este nosso pequeno livrinho, & limitado trabalho”. **Relaçam das festas, Com q̃ o Collegio, & Universidade da Companhia de JESU da cidade de Evora Applaudio a Canonizaçãõ dos dous gloriozos santos, Luis Gonzaga, e Estanislao Kostka... op. cit.**, p. 04. A autoria dessa *Relaçam* é atribuída ao jesuíta Brás de Andrade (1701-1782).

⁵²⁷ **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonizaçãõ de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier... op. cit.**, p. 206v.

acontecimentos foi apontada, por exemplo, na relação das festas realizadas no Colégio de Santarém em comemoração das canonizações de Luiz Gonzaga e de Estanislau Kostka:

*as leys de huma summaria Relação me não permittem particularizar accidentes, ainda que estes déssem não pequena fermosura a taõ engraçada obra, e menos individuar per si cada cousa, supposto que qualquer dellas bastasse para huma larga narração (...).*⁵²⁸

Essas “leys”, contudo, não foram seguidas em todos os relatos e em todas as circunstâncias. Do seguinte modo, por exemplo, argumentou-se a favor de um maior detalhamento: a fim de que “os Curiosos se não queixem da falta de exactas noticias nesta fiel Descrição, seremos mais importunos, só para que ninguem nos censure de avarentos”⁵²⁹. E se, num relato, afirmava-se que não se descrevia tudo minuciosamente “porque seria muito prolixa esta Relação, & provocaria ao leitor a nauzea a repetição das mesmas couzas”, alguns elementos eram detalhadamente nele descritos “naõ sò por evitar justas queixas, que contra nõs podia formar o disvelo da quelles mesmos, que tanto se empenharaõ na sua admiravel composiçaõ, mas tambem pera naõ parecer diminutos athe nesta pequena demonstração de agradecimento”⁵³⁰.

Os leitores aos quais se dirigiam essas relações eram tanto aqueles que foram à cerimônia, quanto os que não a presenciaram. A explicação dada no antelóquio da relação das celebrações realizadas pelos jesuítas do Colégio e Universidade de Évora em ocasião das canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka é exemplificativa, onde se afirma que o aparato e tais festas

foraõ taõ gratas à toda a Provincia do Alem-Tejo, que concorreo gostosa à este dignissimo espectáculo; & taõ saudosas à todos os que naõ tiveraõ a fortuna de as poder presenciar; que huns, & outros com multiplicadas instancias dezejavaõ, & pediaõ, que se estampasse a Relação de hum espectáculo taõ magestoso; os primeyros, para poderem conservar eterno

⁵²⁸ **Relação summaria das festas, que em a canonização dos gloriosos santos Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka, celebraraõ Os Padres da Companhia de Jesus do Collegio de Santarem...** *op. cit.*, p. 10.

⁵²⁹ **Descrição das exequias, que a’ fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, p. 30.

⁵³⁰ **Relaçam do apparato triunfal, & Procissaõ Solemne, comque os P.P. da Companhia de JESUS do Collegio de Evora applaudiraõ publicamente aos gloriozos S. Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka...** *op. cit.*, p. 61. Foi dada, no entanto, importância àquilo sobre o que se calava, como se pode ver no parágrafo final da volumosa compilação de relações das festas feitas na província portuguesa em ocasião das canonizações de Inácio de Loyola e Francisco Xavier: “Estas saõ em breue as festas, com que esta Prouincia de Portugal celebrou as canonizações do Patriarcha Sancto Ignacio, & S. Francisco Xauier; na relação das quaes foy necessario cortar, ainda por cousas necessarias, para que o liuro não sahisse de mór grandeza do que se pretendia: & por esta causa não foy possiuel imprimiremse aqui juntamente as prègações, que em louuor dos Sanctos se fizeraõ, que por serem muitas em numero podiaõ entrar em tomo particular: como também as Tragicomedias, Dialogos, Emblemas, Epigramas & outras varias obras, & poesias Latinas, afora as que na lingua Portugueza, Castelhana, Italiana, & outras muitas, em as mais das partes se composeraõ; o que se tambem se houesse de mandar ao prélo, bastaua não sò para fazer outro, mas outros varios tomos de boa grandeza”. **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonização de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier...** *op. cit.*, p. 223v.

*na estampa, o que perdiaõ na vista: os segundos, para consolar com a vista da planta o desgosto de não ter visto a fabrica.*⁵³¹

Com a publicação da descrição da festa juntava-se, assim, o público ausente àquele presente nas cerimônias. Importa destacar que a relação escrita, para além de ir de encontro ao esquecimento do ato festivo e da tentativa de tornar o leitor presente na celebração, servia de instrumento para explicar e comentar certos elementos da festa, como os emblemas.

Ademais, nas relações registravam-se muitos elementos que podiam passar despercebidos ou que não puderam ser vistos completamente nem mesmo por aqueles que presenciaram a cerimônia, como ocorreu, por exemplo, na de exéquias de D. Maria Ana de Áustria feita pelos jesuítas das missões do Oriente:

*No meyo do arco de cada huma destas Capellas se lia em huma Tarja hum Emblema; porque faltavaõ os lugares em huma Igreja taõ ampla para serem theatro das acções desta Grande Rainha, e foy necessario, que muitas occupassem lugares, em que não pudéssem ser lidas, contentando-se com terem sido vistas.*⁵³²

Mas quem era esse público que pôde ver com os próprios olhos e participar dessas festas descritas sempre como singulares? Festas das quais se disse que “Nunca a Taprobana, Osyra, nem Goa Vio riqueza; qual oje vee Lisboa”⁵³³; em locais ornados “com tanto aceyo, arte e custo, que se affirma nunca vira esta grande Corte armação mais preciosa, nem mais bem proporcionada”⁵³⁴?

Essas festividades, regra geral, nas quais para além dos padres e estudantes da Companhia de Jesus envolviam-se membros de muitas outras comunidades religiosas – ora responsáveis por celebrar missas ou vésperas, ora saindo em procissão –, contavam com um público vário e participativo, tanto da cidade que festejava quanto de outras partes, atraídos pelo cartel em que se divulgava a programação da festa e os prêmios destinados às melhores danças, poesias e cavaleiros. Essas cerimônias eram grandes eventos e para tanto havia uma especial preparação tanto das pessoas, quanto da cidade em si⁵³⁵. Delas participava grande multidão de “povo” e também muitas pessoas da nobreza.

⁵³¹ **Relaçam das festas, Com q̃ o Collegio, & Universidade da Companhia de JESU da cidade de Evora Applaudiõ a Canonizaçaõ dos dous gloriozos santos, Luis Gonzaga, e Estanslao Kostka...** *op. cit.*, p. 03.

⁵³² **Descriçaõ das exequias, que a' fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, p. 34.

⁵³³ CAMPOS, Manoel de. **Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias q̃ se leuáram à igreja de S. Roque...** *op. cit.*, p. 118r.

⁵³⁴ **Relaçam, das festas Da Casa Professa de S. Roque da Cidade de Lisboa Occidental. Nas canonizaçoens dos dous Illustres Santos Luis Gonzaga, e Stanislao Koska...** *op. cit.*, p. 10-1.

⁵³⁵ Podemos destacar, por exemplo, a reforma das calçadas e o branqueamento das casas nas ruas em que passaria a procissão na celebração das canonizações de Inácio de Loyola e de Francisco Xavier em Bragança. Vd. **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonizaçaõ de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier...** *op. cit.*, p. 139r.

Merece destaque, na cerimônia de beatificação do Pe. Francisco Xavier em Lisboa, a presença do vice-rei, que “mostrou tanta satisfação, que o [triumfo] quis ver duas vezes (...) afirmando que lhe pezaua muito de não ver isto sua Magestade, & que assi lho auia de escrever”⁵³⁶. Já à cerimônia de exéquias em honra do Pe. António Vieira feita por ordem de D. Francisco Xavier de Meneses concorreu

*todo o Reyno, que entã estava junto em Cortes, para o juramento do Principe D. Joaõ (...) e nas Tribunas estavaõ os Embaixadores, com o Nuncio de Sua Santidade, Bispos, e Ministros do Conselho Geral do Santo Officio, todos convidados pelo Conde da Ericeira.*⁵³⁷

Na celebração das canonizações de Estanislau Kostka e Luiz Gonzaga promovida pelos jesuítas da Casa Professa de São Roque, por sua vez, além do “Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor Patriarcha, Grandes, e Nobres, e hũa extraordinaria multidaõ, e affluencia de Religiosos, e povo”⁵³⁸, é de se destacar que

*ElRey Nosso Senhor com o Senhor Infante D. Antonio, como tambem a Raynha Nossa Senhora com o Serenissimo Principe do Brasil, e Princeza das Asturias, e Infantes fizeraõ com a sua assistencia em tudo Real este Oitavario: e à sua imitação o Emminentissimo Cardeal da Cunha, Embaixadores de Hespanha, e todos os mais Ministros das Potencias Estrangeiras.*⁵³⁹

“Toda a família real” assistiu igualmente a tragicomédia feita em Évora em comemoração dessas mesmas canonizações⁵⁴⁰. Para a cerimônia de exéquias de D. Maria Ana de Áustria, por sua vez, “Distribuíraõ-se cartas circulares por toda a Corte, para que toda a Fidalguia, Nobreza, e Cõmunidades Religiosas com o numero augmentassem o concurso, e com as Pessoas acreditassem o acto”⁵⁴¹.

Decerto vemos nessas cerimônias um entrelaçamento entre o Estado e a Igreja. Do mesmo modo que pessoas investidas de altos cargos políticos e mesmo a família real participavam das celebrações em honra de algum membro da Companhia de Jesus, os jesuítas prestaram homenagens a esses homens de Estado.

⁵³⁶ **Relaçam das festas qve a Religiam da Companhia de Iesv fez em a Cidade de Lisboa, na Beatificaçam do Beato P. Francisco de Xauier...** *op. cit.*, p. 51r.

⁵³⁷ Relação breve das exequias do Reverendissimo Padre Antonio Vieira, que o Conde da Ericeira Fez celebrar na Igreja de S. Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus Em 17. de Dezembro de 1697... *op. cit.*, p. 57-64 (p. 64).

⁵³⁸ **Relaçam, das festas Da Casa Professa de S. Roque da Cidade de Lisboa Occidental. Nas canonizaçoens dos dous Illustres Santos Luis Gonzaga, e Stanislao Koska...** *op. cit.*, p. 11.

⁵³⁹ *Idem*, p. 18.

⁵⁴⁰ **Relaçam das festas, Com q~ o Collegio, & Universidade da Companhia de JESU da cidade de Evora Applaudio a Canonizaçaõ dos dous gloriozos santos, Luis Gonzaga, e Estanislao Kostka...** *op. cit.*, p. 04.

⁵⁴¹ **Descripçaõ das exequias, que a' fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, p. 44.

A teatralidade e simbólica do poder presente em todas essas cerimônias, envolvendo o público com danças, folias, representações, bailes, torneios com cavaleiros e concursos com direito a prêmios, era feita em parte através da ostentação “para inveja de Midas, e pesar de Cresso”⁵⁴². A prosperidade da monarquia e a reverência à Igreja eram causadas pela suntuosidade, manifesta na formalidade dessas cerimônias que movimentavam a cidade, nas pessoas que delas participavam, no repique dos sinos, na enorme quantidade de luminárias, na música da Capela Real, nos aparatosos fogos de artifício, nas peças emprestadas do tesouro real, na maravilha e riqueza dos tecidos, nas figuras de procissão montadas a cavalo, nas pedras preciosas e nos aparatos construídos especialmente para a ocasião, nos quais figuraram emblemas.

Essas celebrações certamente eram impregnadas de simbolismo, verificável por exemplo nos carros triunfantes, na armação da igreja e nas figuras processionais que eram no mais das vezes personificações alegóricas com roupas de determinadas cores e enfeites, com seus atributos, escudos e trunfas.

Diante de tamanha afluência de elementos simbólicos torna-se difícil delimitar com precisão a quantidade de emblemas em cada uma das cerimônias. Importa ainda destacar que nas relações descritivas estão presentes os termos “emblema”, “empresa” e “divisa”, muitas vezes confundidos e usados como sinônimos, tal como acontecia em tratados teóricos e na literatura emblemática⁵⁴³. Também foram feitas alusões a “hieróglifos”, “símbolos” e “insígnias”.

Ademais, a existência de emblemas algumas vezes foi aludida sem quantificá-los. Dos emblemas presentes no claustro do Seminário de Irlandeses em Lisboa nas festas realizadas nessa cidade em 1620 por motivo da beatificação de Francisco Xavier, por exemplo, apenas temos notícia de que podiam ser vistos “muitos Epigrammas, & Emblemas que fizeraõ os alũnos, em que mostraraõ seu engenho, & sua deuaçaõ pera com o Santo”⁵⁴⁴. Na relação das festas de canonização desse jesuíta e de Inácio de Loyola em Lisboa, o autor afirmou: “Deixo muitas outras empresas, que hiaõ espalhadas por todo o corpo do carro”⁵⁴⁵. O carro triunfal que encerrava a tragicomédia em Coimbra “leuaua pintadas algũas empresas com allusam aos

⁵⁴² **Relaçãõ summaria das festas, que em a canonizaçaõ dos gloriosos santos Luiz Gonzaga, e Stanislaõ Kostka, celebraõ Os Padres da Companhia de Jesus do Collegio de Santarem... op. cit., p. 06.**

⁵⁴³ Vd. *supra* nota 308.

⁵⁴⁴ **Relaçãõ das festas qve a Religiam da Companhia de Iesv fez em a Cidade de Lisboa, na Beatificaçam do Beato P. Francisco de Xauier... op. cit., p. 56r.**

⁵⁴⁵ **Relaçãõ das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonizaçaõ de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier... op. cit., p. 42r.**

Sanctos⁵⁴⁶, mas elas não foram descritas. Quanto às presentes em carros em Évora e na Ilha da Madeira as menções foram igualmente evasivas⁵⁴⁷. Na celebração das canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka organizada pelos jesuítas do Colégio de Santarém podiam ser vistos “engenhosos emblemas”⁵⁴⁸, mas isso é tudo o que sabemos.

Na relação das festas realizadas pelo mesmo motivo pelos jesuítas da Casa Professa de São Roque temos conhecimento, mas não descrição, de emblemas compostos pelos religiosos da Santíssima Trindade e de Santo Agostinho⁵⁴⁹. Dos emblemas presentes no Real Colégio da Purificação em Évora nos resta apenas notícia breve, numa passagem do relato descritivo mais interessado em destacar a iluminação desse edifício:

Do mesmo modo se illuminou sempre com mais de mil luminarias o Real Collegio da Purificação: na varanda sobre a portaria se levantavaõ proporcionados cinco arcos, que a occupavaõ toda athe a parede do edificio, chegando ao tecto as pyramides, que sobre os mesmos arcos se viaõ: apparecia tudo curiozamente pintado, & nos vaõs dos arcos, que estavaõ forrados, se distinguiaõ as imagens dos Santos canonizados, a que animavaõ epigraphes, & emblemas, que todos os dias se renovavaõ: a estes para se lerem de noyte sobejavaõ as luzes, que por todos os arcos, bazes, capiteis, colunas, & pyramides se admiravaõ dispostas com summa arte.⁵⁵⁰

Essas referências a emblemas feitas de forma evasiva não foram a regra, mas a exceção. Vejamos então a forma como eles aparecem descritos, explicados e/ou comentados. A partir disso tentaremos esboçar um quadro geral da emblemática presente nessas celebrações: os lugares onde aparecem os emblemas, sua função, a presença ou ausência de lemas e epigramas, as fontes mencionadas, os elementos da composição.

Os emblemas figuraram em arcos, medalhas, faixas, tarjas, pilares e colunas nas igrejas, em claustros, em carros triunfantes e em escudos levados por estátuas ou por figuras na procissão pelas ruas da cidade⁵⁵¹. Foram, portanto, vistos por um público vário, composto

⁵⁴⁶ Idem, p. 89v.

⁵⁴⁷ Vd. Idem, p. 92v, 198v. De acordo com essas *Relações das sumptuosas festas* houve emblemas nas celebrações ocorridas em Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança e Ilha da Madeira. Ao contrário, eles não são mencionados nas relações das festas de Villaviçosa, de Portalegre, de Angra, da residência de São Fins e do Porto. Nestas últimas, vale mencionar, houve enigmas pintados a óleo. Vd. Idem, (p. 168r).

⁵⁴⁸ **Relação summaria das festas, que em a canonizaçaõ dos gloriosos santos Luiz Gonzaga, e Stanislaõ Kostka, celebraõ Os Padres da Companhia de Jesus do Collegio de Santarem... op. cit.**, p. 10.

⁵⁴⁹ **Relaçam, das festas Da Casa Professa de S. Roque da Cidade de Lisboa Occidental. Nas canonizaçoens dos dous Illustres Santos Luis Gonzaga, e Stanislaõ Koska... op. cit.**, p. 14.

⁵⁵⁰ **Relaçam das festas, Com q̃ o Collegio, & Universidade da Companhia de JESU da cidade de Evora Applaudio a Canonizaçaõ dos dous gloriosos santos, Luis Gonzaga, e Estanislao Kostka... op. cit.**, p. 28.

⁵⁵¹ Não se observa um padrão de onde os emblemas figuraram de acordo com a época. Vejamos alguns exemplos. No recebimento das relíquias de 1588 todos os emblemas eram parte da arquitetura efêmera. Em 1620, na celebração da beatificação de Francisco Xavier em Lisboa, eles encontravam-se no claustro do Seminário dos Irlandeses, como já mencionamos. No ano seguinte, na celebração das canonizações desse jesuíta e de Inácio de Loyola em Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança e Ilha da Madeira, por sua vez, os emblemas estavam presentes sobretudo nos carros triunfais e em escudos. Em 1697, nas exéquias do Pe. António Vieira celebradas em Lisboa, os emblemas eram parte da arquitetura efêmera. Vinte anos depois, na festa de

por pessoas com diferentes graus de instrução: educados formalmente, conhecedores das técnicas lecto-escritoras, imbuídos de cultura humanística, familiarizados com textos clássicos e bíblicos – ou não. Assim como o público era heterogêneo, igualmente heterogênea era a apreensão da mensagem transmitida e a atração causada pelos emblemas.

“E a quem não excitará o appetite a naturalidade, a eleição, a fermosura, e a agudeza dos Emblêmas?”⁵⁵² As pessoas eram atraídas pela força impressiva e expressiva do elemento visual tanto nas procissões quanto nas visitas à igreja nessas solenidades em que se desfilava e exibia o fausto da Igreja e da monarquia. Essas festas eram espetáculos que davam “deliciosa vista aos olhos”⁵⁵³.

Além disso, os elementos visuais estimulavam a devoção. Na relação das festas realizadas pelos jesuítas do Colégio de Évora em ocasião das canonizações de Estanislau Kostka e Luiz Gonzaga, por exemplo, afirma-se que era “a soberana, & devota Imagem de Santo Stanislao Kostka taõ grave, especiozo, & alegre, que ninguem poude velo com os olhos, que lhe não rendesse, como a Iman attractivo, o coração”⁵⁵⁴ e que os senhores da Câmara mandaram as pessoas

*ornar, & cõpor [as ruas], buscando pera isso ricas, & lustrozas tapeçarias; de sorte que só na armação das ruas pela sua variedade tinhaõ muito que ver os olhos, & mais que admirar a devoção. (...) tudo, & em toda a parte respirava pompa, curiozidade e grandeza.*⁵⁵⁵

Alguns espectadores acresciam à simples atração visual o prazer em reconhecer ou decifrar os simbolismos que passavam diante de seus olhos. Nessas festas, portanto, as pessoas “recreauam os olhos, & alegrauam o entendimento”⁵⁵⁶. Era possível ainda ler as relações em que se descreviam esses elementos, inclusive os emblemas. Nas relações das quais nos ocupamos, apesar de não serem ilustradas, eles foram descritos, explicados e às vezes até comentados.

beatificação do Pe. João Francisco Régis, em Évora, eles puderam ser vistos sobretudo em escudos nas mãos de estátuas e de figuras de procissão. Em 1728, em celebrações pelas canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka os emblemas estavam tanto na arquitetura efêmera quanto em escudos e carros triunfantes. Já nas exéquias de D. Maria Ana de Áustria celebradas na Igreja do Colégio de Santo Antão em Lisboa em 1754, eles espalharam-se pela igreja em medalhas, faixas, pilares e tarjas.

⁵⁵² **Descrição das exéquias, que a’ fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, Licença do Paço, M. R. P. M. Fr. Manoel de Figueiredo. Convento de Nossa Senhora da Penha de França, 15/05/1755, s/p.

⁵⁵³ **Relação summaria das festas, que em a canonização dos gloriosos santos Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka, celebraraõ Os Padres da Companhia de Jesus do Collegio de Santarem...** *op. cit.*, p. 11.

⁵⁵⁴ **Relaçam do aparato triumphal, & Procissão Solemne, comque os P.P. da Companhia de JESUS do Collegio de Evora applaudiraõ publicamente aos gloriozos S. Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka...** *op. cit.*, p. 35.

⁵⁵⁵ Idem, p. 03-4.

⁵⁵⁶ CAMPOS, Manoel de. **Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias q̃. se leuãram à igreja de S. Roque...** *op. cit.*, p. 65v-66r.

Na relação do solene recebimento de relíquias de 1588 os emblemas foram descritos e a alguns – não a todos – foi dada uma explicação simples:

O emblema do silencio era este. Outro Anjo com hũa clepsidra, q̃ mostraua estar chea dagoa na mão, sem se ir, porque lhe tinha tapada a boca cõ o dedo, o que declaraua esta letra.

Inter punctá patet, rimisq’; incisa fatiscit:

Os claudio, & refugas clepsydra sistit aquas.

Este vaso cõ estar todo picado, & aberto, tapãdolhe a boca não se lhe vay a agoa.

*Declarãdo alegoricamente como cõ a guarda da boca se cõserua o dom da pureza.*⁵⁵⁷

Na relação das festas de beatificação de Francisco Xavier em Lisboa em 1620 os emblemas não foram descritos, apenas mencionados. Nos relatos das celebrações de canonização desse jesuíta e de Inácio de Loyola ocorridas logo em seguida, por sua vez, eles foram em boa parte das vezes descritos e explicados. Na relação da cerimônia de exéquias do Pe. Inácio Vieira ocorrida em Lisboa trinta e duas empresas foram descritas de maneira sucinta, como por exemplo: “Hum casullo de seda, de que sahe huma borboleta: *Praetium post funera*”⁵⁵⁸.

Os emblemas presentes na cerimônia organizada pelos jesuítas do Colégio do Espírito Santo de Évora em 1716 para celebrar a beatificação do Pe. João Francisco Régis foram descritos e alguns deles, explicados. Nos vários relatos das festas realizadas por conta das canonizações dos padres Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka, por sua vez, os emblemas aparecem ora apenas descritos, ora também explicados e em alguns casos até comentados, o que aconteceu igualmente na descrição da cerimônia de exéquias de D. Maria Ana de Áustria celebrada pelos padres provinciais das missões orientais em Lisboa em 1754:

Nas duas faixas, que de cada lado dividem as Capellas, se viaõ outros tantos testemunhos das Reaes acções da Magestade defunta nos Emblemas. Tinha o primeiro por figura huma tocha acesa, a qual, por allumiar a todos, e só se consumir a si, era symbolo do soffrimento, com que a Rainha Fidelissima a ninguem era molesta; antes imputava á sua innocencia os erros alheyos. Isto mesmo se declarava neste titulo, que ao mesmo tempo, que era explicação da figura, tambem era elogio do Assumpto.

*Ut nemini esset gravis, aliorum crimina
sibi saepissimè ducebat.*

A tudo dava a ultima luz este verdadeiro lemma:

*Tantùm in me saeva, & noxia nulli.*⁵⁵⁹

⁵⁵⁷ Idem, p. 58r.

⁵⁵⁸ Relação breve das exequias do Reverendissimo Padre Antonio Vieira, que o Conde da Ericeira Fez celebrar na Igreja de S. Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus Em 17. de Dezembro de 1697... *op. cit.*, p. 60.

⁵⁵⁹ **Descrição das exequias, que a’ fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, p. 28.

Não é possível delimitar um tipo único de emblema presente nessas cerimônias. Devemos nos perguntar, por exemplo, se uma figura, personificação alegórica de algo, ao desfilar em procissão carregando determinados objetos e escudo com uma frase configuraria um “emblema vivo”. A figura que representava a Melodia no sétimo aplauso da procissão feita em Lisboa em ocasião das canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka, por exemplo, “leuava no peito hum cirne, & nas mãos hũs orgãos dourados, com esta letra: *In aure melos*” de São Bernardo de Claraval (1090-1153)⁵⁶⁰.

Exemplos da complexidade simbólica e que ultrapassa os limites de um emblema pintado podem ser vislumbrados na relação do aparato triunfal e da procissão solene realizada pelos jesuítas do Colégio de Évora por ocasião dessas mesmas canonizações. Na descrição minuciosa das figuras do terceiro aparato, dedicado à pureza do jesuíta mantuano, por exemplo, lemos:

A virtude da ORAÇAM seguia immediatamente a da PENITENCIA {XV. Penitência.}, cujo exercicio foi taõ amado de S. Luiz Gonzaga, que naõ só na Religiaõ, mas ja no seculo se mortificava de exquisitos modos, sendo artificiozo tirãno de si mesmo por amor de Deos. Montava em cavallo briozo com crina bem concertada, cujos jaezes eraõ bordados de prata em campo azul: governavalhe a redea hum palafreheiro vestido à Mourisca. Trajava esta Figura vestiduras preciosas, & varias na cor, humas eraõ de Tela roxa, & branca com ramos de ouro, & frãjões do mesmo; outras de Teçû roxo primorozamente guarnecido de largas rendas de prata. Servialhe de ornato à cabeça huma coroa de rozas enlaçadas entre espinhos, & do pescosso lhe pendia seu colar de pedraria cõ cruz de ouro de muito valor; nos braços enleava cordões do mesmo, & o peito era todo semeado de miudo Aljofar, & bastecido com muitas joias, & peças de ouro: Occupavaõlhe a maõ direita humas Disciplinas, & a esquerda hum escudo, em q̃ se lia primeiro o texto de Iob: Conversus est ad Pœnitentiam {Iob. 10.}: & logo em pintura se divizava hum emblẽma, cujo titulo dizia assim: S. Aloysius Gonzaga se sponte ferreis calcaribus feriebat; tinha por figura hum Pelicano rasgando

⁵⁶⁰ **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonização de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier...** *op. cit.*, p. 41r. Ao escrever essa sentença, São Bernardo se referia às doces palavras de Cristo. Eram bastante longevas na mitologia, em lendas e nos bestiários as referências a algumas das características do cisne, tendo sido esse animal por vezes escolhido para ilustrar empresas de cavaleiros e senhores no final do período medieval. Entre suas particularidades destacava-se justamente a harmonia de seu canto que, no cristianismo, foi associado à voz do pregador e a um convite ao louvor a Deus. Vd. PASTOUREAU, Michel. **Bestiari del Medioevo...** *op. cit.*, p. 187-90 (p. 188). Alguns elementos presentes em cerimônias festivas podem facilmente ser apontados como derivados dos bestiários, como exemplifica o seguinte trecho da relação das festas de recebimento de relíquias em Lisboa em 1588: “A estatua da vigilancia estaua pintada como em atalaya, com a mão fazendo sombra aos olhos como quem quer diuisar ao longe, jũto della estaua hum Grou com o pee aleuantado, tendo presa hũa pedra com elle, pera se espartar, por onde he auido por simbolo da vigia. Estaua por cima da estatua esta letra. *Perpetuas agit excubias vigilantia Diuum*. A vigilancia dos Santos está sempre em atalaya. E ao pee em outro jaspe a proposito do grou este pentametro. *Grus se mole grauat, ne sopor ossa grauet*. O grou carreguase, pera que o sono o não carregue”. CAMPOS, Manoel de. **Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias q̃. se leuáram à igreja de S. Roque...** *op. cit.*, p. 52r-52v.

*com o bico seu proprio peito, & por baixo dava alma à pintura o seguinte lēma: Se ipsum percutit.*⁵⁶¹

Chamamos atenção ainda para o caso de um “emblema interativo” presente na igreja nas festas promovidas pelos jesuítas do Colégio de Santarém igualmente por motivo das canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka⁵⁶² e cujo principal elemento da composição também foi o pelicano:

Continuavaõ-se da banquetta por todo o retabolo até o throno grande, em que se adorava exposto o Divinissimo Sacramento, grande numero de luzes, que em chammas se consumiaõ, para arderem em obsequio de seu Senhor, em que lustrosamente se abraçavaõ. Deixava-se este ver, e tambem encerrar em o mysterioso, e mais proprio emblema de hum Pelicano, que sendo da arte engenhoso parto, nas semelhanças mais imitava o natural, e por isso mais artificioso: entre palmas, naõ sem feliz auspicio, se divisava esta ave, e ao redor os pequenos filhos, que como mãy singularmente alimentava. Animava a figura esta letra, lançada por trofeo da palma: Sic his, quos diligo, à qual correspondia: Ut vitam habeant.

*Em primeiro lugar se via bater as azas, como quem alegre solemnizava o applauso, ou tal vez convidava liberal ao Divino manjar, que em seu peito encerrava, senaõ era para accender o fogo do natural amor, que em seus voos sobia mais de ponto; logo as extendia em fôrma de Cruz, para melhor mostrar o Mysterio, que em seu peito, como em Sacratio, occultava: e rasgando-o ao ferir de repetidos golpes de seu bico, successivamente se lhe hia divisando no peito já huma Cruz, que vivamente debuxava o sangue, que sobresahia aos rasgos da penna, de fôrma qual se venera em os Cavalleiros de Christo, já huma Estrella, que pela cor parecia arrayar em os horizontes da primeira manhã, bem como Estrella de Alva diante do Sol Divino. Ultimamente por ter o coração prezo do amor para com seus filhos, se desentranhava em correntes de sangue, a que acudia para alimentarse sua pequena prole, até que exhausta de sangue, no meyo da ferida se lhe descobria desmayo no alvo, digo daquelles nevados accidentes, em que veneramos como morto o Author da vida Sacramentado. Ao encerrar se repetia com nova industria o artificio, e renovava a admiração dos presentes.*⁵⁶³

Na *Symbolographia* de Jacob Bosch há um símbolo correspondente: um pelicano bica o peito rodeado de filhotes sob o mesmo lema – “*Ut vitam habeant*” (**Img. 42**).

⁵⁶¹ **Relaçam do aparato triunfal, & Procissão Solemne, comque os P.P. da Companhia de JESUS do Collegio de Evora applaudiraõ publicamente aos gloriosos S. Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka...** *op. cit.*, p. 47-8. As citações entre chaves { } estão impressas na margem do texto.

⁵⁶² No mesmo sentido, merece ser mencionada ainda a “empresa interativa” presente no carro triunfante dos irmãos Simão Gavião e João Barreto Gavião, participantes do torneio em Braga nas festas de canonização de Inácio de Loyola e Francisco Xavier. Vd. **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonização de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier...** *op. cit.*, p. 136r-137r.

⁵⁶³ **Relaçãõ summaria das festas, que em a canonização dos gloriosos santos Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka, celebraraõ Os Padres da Companhia de Jesus do Collegio de Santarem...** *op. cit.*, p. 07-9.



Imagem 42⁵⁶⁴

Feitas essas ressalvas, passemos então a uma análise mais geral. O lema esteve quase sempre presente, com raras exceções, como por exemplo a de uma tenção ou empresa no carro que celebrava o triunfo da Santa Cruz na festa pelas canonizações de Francisco Xavier e Inácio de Loyola ocorrida em Braga em 1622 e outra, igualmente na cidade de Braga, dessa vez em ocasião da celebração das canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka em 1727. Na relação desta última cerimônia a ausência de lema no que o autor considera um emblema foi assim explicada:

Logo por sima da sotabase nas duas columnas do frontispicio estavaõ humas artificiosas peanhas; em q' se admiravaõ dous fermozos Atlantes, cada hum da sua parte; naõ estava aqui letra, que exprimisse a significaçãõ deste engenhozo emblema, talvez por julgar por superfluo o Author desta magestosa idéa o explicar com penna, o que estava com arte, e ao pincel tanto ao vivo retratado, e nas mesmas figuras manifesto; pois ninguem

⁵⁶⁴ BOSCH, Jacob. *Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem...* *op. cit.* (1702), Class. I, Tab. XXXIX, n. DCCCLXXVIII, s/p.

*ignora que os dous Santos Canonizados foraõ huns agigantados Atlantes da Santidade.*⁵⁶⁵

Praticamente todos os lemas foram escritos em latim. Exceções foram um lema em grego e outro em hebraico, ambos presentes num carro sobre a honra humana da celebração em Coimbra das canonizações do fundador da Companhia de Jesus e de Francisco Xavier em 1622⁵⁶⁶. Ademais, o Conde da Ericeira compôs quatro emblemas em homenagem ao Pe. António Vieira na celebração de suas exéquias, em diferentes línguas faladas pelo jesuíta: latim, espanhol, italiano e português⁵⁶⁷.

As fontes dos lemas, entretanto, na maior parte das vezes não foram explicitadas⁵⁶⁸. Na relação do recebimento das relíquias em São Roque em 1588 temos notícia de um cuja fonte é Agostinho de Hippona e outros emblemas têm passagens bíblicas por lema.

Alguns emblemas presentes na celebração, em Lisboa, das canonizações de Inácio de Loyola e de Francisco Xavier também foram compostos com lemas extraídos da Sagrada Escritura, mas num carro triunfal pertencente ao primeiro aplauso há um emblema cujo lema é uma sentença de Plínio e outro cuja letra é um dito de Horácio⁵⁶⁹. Na cerimônia realizada em Braga os exemplos em que se explicita a fonte dos lemas são todos bíblicos, à exceção de um de Virgílio, denominado por antonomásia na relação como o “Poeta”⁵⁷⁰. Na relação descritiva das exéquias do Pe. António Vieira celebradas em 1697 em Lisboa não há alusão a nenhuma fonte.

Tanto na descrição da celebração, em Évora, pela beatificação do Pe. João Francisco Régis em 1716, quanto nos relatos das festas realizadas pelos jesuítas da Casa Professa de São Roque e pelos do Colégio de Évora aquando das canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka em 1728 as fontes explicitadas são sobretudo bíblicas⁵⁷¹. Já na cerimônia de exéquias

⁵⁶⁵ OLIVEIRA, João de. **Relação das festas com que o Collegio de Saõ Paulo da Companhia de Jesus da Cidade de Braga, celebrou em hũ Solemne Triduo a Canonizaçaõ dos seus gloriosos Santos Luiz Gonzaga, e Estanislao Kostka...** *op. cit.*, p. 155.

⁵⁶⁶ **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonizaçaõ de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier...** *op. cit.*, p. 56v.

⁵⁶⁷ Relação breve das exequias do Reverendissimo Padre Antonio Vieira, que o Conde da Ericeira Fez celebrar na Igreja de S. Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus Em 17. de Dezembro de 1697... *op. cit.*, p. 58-9.

⁵⁶⁸ O fato de a maioria das fontes dos lemas não ter sido explicitada não significa que essas sentenças foram criadas para aquela ocasião específica. Sem dúvida se fosse feito um estudo nesse sentido encontrariam-se essas fontes em textos escritos, bem como emblemas com lemas ou imagens correspondentes em outras cerimônias e em obras de literatura emblemática.

⁵⁶⁹ **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonizaçaõ de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier...** *op. cit.*, p. 20v.

⁵⁷⁰ Idem, p. 123v. Na descrição de emblemas na relação das festas bracarenses foram citados Santo Ambrósio, Tertuliano e Beda, apesar de eles não serem a fonte direta dos lemas: Idem, p. 111v, 112r.

⁵⁷¹ Figuras que participaram das procissões nessas duas celebrações realizadas na cidade de Évora seguravam, para além de um escudo com um emblema pintado com seu lema, um objeto que igualmente a identificava e que também continha um lema. Nesse último foram utilizadas, além de passagens bíblicas, fontes como o comentário

de D. Maria Ana de Áustria realizada pelos Padres Procuradores das missões do Oriente há referência apenas a uma fonte – um “dito do Poéta”⁵⁷².

A partir das fontes dos lemas que foram explicitadas nas relações, portanto, sabemos que elas foram tanto bíblicas quanto de autores clássicos. Para além desses lemas, é importante ressaltar que em alguns casos determinou-se ainda um “título” para o emblema, o que ocorreu, em Évora, em ocasião das festas de beatificação do Pe. João Francisco Régis e de canonização dos jesuítas Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka e, em Lisboa, das mencionadas exéquias de D. Maria Ana de Áustria. Na primeira dessas cerimônias eborenses, por exemplo, uma estátua de anjo

*junto do altar da parte da Epistola: tinha na mão esquerda hum escudo, em que estava pintado hum Emblema, cujo titulo era: B. Joannes Franciscus Regis obstinatam dudum in haeresi faeminam blando & amanti questu ad fidei lumina revocavit. Servialhe de figura a saudoza flor Heliotropio voltãdose para o Sol, cõ esta letra: Ad lucem convertit amor.*⁵⁷³

Os epigramas, ao contrário dos lemas, não eram frequentes. Pelo menos não nas relações descritivas. São exemplos os pertencentes aos quatro emblemas compostos pelo Conde de Ericeira em homenagem ao Pe. António Vieira em ocasião de sua morte⁵⁷⁴ e alguns epigramas em espanhol de empresas presentes nas festas de canonização de Inácio de Loyola e Francisco Xavier em Braga, caso daquelas que podiam ser vistas em painéis dos lados de um carro: “era hum Lobo junto a hum Cordeiro, tinha por letra: Habitabit lupus cum agno. Declaraua a tenção este terceto. *Del lobo, que al corderillo / Natura hizo contrario, / Hizo el Agnus relicario*”⁵⁷⁵.

Os elementos que compunham as imagens dos emblemas eram objetos, partes do corpo humano (sobretudo coração, braços e mãos), fenômenos da natureza (raios, chuva, tempestade, neve, ventos), corpos celestes (nuvens, estrelas, planetas, globo e especialmente o sol e a lua), referentes à água (mar, rio, oceano, nau, poço), fogo, elementos geográficos (montes e penhasco), labirintos, uns poucos edifícios (casa, torre, pirâmides), personagens

ao livro de Isaías feito por São Jerônimo – na cerimônia em homenagem ao Pe. Régis – e um hino da igreja – na celebração de 1728. Vd. **Relação das festas do Collegio do Espirito Santo da Cidade de Evora na beatificação do Veneravel P. Joaõ Francisco Regis...** *op. cit.*, p. 72; **Relaçam do apparatus triumphal, & Procissão Solemne, comque os P.P. da Companhia de JESUS do Collegio de Evora applaudirão publicamente aos gloriosos S. Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka...** *op. cit.*, p. 27.

⁵⁷² **Descrição das exéquias, que a’ fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, p. 26.

⁵⁷³ **Relação das festas do Collegio do Espirito Santo da Cidade de Evora na beatificação do Veneravel P. Joaõ Francisco Regis...** *op. cit.*, p. 05.

⁵⁷⁴ Vd. **Relação breve das exéquias do Reverendissimo Padre Antonio Vieira, que o Conde da Ericeira Fez celebrar na Igreja de S. Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus Em 17. de Dezembro de 1697...** *op. cit.*, p. 58-9.

⁵⁷⁵ **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonização de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier...** *op. cit.*, p. 127r.

bíblicos (anjo, querubins, santos, Adão, Jesus, filhos de Israel) ou mitológicos (atlantes, Orfeu, Hércules, Castor, Pólux, Mercúrio, Argos, Netuno, Ariadne), minerais, vegetais e animais.

Dentre esses últimos destacam-se o pelicano e a águia⁵⁷⁶. O pelicano, que de acordo com os bestiários medievais feria o próprio peito para que através de seu sangue seus filhotes – natimortos ou assassinados por um dos genitores – voltassem à vida, foi constantemente utilizado no cristianismo, sobretudo como um símbolo do amor divino para com os homens, mas não somente⁵⁷⁷.

Para além dos já mencionados exemplos em que esse animal figurou em emblemas – nas celebrações das canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka em Évora e em Santarém –, ele foi igualmente usado na cerimônia de recebimento de relíquias em São Roque em 1588⁵⁷⁸ e num escudo carregado em procissão pela figura da Paciência, virtude do beatificado Pe. João Francisco Régis⁵⁷⁹.

Chamamos a atenção para a gravura (**Img. 43 e 44**) que antecede a oração fúnebre recitada pelo jesuíta Xavier da Costa publicada na relação das exéquias de D. João V que tiveram lugar na Catedral de Braga, impressa em Lisboa em 1751.

⁵⁷⁶ Filippo Picinelli, em seu *Mondo simbolico*, dedicou alguns parágrafos a esses dois pássaros: PICINELLI, Filippo. *Mondo simbolico o sia vniversità d'imprese scelte, spiegate, ed'illvstrate con sentenze, ed eruditioni sacre, et profane. Stvdiosi diporti dell'abbate D. Filippo Picinelli milanese ne i canonici regolari lateranensi...* Milano: Per lo Stampatore Archiepiscopale, 1653, (Lib. IV, Capo VII, §38-124, p. 91-101; Capo LIII, §370-8, p. 130-1).

⁵⁷⁷ Vd. PASTOUREAU, Michel. *Bestiari del Medioevo...* *op. cit.*, p. 209-11.

⁵⁷⁸ Vd. CAMPOS, Manoel de. *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias q̃ se leuáram à igreja de S. Roque...* *op. cit.*, p. 73v-74r, 75v-76v, 78v-79r.

⁵⁷⁹ *Relaçã das festas do Collegio do Espirito Santo da Cidade de Evora na beatificaçã do Veneravel P. Joãõ Francisco Regis...* *op. cit.*, p. 71.

(27)



*ASSUMPSIT JESUS... JOANNEM FRATREM
ejus... in montem... Dicebant excessum ejus.
Matth. 17. Luc. 9.*



H morte cruel, e dura! Serenissimo Senhor. Ah morte cruel, e dura! E quam insolente te remontas nos teus voos com a tua volante fouce: *Ibit mors. Ecce falx volans.* Es na verdade além de cruel, tyranna, pois das mesmas penas, que nos causas, para nos mortificar, fórmás com ellas dobradas azas a essa tua fouce, com que voes, para nos repetir motivos à nossa magoa. Dobradas azas lhe chamo, ou dobradas penas; porque depois de mortificares gravemente a todo o Reyno com aquella grande ferida, que deshumana

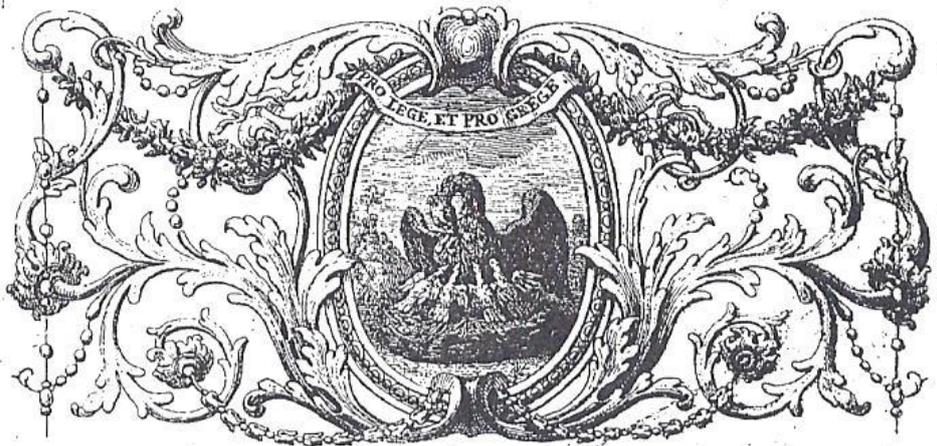
Imagem 43⁵⁸⁰

Imagem 44 (detalhe)

⁵⁸⁰ Oração funebre nas exequias delRey fidelissimo, o senhor D. João V. As quaes lhe fez na Se Primacial de Braga seu irmão, o serenissimo senhor D. Joseph, arcebispo, e senhor de Braga, Primaz das Hespanhas. Recitou-a o M. R. P. M. Xavier da Costa da Companhia de Jesus, Lente de Prima de Theologia no Collegio de S. Paulo da mesma Cidade, e Examinador Synodal do Arcebispado Primaz. In: **Relação das exequias, que na morte delRey fidelissimo o senhor D. João V. mandou fazer na Cathedral de Braga o serenissimo senhor, Dom Joseph, arcebispo, e senhor da mesma cidade, Primaz das Hespanhas. Escrita por Rodrigo Joseph de Faria, Beneficiado em S. Thomé da Correlhã, e Bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones.** Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1751, p. 27-48 (p. 27).

Nela vemos um pelicano rasgando o próprio peito com o bico e rodeado por seus filhotes e sobre eles uma tarja com a sentença “*Pro Lege, et pro Grege*”. Tal empresa derivada da *Hieroglyphica* de Horapollo significando o amor paternal foi adotada por D. João II⁵⁸¹ e encontra-se representada, por exemplo, na *Symbolographia* de Jacob Bosch (Img. 45).



Imagem 45⁵⁸²

A águia foi igualmente um animal considerado na grande maioria das vezes virtuoso. Costuma representar poder, força, prestígio, justiça e ressurreição e portanto foi naturalmente associado à divindade⁵⁸³. É também o símbolo de São João evangelista. A rainha do ar, frequentemente representada bicéfala e coroada, era ainda um símbolo imperial. D. Maria Ana

⁵⁸¹ ABREU, Ilda Soares de. **Simbolismo e ideário político...** *op. cit.*, p. 61-2. Para empresas régias e de nobres de Portugal, vd. AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco...** *op. cit.*, p. 11-21. Francisco Rodrigues Lobo, em seu *Corte na Aldeia* de 1619 (Diálogo II, “Da polícia e estilo das cartas missivas”) dá-nos exemplos, além do de D. João II, de empresas não só de monarcas, rainhas e infantes portugueses, mas ainda de províncias, repúblicas e cidades.

⁵⁸² BOSCH, Jacob. *Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem...* *op. cit.* (1702), Class. II, Tab. L, n. CMXIV, s/p.

⁵⁸³ Vd. PASTOUREAU, Michel. **Bestiari del Medioevo...** *op. cit.*, p. 168-74.

de Áustria, por exemplo, foi muitas vezes aludida como águia imperial na oração fúnebre feita em sua homenagem pelo jesuíta Estanislau Manso⁵⁸⁴.

Entre as qualidades dessa ave destacam-se sua capacidade de voar bastante alto e a de olhar diretamente para o sol. Da primeira originou-se a empresa XV representada na Igreja da Casa Professa de São Roque em honra do falecido Pe. António Vieira: “Huma Aguia mais alta que as settas, que se lhe tiraõ: *Extra omnia*”⁵⁸⁵.

A capacidade de fixar o sol, por sua vez, que vemos representada num emblema do *Imago primi saeculi* sobre o ainda beato Estanislau Kostka⁵⁸⁶ (**Img. 46**) e num dos emblemas do frontispício da *Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal* do Pe. Baltasar Teles (**Img. 31**), figurou também na descrição de exéquias de D. Maria Ana de Áustria numa

medalha, que representava huma Aguia com seus filhos, todos em acção de olhar para o Sol, alludindo á piedosa educação, que esta Real Mãe dêo a seus Soberanos, e genuínos Filhos. Tudo explicava o seguinte titulo:

Virtutes, quibus enituit, Regiam Proge-
nie n edocuit.

Animava-se a pintura com o dito do Poéta, que lhe servia de lêmna:
Imbelles non generant Aquilae Columbas.⁵⁸⁷

⁵⁸⁴ Vd. **Descrição das exéquias, que a’ fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, p. 54, 56, 59-60, 63, 68, 71, 73. Sobre a representação da águia bicéfala, vd. MELLO, Eduardo Kneese de. Águia bicéfala. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 14, p. 15-9, 1973; TRINDADE, Jaelson Bitran. O Império dos Mil Anos e a arte do “tempo barroco”: a águia bicéfala como emblema da Cristandade. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, n. sér. vol. 18, n. 2, p. 11-91, dez. 2010; _____. Vieira, o Império e a Arte: emblemática e ornamentação barroca. **Barroco Iberoamericano – Territorio, Arte, Espacio y Sociedad. Actas do III Congreso Internacional del Barroco Iberoamericano**. Sevilla, Universidad Pablo de Olavide: Ediciones Giralda, vol. 2, 2001, p. 285-301.

⁵⁸⁵ Relação breve das exéquias do Reverendissimo Padre Antonio Vieira, que o Conde da Ericeira Fez celebrar na Igreja de S. Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus Em 17. de Dezembro de 1697... *op. cit.*, p. 62.

⁵⁸⁶ No *Imago primi saeculi* há emblemas referentes não só a Estanislau Kostka, mas também a Inácio de Loyola, Francisco Xavier e Luiz Gonzaga. Vd. **Imago Primi Saecvli Societatis Iesv...** *op. cit.*, p. 329-30, 714-21, 723-4.

⁵⁸⁷ **Descrição das exéquias, que a’ fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, p. 26.

724 IMAGO PRIMI SÆCVLI SOC. IESV.
 B. Stanislaus pridie Virginis Assumptæ moritur.



Vt affumar.

Imagem 46⁵⁸⁸

O sol, a vela, a luz, o reflexo em espelhos, o girassol: todos foram elementos bastante utilizados para representar a soberania – tanto eterna quanto temporal –, para aludir à relação com o divino e ainda para destacar virtudes.

Esta última finalidade – a de pôr em relevo as virtudes – foi sem dúvida o principal intuito das celebrações de beatificações, canonizações e exéquias de que tratamos, com o propósito seja de exaltar o cristianismo, a Igreja Católica ou a Companhia de Jesus em seus membros, seja de louvar a monarquia portuguesa, fixando suas qualidades na memória dos súditos, que eram incitados a sentir grande pesar quando um “sol” como D. João V ou como sua esposa D. Maria Ana de Áustria eram “eclipsados”.

Nessas cerimônias suntuosas criava-se uma atmosfera e um ambiente alegre ou lúgubre propício ao louvor de homens exemplares – jesuítas ou não, mas todos devotos e virtuosos. Tudo convergia para esse fim: a grande multidão de “povo” e as pessoas ilustres da cidade e de outras regiões, a riqueza das vestimentas, as luminárias e fogos, a armação da

⁵⁸⁸ Imago Primi Saecvli Societatis Iesv... *op. cit.*, p. 724.

igreja e das ruas para a procissão, os aparatos festivos e, como não poderia deixar de ser, os emblemas.

As virtudes, decerto, desfilavam pelas ruas personificadas alegoricamente, eram ressaltadas nos sermões⁵⁸⁹, eram vislumbradas nos emblemas. Foram oito os aplausos particulares que tiveram lugar em Lisboa em ocasião das canonizações de Inácio de Loyola e Francisco Xavier e eles diziam respeito justamente às virtudes e dons desses santos:

*Achou Lisboa (authora deste aplauso) que com nenhũa cousa podia festejar melhor a canonizaçam dos Sanctos, que em mostrar ao mundo algũa das muitas virtudes, & doês sobrenaturaes, com que Deos nosso Senhor tanto os engrandeceo na terra; pera isto se ordenou este celebre espectaculo, que diuidio em oito aplausos particulares, representando em cada hum delles, hum dom, ou virtud No primeiro a grande penitencia, que os Sãtos fizeram. No segundo, o abrazado zelo das almas em que arderaõ. No terceiro a pureza Angelica que guardarão. No quarto o espirito de sua oraçam. No quinto, o dom de seus milagres. No sexto, a excellencia de sua sabedoria. No setimo, o beneficio incomparauel do sanctissimo nome de Iesu dado pelo Ceo. No oitauo a gloria de sua canonizaçam que por tam singulares virtudes alcançarão.*⁵⁹⁰

Dentre as muitas virtudes dos canonizados padres Estanislau Kostka e Luiz Gonzaga enfatizadas na procissão ocorrida em Évora, por exemplo, duas mereceram destaque. O carro triunfante do segundo aparato “Dedicavase à Innocencia de S. Stanislao, virtude, que nelle se admirou com especialidade desde os primeiros crepundios de sua infancia” e nas laterais do carro “se mandaraõ pintar algumas tarjes com seus emblêmas, [que] declaravaõ a Innocencia do Santo”. O carro triunfal do terceiro aparato, por sua vez, era consagrado à “Angelical Pureza de S. Luiz Gonzaga; que entre as mais virtudes, que professou, logrou sem controversia aprimazia” e em sua face exterior “se mandaraõ pintar alguns emblêmas significativos” da pureza desse jesuíta canonizado⁵⁹¹.

⁵⁸⁹ Na licença do Ordinário concedida à descrição da cerimônia de exéquias de D. Maria Ana de Áustria realizada em Lisboa pelos Padres Provinciais das missões do Oriente da Companhia de Jesus, Jozé Thomás Borges, ao elogiar a oração, nos dá um exemplo disso: “A Oraçãõ Funebre (...) he a principal parte deste opusculo, e por todas as circumstancias preciosissima. Nella junta o Orador eloquente as acções mais gloriosas de toda a vida da Augusta Rainha, que Deos nos levou, formando hum todo, que produz a mais viva idéa das suas virtudes, e hum retrato visivel dos seus talentos. Nella com magestosa elegancia, com suave ternura de vozes, e de affectos exprime a vehemente afflicção, em que todos ficáraõ pela ausencia da defunta Magestade, e introduz queixosas a Monarquia Portugueza, e a Companhia de JESUS”. **Descrição das exequias, que a’ fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, Licença do Ordinário, Censura do M. R. Doutor Jozé Thomás Borges, Presbytero Secular, Academico do numero dos Arcades, &c. Lisboa, 11/05/1755, s/p.

⁵⁹⁰ **Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonizaçãõ de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier...** *op. cit.*, p. 15v-16r.

⁵⁹¹ **Relaçãõ do apparato triunfal, & Procissaõ Solemne, comque os P.P. da Companhia de JESUS do Collegio de Evora applaudiraõ publicamente aos gloriozos S. Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka...** *op. cit.*, (p. 34, 37, 50, 52).

Na *Oração funebre, das exequias do fidelissimo, e augustissimo rey D. Joaõ V* feita pelo jesuíta Timotheo de Oliveira na Basílica de Santa Maria, onde eram visíveis “por ambas as Naves lateraes (...), e no Cruzeiro pendentes nas janéllas, e arcos, os medalhoens” com vinte e cinco “Emblemas alluzivos ás acções, e virtudes del Rey”⁵⁹², ele sugeriu retoricamente quatro composições – imagens e inscrições – referentes a virtudes do monarca defunto:

Se aquella Tumulo não estivera ornado, como se vê, de elegantes inscriçõens, e figuras, fizera eu por concluzaõ, que nas quatro faces delle se deixasse ver de fóra, o que dentro se contempla: a Imagem do Fidelissimo, e Augustissimo Rey D. Joaõ V., nas quatro heroicas virtudes, que realçaraõ entre todas as da sua vida. Na primeira face se veria o Rey Pacifico, com o Sceptro enlaçado em ramo de Oliveira, e aos pés a letra de Salamaõ: Pacificus vocabitur {Paral. 22}. Na segunda o Rey Sabio com a Laurea da sabedoria sobre a Coroa da Magestade, e por baixo a letra de David: Sapientissimus Princeps {Reg. 23.8}. Na terceira o Rey Magnifico, sahindo-lhe, não, como a Hercules, cadêas de ouro da boca, mas rios de ouro das mãos; e por alma a letra de Isaias: Magnificus Dominus {Isai. 33.21}. Na ultima o Rey Observantissimo da Religiaõ, sujeitando com temor, e reverencia a Coroa do Imperio aos cultos da divindade; e por Epigrafe a letra de S. Lucas: Religiosus ac timens Deum {Act. 10.2}.⁵⁹³

Catorze emblemas sobre as virtudes e conduta cristã de D. João V foram ainda colocados por cima dos arcos das capelas da nave da Casa Professa do Bom Jesus de Goa em ocasião da cerimônia de exéquias do monarca realizadas em novembro de 1751⁵⁹⁴.

A exaltação de qualidades e ações virtuosas sem dúvida servia para louvar os novos beatos e santos como homens singulares merecedores de grande admiração e que deveriam servir de exemplo para os demais. No caso das cerimônias de exéquias, diferentemente, esse louvor servia ainda para incitar o respeito e para aumentar o pesar e a saudade causados pela morte de pessoa tão virtuosa, como, por exemplo, se depreende das seguintes passagens do relato das festas em homenagem à D. Maria Ana de Áustria:

⁵⁹² MORGANTI, Bento. **Descrição funebre, das exequias, que a Basilica Patriarchal de S. Maria dedicou á memoria do Fidelissimo Senhor Rey Dom Joaõ V...** *op. cit.*, p. 19-20, 08-9. Os emblemas presentes nessa *Descriçãam* – que em muitos aspectos assemelha-se a um manual de educação de príncipes – referiam-se aos seguintes temas: religião, devoção ao Santíssimo, devoção às Almas, zelo da conservação e exaltação da Igreja Romana, esperança em Deus, amor de Deus, piedade para com os pobres, clemência, misericórdia, beneficência, amor da paz, sabedoria, prudência, segredo, diligência, magnanimidade, liberalidade, conservação da paz, conservação da neutralidade, conservação do reino, justiça, igualdade, constância, observância da palavra e administração da justiça ainda enfermo. Vd. Idem, p. 20-52.

⁵⁹³ **Oração funebre, das exequias do fidelissimo, e augustissimo rey D. Joaõ V. da saudosa memoria Celebradas na Basilica de Santa Maria. Offerecida ao fidelissimo, e augustissimo rey D. Jozeph I. Nosso senhor e recitada pelo M. R. P. Mestre Timotheo de Oliveira...** *op. cit.*, p. 45-6. As citações entre chaves {} estão impressas na margem do texto.

⁵⁹⁴ **Ecos funebres das vozes saudosas que chegarão de Portugal à Índia, pela morte do muito alto, poderoso e Fidelissimo Rey e senhor D. João V, comunicados ao mesmo Reyno de Portugal pelos religiosos da Companhia de Jesus da Província de Goa.** Lisboa: Officina de Francisco Silva, 1753 *apud* PEREIRA, João Castel-Branco (coord.). **Arte efêmera em Portugal...** *op. cit.*, p. 247.

Pôde enfim mostrar com o seu funebre ornato, que a pena desta morte chegava ás mesmas couzas insensíveis; e para que as suas vozes mudas se pudésem perceber, correo por conta das letras ajudar o luto, e explicar o sentimento. Desta sorte nem se via o luto, sem que se lesse a causa do sentimento, nem se lia a causa do sentimento, sem que a acompanhasse o luto. Por todos os lados encontravaõ os olhos Emblêmas, Epitaphios, e Elogiõs Sepulcrâes, que fazião a perda da Fidelissima Raînhã tanto mais sentida, quanto mais lembrada.

(...)

Seguiaõ se as Capellas, e os Pedestaes, que divîdem humas Capellas das outras; e em tudo encontravaõ os olhos dos Sentidos luto, e os dos Curiosos Emblêmas. No panno do meyo de cada hum dos arcos das Capellas se via pendente huma medalha de proporcionada grandeza, que ajuntando a Magestade, que representava, á que a arte dêo a esta Igreja, a fazia em tudo acrédora do respeito.

(...)

Os lados destas duas Capellas ajudáraõ a explicar o sentimento, que respirava todo o Templo; porque o seu funebre ornato animou nesta occasião os mesmos mármores: e fazendo a dor dos vivos éco nas mesmas pedras, eraõ estas com o seu triste ornato hum retrato dos nossos corações, e com os Emblemas hum clamor da nossa saudade, pelo que perdemos.⁵⁹⁵

Os emblemas, nas diversas cerimônias ocorridas no reino e domínios ultramarinos portugueses relacionadas com a Companhia de Jesus – festas promovidas por jesuítas, em homenagem a algum deles ou realizada em templo jesuítico – para além de agradarem os olhos e entreterem o entendimento, foram um instrumento para destacar virtudes, para incitar os ânimos ao louvor e à reverência. Serviram para propagar os preceitos cristãos, moralizando o público e incitando-o a seguir o exemplo de homens virtuosos aos quais os emblemas faziam referência. Ademais, foram um elemento de discurso político, assim como os sermões proferidos: exaltava-se a monarquia portuguesa e aproveitava-se para enfatizar a boa relação estabelecida entre ela e os jesuítas; louvava-se os novos beatos e santos, o que igualmente reverberava na propaganda e louvor à própria Companhia de Jesus⁵⁹⁶.

⁵⁹⁵ **Descrição das exequias, que a' fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, p. 20, 25, 35.

⁵⁹⁶ Merece destaque a ênfase dada pelos jesuítas à relação da monarquia portuguesa com a Companhia de Jesus. O Pe. Timotheo de Oliveira, na oração fúnebre proferida na Basílica de Santa Maria em ocasião da morte de D. João V, além de ressaltar que o monarca morreu justamente no mesmo dia em que Inácio de Loyola falecera quase dois séculos antes, exalta o fato de D. João V ter arcado com despesas dos oitavários em honra dos canonizados Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka e aponta que o rei fez os exercícios espirituais inicianos pouco antes de morrer e que se declarava um leigo da Companhia de Jesus. Vd. **Oração funebre, das exequias do fidelissimo, e augustissimo rey D. Joaõ V. da saudosa memoria Celebradas na Basílica de Santa Maria. Offerecida ao fidelissimo, e augustissimo rey D. Jozeph I. Nosso senhor e recitada pelo M. R. P. Mestre Timotheo de Oliveira...** *op. cit.*, p. 31, 38-40. Já na descrição da cerimônia de exéquias de D. Maria Ana de Áustria realizadas em Lisboa pelos Padres Procuradores das missões orientais, que constou inclusive de um emblema sobre as virtudes em que ela florescia por realizar os exercícios espirituais, afirmou-se que D. Maria Ana era a mãe da Companhia, mas que ela humildemente declarava ser apenas filha dessa Ordem religiosa. Nesse relato narra-se brevemente a história da Companhia de Jesus em Portugal, iniciada com a relação com D. João III, “o qual tinha por grande honra o appellidar-se *Pay da Companhia*”. Vd. **Descrição das exequias, que a' fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria...** *op. cit.*, (p. 26-7, 67-8). Na licença

4. 3. O uso de emblemas em edificações jesuíticas

Por fim, cabe-nos referir o uso de caráter permanente da emblemática em igrejas jesuíticas⁵⁹⁷. Ao contrário dos emblemas feitos para figurarem apenas numa determinada cerimônia, dos emblemas presentes em edificações nos restam testemunhos iconográficos⁵⁹⁸.

Não nos referiremos aqui aos inúmeros exemplos em que representou-se – seja nos tetos, seja nos púlpitos ou retábulos – o tão conhecido símbolo, tantas vezes chamado “emblema da Companhia de Jesus”, ou seja, o monograma “IHS” comumente cercado por raios de sol, encimado por uma cruz e sob o qual se veem três cravos em alusão à Paixão de Cristo (**Img. 47**).

do Ordinário concedida a essa *Descrição* impressa poucos anos antes da expulsão dos jesuítas, o autor da censura, Jozé Thomás Borges, aproveitou para fazer um grande louvor à Companhia de Jesus. Ele destacou o grande amor de D. Maria Ana de Áustria para com a Ordem jesuítica e explicou os “motivos” de tão grande afeto: “hum amor, como hereditario (...), que tomou novas forças com a educação, que na Corte Imperial recebêo de seus Mestres, e Confessores, filhos todos da Sagrada Companhia” e “que adquirio novos espiritos na Soberana aliança desta Princesa com o mayor Rey de Portugal, e ainda do Mundo todo, o Fidelissimo Senhor D. João o V (...). Hum amor emfim, augmentado com as experiencias, que lhe facilitou o intimo, e verdadeiro conhecimento da Companhia de JESUS, e do muito, que esta se emprega nas Missoes de todo o Oriente. Via, que os filhos desta esclarecida Religiao deixavaõ generosos os parentes, e as pátrias; que voluntários se desterravaõ da appetecida Europa, resolutos a sulcarem pélagos immensos, e devorarem perigos, que seriaõ bastantes a atemorizar a mesma audácia, e a desanimar a mesma valentia; e todos elles com a heróica resolução de dilatar nas Ilhas mais remotas, e nos climas mais distantes da Asia as conquistas do Reino de Christo; de desterrar as superstições da Gentilidade idólatra, e plantar sobre as ruínas do Paganismo as triunfâes bandeiras da Fé victoriosa. Via, que todos, e cada hum destes valerosos filhos do *Grande Ignacio*, como se tivessem hum coração de aço, e huma alma de vivo diamante, impacientes declaravaõ a ardente ancia de propagar a Ley do Redemptor, e sugeitar aos estandartes do Evangelho innumeráveis Colónias, e Provincias, Reinos, e Imperios (...). Reconhecêo a Magestada da Rainha Fidelissima, que estes zelosos Missionarios eraõ Alumnos da Companhia, mystico coração da Igreja: *Societas JESU cor Ecclesiae*; {Damian. de Lugones, Elog. Societ. pag. 10} e assim os constituio objecto do seu cuidado, amor, e protecção”. **Descrição das exequias, que a’ fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria... op. cit.**, Licença do Ordinário, Censura do M. R. Doutor Jozé Thomás Borges, Presbytero Secular, Academico do numero dos Arcades, &c. Lisboa, 11/05/1755, s/p. A citação entre chaves { } está impressa na margem do texto.

⁵⁹⁷ Para além disso, é digna de menção a referência, no *Catalogus Rerum Temporalium* de 1701, a uma cátedra *auro et emblematis figurata* existente no salão de atos literários do colégio jesuítico da Bahia. Vd. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus... op. cit.**, t. V, p. 96, 590.

⁵⁹⁸ Deve-se ter em mente que é possível ter havido emblemas em edificações jesuíticas que passaram por reformas ou que não existem mais. Mencionaremos apenas alguns exemplos supérstites.



Imagem 47⁵⁹⁹

A sacristia, local onde os jesuítas se preparavam e se vestiam para a celebração da missa e no qual o fiel podia entrar para se confessar, por exemplo, era comumente adornada com estátuas e pinturas e em algumas delas encontram-se símbolos e emblemas.

No teto da sacristia da setecentista Igreja jesuítica de Nossa Senhora do Rosário de Embu em São Paulo, por exemplo, como apontou Renata Martins, podem ser vistos símbolos da Paixão de Cristo (**Img. 48 e 49**).

⁵⁹⁹ Teto da nave da igreja do colégio jesuítico de Salvador, hoje Catedral Basílica de São Salvador. Fotografia de Belinda Neves extraída de NEVES, Belinda Maria de Almeida. **O bestiário na Igreja do Colégio da Companhia de Jesus em Salvador... op. cit.**, p. 29, Figura 08.



Imagem 48⁶⁰⁰



Imagem 49 (detalhe)⁶⁰¹

⁶⁰⁰ Teto da sacristia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Embu, do século XVIII. Fotografia extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. O porquê do escorpião e o estudo da tradição emblemática na arte colonial latino-americana... *op. cit.*, Figura 14.

No forro da sacristia de São Roque, em Lisboa (**Img. 50**), por sua vez, foram pintados, no final do século XVII, vários símbolos marianos baseados na Bíblia.

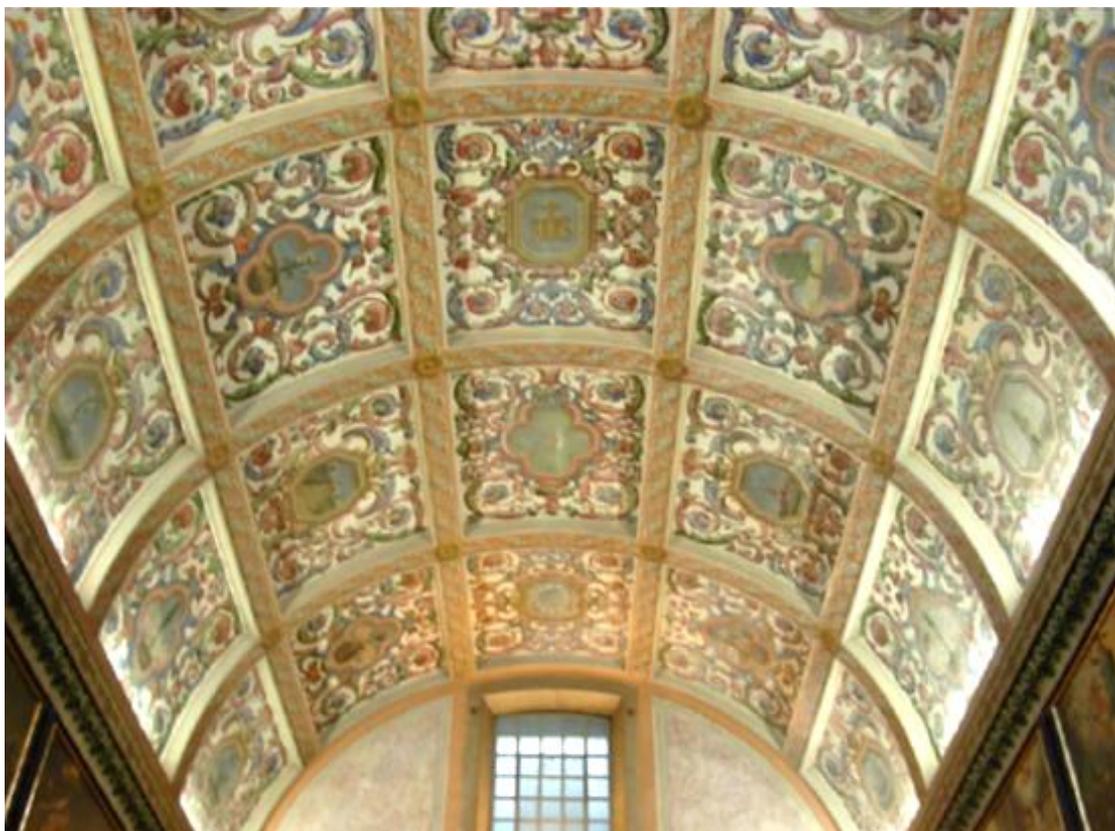


Imagem 50⁶⁰²

Símbolos alusivos à Virgem Maria figuram também no teto setecentista da sacristia da Igreja da Casa-Colégio da Madre de Deus em Vigia, no Grão-Pará, dividido em quatro caixotões (**Img. 51**). A diferença é que nesse caso as quatro imagens possuem lemas, o que os configura como emblemas marianos. São eles: “*Stella Maris*” (**Img. 52**), “*Electa vt Sol*” (**Img. 53**), “*Stella Matvtina*” (**Img. 54**) e “*Pvlchra vt Lvna*” (**Img. 55**).

⁶⁰¹ Fotografia de Renata Martins (fevereiro de 2012). Extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. *Um emblema volante... op. cit.*, p. 251.

⁶⁰² Teto da sacristia da Igreja de São Roque. Fotografia de Renata Martins (abril de 2007). Extraída de MARTINS, Renata Maria de Almeida. **Tintas da Terra, Tintas do Reino: arquitetura e arte nas Missões Jesuíticas do Grão-Pará (1653-1759)**. Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Luciano Migliaccio. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009, 2 vols., (vol. 1, p. 439, Figura 113).



Imagem 51⁶⁰³

⁶⁰³ Teto da sacristia da Igreja da Madre de Deus em Vigia. Essa imagem, bem como as que a seguem (**Img. 52-55**), são fotografias de Ricardo Hernán Medrano (julho de 2008). Extraídas de MARTINS, Renata Maria de Almeida. *Tintas da Terra, Tintas do Reino... op. cit.*, p. 450-2, Figuras 132-6.



Imagem 52 (detalhe)

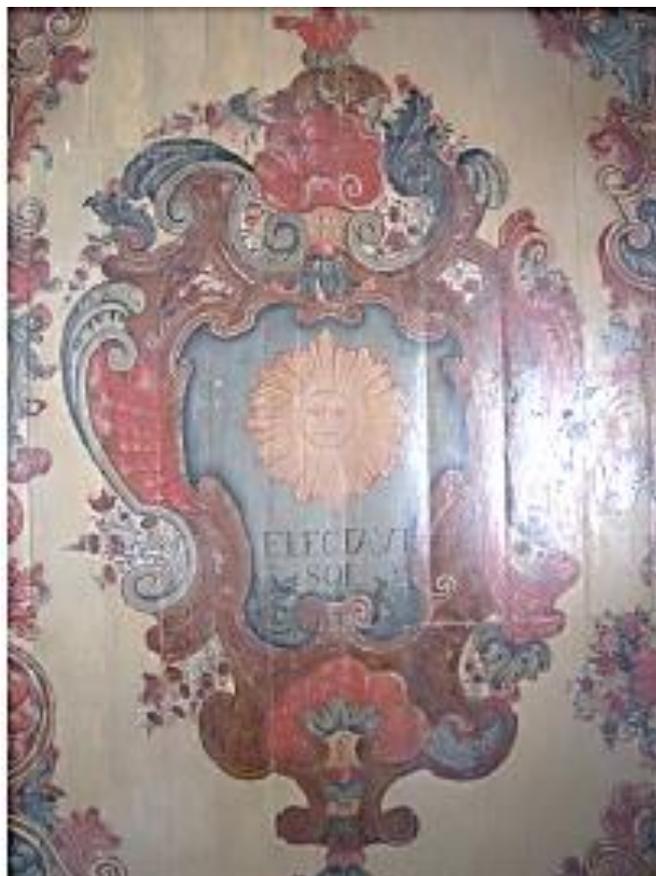


Imagem 53 (detalhe)



Imagem 54 (detalhe)



Imagem 55 (detalhe)

É de se destacar o caso de outros quatro emblemas presentes igualmente no forro da sacristia de um templo jesuítico paraense: o da Igreja de São Francisco Xavier do Colégio de Santo Alexandre em Belém⁶⁰⁴ (**Img. 56**), pintado no século XVIII⁶⁰⁵.



Imagem 56⁶⁰⁶

⁶⁰⁴ Originariamente Igreja de São Francisco, posteriormente ficou conhecida pelo nome do orago do Colégio, Santo Alexandre. Sobre essa igreja e sobre seu programa iconográfico, vd. LEITE, Serafim. O Colégio de S. Alexandre e a Igreja de S. Francisco Xavier, de Belém do Pará. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, 6, p. 221-40, 1942; LE BIHAN, Joseph Marie. A Igreja de Santo Alexandre: exemplo ímpar da poética jesuítica na Amazônia. In: **Feliz Lusitânia: Museu de Arte Sacra do Pará**. Belém: SECULT, 2005, p. 55-76; MARTINS, Renata Maria de Almeida. **Tintas da Terra, Tintas do Reino... op. cit.**, vol. 1, (p. 443-8).

⁶⁰⁵ A igreja passou por uma série de edificações, da segunda metade do século XVII a 1718 ou 1719. No *Catálogo deste colégio de Santo Alexandre, seus bens, oficinas, fazendas, servos, gados, dispêndios, e dívidas activas e passivas*, de cerca de 1720, que inclui um capítulo intitulado “Da Sacristia e do que lhe pertence”, não se menciona a pintura com emblemas do forro da sacristia, o que fez com que Renata Martins se indagasse sobre sua datação. MARTINS, Renata Maria de Almeida. **Tintas da Terra, Tintas do Reino... op. cit.**, vol. 1, p. 434. No inventário feito em ocasião da expulsão dos jesuítas (ARSI, Brasília 28) também não se menciona tal pintura.

No centro do teto, repleto de elementos fitomórficos, vemos pintada uma cartela ladeada e sustentada por dois anjos, que também seguram uma coroa. Na cartela, sob fundo azul, vemos uma cruz e três cravos, entre o que, de acordo com Renata Martins, haveria o monograma “IHS”⁶⁰⁷. Em cada um dos quatro cantos do forro vemos um emblema.

No primeiro deles, sob uma faixa vermelha onde se lê “*Nomen Terribile*” e com o lema “[F]vgat vt flget” – Afugenta ao brilhar – vemos um sol ardente e alguns pássaros sobrevoando um campo destruído e infértil (**Img. 57**).



Imagem 57 (detalhe)

Possivelmente esse emblema sobre o temível nome de Deus é baseado no capítulo 28 do Deuteronômio, no qual o homem é alertado, para além das bênçãos advindas da obediência, sobre as maldições⁶⁰⁸ que sofreria “Se não cuidares de observar todas as palavras

⁶⁰⁶ Teto da sacristia da Igreja do Colégio de Santo Alexandre em Belém do Pará. Essa imagem, bem como as **Imagens 57, 59, 60 e 62** são fotografias de Ricardo Hernán Medrano (julho de 2008) extraídas de MARTINS, Renata Maria de Almeida. **Tintas da Terra, Tintas do Reino... op. cit.**, vol. 1, p. 445-7, Figuras 119-20, 122, 124.

⁶⁰⁷ Idem, p. 447.

⁶⁰⁸ Dt. 28, 15: Mas se não obedeceres à voz do Senhor, teu Deus, se não praticares cuidadosamente todos os seus mandamentos e todas as suas leis que hoje te prescrevo, virão sobre ti e te alcançarão todas estas maldições.

desta lei, consignada neste livro, em sinal de reverência pelo nome glorioso e temível de Javé, teu Deus” (Dt. 28, 58).

Podemos vislumbrar na imagem correspondências com o texto bíblico: “será maldito (...) o fruto do teu solo” (Dt. 28, 8), “o céu que está por cima da tua cabeça será de bronze” (Dt. 28, 23), “Teu cadáver servirá de pasto a todas as aves do céu” (Dt. 28, 26), “Andarás às apalpadelas em pleno meio-dia como o cego na escuridão” (Dt. 28, 29), “Os frutos de tua terra e de teu trabalho serão comidos por um povo que não conheces” (Dt. 28, 33), “Lançarás sementes em abundância nos teus campos, mas colherás pouco, porque o gafanhoto devastará tudo. Plantarás a vinha, e dela cuidarás, mas não beberás vinho, nem nada colherás, porque o verme devorará tudo” (Dt. 28, 38. 39).

Ademais, “O Senhor suscitará contra ti das extremidades da terra uma nação longínqua, rápida como a águia” (Dt. 28, 49) que “devorará o fruto de teus rebanhos e os produtos de teu solo, até que sejas aniquilado, e nada te deixará, nem trigo, nem vinho, nem óleo, nem a cria de tuas vacas, nem os filhotes de tuas ovelhas, até a tua ruína” (Dt. 28, 51).

O modelo desse emblema pode ter sido a insígnia LI do *Ignatius insignium, epigrammatum et elogiorum* do jesuíta Carlo Bovio (**Img. 58**), que tem por lema “*Affulget, et fulgat*”. Jacob Bosch, em sua *Symbolographia* refere esse emblema dentre os símbolos sacros alusivos a “*S. Ignatius de Loyola. Ejus Vita & Miracula*”, infelizmente não ilustrado na obra⁶⁰⁹.

⁶⁰⁹ Vd. BOSCH, Jacob. *Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... op. cit.* (1702), p. 32 (n. 446).

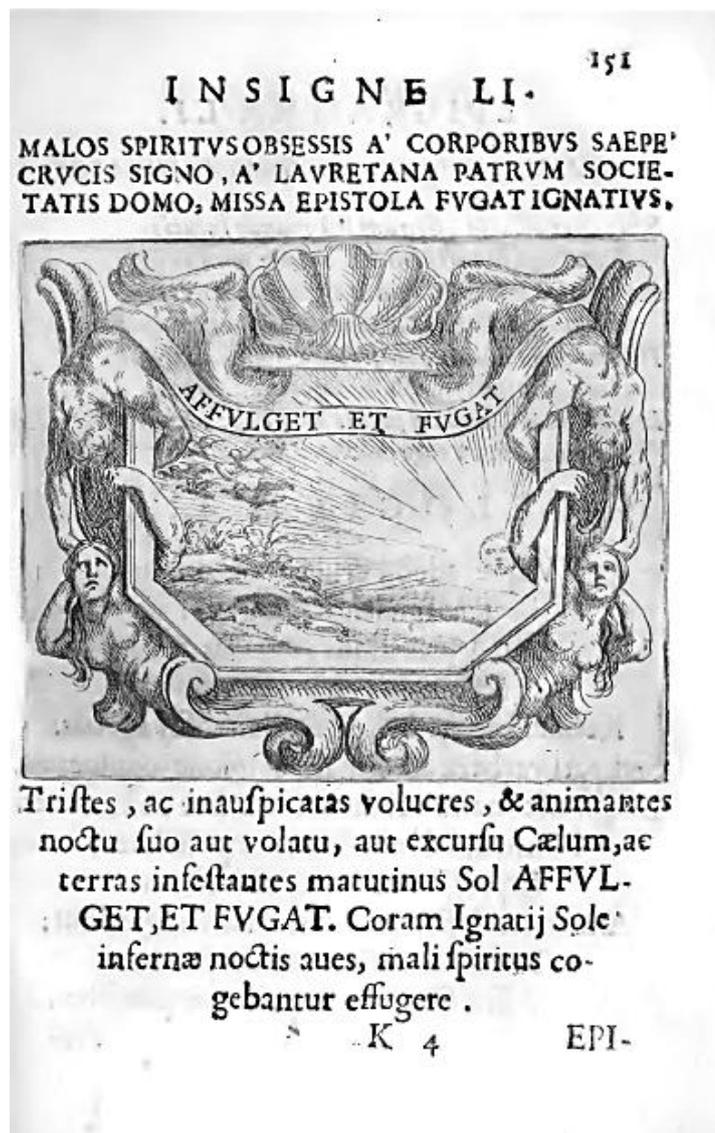


Imagem 58⁶¹⁰

No segundo emblema presente na sacristia de Belém vemos uma mão saída de uma nuvem segurando uma jarra com a qual verte óleo num vale. O lema é “*Lux cibus et medicina*” e numa faixa próxima se lê “*Nomen Admirabile*” (Img. 59).

⁶¹⁰ BOVIO, Carlo. *Ignatius insignium, epigrammatum et elogiorum... op. cit.*, p. 151.



Imagem 59 (detalhe)

A fonte do emblema é o sermão XV dos *Sermones super Cantica Canticorum* de São Bernardo de Claraval, em que ele associa ao nome do Senhor as propriedades do óleo de iluminar, nutrir e unguir: Ele seria luz para a mente, alimento para o coração e remédio para a alma⁶¹¹.

No terceiro emblema, com o lema “*Rejicit aut frangitur*”⁶¹², vemos uma mão saindo de uma nuvem segurando um escudo que quebra as flechas que o atingem (**Img. 60**). Numa tarja próxima lemos “*Nomen Invincibile*”.

⁶¹¹ *Est proculdubio inter oleum et nomen Sponsi similitudo, nec otiose Spiritus Sanctus alterutrum comparavit. Ego autem dico in triplici quadam qualitate olei, quod lucet, pascit et ungit, si vos melius non habetis. Fovet ignem, nutrit carnem, lenit dolorem: lux, cibus, medicina. Vide idem nunc et de Sponsi nomine. Lucet praedicatum, pascit recogitatum, invocatum lenit et ungit (5-6).*

⁶¹² Variante da sentença “*Aut repellit aut frangitur*” – ou repele ou se quebra. Giovanni Ferro, em seu *Teatro d’imprese*, nos fornece o exemplo da empresa de um “cavaleiro intrépido”, Cesare Martini, com esse mote e que tem por figura um escudo. Filippo Picinelli, na seção “*Applicationi varie dell’imprese*” de seu *Mondo simbolico*, associa essa máxima ao ressentimento e ao ânimo resoluto. Vd. FERRO, Giovanni. **Teatro d’imprese di Giovanni Ferro all’Ill^{mo}. e R^{mo}. S^t. Cardinal Barberino**. Veneza: Giacomo Sarzina, 1623, (Parte Prima, p. 626); PICINELLI, Filippo. **Mondo simbolico... op. cit.**, s/p. Vd. ainda MARTINS, Renata Maria de Almeida. *Un emblema volante... op. cit.*, p. 245-6.



Imagem 60 (detalhe)

A origem desse emblema pode ser buscada em várias passagens da Sagrada Escritura. A proteção de Deus, o “rei invencível que permanece para sempre” (Eclesiástico 18, 1), foi muitas vezes evocada através do significado do escudo e as flechas simbolizam os perigos e os inimigos. Lemos passagens que afirmam que “O meu escudo é Deus” (Sl. 7, 11), “escudo para os que caminham com integridade” (Pv. 2. 7).

No capítulo 22 do segundo Livro de Samuel, Ele é descrito como “meu escudo e força de minha salvação, minha cidadela e meu refúgio. Meu salvador, que me salvais da violência” (II Sm. 22, 3), “o escudo de todos os que nele se refugiam” (II Sm. 22, 31) e, além disso, diz-se que Ele dá ao homem o escudo que o salva (II Sm. 22, 36).

Ademais, “Sua fidelidade te será um escudo de proteção. Tu não temerás os terrores noturnos, nem a flecha que voa à luz do dia” (Sl. 90, 4. 5). Toda a Sua palavra “é provada, é um escudo para quem se fia nele” (Pv. 30. 5). Se deve abraçar ainda “o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno” (Ef. 6, 16).

Na *Symbolographia* de Jacob Bosch vemos um emblema semelhante, com o lema “*O no llegan o se quebran*” (**Img. 61**).



Imagem 61⁶¹³

Na faixa que encima o quarto e último emblema da sacristia da Igreja de São Francisco Xavier lemos “*Nomen Delectabile*”. Sob o lema “*Sonvm dvlcedo seqvetur*” – Que a doçura siga o som – vemos uma mão saindo de uma nuvem tocando uma sineta e abelhas próximas a um cortiço, local onde elas produzem o mel (Img. 62).

⁶¹³ BOSCH, Jacob. *Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... op. cit.* (1702), Class. II, Tab. XXII, n. CDLX, s/p.



Imagem 62 (detalhe)

Os dois elementos contidos no lema – o som e a doçura – encontram-se representados nesse emblema: a sineta e a abelha. Esse animal tido por virtuoso nos bestiários medievais e que, no *Physiologus*, é associado a Cristo, que teria dado o mel aos homens e, depois, se sacrificado por eles⁶¹⁴, foi associado à doçura em mais de uma passagem da Sagrada Escritura. Lemos, por exemplo, no Eclesiástico (11, 3): “Pequena é a abelha entre os seres alados: o que produz, entretanto, é o que há de mais doce”. Ademais, diz-se que “As palavras agradáveis são como um favo de mel; doçura para a alma e saúde para os ossos” (Pv. 16, 24).

A abelha foi utilizada num dos emblemas presentes no frontispício do *Mondo simbolico* de Filippo Picinelli, cujo lema é a máxima “*Vtile dvlci*”, aqui relacionada ao clérigo ou pregador, que deve visar o proveito e o deleite de seus ouvintes⁶¹⁵ (**Img. 63 e 64**). Um emblema semelhante encontra-se na *Symbolographia* de Jacob Bosch (**Img. 65**).

⁶¹⁴ PASTOUREAU, Michel. *Bestiari del Medioevo... op. cit.*, p. 277.

⁶¹⁵ Vd. PICINELLI, Filippo. *El mundo simbólico. Serpientes y animales venenosos. Los insectos*. Editado por Eloy Gómez Bravo, Rosa Lucas González e Bárbara Skinfill. Zamora, Michoacán: El Colegio de Michoacán, 1999, (p. 223).



Imagem 63⁶¹⁶

⁶¹⁶ Frontispício de PICINELLI, Filippo. *Mondo simbolico o sia vniversità d'imprese scelte, spiegate, ed'illstrate con sentenze, ed eruditioni sacre, et profane. Studioli diporti dell'abbate D. Filippo Picinelli milanese ne i canonici regolari lateranensi...* Milano: Per lo Stampatore Archiepiscopale, 1653.



Imagem 64 (detalhe)

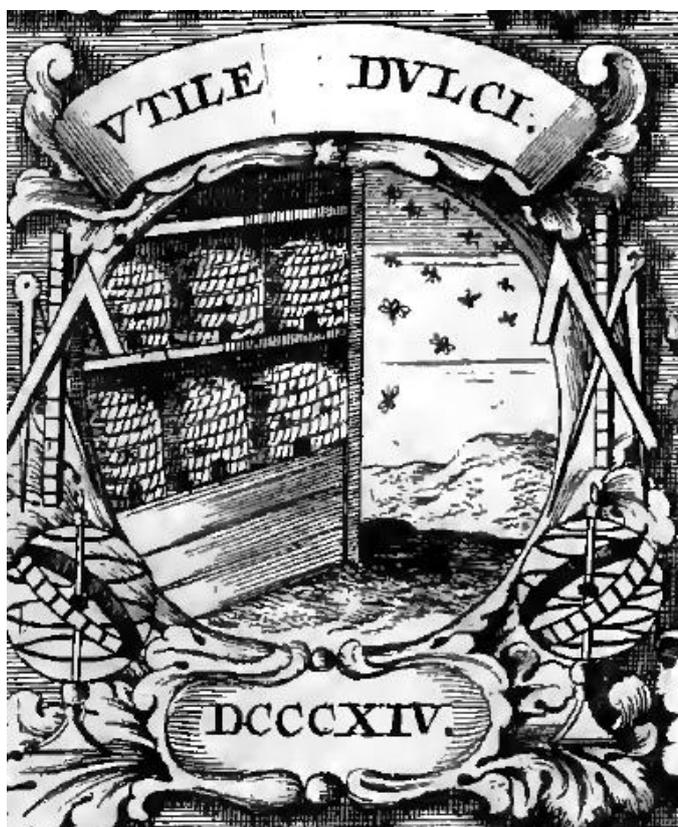


Imagem 65⁶¹⁷

⁶¹⁷ BOSCH, Jacob. *Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... op. cit.* (1702), Class. III, Tab. XLII, n. DCCCXIV, s/p.

A colmeia e as abelhas foram elementos utilizados na emblemática com muitos significados. Na *Descrição funebre, das exequias, que a Bazilica Patriarchal de S. Maria dedicou á memoria do Fidelissimo Senhor Rey Dom Joaõ V*, por exemplo, a virtude régia do segredo foi o assunto de um dos emblemas. Nele “se representava em hum cortiço, para onde entrava hum enxame de abelhas, (antigo jeroglyphico do segredo) e tinha por Epigrafe: *Ad negotium intus*”⁶¹⁸.

Um emblema composto sobre o mesmo tema figura no *Idea de un Principe Politico Christiano* de Diego de Saavedra Fajardo – “*Nvlli patet*”⁶¹⁹ (Img. 66) – e outro, na *Symbolographia* de Jacob Bosch – “*Nul n'en penetre les secrets*” (Img. 67).



Imagem 66⁶²⁰

⁶¹⁸ MORGANTI, Bento. *Descrição funebre, das exequias, que a Bazilica Patriarchal de S. Maria dedicou á memoria do Fidelissimo Senhor Rey Dom Joaõ V...* *op. cit.*, p. 37.

⁶¹⁹ Essa empresa aparece também no *Mundo simbolico* de Filippo Picinelli. Vd. PICINELLI, Filippo. *El mundo simbólico. Serpientes y animales venenosos. Los insectos...* *op. cit.*, p. 229-30.

⁶²⁰ FAJARDO, Diego Saavedra. *Idea de vn Principe Politico Christiano rapresentada en cien empresas dedicada al Principe de las Españas Nvestro Señor por Don Diego de Saavedra Faxardo Cauallero del Orden de S. Iago, del Consejo de su Magd: en el supremo de las Indias, i su Embajador Plenipotenciario en los Treze Cantones, en la Dieta Imperial de Ratisbona por el Circulo, i Casa de Borgona, i en el Congreso de Munster para la Paz General.* Milan: [s.n.], 1642, p. 471.



Imagem 67⁶²¹

Apesar de detestar o barulho, a abelha canta, especialmente quando voa próximo às flores da tília, árvore considerada musical⁶²². Nas *Geórgicas* (IV.67) Virgílio afirmou que o ronco das abelhas quando sobrevoam essa árvore “É a música mais doce que se pode ouvir, uma música que te levará ao reino dos deuses”⁶²³.

No *Teatro d’Imprese* de Giovanni Ferro, que dedica várias páginas a empresas com abelhas, encontra-se representada a empresa designada por Scipione Bargagli aos Acadêmicos Músicos de Siena, os Filomeli, na qual figuram abelhas que se reúnem ao som de pratos e objetos de cobre por conta da doçura da harmonia musical. O lema é “*Congregantvr sonitv*”⁶²⁴ (Img. 68).

⁶²¹ BOSCH, Jacob. *Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem... op. cit.* (1702), Class. II, Tab. XLV, n. DCCCLI, s/p.

⁶²² Vd. PASTOUREAU, Michel. *Bestiari del Medioevo... op. cit.*, p. 278, 280.

⁶²³ *Apud* Idem, p. 280.

⁶²⁴ FERRO, Giovanni. *Teatro d’imprese... op. cit.*, Parte Seconda, p. 66-78 (p. 70).

Imagem 68⁶²⁵

O mesmo conceito, como aponta Filippo Picinelli, pode ser aplicado, por exemplo, aos cristãos congregados na Igreja pela pregação evangélica ou aos homens errantes que se deixam encaminhar a Deus do mesmo modo que as abelhas dispersas se ordenam e retornam à colmeia ao ouvirem o som dos pratos de cobre⁶²⁶.

O emblema representado no forro da sacristia da Igreja de São Francisco Xavier, em que vemos as abelhas produtoras de mel seguirem o som da sineta tocada por uma mão saída de uma nuvem, com o qual encerramos a análise, é provavelmente derivado desses modelos.

Acreditamos que uma interpretação possível é a de que o emblema seja referente ao ministério da pregação. Pregação essa que deve ser feita visando o proveito e o deleite dos ouvintes, os quais devem seguir esse harmônico “som” sobre as doces palavras de Jesus e congregar-se na Igreja.

⁶²⁵ Idem, p. 68.

⁶²⁶ Vd. PICINELLI, Filippo. *El mundo simbólico. Serpientes y animales venenosos. Los insectos...* *op. cit.*, p. 201-2.

É importante frisar que uma maior dificuldade de apreender a mensagem contida nesses emblemas da sacristia paraense advém da ausência de epigramas e do fato de não haver sido escrita nenhuma relação em que eles foram interpretados, esclarecidos e comentados.

Lembremos, no entanto, que, à diferença dos emblemas que figuraram na arquitetura efêmera armada nas ruas e daqueles pintados nos escudos de figuras de procissão ou em carros alegóricos que desfilavam pela cidade, os emblemas presentes nas sacristias não eram vistos por uma quantidade de pessoas muito grande além dos próprios padres – para quem a mensagem dos emblemas era certamente clara.

Conclusão

Neste trabalho tivemos a pretensão de investigar os usos da emblemática feitos pelos jesuítas da Assistência portuguesa da Companhia de Jesus, Ordem religiosa que explorou largamente as potencialidades do elemento imagético.

Os jesuítas foram responsáveis em grande medida pela difusão e produção desse tipo de linguagem simbólica formado a partir da junção da forma de expressão escrita com a visual que floresceu nos círculos humanísticos renascentistas. Decerto, a composição de emblemas foi, para os jesuítas, muito mais do que um exercício literário que exigia agudeza de engenho e conhecimento dos clássicos.

Ao esboçar um quadro da emblemática portuguesa, Rubem Amaral Júnior apontou para as baixas quantidade e qualidade de livros com emblemas produzidos nesse país – destacando as limitações de mercado, a tardia e parca produção editorial marcada pela presença de adaptações e traduções de obras estrangeiras – e chamou a atenção para o uso da emblemática aplicada⁶²⁷.

A razão dessa carência de obras com emblemas saídas de prensas portuguesas certamente está relacionada tanto com a ausência de uma forte tradição na arte da gravura em Portugal – se compararmos esse país a grandes centros gravuristas produtores de livros com emblemas –, quanto com o alto custo de impressão de obras ilustradas. Se pensarmos no século XVIII, no entanto, diante da prosperidade do reinado de D. João V e da importação de técnicas e gravadores estrangeiros, esses aspectos mostram-se apenas fatores de influência e não causa *de per se* da debilidade da literatura emblemática portuguesa.

Concluimos, com o estudo por nós desenvolvido, que a produção emblemática dos jesuítas da Assistência portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII foi coerente com o restante da produção emblemática em Portugal: se não teve destaque nos livros impressos, esteve abundantemente presente nas celebrações e figurou ainda em edificações.

De fato, não encontramos nenhuma obra impressa de literatura emblemática de autoria de um jesuíta da Assistência portuguesa. Apenas temos notícia de um livro saído da pena do Pe. António Vieira⁶²⁸, hoje infelizmente desaparecido. Fora isso, em dois frontispícios de

⁶²⁷ AMARAL JÚNIOR, Rubem. Portuguese Emblems... *op. cit.*, p. 136.

⁶²⁸ Obra intitulada *Emblemas moraes à Rainha D. Luíza Francisca de Gusmão*, de acordo com MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana...*, t. I, p. 425.

crônicas da Companhia de Jesus, a do Pe. Baltasar Teles⁶²⁹ e a do Pe. Simão de Vasconcelos⁶³⁰, foi feito uso de emblemas a fim de ressaltar a expansão da Ordem jesuítica pelo mundo e de fazer propaganda da fecundidade de seu ministério missionário.

Localizamos também alguns vestígios e alusões a emblemas em textos, reflexos da significativa circulação – e recepção – de livros estrangeiros de literatura emblemática na Assistência portuguesa da Companhia. A circulação dessas obras no espaço lusitano entre os séculos XVI e XVIII é passível de ser averiguada através dos inventários de bibliotecas de colégios jesuíticos tanto de Portugal quanto de seus domínios ultramarinos, a maioria deles feitos aquando da expulsão da Companhia dos territórios portugueses.

Para além dos catálogos de livros pertencentes a bibliotecas de colégios jesuíticos, mapeados por Henrique Leitão e Luana Giurgevich⁶³¹, deve-se atentar ainda para a existência de inventários de outros tipos de livreria jesuítica, como por exemplo a biblioteca da Fazenda de Santa Cruz no Rio de Janeiro, cujo rol de obras foi transcrito e analisado num artigo que escrevemos com Marília de Azambuja⁶³².

Por estarmos mais preocupados com a produção e significado do uso da emblemática pelos jesuítas da Assistência portuguesa e não com a circulação de obras estrangeiras em terras lusitanas, nos eximimos, neste estudo, de realizar o sem dúvida interessante trabalho que poderia ser feito com esses catálogos de livros.

Nessas bibliotecas de instituições educacionais havia obras com emblemas escritas por leigos, por jesuítas e, em menor medida, por religiosos de outras Ordens. A maioria dos autores são de origem espanhola, seguidos pelos belgas e italianos. Os emblemas foram utilizados nesses livros para tratar de matérias variadas e não apenas para difundir a mensagem cristã. Muitos livros continham emblemas “morais” e “políticos”, como se enuncia em vários dos títulos presentes nas livrerias.

O livro de Andrea Alciato, marco inicial da literatura emblemática, por exemplo, podia ser encontrado nas estantes das bibliotecas da Casa Professa de São Roque em Lisboa e do Colégio de São Francisco Xavier em Setúbal. O livro comemorativo do primeiro

⁶²⁹ TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do qve fizeram, nas conquistas d’este Reyno...** *op. cit.*; _____. **Chronica da Companhia de Iesv, da provincia de Portugal. Segvnda parte...** *op. cit.*

⁶³⁰ VASCONCELOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesv do estado do Brasil...** *op. cit.*

⁶³¹ GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique. Para um estudo das antigas bibliotecas jesuítas: catálogos, inventários e listas de livros. **Brotéria**, 175, p. 161-8, 2012.

⁶³² RIBEIRO, Marília de Azambuja; SANTOS, Luísa Ximenes. A livreria da Fazenda de Santa Cruz. In: ENGEMANN, Carlos; AMANTINO, Marcia (orgs.). **Santa Cruz: de legado dos jesuítas a pérola da Coroa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 145-79.

centenário da Companhia de Jesus, o *Imago primi saeculi*, por sua vez, bastante difundido, podia ser consultado, entre outros, no Colégio do Rio de Janeiro.

Chama a atenção a quantidade de bibliotecas que possuíam exemplares da obra do Pe. Francisco Garau, provavelmente devido à sua publicação em Lisboa em 1687, caso, por exemplo, dos colégios de Santo Antão, de São Francisco Xavier do Paraíso e de São Patrício – todos na corte lisboeta – e dos colégios do Barro (Torres Vedras), de Nossa Senhora da Conceição (Santarém), de São Francisco Xavier (Setúbal) e do Rio de Janeiro. O *Mondo simbolico* de Filippo Picinelli era outra obra bastante presente nas livrarias dos colégios jesuíticos tanto do reino quanto do ultramar.

Vale ressaltar, contudo, que a simples presença do livro nas bibliotecas não necessariamente significa que o mesmo foi lido; apenas indica que estava à disposição, passível de ser consultado. Deve-se levar em consideração, portanto, que a não ser que haja registros de que a leitura foi feita, através de citações, menções à obra ou impressões que causou no leitor, não parece possível apreender o processo de recepção de um livro. De fato, é através de outros meios que não os catálogos de obras que compõem uma livraria que podemos perceber esse fenômeno.

A recepção de livros de emblemática estrangeiros pode ser vislumbrada em alguns escritos de autoria jesuítica ou relativo à Companhia de Jesus, como, por exemplo, a relação das festas em ocasião da beatificação do Pe. Francisco Xavier em Lisboa, na qual aparece citada, explicada e adaptada uma “empreza que tirou hum sabio” – Camillo Camilli – em seu “*lib. de le impresse*” (*Imprese illustri*. Veneza, 1585)⁶³³.

No livro segundo das *Notícias antecedentes, curiosas e necessárias das cousas do Brasil*, o Pe. Simão de Vasconcelos menciona rapidamente o *Imago primi saeculi*, cuja primeira edição veio à luz na Antuérpia menos de trinta anos antes⁶³⁴. O *Imago* foi citado ainda na oração fúnebre proferida pelo clérigo regular Manoel Caetano de Sousa nas exéquias do Pe. António Vieira celebradas na Igreja de São Roque em 1697 e impressa em 1730⁶³⁵ e na

⁶³³ **Relaçam das festas qve a Religiam da Companhia de Iesv fez em a Cidade de Lisboa, na Beatificaçam do Beato P. Francisco de Xauier... op. cit.**, s/p.

⁶³⁴ VASCONCELOS, Simão de. **Crônica da Companhia de Jesus... op. cit.**, vol. I, Livro Segundo das *Notícias antecedentes, curiosas e necessárias das cousas do Brasil*, §41, p. 133.

⁶³⁵ **Oração funebre nas exéquias do Reverendissimo Padre Antonio Vieira Da Companhia de JESU, Prégador dos Reys D. Joaõ IV. D. Affonso VI. e D. Pedro II. Que na Igreja de S. Roque fez celebrar o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes Em 17. de Dezembro de 1697... op. cit.**, p. 40.

relação das festas celebradas pelos jesuítas do Colégio de Braga em ocasião das canonizações de Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka escrita por João de Oliveira impressa em 1728⁶³⁶.

Na novela alegórica intitulada *História do predestinado peregrino e de seu irmão Precito* (Évora, 1682) escrita pelo Pe. Alexandre de Gusmão – diretor e fundador do Colégio de Belém da Cachoeira na Bahia –, o protagonista, o predestinado, ao se deparar com a figura da Obediência, pede que ela lhe fale sobre seu nascimento e condição e que lhe explique “os segredos de tantos enfeites”, pois ela lhe parece “um emblema de Alciato ou um hieróglifo de Pierio [Valeriano]”⁶³⁷.

Já o Pe. João Antonio Andreoni, em seu *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* saído de prensas lisboetas em 1711, citou o primeiro tomo do *Lux Evangelica* do Pe. Hendrik Engelgrave, impresso pela primeira vez na Antuérpia em 1648⁶³⁸. O jesuíta Inácio Vieira (1678-1739), por sua vez, em seu tratado de astrologia e quiromancia cita a *Hieroglyphica* de Pierio Valeriano⁶³⁹. Essa obra, bem como a de Andrea Alciato, foram citadas ainda numa oração fúnebre feita por Amaro Pereira Payva nas exéquias de D. João V celebradas na Sé de Salvador⁶⁴⁰.

Poderíamos aludir ainda ao sermão proferido nas exéquias de D. Pedro II na Igreja de Santo António dos Portugueses em Roma pelo jesuíta Miguel Dias, assistente pelas províncias de Portugal nessa cidade, no qual ele afirmou que “(...) podemos com muita propriedade gravar aquelle celebre Emblema, que os Egypcios costumavaõ antigamente esculpir no jaspe, que cubria as urnas dos seus Reys defuntos”⁶⁴¹.

As referências a livros com emblemas e a emblemas específicos com certeza são muitos e estão dispersos em diferentes tipos de escritos e citados em textos que tratam de temáticas igualmente variadas.

⁶³⁶ OLIVEIRA, João de. **Relação das festas com que o Collegio de Saõ Paulo da Companhia de Jesus da Cidade de Braga, celebrou em hũ Solemne Triduo a Canonizaçaõ dos seus gloriosos Santos Luiz Gonzaga, e Estanislao Kostka...** *op. cit.*, p. 142.

⁶³⁷ Vd. transcrição da edição lisboeta de 1685 em MASSIMI, Marina (org.). **A novela História do predestinado peregrino e de seu irmão Precito (1682)...** *op. cit.*, p. 111.

⁶³⁸ ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas.** Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana, 1711, p. 124.

⁶³⁹ VIEIRA, Inácio. **Tratado da Astrologia; Tratado de Quiromancia da autoria de Inácio Vieira** (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscrito da Livraria n.º 2132). Referências na Sec. 1ª “Louvores da mão em geral” do Cap. 1º “Do que pertence à mão em Comum” da Parte 1ª “Chirumansia Astrologica” (f. 96r-98r).

⁶⁴⁰ **Primeira oração funebre, nas exequias, que se fizeram no estado do Brazil á morte do Fidelissimo Rey Nosso Senhor D. Joaõ V. Na Sé da Cidade da Bahia. Disse-a Huma voz não menos sentida que lastimada.** Lisboa: Na Officina de Francisco da Silva, 1752, p. 10-1.

⁶⁴¹ **Sermam nas exequias delrey nosso senhor Dom Pedro II. que pregou o R. P. Miguel Dias da Companhia de Jesus, assistente pelas províncias de Portugal em Roma, na Igreja de Santo Antonio da Naçaõ Portugueza no anno de 1707.** Roma: Na Officina de Antonio da Rosa, 1707, p. 03-4.

Sem dúvida a recepção das obras estrangeiras que circulavam em Portugal e em seus domínios reverberou nos emblemas presentes nas cerimônias realizadas pelos jesuítas da Assistência portuguesa, em honra de algum de seus membros ou ocorridas em igrejas da Companhia, bem como nos emblemas pintados em edificações jesuíticas. A pesquisa pelas fontes dos lemas e por emblemas semelhantes na literatura emblemática, para ressaltar mais um dentre os pontos nos quais não nos detivemos pelas limitações inerentes a um trabalho de dissertação, com certeza revelariam isso.

Para investigar o uso da emblemática nessas cerimônias ligadas à Companhia de Jesus em Portugal analisamos relações descritivas impressas. Pudemos, então, vislumbrar que tal uso remonta aos primeiros anos de existência da Ordem inaciana e estendeu-se praticamente até a expulsão da Companhia dos territórios lusitanos. A primeira vez em que foram utilizados emblemas, pelo que sabemos, foi em 1544, numa cerimônia de recebimento de relíquias realizada no Colégio de Coimbra. O último testemunho que identificamos desse uso, por sua vez, foi na cerimônia de exéquias de D. Maria Ana de Áustria promovida pelos Padres Procuradores das missões do Oriente na Igreja do Colégio de Santo Antão em Lisboa em 1754.

Certamente a investigação de outros escritos, como por exemplo a narrativa de uma festa feita por uma pessoa que dela participou, poderia ser elucidativa⁶⁴². Como a nossa intenção era atestar a presença da emblemática nas celebrações, fazer um simples esboço da mesma e compreender o motivo do uso desse tipo de linguagem escrita e visual, não analisamos essas outras fontes, nem impressas nem manuscritas.

Nas cerimônias de beatificação, canonização e exéquias, nas quais se exibia o fausto e o poder tanto da Igreja Católica quanto da monarquia portuguesa, vimos que as finalidades do uso da emblemática foram religiosas, moralizantes e políticas. Os emblemas serviram, nessas ocasiões, sobretudo para ressaltar as virtudes da pessoa homenageada; virtudes claramente ligadas à moral cristã.

Ao ser utilizada como instrumento para exaltar a excelência dos novos beatos e santos jesuítas, a emblemática serviu naturalmente para louvar a Companhia de Jesus. Ademais, através de emblemas enalteciam-se as ações e qualidades de um rei ou rainha de Portugal aquando de sua morte, servindo a emblemática, portanto, de elemento de propaganda política da monarquia, cuja boa relação com a Ordem jesuítica era ratificada. Os motivos apontados

⁶⁴² Para o caso da solenidade de recebimento das relíquias em 1588, por exemplo, tem-se o *Memorial* de Pero Roiz Soares, de que se serviu José Adriano Carvalho: CARVALHO, José Adriano de Freitas. Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Cruz (Coimbra 1595)... *op. cit.*

nas relações descritivas para tal relação “amistosa”, vale destacar, tenderam igualmente a uma defesa, louvor e propaganda da própria Companhia.

O uso da emblemática feito pelos jesuítas em cerimônias na Assistência portuguesa foi bastante diversificado. Os emblemas figuraram seja nas ruas, pintados em escudos de figuras de procissão, na arquitetura efêmera ou nos carros triunfais; seja nos edifícios, afixados nas paredes ou no interior das igrejas, visíveis nas colunas, nas faces de mausoléus ou em medalhas penduradas em tarjas. Os testemunhos da utilização da emblemática nessas cerimônias sobremaneira simbólicas extrapolaram esses emblemas pintados, apesar de eles serem os mais comuns, tendo havido ainda “emblemas vivos” e “emblemas interativos”.

Quase todos os emblemas descritos nas relações impressas tinham lemas escritos em latim, cujas fontes – bíblicas, de autores cristãos ou de autores clássicos – foram poucas vezes explicitadas. Os epigramas, por sua vez, provavelmente por motivos de ordem prática, foram pouco utilizados. Os elementos que compunham a imagem foram bastante variados, como personagens da história evangélica ou da mitologia, partes do corpo humano, elementos geográficos, corpos celestes, fenômenos da natureza, minerais, vegetais e animais.

Pelo que indicam as fontes, o uso de emblemas em cerimônias parece ter sido mais recorrente no reino. No entanto, devemos levar em conta que nem todas as festas realizadas foram descritas em relações impressas, principalmente aquelas ocorridas nos domínios ultramarinos. Não surpreende que as relações de festas datem sobretudo do Setecentos devido a um maior desenvolvimento da tipografia em Portugal, da prosperidade do reinado joanino e da política de ostentação simbólica do poder monárquico.

Quanto à presença de emblemas em edifícios da Companhia de Jesus, tratamos apenas de testemunhos supérstites dos quais tivemos conhecimento através da historiografia. Certamente outros exemplos podem ser encontrados em futuras investigações. Ademais, deve-se ter em conta que pode ter havido emblemas pintados em edifícios jesuítas não mais existentes, situação bastante comum nos colégios da América portuguesa, como o do Recife e o do Morro do Castelo no Rio de Janeiro. Outros, cujos edifícios ainda existem, encontram-se descaracterizados em relação à decoração original, caso do Pátio do Colégio em São Paulo. Talvez uma pesquisa de fôlego por certos documentos, como aqueles referentes a reformas ou contratos de artífices, pudesse nos dar algum indício da existência de emblemas em edifícios jesuítas.

O uso da emblemática foi atestado nas sacristias de duas igrejas ligadas a instituições de ensino administradas pela Ordem jesuítica: a Igreja da Casa-Colégio da Madre de Deus em

Vigia e a de São Francisco Xavier do Colégio de Santo Alexandre em Belém, ambas do século XVIII.

Se no primeiro caso os emblemas são claras alusões à Virgem Maria, os da sacristia da igreja do Colégio de Belém têm significados mais complexos e são derivados de trechos da Sagrada Escritura e de emblemas extraídos da literatura emblemática.

Chama a atenção o fato de esses emblemas estarem situados nas sacristias, ou seja, num ambiente semipúblico frequentado sobretudo pelos próprios jesuítas, lugar contemplativo e de preparação para a missa e de agradecimento pela mesma. Nisso diferiam, portanto, dos emblemas presentes nas cerimônias, que se apresentavam à vista de um público bastante variado que incluía tanto uma grande multidão de “povo” quanto a mais alta nobreza e mesmo a família real; tanto leigos quanto religiosos.

Os jesuítas da Assistência portuguesa, bastante convictos da utilidade do elemento imagético e influenciados pelo humanismo no que tange ao estudo dos clássicos, serviram-se da emblemática como instrumento para comunicar a um público vário: para transmitir-lhe a mensagem cristã, para moralizá-lo e para propagar discursos políticos de defesa e louvor da monarquia e da própria Companhia de Jesus.

Como vimos, esse uso da emblemática pelos jesuítas foi feito desde os primeiros anos após a fundação da Companhia. Eles se utilizaram dessa linguagem simultaneamente escrita e visual no conturbado período de reforma em que a Igreja Católica defendeu a utilidade das imagens perante o iconoclasmo protestante; dela fizeram uso também no século XVII, mesmo em meio às críticas feitas pelos seguidores do pensamento de Cornelius Otto Jansen – os jansenistas – à Companhia de Jesus, aí inclusa a censura ao demasiado uso do símbolo feito pelos membros dessa Ordem; e continuaram a utilizá-la no século XVIII.

Como depreendemos das relações descritivas de cerimônias e dos testemunhos supérstites de emblemas nas sacristias paraenses, a emblemática foi largamente utilizada pelos jesuítas da Assistência portuguesa até as vésperas de sua expulsão, em 1759. Esses membros da Companhia de Jesus, portanto, serviram-se dessa linguagem simbólica no século normalmente apontado como o da “morte” da emblemática e do declínio do simbolismo de modo geral. Mas também século de prosperidade para o Portugal joanino, século de desenvolvimento tipográfico, de grande circulação de artistas e de livros e de realização de suntuosas festas no reino e nos domínios ultramarinos portugueses.

Referências

Fontes manuscritas

ASSUNÇÃO, José da. **Vita SS. Patris N. Aurelij Augustini, variis et eruditiss emblematibus, quae sibimetipsi autoritatibus Sanctus Pater applicat, per tres libros méthodo poética explanatur** (1745). Biblioteca Nacional de Lisboa, Cod. 1230.

BRUNO, Cristóvão. **Arte da Memória** (1627). Biblioteca da Universidade de Coimbra, Mss. 44.

CAMPOS, Francisco Antonio de Novaes. **Príncipe Perfeito. Emblemas de D. João de Solórzano, Parafrazeados em Sonetos portuguezes, e offerecidos ao Serenissimo Senhor D. João Príncipe do Brasil. Pello Baxarel Francisco Antonio de Novaes Campos. Anno de 1790**. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Ms I-14-1-11.

CASTELBRANCO, Vasco Mousinho Quevedo de. **Dialogos de Varia doctrina illustrados com Emblemmas**. Biblioteca Nacional de Lisboa, Cod. 13167, mss. incompleto.

Declamação e emblemas por ocasião da morte da mesma Rainha [D. Maria Sofia Isabel]. Biblioteca da Universidade de Coimbra, Ms. 346, “Papéis vários”.

DEL SOTO, Carlos. **Theatro Moral da Vida Humana representada em cento, e tres quadros. Sacado do poeta Horatio por Otto Venio. Explicados em outros tantos discursos Moraes** (1695). Biblioteca da Universidade de Coimbra, Ms. 3109.

EMBLEMAS e enygmata varios. Biblioteca Pública de Évora, Cod. CVIII/1-24, CIX/1-2, CXII/1-38 e CXII/1-7.

Festas que se fizeram pelo casamento del Rey D. Affonso VI. Coleção D. Manuel II, Inv. BDM II, XCVIII.

LÓPEZ, Diego. **Declaração Magistral sobre os emblemas de Andre Alciato com todas as historias, antiguidades, moralidade, e doutrina, tocante aos bons costumes por Diogo Lopes, natural de Valença, da Ordem de Alcantara; tradusido em o idioma português por Theotónio Cerqueira, e Barros Caualeiro Proffesso da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, e natural da villa da Barca da Provincia do Minho**. Biblioteca Nacional de Lisboa, Cod. 9221.

MELO, Francisco Manuel de. **Arte e Simbolatória e Tratado das Insígnias Religiosas, Militares e Políticas**.

_____. **Verdades pintadas e escritas**.

Notícias diversas. Biblioteca da Universidade de Coimbra, Ms. 2552.

Papéis vários. Biblioteca da Universidade de Coimbra, Ms. 35.

PURIFICAÇÃO, Gabriel da. **Emprezas Lusitanas contra Castelhanas Empresas** (1663).

TINOCO, Luís Nunes. **A pheniz de Portugal prodigioza** (1687). Biblioteca da Ajuda, Ms. 52-VIII-37.

_____. **A Pheniz de Portugal prodigioza em seus nomes D. Maria Sofia Isabel Raynha Serenissima, & Srã Nossa em cuja Augustissima Entrada por Artes Liberaes em curiozos Anagrammas se mostra felizmente renovada a Idade de Ouro do Anno de 1687.** Biblioteca da Universidade de Coimbra, Ms. 346, “Papéis vários”.

_____. **Compendio triunfal da real fabrica e pompa luzitana... del rey D. Pedro II de Portugal com... Maria Sofia Isabel.** Biblioteca do Congresso de Washington, MS. P-209, Portugueses Collection, nº 182, Ac. 3498C.

VIEIRA, António. **Emblemas moraes à Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ.**

VIEIRA, Inácio. **Tratado da Astrologia; Tratado de Quiromancia da autoria de Inácio Vieira.** Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscrito da Livraria n.º 2132.

Fontes impressas

ALCIATO, Andrea. **De verborum significatione, libri quatuor.** Lugduni: Sébastien Gryphius, 1530.

_____. **Emblematum Liber.** Augsburg: Heinrich Steyner, 1531.

_____. **Il libro degli emblemi secondo le edizioni del 1531 e del 1534.** Introduzione, traduzione e commento di Mino Gabriele. Milano: Adelphi Edizioni, 2009.

_____. **Livret des emblemes.** Paris: Wechel, 1536.

ÁLVARES, Manuel. **De constructione octo partium orationis Emanuelis Aluaris Lusitani e Societate Iesu libellus Nunc primum in lucem editus.** Venetiis: Michaellem Tramezinum, 1570-1.

_____. **De constructione octo partium orationis liber Emanuelis Aluaris Lusitani Cum explicationibus auctoris eiusdem.** Venetiis: Apud Michaellem Tramezinum, 1571.

_____. **De institutione grammatica liber primus [tertius].** Dilingae: S. Mayer, 1572(-1574), 3 vols.

_____. **De institutione grammatica libri tres Excudebat Ioannes Barrerius typographus regius.** Olyssipone: Ioannes Barrerius, 1572.

_____. **Emmanuelis Aluari è Societate Iesu De institutione grammatica libri tres.** Olyssipone: Ioannes Barrerius, 1572.

AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2005 [2000].

Anais da Biblioteca Nacional, vol. 83, 1963. Brasiliana da Coleção Barbosa Machado. Catálogo organizado pela bibliotecária Rosemarie Horch. Divisão de Publicações e Divulgação, 1967, n. 107.

ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana, 1711.

ARISTÓTELES. **De anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2012.

ARZUBIALDE, Santiago. **Ejercicios espirituales de S. Ignacio. Historia y Análisis**. Bilbao; Santander: Mensajero; Sal Terrae, 1991.

ASSUNÇÃO, José da. [Cod. 1230 da Biblioteca Nacional de Lisboa] [Texto policopiado]: **Vita SS. Patris N. Aurelij Augustini, variis et eruditissimis emblematis, quae sibimetipsi auctoritatibus Sanctus Pater applicat, per tres libros método poética explanatur: Operà. et stúdio P. Magistri Fr. Iosephi ab Assumptione, olysipponensis, augustiniani ordinis alumni anno Domini 1745**. Breve apresentação diplomática por Rubem Amaral Júnior. Belgrado: [s. n.], 2005.

ÁVILA, Teresa de. **Œvres**. Paris: [s.n.], 1964.

AZEVEDO, Juan Velázquez de. **Fénix de Minerva y Arte de Memoria**. Madrid: Juan Antonio Bonet, 1626.

BACKER, Augustin de; BACKER, Alois de; SOMMERVOGEL, Charles. **Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus ou notices bibliographiques 1^o de tous les ouvrages publiés par les membres de la Compagnie de Jésus depuis la fondation de l'Ordre jusqu'à nos jours 2^o des apologies, des controverses religieuses, des critiques littéraires et scientifiques suscitées a leur sujet par Augustin de Backer de la Compagnie de Jésus avec la collaboration d'Alois de Backer et de Charles Sommervogel de la même Compagnie. Nouvelle édition refondue et considérablement augmentée. Tome deuxième H-Q**. Liège; Lyon: Chez l'auteur A. de Backer; Chez l'auteur C. Sommervogel, 1872.

BAIÃO, André. **Elogia Epigrammata et Emblemata**. Roma: Francesco Cavalli, 1641.

BAÑOS Y VELASCO, Juan. **L. Anneo Séneca ilustrado en blasones políticos, y morales**. Madrid: [s.n.], 1670.

BARROS, João Borges de. **Relação panegírica das honras funeraes, que às memorias do muito alto, e muito poderoso Senhor Rey Fidelíssimo D. João V. consagrou a Cidade da Bahia Corte da America Portuguesa: escrita, e dedicada ao Excellentissimo, e Reverendíssimo Senhor D. Joseph Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, Primaz dos Estados do Brasil, do Conselho de Sua Magestade, pelo Doutor João Borges de Barros, Mestre-Escola da Santa Sê da Bahia, Protonotario Apostolico de Sua Santidade, e Desembargador Numerário da Relação Ecclesiastica: com huma collecção de cinco**

Orações Fúnebres, e varias Poesias, Latinas, e Vulgares. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1753.

BELLARMINO, Roberto. **Dottrina Christiana dell' Ill.mo e R.mo Card. Rob. Bellarmino figurata d' Imagini.** Augusta: appresso Christophoro Mango, 1614.

BETTENDORFF, João Felipe. **Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão.** Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria do Estado da Cultura do Pará, 1990.

Bibliotheca latino poetica, varia complectens opuscula latinorum poetarum e societate jesu qui in lusitana Peovincia florent... Nunc primùm collecta, digestaque opera ac studio P. M. Didaci Camarae, 2 vols. Ulyssipone: ex pracio Michaelis Manescal da Costa, 1754.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Dogmatico, etc. autorizado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinos, e oferecido a el-rey de Portugal D. João V.** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728, 8 vols.

BORJA, Francisco de. **Meditaciones in praecipua Evangelia pro diebus Dominicis et Festis totius anni.** In: **S. Francisci Borgiae Opera Omnia**, livro VII. Amberes: [s.n.], 1675, p. 228ss.

_____. **Meditaciones para todas las dominicas y ferias del año y para las principales festividades.** Madrid: [s.n.], 1912.

BORJA, Juan de. **Empresas morales a la S. C. R. M. del Rey Don Phelipe, Nuestro Señor, dirigidas por Don Juan de Borja de su Consejo y su Embaxador cerca de la M. Caesarea del Emperador Rodolpho II.** Praga: [s.n.], 1581.

_____. **Empresas morales de Don Juan de Borja, Conde de Mayalde, y Ficallo. Dedicadas a la S. C. R. M. del Rey Don Carlos II. Nuestro Señor, Don Francisco de Borja.** Bruselas: por Francisco Foppens, Impressor y Mercader de Libros, 1680.

BOSCH, Jacob. **Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem...** Augsburg: Johan Kaspar Bencard, 1701.

_____. **Symbolographia sive de Arte Symbolica Sermones septem. Auctore R. P. Jacobo Boschio e Societate Jesu. Quibus accessit Studio & Operâ Ejusdem sylloge celebriorum symbolorum in qvatvor divisa classes sacrorum, heroicorum, ethicorum, et satyricorum bis mille iconismis expressa. Praeter alia totidem ferme Symbola ordine suo fusiùs descripta cum suis rervm, figvrarvm, et lemmatum indicibus. Cum Facultate Superiorum.** Augustae Vindelicorum & Dilingae: Apud Joannem Casparum Bencard, 1702.

BOVIO, Carlo. **Ignatius insignium, epigrammatum et elogiorum centuriis expressus Carolo Bovio.** Romae: Typis Ignatij de Lazeris, 1655.

BUDÉ, Guillaume. **Annotationes in XXVI libros Pandectarum.** Paris: [s.n.], 1508.

CAMILI, Camillo. **Imprese illustri**. Veneza: [s.n.], 1585.

CAMPOS, Francisco António de Novaes. **Príncipe Perfeito: Emblemas de D. João de Solórzano**. Edição fac-similada do manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro oferecido ao Príncipe D. João em 1790. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.

CAMPOS, Manoel de. **Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias q̃. se leuáram à igreja de S. Roque da companhia de IESV aos. 25. de Janeiro de 1588. Pello Licenciado Manoel de Campos**. Lisboa: per Antonio Ribeiro, 1588.

_____. **Relación del solemne recebimiento que se hizo en Lisboa a las santas reliquias que se llevaron a la yglesia de San Roque, de la Compañia de Jesús, a veinte y cinco de Enero 1588, Traducida en Castellano por Álvaro de Veancos**. Alcalá: En casa de Juan Yñiguez de Lequerica, 1589.

CANISIO, Pietro. **Institutiones Christianae, seu parvus catechismus catholicorum, Precipua Christianae pietatis capita complectens: Primum quidem a P. Joanne Baptista Romano, Societas Iesu, in rudiorum et idiotarum gratiam, iuxta SS. Concilii Tridentini decretum sess. 25, imaginibus distinctus, nunc vero... eleganter expressus**. Antverpiae: Excudebat Christophorus Plantinus, Architypographus Regius sibi et Philippo Gallaeo, 1589.

CASTELBRANCO, Vasco Mousinho Quevedo de. **Discvrso sobre a vida, e morte, de Santa Isabel Rainha de Portugal, & outras varias Rimas. Por Vasco Mousinho de Castelbranco. Dirigido ao Excellentissimo Senhor Duque, Dom Aluaro de Lancastre**. Lisboa: Por Manoel de Lyra, à custa de Esteuão López mercador de liuros, 1596.

CASTRO, Antonio de. **Fisionomía de la virtud y del vicio, al natural, sin colores, ni artificios**, vol. 1. Valladolid: por Ioseph de Rueda, Impressor de la Real Chancilleria, 1676.

Cathechismus ex Decreto Concilii Tridentini ad Parochos. Venetiis: Apud Aldum, 1575.

CAUSSIN, Nicolas. **De symbolica Aegiptiorum sapientia**. Paris: [s.n.], 1618.

CHAGAS, António das. **Suspiros e saudades de Deus**. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1830.

CHIAPPETTA, Angélica. Uma arte da memória do séc. XVII. In: MUHANA, Adma; LAUDANNA, Mayra; BAGOLIN, Luiz Armando (orgs.). **Retórica**. São Paulo: Annablume; IEB, 2012, p. 63-89.

CICERONE, Marco Tullio. **Dell'oratore**. Con un saggio introdutivo di Emanuele Narducci. Texto latino a fronte. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2006.

Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599]. Regime escolar e curriculum de estudos. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

COLONIA, Domenico de. **De arte rhetorica**. Lyon: [s.n.], 1704.

COLONNA, Francesco. **Hypnerotomachia Poliphili**. Veneza: Aldo Manuzio, 1499.

Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu. Lisboa; Coimbra, 1592-1606.

COVARRUBIAS, Sebastián de. **Tesoro de la lengua castellana o española.** Madrid: por Luis Sanchez, impressor del Rey N S., 1611.

DAVID, Jan. **Veridicus Christianus.** Antuérpia: Ex Officina Plantiniana, 1601.

DE JOUVANCY, Joseph. **Magistris Scholarum inferiorum Societatis Iesu de ratione discendi et docendi ex decreto Congregat. Generalis XIV.** Firenze: [s.n.], 1703.

DE LA PUENTE, Luis. **Meditaciones espirituales**, 1. Barcelona: [s.n.], 1884.

DE LAS BROZAS, Francisco Sánchez. **De arte dicendi liber unus.** Salamanca: exudebat Andrea de Portonariis, 1556.

Descripção das exequias, que a' fidelissima rainha de Portugal a senhora D. Maria Anna de Austria, De feliz, e saúdoza Memoria, celebraraõ os PP. Procuradores Das Missoes do Oriente da Companhia de Jesus No Real Collegio dos Estudos Geraes desta Corte, nos dias 24, e 25 de Setembro de 1754; e Oração funebre, que disse o M. R. Padre Mestre Estanislao Manso Da mesma Companhia de Jesus, lente de Prima que foy de Theologia no Real Collegio das Artes da Universidade de Coimbra, Consultor do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e actual Lente de Moral no mesmo Collegio dos estudos Geraes. Lisboa: Na Officina de Joaquim Tavares de Almeida, 1755.

DESLANDES, Venâncio. **Documentos para a história da tipografia portuguesa nos séculos XVI e XVII.** Reprodução fac-símile do exemplar com data de 1888 da Biblioteca da INCM. Introdução de Artur Anselmo. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988.

DONATI, Alessandro. **Ars poetica.** Roma: [s.n.], 1631.

Ecos funebres das vozes saudosas que chegarão de Portugal à Índia, pela morte do muito alto, poderoso e Fidelissimo Rey e senhor D. João V, comunicados ao mesmo Reyno de Portugal pelos religiosos da Companhia de Jesus da Província de Goa. Lisboa: Officina de Francisco Silva, 1753.

ELIANO, Giovanni Battista. **Dottrina Christiana nella quale si contengono li principali misteri della nostra fede rappresentati con figure per instruzione de gl'Idioti, e di quelli che non sanno leggere. Conforme a quello, che ordina il Sacro Concilio Tridentino nella Sessione XXV. Composta dal P. Gio: Battista Romano della Compagnia di Iesu.** Roma: Nella Stamperia de Vincentio Accolti in Borgo, 1587.

Emblemas, e poesias, Com que se adornou a Caza Professa do Bom Jesus de Goa, Quando nelle se celebraraõ as Exequias Do Illustris. e Excellentis. Senhor D. Luiz de Menezes Conde da Ericeira, Marquez do Lourical, segunda vez Viso-Rey, e Capitão General do Estado da India. [S.l.]: [s.n.], [1745?].

ENGELGRAVE, Hendrik. **Lux Evangelica.** Antuérpia: [s.n.], 1648.

ESOPPO. **Fábulas completas**. Tradução de Maria Celeste C. Dezotti. Apresentação de Adriane Duarte. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

EXPECTAÇÃO, António da. **A estrella d'alva a sublimissima, e sapientissima mestra da Santa Igreja, a Angelica Serafica Doutora, Mystica, Sta Theresa de Jesus, May, e filha do Carmelo, matriarcha, e fundadora da sua Sagrada Reforma: suas illustres, e heroicas obras; suas raras, e prodigiosas maravilhas, em diversos discursos, e Sermões Panhegyricos ponderadas**. Lisboa: Officina Real Deslandense, 1710; Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1716; Lisboa: João Galvão, 1727.

FAJARDO, Diego Saavedra. **Idea de vn Principe Politico Christiano rapresentada en cien empresas dedicada al Principe de las Españas Nvestro Señor por Don Diego de Saavedra Faxardo Cauallero del Orden de S. Iago, del Consejo de su Magd: en el supremo de las Indias, i su Embajador Plenipotenciario en los Treze Cantones, en la Dieta Imperial de Ratisbona por el Circulo, i Casa de Borgona, i en el Congreso de Munster para la Paz General**. Milan: [s.n.], 1642.

_____. **Idea de vn Principe Politico Christiano. Representada en cien Empresas. Dedicada al Principe de las Españas Nvestro Señor. Por Don Diego Saavedra Fajardo del Consejo de su Magestad en el Supremo de las Indias, i su Embajador extraordinario en Mantua i Esquizaros i Residente en Alemania**. Monaco: en la emprenta de Nicolao Enrico, 1 de Marzo de 1640.

FERRO, Giovanni. **Teatro d'imprese di Giovanni Ferro all' Ill^{mo}. e R^{mo}. S^r. Cardinal Barberino**. Veneza: Giacomo Sarzina, 1623.

FONSECA, Pedro da. **Institutionum Dialecticarum Libri octo**. Coimbra: [s.n.], 1564.

_____. **Commentariorum Petri Fonsecae D. Theologi Societatis Jesu in Libros Metaphysicorum Aristotelis Stagiritae Tomus primus. Continet hic Tomus quatuor primorum Librorum explicationem**. Romae: Apud Franciscum Zanettum, & Bartholomæum Tosium socios, 1577.

FRANCO, António. **Promptuario de syntaxe: dividido em duas partes... pelo Padre Antonio Franco, da Companhia de Jesu...** Lisboa: na Officina de Miguel Deslandes Impressor de Sua Magestade, 1699.

GAMA, Leonarda Gil da. **Reyno de Babilonia ganhado pelas armas do Emypyreo; discurso moral escrito por Leonarda Gil da Gama, natural de Cintra**. Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira, 1749.

GARAU, Francisco. **El Olimpo del sabio instruido de la naturaleza y segunda parte de las maximas politicas, y morales, ilustradas con todo genero de erudicion sacra y humana**. Barcelona: Antonio e Baltasar Ferrer, 1680.

_____. **El sabio instruido de la naturaleza: en quarenta maximas politicas, y morales: ilustradas con todo genero de erudicion sacra, y humana. Por el R. P. Francisco Garau, de la Companhia de Jesus, catedratico de prima de Theologia escolastica en el Colegio de Barcelona: primera parte [-segunda...]; sacale a luz Jacinto Dou, ciudadano honrado de Barcelona...** Lisboa: en la imprenta de Theotonio Craesbeeck de Mello, Impressor de su Magestad, a su costa impresso, y de Antonio Leyte Pereira mercader de livros, 1687.

_____. **El sabio instruido de la naturaleza en quarenta maximas politicas, y morales, ilustradas con todo genero de erudicion sacra, y humana.** Barcelona: Em Casa Cormellas, por Vicente Suria, à costa de Antonio Ferrer, 1675.

_____. **El sabio instruido de la naturaleza en quarenta maximas politicas, y morales, ilustradas con todo genero de erudicion sacra, y humana...** Valencia: Jaime de Bordazar, à costa de Asensio Duarte (pseudônimo do autor), 1690.

_____. **Tercera parte del sabio instruido de la naturaleza con esfuerzos de la verdad... alegados en quarenta y dos máximas políticas y Morales ilustradas con todo genero de erudición... contra las vanas ideas de la Política de Machiavelo.** Barcelona: Imprenta de Cormellas, por Tomás Loriente, 1700.

Gazeta de Lisboa, n. 37, 14 de setembro de 1751.

GUSMÃO, Alexandre de. **História do predestinado peregrino e de seu irmão Precito.** Évora: [s.n.], 1682.

_____. **História do predestinado peregrino e de seu irmão Precito.** Lisboa: [s.n.], 1685.

HERRERA, Cristóbal Pérez de. **Discursos del amparo de los legítimos pobres, y reducción de los fingidos: y de la fundación y principio de los Albergues destes Reynos, y amparo de la milicia dellos. Por el Doctor Christóval Pérez de Herrera, Protomédico por su Magestad de las galeras de España, natural de la ciudad de Salamanca. Dirigidos al Poderosíssimo Príncipe de las Españas, y del Nuevo Mundo, Don Filipe III. nuestro señor, &c.** Madrid: por Luis Sánchez, 1598.

HIPPONA, Agostinho de. **Las Confesiones.** Trad. Ángel Custodio Vega. Madrid: [s.n.], 1974.

HORAPOLLO. **Hieroglyphica.** Veneza: Aldo Manuzio, 1505.

_____. **Hieroglyphica.** Augsburg: [s.n.], 1515.

_____. **Hieroglyphica.** Paris: Kerver, 1543.

HUGO, Herman. **Pia Desideria, authore Hermanno Hugone è Societate Jesu. Editio novissima, Recognita & Emendata.** Lugduni: Sumpt. Petri Guillimin, in vico Bellæ-Corderiæ, 1679.

_____. **Pia Desideria Emblematis Elegiis et affectibus S.S. patrum illustrata.** Antverpiæ: Vulgavit Boetius a Bolswert Typis Henrici Ærtssenii, 1624.

Imago Primi Saecvli Societatis Iesv a Provincia Flandro-Belgica eivsdem-Societatis repraesentata. Antuerpiæ: Ex. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1640.

Index librorum proibitorum. Coimbra: [s.n.], 1559.

Index librorum proibitorum. Roma: [s.n.], 1559.

IZQUIERDO, Sebastián. **Opus Theologicum**, 2 tomos. Roma: Varese, 1664, 1670.

_____. **Pharus Scientiarum...** Lugduni: sumpt. Claudii Bourgeat, et Mich. Lietard, 1659, 2 vols.

_____. **Practica de los ejercicios espirituales del N. Padre S. Ignacio**. Roma: por Varese, 1665.

_____. **Practica dos Exercicios Espirituaes de S. Ignacio. Pelo Padre Sebastiam Izquierdo da Companhia de Jesus. Tradusida pelo P. Manoel de Coimbra Beneficiado da Magdalena. Offerecida Ao mesmo inclyto Patriarca S. Ignacio de Loyola, & a seus generosos filhos**. Lisboa: Na Officina de Joaõ Galraõ, 1687.

KIRCHER, Athanasius. **Obelisci Ægyptiaci interpretatio hieroglyphica Athanasii Kircheri**. Rome: Varessii, 1666.

_____. **Turris Babel; sive, Archontologia qua primo priscorum post diluvium hominum vita...** Amsterdam: Jansson-Waesberg, 1679.

LE MOYNE, Pierre. **De l'Art des Devises**. Paris: S. Cramoisy, 1666.

LE ROY, Marin. **Le théâtre moral de la vie humaine**. Bruxelles: François Foppens, 1678.

LOBO, Francisco Rodrigues. **Corte na Aldeia, e Noites de Inverno de Francisco Rodriguez Lobo; offerecido ao Senhor Dom Duarte Marques de Frechilha, & de Malagaõ**. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1619.

LÓPEZ, Diego. **Declaración Magistral sobre las Emblemas de Andrés Alciato con todas las Historias, Antigüedades, Moralidad, y Doctrina tocante a las buenas costumbres. Por Diego López, natural de la Villa de Valencia de la Orden de Alcántara. Dirigido a Don Diego Hurtado de Mendoza, Cauallero de la Orden de Santiago, Señor de la casa de Mendoza, de la Corçana, y sus Villas, Capitán, y Diputado General de la Prouincia, Ciudad de Victoria, y Hermandad de Álaua, por el Rey Nuestro Señor**. Nájera: por Iuan de Mongastón, a costa del Autor, 1615.

_____. **Declaração Magistral sobre os emblemas de Andre Alciato com todas as historias, antigvidades, moralidade, e doutrina, tocante aos bons costvmes** [Texto policopiado] **por Diogo Lopes; traduzido em o idioma portugues por Theotónio Cerqueira de Barros; Breve apresentação e transcrição diplomática por Rubem Amaral Júnior**. [S.l.]: [s.n.], 2006.

LOYOLA, Inácio de. **Autobiografia de Inácio de Loyola**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____. **Exercitia Spiritualia**. Romae: apud Antonium Bladum, 1548.

_____. **Esercittii Spirituali**. Roma: appresso l'Erede di Manelfo Manelfi, 1649.

_____. **Esercittii Spirituali**. Roma: Varese, 1663.

MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Chronologica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente; por Diogo Barbosa Machado, Ulyssiponense, Abbade Reservatario da Paroquial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real.** Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759.

MASEN, Jacob. **Speculum imaginum veritatis occultae, exhibens symbola, emblemata, hieroglyphica, aenigmata, omni, tam materiae, quam formae varietate, exemplis simul, ac praeceptis illustratum.** Coloniae: I. A. Kinckius, 1650.

MASSIMI, Marina (org.). **A novela *História do predestinado peregrino e de seu irmão Precito* (1682). Compêndio dos saberes antropológicos e psicológicos dos jesuítas no Brasil colonial.** São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MENDO, Andrés. **Príncipe perfecto y ministros aiustados: documentos políticos y Morales em emblemas.** Lyon: [s.n.], 1642.

_____. **Príncipe perfecto y ministros aivstados, docvmentos politicos, y morales. En Emblemas. Por el R. P. Andrés Mendo, de la Compañia de Iesvs, Calificador del Consejo de la Inquisicion Suprema, Lector de Theologia, y de Sagrada Escritura en Salamanca...** Leon de Francia: a costa de Horacio Boissat y George Remevs, 1662.

MENDONÇA, Francisco de. **Viridarium sacrae, ac profanae ervditionis, a P. Francisco de Mendouça Olysiponensi, Societatis Iesv...** Lvgdvni: Sumptibus Iacobi Cardon, 1632.

_____. **Viridarium sacrae, et profanae ervditionis, a R. P. Francisco de Mendouça Olysiponensi, Soc. Iesv, Doctore Theologo, Olim in Conimbricensi Academia Primario Eloquentia Magistro, & Philosophiae Professore, postea in Eborensi diuinorum Oraculorum Interprete, constrvctvm, et a P. Francisco Machado eiusdem Soc. Theologo, florum collectore, denuò excvltvm, Nunc auctius tersiúsque lucem videt.** Lvgdvni: Sumptib. Lavrentii Anisson, & Soc., 1649.

MENESTRIER, Claude-François. **La Philosophie des images. Composée d'un ample Recueil de Devises, et du Jugement de tous les Ouvrages qui ont été faits sur cette Matiere,** 2 vols. Paris: R. J. B. de La Caille, 1682-1683.

_____. **La Philosophie des Images Enigmatiques. Ou il est traité des Enigmes, Loteries, Hieroglyphiques, Talismans, Oracles, Songes, Propheties, Centuries de Nostradamus, Divinations.** Lyon: H. Baritel, 1694.

_____. **L'art des Emblèmes.** Paris: R. J. B. de La Caille, 1684.

_____. **L'Art des emblèmes où s'enseigne la morale par les figures de la fable, de l'histoire, & de la nature.** Lyon: Benoist Coral, 1662.

MONTALDO, Orazio. **Caesaris Cottae assertiones.** Milão: [s.n.], 1612.

MONTANO, Benito Arias. **Humanis salutis monumenta.** Amberes: Christophorus Plantinus, 1571.

MONTENAY, Georgette de. **Emblèmes, ou devises chrestiennes.** Lyon: [s.n.], 1571.

Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta. Series Prima. Sancti Ignatii de Loyola Societatis Jesu fundatoris. Epistolae et Instructiones, Tomus Primus. Matriti: Typis Gabrielis Lopez del Horno, 1903.

Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta. Series Prima. Sancti Ignatii de Loyola Societatis Jesu fundatoris. Epistolae et Instructiones, Tomus Secundus. Matriti: Typis Gabrielis Lopez del Horno, 1904.

Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta. Series Prima. Sancti Ignatii de Loyola Societatis Jesu fundatoris. Epistolae et Instructiones, Tomus Tertius. Matriti: Typis Gabrielis Lopez del Horno, 1905.

Monumenta Paedagogica Societatis Iesu. Nova editio ex integro refecta (1540-1556), vol. I. Romae: Apud Monumenta Historica Soc. Iesu, 1965.

Monumenta Paedagogica Societatis Iesu. Nova editio penitus retractata (1557-1572), vol. III. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974.

MONZÓN, Francisco de. **Avisos espirituales. Que enseñan como el sueño corporal sea prouehoso al spiritu. Compuesto por el Doctor Francisco de Monçon; Norte de Ydiotas. Compuesto y revisto por el doctor Francisco de Monçon. A donde se trata un exercicio muy spiritual y prouehoso. Visto y aprouado por los Deputados de la sancta Inquisición.** Lisboa: en casa de Ioannes Blauio de Colonia, 1563.

MORGANTI, Bento. **Descripção funebre, das exequias, que a Bazilica Patriarchal de S. Maria dedicou á memoria do Fidelissimo Senhor Rey Dom Joaõ V. Escrita, e delineada por Bento Morganti, Beneficiado na mesma Igreja, Com a Oração Funebre, que nas mesmas Exequias recitou o M. R. Padre Mestre Timotheo de Oliveira, Da Companhia de JESUS, Confessor da Serenissima Princeza do Brasil Nossa Senhora. Offerecido tudo á Magestade Fidelissima de Dom Jozé I. Nosso Senhor Pelos Conegos da mesma Basilica.** Lisboa: Na Officina de Francisco da Silva, 1750.

NADAL, Jerónimo. **Adnotationes et meditationes in Evangelia quae in sacrosancto Missae sacrificio toto anno leguntur; cum Evangeliorum concordantia historiae integritati sufficienti.** Amberes: Martinus Nutius, 1594.

_____. **Adnotationes et meditationes in evangelia quae in sacrosancto missae sacrificio toto anno leguntur; Cvm evangeliorvm concordantia historiae integritati sufficienti. Accessit & Index historiam ipsam Evangelicam in ordinem temporis vitae Christi distribuens. Auctore Hieroymo Natali Societatis Iesv Theologo.** Antuerpiae: excudebat Martinus Nutius, 1595.

_____. **Evangelicae historiae imagines ex ordine Evangeliorum quae toto anno in Missae sacrificio recitantur, inordine temporis vitae Christi digestae.** Amberes: Martinus Nutius, 1593.

OLIVEIRA, João de. **Relação das festas com que o Collegio de São Paulo da Companhia de Jesus da Cidade de Braga, celebrou em hū Solemne Triduo a Canonizaçõ dos seus gloriosos Santos Luiz Gonzaga, e Estanislaõ Kostka em Julho de 1727. sendo Reitor o M.R.P.M. Bento Viegas, escrita por Joaõ de Oliveira natural de Braga.** Lisboa Occidental: Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.

Oração funebre, das exequias do fidelissimo, e augustissimo rey D. Joaõ V. da saudosa memoria Celebradas na Basilica de Santa Maria. Offerecida ao fidelissimo, e augustissimo rey D. Jozeph I. Nosso senhor e recitada pelo M. R. P. Mestre Timotheo de Oliveira, Da Companhia de Jesus, Confessor da Princeza N. Senhora. Lisboa: Na Officina de Francisco da Sylva, 1750.

Oração funebre nas exequias delRey fidelissimo, o senhor D. Joaõ V. As quaes lhe fez na Se Primacial de Braga seu irmão, o serenissimo senhor D. Joseph, arcebispo, e senhor de Braga, Primaz das Hespanhas. Recitou-a o M. R. P. M. Xavier da Costa da Companhia de Jesus, Lente de Prima de Theologia no Collegio de S. Paulo da mesma Cidade, e Examinador Synodal do Arcebispado Primaz. In: **Relação das exequias, que na morte delRey fidelissimo o senhor D. Joaõ V. mandou fazer na Cathedral de Braga o serenissimo senhor, Dom Joseph, arcebispo, e senhor da mesma cidade, Primaz das Hespanhas. Escrita por Rodrigo Joseph de Faria, Beneficiado em S. Thomé da Correlhãa, e Bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones.** Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1751.

Oração funebre nas exequias do Reverendissimo Padre Antonio Vieira Da Companhia de JESU, Prégador dos Reys D. Joaõ IV. D. Affonso VI. e D. Pedro II. Que na Igreja de S. Roque fez celebrar o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes Em 17. de Dezembro de 1697. Disse-a o P. D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular, hoje do Conselho de S. Magestade, Pro-Commissario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e Censor da Academia Real; Mandada imprimir por ordem de S. Magestade. Vay no fim huma Relaçõ daquelle Acto. Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1730.

ORTIZ, Lorenzo. **Ver, oír, oler, gustar, tocar. Empresas que enseñan y persuaden su buen uso en lo político y en lo moral.** Leon de Francia: en la emprenta de Anisson, Posuel y Rigaud, a costa de Francisco Brugieres, y Compañia, 1687.

O Sacrosanto, e Ecumenico Concilio de Trento Em Latim, e Portuguez: Dedicã, e Consagra aos Excell., e Rev. Senhores Arcebispos, e Bispos da Igreja Lusitana, Joaõ Baptista Reycend. Lisboa: Na Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781, tomo II.

PALLAVICINO, Sforza. **Trattato dello stile e del dialogo.** Roma: [s.n.], 1662.

PALEOTTI, Gabriele. **Discorso intorno alle imagini sacre et profane.** Bologna: [s.n.], 1582.

Pentateuco. Faro: Samuel Gacon, 1487.

PAYVA, Sebastião da Fonseca e. **Relaçam da magnifica, e sumptuosa pompa fvneral Com que o Real Convento de Palmella da Ordem Militar de Santiago, celebrou as Exequias da Serenissima Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Isabel de Neobvrg, Sendo**

Prior mor o Illustrissimo & Reverendissimo Senhor D. Francisco Lobo da Silveira, do Concelho de Magestade. Dedicada a Serenissima Senhora Nossa D. Catherina Rainha da Gran Bertanha. Pelo P. Sebastiam da Fonseca, e Payva Capellaõ Compositor que foy da sua Real Capella, Mestre Presidente do Hospital Real de todos os Santos, & ao presente Freire Capitular, & Mestre da Capella, no Real Convento de Palmella. Lisboa: Na Oficina dos Herdeiros de Domingos Carneiro, 1699.

Physiologus. Roma: [s.n.], 1587.

Physiologus. Antuérpia: Oficina Plantiniana, 1588.

PICINELLI, Filippo. **El mundo simbólico. Serpientes y animales venenosos. Los insectos.** Editado por Eloy Gómez Bravo, Rosa Lucas González e Bárbara Skinfill. Zamora, Michoacán: El Colegio de Michoacán, 1999.

_____. **Mondo simbolico o sia vniversità d'imprese scelte, spiegate, ed'illvstrate con sentenze, ed eruditioni sacre, et profane. Stvdiosi diporti dell'abbate D. Filippo Picinelli milanese ne i canonici regolari lateranensi...** Milano: Per lo Stampatore Archiepiscopale, 1653.

PIETRASANTA, Silvestro. **De Symbolis Heroicis Libri IX.** Antverpiae: Plantin et Moretus, 1634.

PINTO, Héctor. **Imagen de la vida cristiana.** Coimbra: [s.n.], 1563.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz.** Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

POMEY, François. **Candidatus rhetoricae.** Lyon: [s.n.], 1659.

POSSEVINO, Antonio. De Poesi, et Pictura Ethica vel fabulosa collatis cum vera, honesta et sacra. In: _____. **Bibliotheca Selecta, Pars secunda, Liber XVII.** Romae: [s.n.], 1593.

PRAZERES, João dos. **O Principe dos Patriarcas S. Bento: Primeiro Tomo De sua Vida, discursada em empresas Politicas e Predicaveis pello M.to R.do. Pe. Fr.S. Joaõ dos Prazeres Chronista da Religiaõ deste Pay das Relegioens Todas Natural da Cidade do Porto: Offerecido Ao Reverendissimo Pe. Fr. Joaõ Ozorio Dom Abbade Geral da Congregaçaõ do mesmo Principe.** Lisboa: Na Imprensa de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor da Casa Real e á sua custa, Clemente Billingue invento e abrio, 1683.

_____. **O Principe dos Patriarchas S. Bento: Segundo Tomo De sua Vida, discursada em Emprezas Politicas & Moraes Pello M. R. Padre Prègador Geral Frey Joam dos Prazeres, Chronista Mòr da Congregaçaõ do mesmo Principe, natural da cidade do Porto; Offerecido ao Reverendissimo Padre Frey Vicente dos Santos, D. Abbade Geral da Religiaõ deste Pay das Religiões todas, e por elle dedicado ao Eminentissimo Senhor D. Joseph de Aguirre Cardeal da Santa Igreja Romana Monge Benedictino.** Lisboa: Na Officina de Joam Galram: A custa da Congregaçaõ de S. Bento, 1690.

Primeira oração funebre, nas exequias, que se fizeram no estado do Brazil á morte do Fidelissimo Rey Nosso Senhor D. Joaõ V. Na Sé da Cidade da Bahia. Disse-a Huma voz não menos sentida que lastimada. Lisboa: Na Officina de Francisco da Silva, 1752.

Procissam: relação das festas que a Residencia de amgolla fez na beatificação do beato padre Francisco de Xauier da Companhia de Jesus. Biblioteca Nacional, Caixa 29, nº 34, ms. [1620]. Transcrição e anotações: Adriano Parreira. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994.

Ratio studiorum. Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus. Édition bilingue latin-français. Présentée par Adrien Demoustier et Dominique Julia. Traduite par Léone Albrieux et Dolorès Pralon-Julia. Annotée et commentée par Marie-Madeleine Compère. Paris: Belin, 1997.

Relaçam das festas, Com q~o Collegio, & Universidade da Companhia de JESU da cidade de Evora Applaudio a Canonização dos dous gloriosos santos, Luis Gonzaga, e Estanslao Kostka Da mesma Companhia Em Novembro de 1727. Évora: na Officina da Universidade, 1730.

Relaçam, das festas Da Casa Professa de S. Roque da Cidade de Lisboa Occidental. Nas canonizaçoens dos dous Illustres Santos Luis Gonzaga, e Stanislao Koska, da Companhia de Jesus. Lisboa Occidental: Na Officina de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio, 1728.

Relaçam das festas, que os padres da Companhia de Jesu da Casa Professa de S. Roque em a Cidade de Lisboa, Fizeraõ em a Beatificação do Beato Padre Joaõ Francisco Regis, Sacerdote Professo da mesma Companhia, Composta por hum seu devoto. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, 1717.

Relaçam das festas qve a Religiam da Companhia de Iesv fez em a Cidade de Lisboa, na Beatificação do Beato P. Francisco de Xauier, Segundo Padroeiro da mesma Companhia, & Primeiro Apostolo dos Reynos de Iapão, em Dezêbro de 1620. Recolhidas polo Padre Diogo Marques Salgueiro do habito de Santiago, Prior que foy na villa de Mertola, oje Confessor, & Capellaõ no Real Mosteiro de Santos o nouo. Lisboa: João Rodriguez, 1621.

Relaçam do aparato triunfal, & Procissão Solemne, comque os P.P. da Companhia de JESUS do Collegio de Evora applaudiraõ publicamente aos gloriosos S. Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka da mesma Companhia novamente Canonizados pelo Sanctissimo Padre Benedicto XIII. Agora Prezidente na Igreja de Deos. Évora: na Officina da Universidade, 1728.

Relaçã das festas do Collegio do Espirito Santo da Cidade de Evora na beatificação do Veneravel P. Joaõ Francisco Regis da Companhia de {IHS}. Évora: Na Officina da Universidade, 1717.

Relaçã summaria das festas, que em a canonização dos gloriosos santos Luiz Gonzaga, e Stanislao Kostka, celebraraõ Os Padres da Companhia de Jesus do Collegio de Santarem, supposto o decreto da canonização de Santo Stanislao Kostka, passado pela

Santidade de Clemente XI. e tambem o applauso, que por então se lhe consagrou. Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1728.

Relações das sumptuosas festas, com que a Companhia de Jesus Da Provincia de Portugal celebrou a Canonização de S. Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier Nas Casas, e Collegios de Lisboa, Coimbra, Evora, Braga, Bragança, Villaviçosa, Porto, Portalegre, e nas Ilhas da Madeira, e Terceira. Lisboa: [s.n.], 1622.

RIBADENEYRA, Pedro de. **Vita beatti Patri Ignatii Loyolae.** Roma: [s.n.], 1609.

RICHEOME, Louis. **La peinture spirituelle ou l'art d'admirer, aimer et louer Dieu en toutes ses oeuvres, et tirer de toutes profit salutère.** Lyon: P. Rigaud, 1611.

_____. **Tableaux sacrés des figures mystiques très auguste sacrifice et sacrement de l'Eucharistie dédiés à la très chrétienne reine de France et de Navarre.** Paris: [s.n.], 1601.

_____. **Trois discours pour la religion catholique: des miracles, des Saints et des Images.** Bordeaux: [s.n.], 1597.

RIPA, Cesare. **Iconologia overo descrizione dell'imagini universali cavate dall'Antichità et da altri luoghi.** Roma: Heredi di Giovanni Gigliotti, 1593.

_____. **Iconologia overo descrizione di diverse imagini cavate dall'antichità et di propria inventione. Trovate et dichiarate da Cesare Ripa perugino, Cavaliere de Santi Mauritio et Lazaro. Di nuovo revista et dal medesimo ampliata di 400 et più Imagini. Et di figure d'intaglio adornata. Opera non meno utile che necessaria a poeti, pittori, scultori et altri, per rappresentare le Virtù, Vitii, Affetti, et Passioni humane.** Roma: Appresso Lepido Facii, 1603.

RICCI, Bartolomeo. **Vita Domini Nostri Jesus Christi ex verbis Evangeliorum in ipsismet concinnata.** Roma: B. Zaneti, 1607.

RINGELBERG, Joachim. **Rhetorica.** Paris: apud Ioannem Macaeum, 1536.

_____. **Rhetorica.** Coimbra: apud Ioannem Barrerium et Ioannem Aluarum, 1550.

SAILLY, Thomas. **Thesaurus precu et exercitiorum spiritualium.** Antverpiae: ex Officina Plantiniana, apud Ioannem Moretum, 1609.

SALGADO, Mathias António; ALVARENGA, Manuel José Correa e. **Monumento do Agradecimento, tributo da veneração, obelisco funeral do obséquio, Relaçam fiel das reaes exequias, que à defunta Magestade do fidelissimo e augustissimo Rey o senhor D. João V dedicou o doutor Mathias Antônio Salgado Vigario collado da Matriz de N. Senhora do Pillar da Villa de São João Del Rey offerecida ao muito alto, e poderoso Rey D. Joseph I. Nosso Senhor.** Lisboa: Officina de Francisco Silva, 1751.

SANDAEUS, Maximilianus. **Theologia Symbolica. In qua origo symbolorum, eorumque artificium, ex Sacra Scriptura potissimum eruitur: et eiusdem Symbola omnis generis explicantur.** Moguntiae: Schönwetter, 1626.

SAXONIA, Ludolfo de. **Vita Christi**. Lisboa: Valentim Fernandes, 1495.

Sermam nas exequias delrey nosso senhor Dom Pedro II. que pregou o R. P. Miguel Dias da Companhia de Jesus, assistente pelas provincias de Portugal em Roma, na Igreja de Santo Antonio da Nação Portugueza no anno de 1707. Roma: Na Officina de Antonio da Rosa, 1707.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SIMEONI, Gabriele. **La vita et metamorfoseo d'Ovidio.** Lyon: Jean de Tournes, 1559.

SUÁREZ, Cipriano. **De Arte Rhetorica Libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano praecipue deprompti, Authore Cypriano Soares Sacerdote Societatis Jesu.** Conimbricae [sic]: Apud Ioannem Barrerium, 1562.

SUCQUET, Antoine. **Via Vitae AETernae iconibus, illustrata per Boetium a Bolswert.** Antvuerpiae: typis Martin Nutius, 1620.

TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesv, da provincia de Portugal. Segvnda parte, na qval se contem as vidas de algũs Religiosos mais assinalados, que na mesma Provincia entrãram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso fvndador. Com o symmario das vidas dos Serenissimos Reys Dom Ioãm Terceyro, & Dom Henrique, Fundadores, & insignes bemfeytores desta Provincia. Composta pelo P. M. Balthazar Telles, da mesma Companhia, natural da Cidade de Lisboa.** Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1647. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01908120#page/1/mode/1up>. Acesso em 14/04/2015.

_____. **Chronica da Companhia de Iesv, na provincia de Portugal; e do qve fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entrãram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador. Pelo P. M. Balthazar Tellez da mesma Companhia, natural da cidade de Lisboa, & nella Lente de Prima de Theologia. Primeira parte, na qval se contem os principios d'esta Provincia, No tempo, em que a fundou, & governou o P. M. Simam Rodrigves, Com sua sancta vida, & morte.** Lisboa: por Paulo Craesbeeck, 1645. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01908110#page/1/mode/1up>. Acesso em 14/04/2015.

TESAURO, Emanuele. Trattato degli Emblemi. In: _____. **Cannocchiale aristotelico** (1654).

TESAURO, Emanuele. **Cannochiale aristotelico.** Torino: [s.n.], 1670.

TORSELLINI, Orazio. **De Institutione grammatica libri tres. Quorum secundus nuper est ad veterum fere grammaticorum rationem revocatus.** Romae: [s.n.], 1584.

VÆNIUS, Otto. **Amoris Divini Emblemata.** Antuérpia: [s.n.], 1615.

_____. **Amorvm emblemata, figvris æneis incisa stvdio Othonis Væni batavo-lygdvnensis.** Antverpiæ: Venalia apud Auctorem, Prostant apud Hieronymum Verdussen, 1608.

_____. **Quinti Horatii Flacci Emblemata.** Antuérpia: [s.n.], 1607.

VALERIANO, Pierio. **Hieroglyphica sive de sacris Ægyptiorum aliarumque gentium literis.** Basileia: Michael Isengrin, 1556.

VASCONCELOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesv do estado do Brasil: e do qve obrarão sevs filhos nesta parte do Novo mvndo. Tomo primeiro: da entrada da Companhia de Jesv nas partes do Brasil. E dos fvndamentos qve nellas lançarão, & continuarão seus religiosos em quanto alli trabalhou o padre Manoel da Nobrega, fundador, & primeiro prouincial desta prouincia, com sua vida, & morte digna de memoria: e algvas Noticias antecedentes curiosas, & necessarias das cousas daquelle estado.** Lisboa: H. Valente de Oliuiera, impressor del Rey, N. S., 1663.

_____. **Crônica da Companhia de Jesus.** Petrópolis, Brasília: Vozes, Instituto Nacional do Livro, 1977, 2 vols.

VASEU, João. **Collectanea rhetorices.** Salamanca: [s.n.], 1538.

VELÊS, António. **Emmanuelis Alvari e Societate Jesu de Institutione Grammatica Libri tres Antonii Vellesii ex eaden Societate Jesu in Eborensi Academia Praefecti studiorum Opera aucti et illustrat.** Eborae: [s.n.], 1599.

VELOZO, Joseph Pereira. **Desejos piedosos de huma alma saudosa do seu divino Esposo Jesu Christo: Divididos em varios Emblemas para antes da Confissão e antes e depois da Sagrada Comunhão: Com huas Advertencias para o mesmo intento: Por Joseph Pereira Velozo. Em cada Emblema leva hum Cantico, composto pelo Venerável Padre Fr. Antonio das Chagas, Religioso Serafico que foi em a Provincia dos Algarves e Missinario Apostolico neste Reyno.** Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, Impressor de S. Mag., 1687.

VERJUS, Bento [CAETANO, José]. **Praxe Syntaxistica que com algumas observações sobre o Promptuario do P. Antonio Franco, & hũa Syntaxe Latina Lusitanica e hũa Allegação a favor do relativo Qui quae, quod, compoz Bento Verjus.** Lisboa: [s.n.], 1735.

VIEIRA, António. **Sermoens do P. Antonio Vieyra, da Companhia de Jesu, Prègador de Sua Magestade. Undecima parte, offerecida à Serenissima Rainha da Grã Bretanha.** Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1696.

_____. **Sermões**, vol. V. Erechim: EDELBRA, 1998.

Vita B. P. Ignatii de Loyola Fundatoris Societatis Iesu. Antuérpia: [s.n.], c.1609.

Livros e artigos

ABREU, Ilda Soares de. **Simbolismo e ideário político: a educação ideal para o príncipe ideal seiscentista em *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*, pelo M. R. Padre Pregador Geral da Corte e Cronista Mor da Congregação, Frei João dos Prazeres**. Lisboa: Estar, 2000.

A ciência do desenho: a ilustração na colecção de códices da Biblioteca Nacional. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001.

A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII. Espiritualidade e cultura. Actas do Colóquio Internacional, vol. I. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, 2004.

ALMEIDA, Isabel. “Fina Prata”: os Dialogos de varia doutrina illustrados com emblemmas, de Vasco Mousinho de Quevedo. **Românica**, 9, p. 77-88, 2000.

ÁLVAREZ, Fernando Jesús Bouza. **Comunicación, conocimiento y memoria en la España de los siglos XVI y XVII**. Salamanca: Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas (SEMYR) – Sociedad Española de Historia del Libro, Sociedad de Estudios Medievales y Renacentistas, 1999.

_____. **Del escribano a la biblioteca: La civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (Siglos XV-XVII)**. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.

_____. **Palabra e imagen en la Corte: cultura oral y visual de la nobleza en el Siglo de Oro**. Madrid: Abada Editores, 2003.

ALVES, Ana Maria. **As entradas régias portuguesas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

AMARAL JÚNIOR, Rubem. **Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2005 [2000].

_____. Emblemática mariana no Convento de São Francisco de Salvador, Bahia, e seus modelos europeus. **Revista Lumen et Virtus**, vol. 1, n. 3, dez. 2010, p. 107-30.

_____. **Empresas heróicas e amorosas lusitanas. Letras e cimeiras das justas reais de Évora (1490) segundo Garcia de Resende**. Tegucigalpa, 2001.

_____. Portuguese Emblematics: an overview. **Revista Lumen et Virtus**, vol. 2, n. 4, mai 2011, p. 134-48.

AULER, Isabel Cristina Fernandes. *Spiritu, corde et practice*. A cultura visual e o “modo de proceder” jesuítico. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano II, n. 4, p. 289-317, Mai. 2009.

ÁVILA, Affonso. **O lúdico e as projeções do mundo barroco**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira: introdução aos estudos da cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

BANDEIRA, Luís Stubbs Saldanha Monteiro. **Um valioso manuscrito da Biblioteca do Palácio Ducal de Vila Viçosa**. Lisboa: Horus, 1962.

Barroco: Actas do II Congresso Internacional. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio, 2003.

Barroco Iberoamericano – Territorio, Arte, Espacio y Sociedad. Actas do III Congreso Internacional del Barroco Iberoamericano. Sevilla, Universidad Pablo de Olavide: Ediciones Giralda, 2001.

BARTHET, Bernard. **Science, histoire et thématiques ésotériques chez les jésuites en France (1680-1764)**. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2012.

BATLLORI, Miguel. Los jesuitas y la Combinatoria luliana. **Umanesimo e Esoterismo**. Padua: [s.n.], 1960.

BELAVAL, Yvon. **Digressions sur la rhétorique**. Paris: Ramsay, 1988.

BELO, André. **As gazetas e os livros. A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso (1715-1760)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001.

_____. **As gazetas e os livros. A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso em Portugal (1715-1760)**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1997, 2 vols.

BLUNT, Anthony. O Concílio de Trento e a Arte Religiosa. In: _____. **Teoria artística na Itália, 1450-1600**. São Paulo: Cosac & Naïf Edições, 2001.

BOLZONI, Lina. **La rete delle immagini. Predicazione in volgare dalle origini a Bernardino da Siena**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2002.

_____. **La stanza della memoria**. Torino: Einaudi Editori, 1995.

_____; CORSI, Pedro (a cura di). **La cultura della memoria**. Bologna: Società editrice il Mulino, 1992.

BOMBASSARO, Luiz Carlos. Imagem e conceito: a experiência do pensar nos emblemas da renascença. **Conexão- Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, vol. 5, n. 9, p. 83-95, jan./jun. 2006.

BRIZZI, Gian Paolo (a cura di). **La «Ratio studiorum». Modelli culturali e pratiche educative dei Gesuiti in Italia tra Cinque e Seicento**. Roma: Bulzoni Editore, 1981.

CAMPA, Pedro F. The Spanish and Portuguese Adaptations of Herman Hugo's Pia Desideria. In: DALY, Peter Maurice; RUSSELL, Daniel S. (eds.). **Emblematic Perceptions: Essays in**

Honor of William S. Heckscher on the Occasion of his Ninetieth Birthday. Baden-Baden: Valentin Koerner, 1997, p. 44-60.

CARRUTHERS, Mary. **The book of memory. A study of memory in medieval culture.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **The craft of thought. Meditation, rhetoric, and the making of images. 400-1200.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CARVALHO, José Adriano de Freitas. As lágrimas e as setas. Os Pia Desideria de Herman Hugo, S.J., em Portugal. **Via Spiritus**, 2, p. 169-201, 1995.

_____. Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Cruz (Coimbra 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia. **Via spiritus**, 8, p. 95-155, 2001.

CARVALHO, Kátia de. **Travessia das letras.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

CARVALHO, Mário Santiago de. A Idade Média filosófica terá sido aristotélica? **Humanitas**, 50, p. 489-508, 1998.

_____. Sobre um projecto no âmbito da História da Filosofia em Portugal. **Revista Filosófica de Coimbra**, 23, p. 215-24, 2003.

CEBALLOS, Alfonso Rodríguez Gutiérrez de. Las “Imágenes de la Historia Evangélica” del P. Jerónimo Nadal en el marco del jesuitismo y la Contrarreforma. **Traza y Baza. Cuadernos Hispanos de simbología. Arte y Literatura**, Barcelona, 5, p. 77-95, 1974.

CEÑAL, Ramón. El P. Izquierdo y su *Pharus Scientiarum*. **Revista de Filosofía**, I, p. 68-83, 1942.

_____. **Introducción a la combinatoria de Sebastián Izquierdo.** Madrid: [s.n.], 1974.

CHAMBOULEYRON, Rafael; ARENZ, Karl-Heinz (orgs.). **Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Encontros com a história colonial.** Belém: Editora Açai, 2014, vol. 1.

CHARMOT, François. **La pédagogie des jésuites. Ses principes. Son actualité.** Paris: Aux Editions Spes, 1943.

CHAPARRO, César; GARCÍA, José Julio; ROSO, José; UREÑA, Jesús (eds.). **Paisajes emblemáticos: la construcción de la imagen simbólica en Europa y América. Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Emblemática**, 2 vols. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 2008, vol. 1.

CHIAPPETTA, Angélica. Uma arte da memória do séc. XVII. In: MUHANA, Adma; LAUDANNA, Mayra; BAGOLIN, Luiz Armando (orgs.). **Retórica.** São Paulo: Annablume, IEB, 2012, p. 63-89.

CID, Isabel. A fundação da Universidade de Évora. In: **História da Universidade em Portugal.** Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. I, tomo II, 1997.

CIVIL, Pierre. **Image et dévotion dans l'Espagne du XVI^e siècle: le traité Norte de Ydiotas de Francisco de Monzón (1563)**. Paris: Publications de la Sorbonne; Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996.

_____. Imagen y devoción: el Norte de Ydiotas de Francisco de Monzón (1563). **Studia Áurea. Actas del III Congreso de la AISO**, III, Toulouse-Pamplona, 1996, p. 109-18.

CLEMENTS, Robert J. **Picta Poesis, Literacy and Humanistic Theory in Renaissance Emblem Books**. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1960.

Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599]. Regime escolar e curriculum de estudos. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

_____. Princes and Literature: A Theme of Renaissance Emblem Books. **Modern Language Quartely**, 16 (2), Jun. 1955, p. 114-23.

_____. The cult of the poet in Renaissance Emblem Literature. **PMLA**, LIX, 3, 1944, p. 672-85.

CORNO, Dario. Retorica. In: **Enciclopedia dell'Italiano** (2011), s/p. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/retorica_\(Enciclopedia-dell'Italiano\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/retorica_(Enciclopedia-dell'Italiano)/). Acesso em 04/03/2014.

COXITO, Amândio. A Filosofia no Colégio das Artes. In: **História da Universidade em Portugal, vol. I, t. II (1537-1771)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p. 735-61.

_____. **Estudos sobre Filosofia em Portugal no século XVI**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

_____. O Curso Conimbricense. In: CALAFATE, Pedro (ed.). **História do pensamento filosófico português, vol. II: Renascimento e Contra-Reforma**. Lisboa: Caminho, 2001, p. 503-43.

CUADRO, Fernando Moreno. Las empresas de Santa Teresa grabadas por Manuel Freyre. **Mundo da Arte**, 16, p. 19-32, 1983.

CURTO, Diogo Ramada. **Cultura política no tempo dos Filipes (1580-1640)**. Lisboa: Edições 70, 2011.

_____. **O discurso político em Portugal (1600-1650)**. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa, 1988.

DAINVILLE, François de. **La géographie des humanistes**. Genève: Éditions Slatkine, 2011 [Tese em Geografia sob orientação do Prof. Jules Sion, 1939].

_____. **La naissance de l'humanisme moderne**. Paris: Éditions de Minuit, 1940.

_____. **L'éducation des jésuites (XVI^e-XVIII^e siècles)**. Textes réunis et présentés par Marie-Madeleine Compère. Service d'histoire de l'éducation (I.N.R.P.). Ouvrage réalisé par l'institut national de recherche pédagogique. Paris: Les éditions de Minuit, 1978.

DALY, Peter Maurice (ed.). **Companion to emblem studies**. New York: AMS Press, Inc., 2008.

_____. (ed.). **The English Emblem and The Continental Tradition**. New York: AMS Press, 1988.

_____. (ed.). **The European Emblem**. Waterloo, Ontario: Wilfred Laurier University Press, 1980, p. 109-20.

DEBRAY, Régis. **Vida y muerte de la imagen. Historia de la Mirada en Occidente**. Barcelona: Paidós, 1994.

DEJOB, Charles. **De l'influence du Concile de Trente sur la littérature et les beaux-arts chez les peuples catholiques**. Paris: E. Thorin, 1884.

DEKONINCK, Ralph. *Ad Imaginem. Statuts, fonctions et usages de l'image dans la littérature spirituelle jésuite du XVII^e siècle*. Genève: Droz, 2005.

_____. Du frontispice emblématique au frontispice théâtral dans les éditions anversoises au tournant des XVI^e e XVII^e siècles. In: HARMS, Wolfgang; PEIL, Dietmar (eds.). **Polyvalenz und Multifunktionalität der Emblematis**. Akten des 5. Internationalen Kongresses der Society for Emblem Studies. **Multivalence and Multifunctionality of the Emblem**. Proceedings of the 5th International Conference of the Society for Emblem Studies, 2 vols. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002, p. 891-905.

_____. Imaginar la ciencia: la cultura emblemática jesuita entre *ars rhetorica* y *scientia imaginum*. In: CHINCHILLA, Perla; ROMANO, Antonella (coords.). **Escrituras de la modernidad. Los jesuitas entre cultura retórica y cultura científica**. México, DF: Universidad Iberoamericana, L'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 2008, p. 143-57.

_____. La conversión emblemática des figures bibliques dans la littérature jésuite (Nadal 1595 – Engelgrave 1648). In: FRANÇOIS, Wim; DEN HOLLANDER, August (eds.). **Infant milk or hardy nourishment? The Bible for lay people and theologians in the early modern period**. Leuven; Paris; Walpole, MA: Uitgeverij Peeters, 2009, p. 387-410.

_____. L'invention de l'image de la Compagnie de Jésus entre Rome et Anvers. In: DACOS, Nicole; DULIÈRE, Cécile (dirs.). **Italia Belgica. La Fondation Nationale Princesse Marie-José et les relations artistiques entre la Belgique et l'Italie. De Nationale Stichting Prinses Marie-José en de artistieke betrekkingen tussen België en Italië 1930-2005**. Bruxelles; Rome: Institut Historique Belge de Rome, 2005, p. 163-87.

_____; GUIDERDONI-BRUSLÉ, Agnès (eds.). **Emblemata sacra. Rhétorique et herméneutique du discours sacré dans la littérature en images. The rhetoric and hermeneutics of illustrated sacred discourse**. Imago Figurata Studies, vol. 7. Turnhout: Brepols, 2007.

DE LA FLOR, Fernando Rodríguez. El jeroglífico y su función dentro de la arquitectura efímera barroca (a propósito de treinta y tres jeroglíficos de Alonso de Ledesma, para las fiestas de beatificación de San Ignacio en el Colegio de la Compañía de Jesús de Salamanca, 1610). **Boletín del Museo e Instituto Camón Aznar**, 8, p. 84-102, 1982.

_____. **Emblemas. Lecturas de la imagen simbólica**. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

_____. **Imago: la cultura visual y figurativa del Barroco**. Madrid: Abada Editores, 2009.

_____. **Pasiones frías. Secreto y disimulación en el Barroco hispano**. Madrid: Marcial Pons, 2005.

_____. "Picta Poesis" un sermón de jeroglíficos, dedicado por Alonso de Ledesma a la fiestas de beatificación de San Ignacio, en 1610. **AHSI**, 52 (1983) 265.

_____. **Teatro de la memoria. Siete ensayos sobre mnemotecnia española de los siglos XVII Y XVIII**. Salamanca: Junta de Castilla y León. Consejería de Educación y Cultura, 1996.

Diccionario de espiritualidad inaciana. Bilbao, Santander: Ediciones Mensajero, Editorial Sal Terrae, 2007, 2 vols.

DIMLER, G. Richard. A Bibliographical Survey of Jesuit Emblem Authors in French Provinces of the Society of Jesus (1618-1726): Topography and Themes. **AHSI**, XLVIII, p. 240-50, 1978.

_____. A Bibliographical Survey of Jesuit Emblem Authors in German Speaking Territories: Topography and Themes. **AHSI**, XLV, p. 129-38, 1976.

_____. A Short Title Listing of Jesuit Emblem Books. **Emblematica. Interdisciplinary Journal for Emblem Studies**, AMS Press, vol. 2, 1, p. 139-87, Spring 1987.

_____. Jesuit Emblem Books in the Belgian Provinces of the Society of Jesus (1587-1710): Topography and Themes. **AHSI**, XLV, p. 377-87, 1977.

_____. Literary Considerations in the Classification of the Jesuit Emblem. **Jahrbuch für Internationale Germanistik, Jahrgang XIV Heft 1**, p. 101-10, 1983.

_____. Octiduum S. Francisco Borgiae (1671): The Munich Jesuits celebrate the canonization of Francis Borgia. In: DALY, Peter Maurice; DIMLER, G. Richard; HAUB, Rita (eds.). **Emblematik und Kunst der Jesuiten in Bayern: Einfluss und Auswirkung**. Imago Figurata Studies, vol. 3. Turnhout: Brepols, p. 107-31, 2000.

_____. **Studies in the jesuit emblem**. New York: AMS Press, Inc., 2007, p. 04-54.

_____. The *Imago Primi Saeculi*: The Secular Tradition and the 17th Century Jesuit Emblem. **Thought**, 56, p. 433-48, 1981.

_____. The Jesuit Emblem: A Bibliographical Project. In: **Yearbook of the Society of Jesus 1996**. Rome, 1996, p. 104-5.

_____; DALY, Peter Maurice (eds.). **The Jesuit Series (Corpus Librorum Emblematum)**. Toronto, Buffalo: University of Toronto Press, 1997-2007, 5 vols.

DI VONA, Piero. **I concetti trascendenti in Sebastián Izquierdo e nella Scolastica del Seicento**. Napoli: Loffredo, 1994.

DOMPNIER, Bernard (dir.). **Les cérémonies extraordinaires du catholicisme baroque**. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2009.

DUPLESSIS, Georges. **Les livres à gravures du XVI^e siècle. Emblèmes d'Alciat**. Paris: Librairie de l'Art, 1884.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FABRE, Pierre-Antoine. **Ignace de Loyola: le lieu de l'image. Le problème de la composition de lieu dans les pratiques spirituelles et artistiques jésuites de la seconde moitié du XVI^e siècle**. Paris: EHESS, VRIN, 1992.

_____. Les "Exercices spirituels" sont-ils illustrables?. In: GIARD, Luce; VAUCELLES, Louis de (eds.). **Les jésuites à l'âge baroque (1540-1640)**. Grenoble: Jérôme Millon, 1996, p. 197-209.

_____. L'image humiliée. Le modèle des *Evangelicae historiae imagines* dans l'*Arte de la Pintura* de Francisco Pacheco. In: VINCENT-CASSY, Cécile (ed). **Usos y espacios de la imagen religiosa en la monarquía hispánica del siglo XVII**. Madrid : [s.n.], 2006.

FALCÃO, José António. Azulejaria setecentista do Real Convento de Jesus de Setúbal. Alguns aspectos históricos e iconográficos. In: **Relaciones artísticas entre la Península Ibérica y América. Actas del V Simposio hispano-portugués de Historia del Arte (11-13 Mayo 1989)**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FLYNN, Lawrence J. Sources and influence of Soarez *De Arte Rhetorica*. **Quartely Journal of Speech**, 43, p. 257-65, 1957.

_____. **The *De Arte Rhetorica* (1568) by Cyprian Soarez, S.I.: a Translation with Introduction and Notes**. University of Florida, 1955.

FRAGOSO, Hugo. Azulejos do Convento de São Francisco. In: FLEXOR, Maria Helena Ochi; FRAGOSO, Hugo (orgs.). **Igreja e Convento de São Francisco da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2009, p. 317-71.

_____. **Um teatro mitológico ou um sermão em Azulejos? Claustro do Convento de São Francisco, Salvador—Bahia—Brasil**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2006.

FREEMAN, Rosemary. **English Emblem Books**. London: Chatto & Windus, 1948.

FRONER, Yacy-Ara. Pistas para um aporte conceitual: a obra de Mário Praz na arte emblemática do Barroco no Brasil. In: **Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Íbero-Americano**. Belo Horizonte: C/Arte, vol. 4, p. 706-20, 2009.

FUMAROLI, Marc. Baroque et classicisme: l'*Imago Primi Saeculi Societatis Jesu* (1640) et ses adversaires. In: _____. **L'École du silence. Le sentiment des images au XVII^e siècle**. Paris: Flammarion, 1998, p. 445-76.

_____. **L'âge de l'éloquence et res literaria de la Renaissance au seuil de l'âge classique**. Genève: Droz, 1980.

_____. Retorica. In: *Enciclopedia Italiana*. V Appendice (1994), s/p. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/retorica_res-0ba529b7-87eb-11dc-8e9d-0016357eee51_\(Enciclopedia_Italiana\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/retorica_res-0ba529b7-87eb-11dc-8e9d-0016357eee51_(Enciclopedia_Italiana)/). Acesso em 03/06/2015.

_____ (dir.). **Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne (1450-1950)**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

GABRIELE, Mino. Introduzione. In: ALCIATO, Andrea. **Il libro degli emblemi secondo le edizioni del 1531 e del 1534**. Introduzione, traduzione e commento di Mino Gabriele. Milano: Adelphi Edizioni, 2009.

GÁLLEGO, Julián. **Visión y símbolos en la pintura española del siglo de oro**. Madrid: Aguilar, 1972.

GARIN, Eugenio. Discussões sobre a retórica. In: _____. **Idade Média e Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1989, p. 111-29.

GIARD, Luce (dir.). **Les jésuites a la Renaissance. Système éducatif et production du savoir**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique. Para um estudo das antigas bibliotecas jesuítas: catálogos, inventários e listas de livros. **Brotéria**, 175, p. 161-8, 2012.

GOMES, Luís (ed.). **Mosaics of Meaning: Studies in Portuguese Emblematics**. Glasgow: *Glasgow Emblem Studies*, vol. 13, 2009.

GREEN, Henry. **Andrea Alciati and his Book of Emblems: a biographical and bibliographical study**. Londres: Trübner, 1872.

_____. **Andreae Alciati Emblematum Flumen Abundans**. Manchester; Londres, 1871.

_____. **Andreae Alciati Emblematum Fontes Quator**. Manchester; Londres, 1870.

GUILLERMOU, Alain. **St Ignace de Loyola et la Compagnie de Jésus**. Paris: Éditions du Seuil, 1960.

GUIRAO, Pedro. El P. Izquierdo y el triángulo aritmético. **Revista Theoria**, 5-6, p. 81-5, 1953.

HAMY, Alfred. **Documents pour servir à l'histoire des domiciles de la Compagnie de Jésus dans le monde entier de 1540 à 1773**. Paris: Alphonse Picard, 1892.

HERMAN, Jean Baptiste. **La pédagogie des jésuites au seizième siècle. Ses sources, ses caractéristiques**. Louvain: Bureaux du recueil (UCL), 1914; Paris: A. Picar, 1914.

HERREROS, José Luis Fuertes. **El arte general del saber en Sebastián Izquierdo. Estudio del "Pharus Scientiarum" (1659)**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1980.

Imago. Revista de Emblemática y Estudios Visuales.

INSOLERA, Lydia Salviucci. Le illustrazioni per gli Esercizi Spirituali intorno al 1600. **AHSI**, 119, p. 161-217, 1991.

_____. **L'Imago Primi Saeculi (1640) e il significato dell'immagine allegorica nella Compagnia di Gesù. Genesi e fortuna del libro**. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2004.

_____; INSOLERA, Manuel. **La spiritualité en images aux Pays-Bas Méridionaux dans les livres imprimés des XVI^e et XVII^e siècles conservés à la Bibliotheca Wittockiana**. Leuven: Peeters, 1996.

JURADO, Manuel Ruiz. Cronología de la vida del P. Jerónimo Nadal S.J. (1507-1580). **AHSI**, 48, p. 248-76, 1979.

LAMALLE, Edmond. Les Catalogues des provinces et des domiciles de la Compagnie de Jésus. Notes de bibliographie et de statistique. **AHSI**, 13, p. 77-101, 1944.

LANDWEHR, John. **Dutch Emblem Books, 1531-1888: a Bibliography**. Utrecht: *Haentjens Dekker & Gumbert*, 1962.

_____. **French, Italian, Spanish, and Portuguese Books of Devices and Emblems 1534-1827: A Bibliography**. Utrecht: *Haentjens Dekker & Gumbert*, 1976.

LASALA, Fernando-J. de. Genesi della pedagogia gesuitica: Ignazio di Loyola (1491-1556) e Girolamo Nadal (1507-1580). In: LOVISON, Filippo; NUOVO, Luigi (a cura di). **Missione e carità. Scritti in onore di P. Luigi Mezzadri C. M.** Con prefazione del Card. Francesco Rodé. Roma: Edizioni CLV, 2008.

LE BIHAN, Joseph Marie. A Igreja de Santo Alexandre: exemplo ímpar da poética jesuítica na Amazônia. In: **Feliz Lusitânia: Museu de Arte Sacra do Pará**. Belém: SECULT, 2005, p. 55-76.

LEDDA, Giuseppina. Los jeroglíficos en el contexto de la fiesta religiosa barroca. **Actas de I simposio internacional de emblemática**. Teruel, 1 y 2 de octubre de 1991, p. 581-98, 1994.

_____. Proyección emblemática en aparatos efímeros y en configuraciones simbólicas festivas. In: CORNELLES, Víctor Manuel Mínguez (coord.). **Del libro de emblemas a la ciudad simbólica. Actas del III Simposio Internacional de Emblemática Hispánica**. Universitat Jaume I, Castellón-Benicàssim, 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 1999, vol. 1, p. 361-76, 2000.

LEE, Rensselaer. **Ut pictura poesis: the humanistic theory of painting**. New York: W. W. Norton & Co. Inc., 1967.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 10 vols. Porto, Rio de Janeiro: Tipografia Pôrto Médico, Imprensa Nacional, 1938-1950.

_____. O Colégio de S. Alexandre e a Igreja de S. Francisco Xavier, de Belém do Pará. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, 6, p. 221-40, 1942.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. O paralelo das artes. In: _____ (org.). **A pintura – Vol. 7: O paralelo das artes**. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 09-16.

LÓPEZ, E. Montaner. Emblemática y portadas de libros. Don Juan José de Austria y el modelo educativo de Carlos II. In: MAHÍQUES, Rafael García; SENENT, Vicent Francesc Zuriaga (eds.) **Imagen y cultura. La interpretación de las imágenes como Historia cultural**, 2 vols. Valencia: Biblioteca Valenciana, 2008, vol. II, p. 1117-32.

LÓPEZ, Santiago Sebastián. La edición española del ‘Theatro Moral de la Vida Humana’ y su influencia en las artes plásticas de Brasil y Portugal. In: DIAS, Pedro (coord.). **As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos**. Coimbra: Minerva, 1987, p. 381-405.

LUKÁCS, Ladislas. De graduum diversitate inter sacerdotes in Societate Iesu, **AHSI**, t. 37, p. 237-316, 1968.

_____. De origine collegiorum externorum deque controversis circa eorum paupertatum obortis 1539-1608. **AHSI**, t. 31, p. 03-89, 1961.

MÂLE, Emile. **L’art religieux après le Concile de Trente: étude sur l’iconographie de la fin du XVI^{ème}, du XVII^{ème} et du XVIII^{ème} siècles en Italie, en France, en Espagne et en Flandre**. Paris: Colin, 1932.

MANNING, Patricia W. La emblemática jesuítica en *El Crítico*. **eHumanista**, vol. 9, p. 218-40, 2007.

MARAVALL, José Antonio. La literatura de emblemas como técnica de acción sociocultural en el Barroco. In: _____. **Estudios de Historia del Pensamiento Español. El siglo del Barroco**. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional, 1984, p. 181-201.

MARQUILHAS, Rita. **A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000.

MARQUES, João Francisco. **A parenética protuguesa e a restauração (1640-1668). A revolta e a mentalidade**. Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1983, 2 vols.

MARTINS, Renata Maria de Almeida. Entre livros e pincéis: a tradição emblemática na América portuguesa (séc. XVI-XVIII). In: CONDURU, Roberto; SIQUEIRA, Vera Beatriz (orgs.). **Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Rio de Janeiro, 19 a 23 de outubro de 2010, p. 647-57.

_____. La Compagnia sia come un cielo: o sol, a lua e as estrelas dos livros de emblemas para a decoração das igrejas das missões jesuíticas na América Portuguesa (séc. XVI-XVIII). **Jahrbuch fur Geschichte Lateinamerikas (1998)**. **Anuario de Historia de América Latina**, vol. 50, p. 81-102, 2013.

_____. O porquê do escorpião e o estudo da tradição emblemática na arte colonial latino-americana. **Figura – Studi sull’immagine nella tradizione classica**, vol. 2, 2014. Disponível em: <http://figura.art.br/revista/dossier/2/9-o-porque-do-escorpiao-e-o-estudo-da-tradicao-emblematica-na-arte-colonial-latino-americana/>. Acesso em 10/07/2015.

_____. **Tintas da Terra, Tintas do Reino: arquitetura e arte nas Missões Jesuíticas do Grão-Pará (1653-1759)**. Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Luciano Migliaccio. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009, 2 vols.

_____; MIGLIACCIO, Luciano. Emblemas e grotescas: a tradição clássica e a decoração das missões jesuíticas na América Portuguesa e na América Hispânica (séc. XVI-XVIII). In: **XIV Jornadas Internacionales de las Misiones Jesuíticas: Memoria, Patrimonio, Cultura Viva**, 2012, San Ignacio Velasco, Bolívia. Santa Cruz: Gobierno Autonomo Departamental, 2012.

MASSIMI, Marina. A função das imagens na elaboração da experiência em sermões de Antonio Vieira e suas matrizes conceituais. **Mneme – Revista de Humanidades**, 13 (31), p. 22-33, 2012.

_____. *Delectare, movere et docere*: retórica e educação no Barroco. **PER MUSI – Revista Acadêmica de Música**, n. 17, p. 54-9, 2008.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. Vasco Mousinho de Quevedo Castelbranco. **Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian**, 37, p. 417-34, 1998.

MECO, José. Algumas fontes flamengas do azulejo português: Otto Van Veen, Rubens. **Azulejo**, 3/7, p. 28-39, 1995-1999.

MELGOZA, José Quiñones. Cultura simbólica en el programa educativo de los jesuitas en la Nueva España. In: MARTÍNEZ, Herón Pérez; NOGAL, Bárbara Skinfill (eds.). **Esplendor y ocaso en la cultura simbólica**. Zamora, Michoacán: El Colegio de Michoacán, Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, 2002, p. 207-14.

MELLO, Eduardo Kneese de. Águia bicéfala. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 14, p. 15-9, 1973.

MÍNGUEZ, Víctor. **Emblemática y cultura simbólica en la Valencia barroca (jeroglíficos, enigmas, divisas y laberintos)**. Valencia: IVEI, 1997.

MIR, Gabriel Codina. **Aux sources de la pédagogie des jésuites: Le “Modus parisiensis”**. Roma: Institutum Historicum Societatis Jesu, 1978.

MIRANDA, Margarida. Humanismo jesuítico e identidade da Europa. Uma ‘comunidade pedagógica europeia’. **Hvmanitas**, vol. LIII, p. 83-111, 2001.

_____. Uma ‘paideia’ humanística: a importância dos estudos literários na pedagogia jesuítica do séc. XVI. **Hvmanitas**, vol. XLVIII, p. 223-56, 1996.

MOLINA, Rafael Zafra; LÓPEZ, José Javier Azanza (coords.). **Emblemática trascendente: hermenéutica de la imagen, iconología del texto**. Pamplona: Sociedad Española de Emblemática, Universidad de Navarra (Anexos de **Imago, Revista de Emblemática y Cultura Visual**, 1), 2011.

MONTEIRO, João Pedro. Os “Pia Desideria”, uma fonte iconográfica da azulejaria portuguesa do século XVIII. **Azulejo**, 3/7, p. 61-70, 1995-1999.

MUNTEANO, Basile. **Constantes dialectiques en littérature et en histoire**. Paris: Klincksieck, 1967.

MUÑOZ, Ángel Muñiz. Originalidad y copia. Modelos grabados en la obra del pintor Juan de Miranda. **Revista de Historia Canaria**, 184, p. 241-53, abr. 2002.

MURRIN, Michael. Renaissance allegory from Petrarch to Spencer. In: COPELAND, Rita; STRUCK, Peter T. (eds.). **The Cambridge Companion to allegory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

NEVES, Belinda Maria de Almeida. **O bestiário na Igreja do Colégio da Companhia de Jesus em Salvador**. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais sob orientação do Prof. Luiz Alberto Ribeiro Freire. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes, 2015.

NICOLAU, Miguel. **Jeronimo Nadal, S. I. (1507-1580). Obras y doctrinas espirituales**. Madrid: Instituto Francisco Suarez. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1949.

NOGAL, Bárbara Skinfill; BRAVO, Eloy Gómez (eds.). **Las dimensiones del arte emblemático**. Zamora, Michoacán: El Colégio de Michoacán, Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, 2002.

NÚÑEZ, Manuel Mañas. Aproximación a la Sintaxis Latina de Manuel Álvares. In: **Actas do I Congresso Internacional Humanismo Novilatino e Pedagogia (Gramática Criações Maiores e Teatro)**. Braga: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia – UCP, 1999, p. 237-49.

OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. Emblemática: imagens traduzindo ideias. In: _____. **A América alegorizada: imagens e visões do Novo Mundo na iconografia europeia dos séculos XVI a XVIII**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, p. 21-8.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004.

OSSWALD, Cristina. Discutindo emblemas e educação na Companhia de Jesus. In: ARELLANO, Ignacio; PEREIRA, Ana Martínez (eds.). **Emblemática y religión en la Península Ibérica (Siglo de Oro)**. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana, Vervuert, 2010, p. 303-27.

OTT, Carlos F. Os azulejos do Convento de São Francisco da Bahia. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 7, p. 07-34, 1943.

PALUMBO, Genoveffa. **Le porte della storia. L'età moderna attraverso antiposte e frontespizi figurati**. Roma: Viella, 2012.

_____. **Speculum Peccatorum. Frammenti di storia nello specchio delle immagini tra Cinque e Seicento**. Napoli: Liguori Editore, 1990.

PANOFSKY, Erwin. **Idea: a evolução do conceito de belo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

PASTOUREAU, Michel. **Bestiari del Medioevo**. Torino: Giulio Einaudi editore, 2011.

PAULHAN, Jean. **Les fleurs de Tarbes**. Paris: Gallimard, 1942.

PEREIRA, Belmiro Fernandes. A edição conimbricense da *Rhetorica* de Joachim Ringelberg. **Península. Revista de Estudos Ibéricos**, n. 1, p. 201-13, 2004.

_____. Antigos e Modernos: o humanismo norte-europeu nas retóricas peninsulares do séc. XVI. **Península. Revista de Estudos Ibéricos**, n. 5, p. 93-101, 2008.

_____. Renascimentos da arte retórica e globalização. In: SOARES, Nair Castro; MIRANDA, Margarida; URBANO, Carlota Miranda (coords.). **Homo eloquens homo politicvs. A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011, p. 17-41.

_____. **Retórica e eloquência em Portugal na época do Renascimento**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

PEREIRA, João Castel-Branco (coord.). **Arte efémera em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 2000.

PÉREZ, Aquilino Sánchez. **La literatura emblemática española (siglos XVI y XVII)**. Madrid: Sociedad general española de librería, S. A., 1977.

PICINELLI, Filippo. **El mundo simbólico. Serpientes y animales venenosos. Los insectos.** Editado por Eloy Gómez Bravo, Rosa Lucas González e Bárbara Skinfill. Zamora, Michoacán: El Colegio de Michoacán, 1999.

PINHEIRO, Silvanisio. **Azulejos do Convento de S. Francisco da Bahia.** Salvador: Livraria Turista, 1951.

PIWNIK, Marie-Hélène. **O Anónimo – Journal portugais du XVIII^{ème} siècle (1752-1754).** Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1979.

PORTEMAN, Karel. The use of the visual in classical jesuit teaching and education. **Paedagogica Historica**, 36, p. 179-96, 2000.

POZA, Sagrário López (ed.). **Estudios sobre Literatura Emblemática Española.** Trabajos del grupo de investigación *Literatura emblemática hispánica* (Universidade da Coruña). A Coruña: Sociedad de Cultura Valle Inclán, 2000.

_____. (ed.). **Florilegio de estudios de emblemática. Actas del VI Congreso Internacional de Emblemática de The Society for Emblem Studies.** A Coruña, 2002. Ferrol: Sociedad de Cultura Valle Inclán, 2004.

PRAZ, Mario. **Imágenes del Barroco (Estudios de emblemática).** Madrid: Ediciones Siruela, 2005.

_____. **Studies in Seventeenth-Century Imagery.** Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1964.

_____. **Studi sul concettismo.** Milano: Società Editrice "La Civiltà", 1934.

PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Ureña. Uma imagem emblemática de Camões. **Revista Camoniana**, 2^a ser., 3, p. 61-9, 1989.

PRODI, Paolo. Ricerche sulla teorica delle arti figurative nella riforma. **Archivio italiano per la storia della pietà**, vol. IV, 1965, p. 121-212.

RAMALHO, Américo da Costa. A introdução do humanismo em Portugal. **Hvmanitas**, Coimbra, vol. 23-24, p. 435-52, 1971-1972.

_____. **Estudos sobre a época do Renascimento.** Coimbra: Instituto de Alta Cultura, 1969.

Ratio studiorum. Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus. Édition bilingue latin-français. Présentée par Adrien Demoustier et Dominique Julia. Traduite par Léone Albrieux et Dolorès Pralon-Julia. Annotée et commentée par Marie-Madeleine Compère. Paris: Belin, 1997.

RAU, Virginia. Les emblèmes et l'histoire des techniques au Portugal au cours des Xv^e et XVI^e siècles. In: **Histoire économique du monde méditerranéen 1450-1650.** Toulouse: Privat, 1973.

RAYBOULD, Robin. **An introduction to the symbolic literature of the renaissance**. Victoria: Trafford Publishing, 2005.

RIBEIRO, Marília de Azambuja. Marquês de Pombal e o fim do projeto educacional jesuítico em Portugal e seu império (séculos XVI-XVIII). **Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica**, n. 27-2, p. 192-205, 2009.

_____.; BULHÕES, Arthur Feitosa de. Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica: Inácio Monteiro e a recepção das novas teorias da luz em Portugal. **História Unisinos**, 18 (1), p. 27-34, 2014.

_____.; SANTOS, Luísa Ximenes. A livraria da Fazenda de Santa Cruz. In: ENGEMANN, Carlos; AMANTINO, Marcia (orgs.). **Santa Cruz: de legado dos jesuítas a pérola da Coroa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 145-79.

RODRIGUES, Francisco. **A formação intelectual do jesuíta**. Porto: Livraria Magalhães e Moniz, 1917.

_____. **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal**, 7 vols. Pôrto: Apostolado da Imprensa, 1931-1950.

ROGGEN, Lien. Celebration Time: The *Imago primi saeculi Societatis Iesu* and its Dutch Adaptation as Part of the Festivities of 1640 Commemorating the Jesuit Order's Centenary. In: MCKEOWN, Simon (ed.). **The International Emblem: From Incunabula to the Internet**. Selected Proceedings of the International Conference of the Society for Emblem Studies, 28th July-1st August, 2008, Winchester College, Cambridge Scholar Publishing, 2010, p. 170-200.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**, 13^a ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

ROMANO, Antonella. Les collèges jésuites dans le monde moderne (1540-1772). *Communications*, vol. 72, n. 1, p. 129-140, 2002 (p. 134). Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_2002_num_72_1_2101. Acesso em 16/07/2009.

ROMEO, Rogelio Ponce de León. **Aproximación a la obra de Manuel Álvares: Edición Crítica de sus *De Institutione Grammatica Libri Tres*, Tomo I, Estudio Preliminar**. Tese de Doutoramento. Madrid: Departamento de Filología Latina da Facultad de Filología da Universidade Complutense, 2000.

_____. El Álvarez en vernáculo: las exégesis de los *De institutione grammatica libri tres* en Portugal durante el siglo XVII. **Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»**, Porto, XVIII, p. 317-38, 2001.

ROSSI, Paolo. **A chave universal: artes da memorização e lógica combinatória desde Lúlio até Leibniz**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

SANCHO, María Pilar Cuartero. **La fábula en Gracián**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2009.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos. Os jesuítas e a filosofia portuguesa dos séculos XVI a XVIII. **Brotéria**, Lisboa, série mensal, XXI-XXII, 1935-1936.

SANTOS, Luísa Ximenes. Fábula, emblema, sermão: aproximações na obra do Padre Francisco Garau. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social**. ANPUH, Natal (RN), 22 a 26 de julho de 2013.

SCAGLIONE, Aldo. **The liberal arts and the jesuit college system**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986.

SCAVIZZI, Giuseppe. **The Controversy on Images: from Calvin to Baronius**. New York: Peter Lang, 1992.

SCHIMBERG, André. **L'éducation morale dans les collèges de la Compagnie de Jésus en France sous l'Ancien Régime (XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècles)**. Paris: H. Champion, 1913.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens. Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru: EDUSC, 2007.

SEBASTIÁN, Santiago. **Emblemática e Historia del Arte**. Madrid: Cátedra, 1995.

SELIG, Karl-Ludwig. Antonio Palomino y la tradición de la literatura emblemática en España. **AIH**, (Actas I), 1962, p. 443-6.

_____. La Teoria dell'Emblema in Spagna: i testi fondamentali. **Convivium**, n.s. III, n° 4, 1955, p. 409-21.

_____. The Commentary of Juan de Mal Lara to Alciati's Emblemata. **Hispanic Review**, 24, 1956, p. 26-41.

_____. The Spanish Translation of Alciato's Emblemata. **Modern Languages Notes**, vol. 70, n° 5, May 1955, p. 354-9.

SIDER, Sandra. Luis Nunes Tinoco's Architectural Emblematic Imagery in Seventeenth-Century Portugal: Making a Name for a Palatine Princess. In: GROVE, Laurence (ed.). **Emblems and the Manuscript Tradition**. Glasgow: Glasgow Emblem Studies, 2, p. 63-79, 1997.

_____; OBRIST, Barbara (eds.). **Bibliography of emblematic manuscripts**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1997.

SINZIG, Pedro. **Maravilhas da Religião e da arte na Igreja e no Convento de São Francisco da Baía**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934.

SMITH, Robert Chester. Os mausoléus de D. João V nas quatro partes do mundo. **Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa**, tomo XXI, 2ª série, n° 1, 1955.

SOARES, Ernesto. **História da gravura artística em Portugal. Os artistas e as suas obras**. Lisboa: Livraria Samcarlos, 1971, 2 vols.

SOBRAL, Luis de Moura. **A tradição emblemática nas artes portuguesa e brasileira. Séculos XVI-XVIII.** Conferência inaugural do seminário internacional *Perspectivas para o estudo da arte luso-brasileira do século XVIII*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 14 de setembro de 2009.

_____. Uma nota sobre ilusionismos e alegorias na pintura barroca de Salvador da Bahia. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 24, nº 40, p. 511-22, jul./dez. 2008.

SPICA, Anne-Élisabeth. Les jésuites et l'emblématique. **Dix-septième siècle**, nº 237, p. 633-61, 2007. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-dix-septieme-siecle-2007-4-page-633.htm>. Acesso em 29/05/2015.

SPRINGHETTI, Emilio. Storia e fortuna della grammatica di Emanuele Alvares, S. J. **Humanitas**, 13-14, p. 283-304, 1961-1962.

TAVARES, Teresa Maria Reis Calado. **Os Emblemas de Vasco Mousinho Quevedo de Castelbranco.** Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1988.

TJOELKER, Nienke. Jesuit image rhetoric in latin and the vernacular: the latin and dutch emblems of the *Imago Primi Saeculi*. **Renæssanceforum**, 6, p. 97-118, 2010.

TOIPA, Helena Costa. O contributo de Pedro Perpinhão para a elaboração da *Ratio studiorum* da Companhia de Jesus. **Máthesis**, 18, p. 47-79, 2009.

_____. O percurso de Pedro João Perpinhão, em Portugal. **Humanitas**, 63, p. 405-25, 2011.

TORRES, Amadeu. Humanismo inaciano e artes de gramática: Manuel Álvares, entre a *ratio* e o *usus*. **Bracara Augusta**, 38, p. 173-89, 1984.

TRINDADE, Jaelson Bitran. O Império dos Mil Anos e a arte do “tempo barroco”: a águia bicéfala como emblema da Cristandade. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, n. sér. vol. 18, n. 2, p. 11-91, dez. 2010.

VASCONCELOS, José Leite de. **«Emblemas» de Alciato explicados em Português.** Porto: Renascença Portuguesa, 1917.

VASOLI, Cesare. **La diallettica e la retorica dell’Umanesimo. “Invenzione” e “Método” nella cultura del XV e XVI secolo.** Milano: Feltrinelli, 1968.

_____. **Le filosofie del Rinascimento.** Milano: Bruno Mondadori, 2002.

VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

VISTARINI, Antonio Bernat; CULL, John T. **Enciclopedia de emblemas españoles ilustrados.** Madrid: Ediciones Akal, 1999.

_____; _____. **Los días del Alción. Emblemas, Literatura y Arte del Siglo de Oro.** Barcelona: José J. de Olañeta, Editor, Edicions UIB, College of the Holy Cross, 2002.

_____; SAJÓ, Tamás. *Imago Veritatis*. La circulación de la imagen simbólica entre fábula y emblema. *Studia Aurea*, 5, 2007.

VOLKMANN, Ludwig. **Bilderschriften der Renaissance, Hieroglyphik and Emblematik in ihren Beziehungen und Fortwirkungen**. Leipzig, 1923.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ZAFRA, Rafael; LÓPEZ, José Javier Azanza (eds.). **Emblemata aurea. La emblemática en el arte y la literatura del Siglo de Oro**. Madrid: Ediciones Akal, 2000.

Sites

A ciência do desenho. Multimédia interactivo. Lisboa: B. N., [2001?]: <http://purl.pt/102>. Acesso em 20/04/2015.

<http://www.bidiso.es/Emblematica/>. Acesso em 20/04/2015.

<http://www.bidiso.es/EmblematicaHispanica/FindEmblems4Work.do?action=Open&startIndex=1&count=3&first=2&author=BORJA%2c+Juan+de&briefTitle=Empresas+morales&startIndexEmblem=17>. Acesso em 29/07/2015.

<http://www.bidiso.es/EmblematicaHispanica/FindEmblems4Work.do?action=Open&startIndex=1&count=3&first=2&author=P%c9REZ+DE+HERRERA%2c+Crist%3bal&briefTitle=Amparo+de+pobres&startIndexEmblem=2>. Acesso em 29/07/2015.

<http://www.bidiso.es/EmblematicaHispanica/FindEmblems4Work.do?action=Open&startIndex=1&count=3&first=2&author=SAAVEDRA+FAJARDO%2c+Diego&briefTitle=Empresas+pol%edticas&startIndexEmblem=4>. Acesso em 29/07/2015.

<http://www.emblematica.com/es/cd08-horapollo.htm>. Acesso em 10/02/2014.

<http://www.emblematica.es/>. Acesso em 20/04/2015.

<http://www.ghtc.usp.br/server/Lusodat/pri/02/pri02145.htm>. Acesso em 02/06/2015.

<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=36617>. Acesso em 12/07/2015.